O JUDEU

PORTO
TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA
62, Cancella Velha, 62

1866

O JUDEU

ROMANCE HISTORICO

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

1.º VOLUME

PORTO
EM CASA DE VIUVA MORÉ — EDITORA
PRAÇA DE D. PEDRO

1866

Isto é grave, porque é atroz...

A. Herculano--*Da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal.* Prologo.

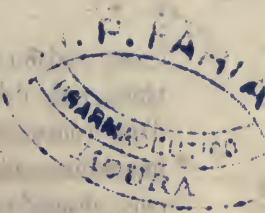
Á MEMORIA

DE

ANTONIO JOSÉ DA SILVA

ESCRIPTOR PORTUGUEZ

ASSASSINADO NAS FOGUEIRAS DO SANTO OFFICIO,
EM LISBOA, AOS 19 D'OUTUBRO DE 1739

O JUDEU

PARTE PRIMEIRA

CAPITULO I

Ha um phenomeno moral, muitas vezes repetido, e todavia inexplicavel: é a esquivança desamorosa de mãe a um filho excluido da ternura com que estremece os outros, filhos todos do mesmo abençoado amor e do mesmo pae, que ella, em todo o tempo, amára com igual vehemencia. Tristissima verdade, exemplificada como o principal dos absurdos e lamentaveis enigmas da condição humana! Mysterio

é este vedado ás dilucidações philosophicas; e, por tanto, mais defêso ainda ás superficiaes averiguações d'um romancista, que, muito pela rama apenas e imperfeitamente, póde desenhar o exterior dos factos, abstendo-se de esmerilhar causas incognitas ao commum dos homens.

Exemplo d'esta aberração — se devemos chamar aberrações ás deformidades moraes que não dependem da vontade humana — era uma nobilissima fidalga, que, em 1699, residia no seu palacio da rua larga da Bemposta, em Lisboa.

Chamava-se esta dama D. Francisca Pereira Telles, e era esposa de Placido de Castanheda de Moura, contador-mór dos contos do reino, e filha do octogenario Luiz Pereira de Barros, commendador de S. João do Pinheiro, morgado da Bemposta, chamado tambem o contador-mór, por haver exercitado aquelle importante cargo, que renunciára em seu genro.

Teria quarenta e dous annos D. Francisca. Era mãe de tres galhardos rapazes. O primeiro, chamado Garcia, amava ella em extremo; o segundo, que era Jorge, desestimava com entranhado desaffecto; o terceiro, chamado Filippe, não se estremava do amor ao primeiro.

Que havia de estranho e desamavel em Jorge para excepção assim odiosa? Qualidades justamente dignas de sentimento inverso. Na infancia distinguira-se dos irmãos pela quietação e meiguice. Na mocidade

avantajava-se-lhes em applicação e engenho na cultura do espirito. Já mancebo, se não era isento de culpas, seus irmãos excediam-no em crimes.

Porque não amava, pois, D. Francisca, de preferencia, o filho Jorge, se os outros, sobre serem ineptos, lhe estavam dando grandissimos desgostos em cada dia?

E mais triste cousa ainda: o pae compartia da indifferença, senão desaffecto, da mulher áquelle filho! Ás estouvices de Jorge applicava a severa correcção do vicio; á libertinagem de Garcia e Filippe chamava « verduras da mocidade. »

Jorge, porém, tinha um amigo na familia, amigo que a Providencia lhe dera em seu avô Luiz Pereira de Barros, pae de sua mãe. Affeiçoára-se o velho á mansidão do neto infantil; vira-o crescer em seus braços com branduras ameigadoras, como se a creança previsse o futuro desamor dos paes, e estivesse de continuo a grangear a amizade do avô. Augmentava a ternura do velho á medida que o desprezo da mãe recrudescia. O menino, refugindo aos maus tractos dos paes, acolhia-se aos joelhos do ancião, que, tremulo de colera, se erguia a exprobrar as ruins entranhas da filha. Isto, em vez de melhorar a posição de Jorge, aggravava o quasi odio de D. Francisca, porque sahiam logo a conjurar contra o moço a emulação de Garcia e Filippe, emulação fundada n'um thesouro, que seu avô tinha escondido

em lugar ignorado, thesouro de que, diziam elles, Jorge esperava ser herdeiro.

A existencia d'um cofre recheado de moedas d'ouro antigas e pedras d'alto valor, trazidas das Indias e Brazil por paes e avós do contador-mór, não era imaginaria, nem fabulada pelo velho, em razão de se lhe irem as faculdades moraes desfalcando e deperecendo.

Passára assim o caso:

Luiz Pereira de Barros, contador-mór dos contos do reino, assistiu com outros fidalgos do paço ao jantar d'Affonso VI, no dia 23 de Novembro de 1667. Concluido o jantar, el-rei retirou-se á sua camara, e Luiz Pereira ao seu quarto.

Ao fim da tarde, entraram no paço violentamente João da Silva, tenente general, e o marquez de Marialva, á frente d'alguns officiaes. Foram em direitura aos aposentos do rei, cujas portas fecharam por fóra com chaves que levavam.

Espertou o contador-mór ao insolito ruido que ia no paço, e correu aos quartos do rei. Um capitão de cavallos metteu-lhe uma espada á cara, e disse-lhe: « recue, se não espeta-se! »

Estacou Luiz Pereira, e ouviu o bradar do rei, que batia á porta do vestibulo com a cronha d'um bacamarte carregado com vinte e quatro balas [1]. O criado leal do monarcha atraiçoado e preso era

[1] *Anti-catastrophe*, pag. 666 do 3.º tom.

tão affecto a Affonso VI, quanto valoroso. Quiz remetter contra o vestibulo, foi ferido na face, e alli expediria a alma, se o marquez de Marialva lhe não acudisse, exclamando:

— Primo Luiz, não vertas o teu sangue inutilmente! Affonso está preso para nunca mais ser livre. Se te faz engulho o pundonor do paiz, vai-te embora, antes que o povo amotinado te leve no esquife ou nas alabardas.

De feito, Affonso VI começára n'aquelle momento a sua agonia de dezeseis annos por trevas de carceres.

Luiz Pereira de Barros sahiu do paço escoltado por alguns officiaes enviados pelo Marialva, e entrou nas suas casas da Bemposta, no intento de sahir do reino.

A tormenta do povo começava a rugir não longe da Bemposta. O contador-mór temeu-se de ser atacado, roubado e morto em sua casa. Abriu os seus contadores, e lançou n'um cofre as riquezas mais graúdas. Desceu ás lojas do palacio, e escondeu-se no desvão d'uma velha cavallariça, sobraçando o cofre, e a filha, que teria então treze annos. A onda popular esbravejou á porta do palacio; mas um brado sobrelevou á grita, clamando que os amigos do infante deram escolta protectora ao contador-mór. Desandou a mole da plebe contra as casas de Henrique Henriques de Miranda, privado do rei preso;

e Luiz Pereira, assim que o rumor cessou, por noite alta, sahiu da escuridade das lojas, e passou algumas horas velando o repouso da filha, que já não tinha mãe.

Ao romper da manhã, acompanhado d'um escudeiro muito seu privado, desceu ao jardim com o cofre, e tomou por senda arborisada até sumir-se no mais afogado d'um bosque, onde, no centro de um tanque secco, estava uma tôsca estatua de Neptuno. Arreou-a do socco onde assentava, e destapou um quadrado de pedra, em fórma de caixa, onde, n'outro tempo, a agua represava para d'alli repuxar á bocca da estatua. Depôz n'esta caixa o cofre precioso, ajustou sobre ella a base da estatua, cobriu as juncturas com terra tirada á mão d'um lameiro humido, cobriu esta camada com outra de terra secca, e retirou-se pela vereda mais furtiva.

Ao intardecer d'este dia, despediu alguns servos, e com a filha e poucos criados passou ao Alemtejo, e jornadeou toda a noite. Ao abrir da manhã, chegou a uma de suas quintas, e cuidou em fechar a ferida da face.

Aqui se deteve quatro annos, sem curar de saber se os cargos e regalias lhe tinham sido tirados pelo infante, governador do reino; até que, um dia, o marquez de Marialva lhe mandou perguntar se vinha exercer as funcções de contador-mór, no qual encargo fôra provisoriamente nomeada pessoa, que

não convinha ao serviço, nem, convindo, seria effectiva n'elle, em quanto o primo Luiz Pereira de Barros não se exonerasse.

Era tempo de casar Francisca. Placido de Castanheda de Moura, alcaide-mór de Basto, commendador de S. Salvador de Sarrazes, e S. Payo de Oliveira de Frades, a tinha pedido. O contador cedeu-lhe a filha, e o cargo, mediante o consenso do infante. Voltou a familia para Lisboa, e para o palacio da Bemposta; mas o thesouro não foi exhumado do seu esconderijo, nem Luiz Pereira declarou á filha ou genro onde elle estava.

— Não tendes precisão do dinheiro nem das pedras, que lá estão — dizia elle — D'um momento para outro, espero rebelliões e tumultos, porque o pobre Affonso VI tem amigos, e a divina Providencia não póde vêr impassivelmente a perversidade com que lhe roubaram o throno, a mulher e a liberdade. Quando romperem os tumultos, romperão as joldas de salteadores, e então nos será preciso esconder o precioso. Deixal-o estar, que o não roem as toupeiras. Quando eu vir o céo sereno, e a paz consolidada, então irei buscal-o. E, se eu morrer de repente, já sabeis que trago n'este dedo um annel, em cujo interior do aro encontrareis decifrado o enigma, sem recorrerdes ao livrinho de S. Cypriano, nem ás revelações das mouras encantadas ou desencantadas nos orvalhos de S. João.

A cubiça de D. Francisca e do marido, e os ardentes desejos de Garcia e Filippe, grandes dissipadores, respeitavam o segredo do ancião, e não ousavam esquadrinhar nos pardeiros e subterraneos da parte velha do palacio a lura do cubiçado thesouro.

Eis a razão dos ciumes da mãe e irmãos, quando viam Jorge mais querido do avô, e mais recolhido com elle em secretas conversações.

Desde certo tempo, Luiz Pereira, como desconfiando talvez que os perdularios sobrinhos se atrevessem, estando elle adormecido, a tirar-lhe o annel do dedo, quiz, sem motivar o acto, que Jorge dormisse no quarto d'elle. Esta innovação mais assanhou a mãe; todavia, o prudente marido observou-lhe que se houvesse de modo que não azedasse a ira do pae, sob pena e risco de alguma hora o velho dar o segredo, o cofre e rica independencia a Jorge.

Anciosamente espiava D. Francisca modos de contraminar o affecto do velho.

Deparou-se-lhe um, que a Providencia dos innocentes lhe inutilisou.

CAPITULO II

Estava em casa d'estes fidalgos uma criada de vinte annos de idade, bella, orphã de pae e mãe, que ambos tinham sido queimados, como judeus, no auto da fé de 1685. O compassivo Luiz Pereira tirára das prêsas da miseria aquella menina de cinco para seis annos, e deu-lhe, no baptismo, nome de Maria, para lhe tirar da memoria o nome Sára; e assim, com o tempo, a lavar de toda a suspeita de hebraismo. A triste creança recordava-se dos mimos de sua casa e carinhos dos paes, um anno depois que fôra arrancada aos peitos estreitados de ambos. Depois, nunca mais os vira; e, sómente aos dez annos, soubera o horrendo supplicio que soffreram. Julgava-os presos, desterrados, mas não pulverisados a fogo, e confundidas suas cinzas no lodo do *campo da lã* [1].

[1] Assim chamado por ser alli o estendal da lã.

Aos dez annos, Sára ainda se lembrava do rosto de sua mãe. Quando queria, a pedido de seus amos, comparal-a, dizia: «quando me olho ao espelho, cuido que a vejo a ella.»

Ora, Sára ou Maria muitas vezes ouviu D. Francisca exclamar ao contemplal-a:

— Muito linda és, menina! Se tua mãe assim foi, que pena ser ella judia! Que bella creatura comeu o fogo!... Oxalá, ao menos, que ella se convertesse á ultima hora! Assim, póde ser que as tuas rezas lhe alliviem as penas do purgatorio.

— E ella ha-de estar ainda penando no purgatorio?! — perguntava Maria aos quinze annos, com mais juizo que innocencia.

— Pois então! se ella não conhecia o verdadeiro Deus! — emendava D. Francisca.

— Se o não conhecia, para castigo bastou o queimarem-na n'este mundo. No outro mundo conhece ella o verdadeiro Deus, e adora-o, como de certo havia de adoral-o cá, se o conhecesse. O castigo do fogo, na outra vida já não lhe aproveita lá... parece-me.

— Estás a dizer heresias, rapariga! — acudia D. Francisca com severidade pia — Acho que ainda não entendeste bem o teu catecismo... Ferve-te o mau sangue nas veias...

Maria não replicava: ia lêr o seu catecismo; e pedia ao verdadeiro Deus lhe permittisse que sua

mãe e pae vissem as lagrimas d'ella, e a levassem para si.

Dous filhos do fidalgo tractavam-na com liberdade de amos pouco escrupulosos em respeito á pureza e á dependencia; Jorge, porém, da mesma idade d'ella, e seu companheiro de infancia, ao tocar nos quinze annos, mudou a facilidade do tracto e confiança em ceremoniosa seriedade — mudança que Maria muito magoada estranhou. A compostura grave de Jorge e a estranheza contristada de Sára, exprimiam o alvorecer de dous sentimentos alumiados por estrella de má sina.

Amavam-se, e tão desde o intimo á flôr da alma, que um dia, ao perpassarem um pelo outro n'um corredor solitario do palacio, quedaram, fitaram-se, e um nos olhos do outro se viram espelhados nas lagrimas.

— Tu choras, Sára! — disse elle.

— Não, snr. Jorge... Estou alegre... Cuidei que me aborrecia... Gosto de o ouvir chamar-me *Sára:* pensava eu que v. s.ª me desestimava por que era esse o meu nome, antes de me chamar Maria.

— Para mim, volveu elle, serás sempre Sára. Mais te amo, quanto mais odiada te vejo do mundo.

— Mais me ama!... — exclamou ella.

— Sim...

— Oh meu Deus!... — clamou ella pondo as mãos supplicantes.

— Mais te amo, sim... Não vês que tambem eu sou perseguido?! No peito de meu avô é que eu tenho coração de pae, mãe e irmãos. Toda a minha familia me detesta! Que mal faço eu?...

— Isso pergunto eu a Deus, snr. Jorge!... — balbuciou ella.

— Não temos pae nem mãe, Sára! — tornou o moço — Os teus eram israelitas, e amavam-te muito; mas mataram-t'os: os meus são christãos, abominam-me, e dizem que os judeus morrem como devem morrer. Que hei-de eu pensar d'estas tristezas do mundo? O scismar e lêr faz-me um grande mal ao espirito...

N'isto, reteve-se, e disse em sobresalto:

— Vai, vai, Sára: ouço as passadas de minha mãe...

E fugiram, cada um por sua porta lateral do corredor.

Depois d'este encontro, repetiram-se uns curtos colloquios ageitados pelo acaso ou furtivamente diligenciados, bem que as expressões trocadas fossem tão desmaliciosas e honestas que podiam ser ouvidas por toda a gente, exceptuados os familiares do santo officio. Maria encontrára no coração de Jorge piedade com os infelizes hebreus; gostava de ouvil-o carpir a sorte dos que gemiam avexados sob a vigilancia dos hypocritas, até que a crueza e ferocidade lhes alumiava com o cirio amarello e com as

labaredas o caminho do purgatorio ou do irremissivel inferno.

Quatro annos de melhorada vida e parca satisfação correram entre as duas almas, que se amavam e acoutavam de todos para se fallarem, excepto do velho Luiz de Barros que não tinha no seio peçonha que vertesse nos singelos galanteios de seu neto e da mocinha, salva por elle da fome, da prostituição, e Deus sabe se da fogueira.

E, entretanto, no animo de D. Francisca entrára a suspeita, encarecida pelo desejo que ella tinha de leval-a á prova. Foi grande parte n'isto o desdem e altiveza com que a judia repulsava as liberdades brutaes de Garcia e os deshonestos impetos de Filippe, chegando a accusal-os á mãe.

— E o snr. Jorge não te incommoda? — replicou a fidalga com desabrimento.

— O snr. Jorge?... — disse Maria, córando.

— Ah! córas?... — acudiu a matreira victoriosa — então sempre é certo!...

— Certo o que, senhora? — tartamudeou Maria.

— Não gaguejes, impostora! Eu já o desconfiava... Ora cautela, cautela, que eu sou tão boa como má, quando os ingratos me voltam do envez!

Maria, sem accordo de sua situação para rebater as suspeitas, confirmou-as com a mudez. Sahiu da presença da fidalga, chorando. Terrivel confissão aquella, cujo effeito, ainda o mais desastroso, segun-

do a logica da humana maldade, ninguem podia prever.

Assim que o lanço se occasionou, a judia referiu a Jorge o acontecido: o moço tremeu, occultou os seus pavores, e foi desafogar-se com o avô, sem comtudo, menos respeitoso, lhe confessar quanto amava Sára. A grande e terrivel afflicção de Jorge era o medo de vêl-a ainda nas garras da suprema inquisição.

Consolou-o o avô, desvanecendo-lhe preoccupações horriveis sobre o futuro procedimento de sua mãe. Dizia-lhe o velho:

— Pois não vês que tua mãe é minha filha? Seria capaz ella da fereza que a tua imaginação concebeu? É verdade que eu me espanto dos sentimentos descaroados d'esta filha que eduquei religiosamente, sem biocos nem visagens piedosas; mas sim com o mais depurado espirito das sans virtudes antigas. Assim a tive até casar, assim a entreguei a teu pae, que se me figurou mancebo de bom e forte caracter, e creio que o é, salvo na fraqueza com que applaude todas as vontades da mulher. Isto está mau; mas, meu filho, não posso eu já melhoral-o. Commigo ninguem já conta senão para me beijarem a cadaverica mão quando me tirarem este annel! — disse o ancião entre riso e prantos. — No entanto, Jorge, a respeito d'esta rapariga, aconselho-te que não a inquietes; primeiro porque é nossa serva, segundo

porque é uma pobre, sem parentes em Portugal, sem ninguem. Se tua mãe a expulsa de casa, que fará? perde-se; e, se tu a tomares a teu encargo, perdida está. Entretem-te com os teus livros; mas lê pouco do Montaigne e Brantome. Fiz mal em dar-t'os. Discutes de mais: tendes ás duvidas luteranas. Bem sei o que é. Principias a odiar a inquisição: tambem eu, ha muito, a odeio; todavia, resigno-me com a época, porque ninguem póde pôr peito de encontro ás idéas do seu tempo. Tu, ou os teus filhos vereis a revolução dos espiritos e costumes. A Allemanha cá virá, como foi á França, e as demasias da religião hade cauterisal-as o ferro do soldado, assim como o fogo do frade queima hoje em dia os rebeldes á soberania dos pontifices.

Do discurso do velho facilmente inferimos que elle tinha lido Montaigne, e adivinhado Voltaire, que n'aquelle tempo teria quatro annos. E, todavia, religioso e santo ancião era aquelle! Se podesse viver mais cincoenta annos, aceitaria cordialmente as reformas do conde de Oeiras; mas, como justo e humano, odiaria o despota, o coração duro, que não soube colher fructos sem regar a arvore com muito sangue inutil.

Ficára o velho, sentado e acurvado na sua poltrona, rodando entre os escarnados dedos a sua caixa de tabaco de Hespanha, e scismando nos embaraços de coração em que via enleado o seu querido

neto, quando D. Francisca se abeirou d'elle, acariciando-lhe as farripas de alvissimo cabello, que lhe cahiam nas espaduas.

— Jantou muito pouco, meu pae! — disse ella.

— É verdade, filha: vai-se-me o appetite; a vida quer ir-se...

— Não scisme n'isso...

— Não scismava, não. Quem já adivinha e contempla a aurora do dia grande, não volta os olhos para a noite do dia passado...

— Já cá esteve o Jorge, depois de jantar? — perguntou ella, cahindo de chofre no ponto.

— Sahiu agora d'aqui.

Deteve-se D. Francisca sem saber como principiar. O pae relanceou-lhe os olhos penetrativos, e abaixou a fronte, continuando a rodar a caixa de ouro entre os dedos.

— Receio, disse ella, que o Jorge nos prepare desgostos grandes.

— Como assim? — perguntou serenamente o velho — Então que ha de novo?

— Uma acção indigna d'um neto de Luiz Pereira de Barros.

— Ólá!... então é cousa de maior!... Conta-me lá isso com animo desapaixonado, filha.

— O pae está assim com uns ares de gracejo!...

— São ares de velho, que tem visto muito mundo, e muita fraqueza. São oitenta e quatro annos

vividos em épocas muito desgraçadas e revoltas. Ora diz lá, que eu te escuto muito serio.

— Eu lhe conto, meu pae: Jorge, se já não é amante da judia, procura sêl-o — disse com azedume ficticio D. Francisca, e esperou a indignação do pae, que se ficou impassivel. O silencio de ambos ia-se delongando, quando o velho disse:

— Provas.

— As provas é andarem elles conversando a occultas, e Maria córar quando eu a interroguei.

— Se ella não córasse, provava melhor as tuas suspeitas... Não te parece?!

— Córou de medo — acudiu D. Francisca.

— Não córou de medo — contradisse o velho.

— Então de que foi? de vergonha?

— Não podia envergonhar-se de amar um teu filho. Seria o sangue do coração, que lhe subiu ao rosto a pedir-te misericordia.

— E hei-de eu têl-a?

— Porque não, se Jesus Christo a teve com mulheres criminosas!?... Maria é uma d'aquellas a quem Jesus diria: « Vai em paz, que não peccaste. »

— Ora essa!... O pae tem cousas!... — replicou sorrindo contrafeita — E diria Jesus Christo isso mesmo á judia!...

— Isso é ignorancia, filha. Jesus Christo nasceu entre judeus, e sobre judeus derramou os thesouros

da sua misericordia, e aos judeus perdoou o deicidio quando se foi ao seio de Abrahão.

— Parece-me que o pae não faz bem em dizer semelhantes cousas a Jorge!...

— Não me reprehendas, filha, que eu tenho oitenta e quatro annos.

— Eu não o reprehendo — volveu Francisca brandamente — mas v. s.ª bem sabe o que são rapazes que lêem os livros dos hereges.

— Vamos ao ponto, Francisca, e deixa lá os livros dos hereges... Então que queres tu?

— Que o pae reprehenda meu filho, já que elle me não respeita.

— Calumnia. Teu filho respeita-te; e, se te não ama, a culpa é tua. Não revivamos a questão do teu desamor a este filho. Pejo-me de entrar n'ella. Basta dizer-te que não tens nem tenho por que censurar Jorge. Aconselhal-o sim: já o aconselhei.

— E entende o pae que não devo dar mais passo algum?

— Entendo.

— E, quando a desgraça fôr irremediavel?

— E quando o céo cahir sobre nossas cabeças? Os actos mais innocentes do homem podem encaminhal-o á desgraça. Não vejas o pessimo, quando nem se quer te assustam apparencias do mau.

— De maneira — retorquiu a filha irritada —

de maneira que devo continuar a ter em casa a judia!...

— Deves, em consideração á innocencia d'ella, e á minha vontade, porque fui eu que a fui buscar a casa do pobre atafoneiro que a recolheu.

— E Jorge póde fazer o que quizer!...

— Não: hade fazer o que fôr justo, e o que as circumstancias lhe disserem que é o melhor.

D. Francisca, rubra de despeito e colera, exclamou:

— O pae perde-me aquelle rapaz! O seu apoio é que lhe dá uma sobranceria orgulhosa n'esta casa!

— Vai-te, que me estás incommodando — concluiu pacificamente o ancião.

Sahiu D. Francisca, e foi contar ao marido a conversação com o pae.

Placido de Moura, obtemperando aos phrenesis da esposa, disse-lhe:

— Teu pae está louco: é a decrepitude. Não faças caso d'elle, e executa o que te parecer acertado.

— Dizes bem — acudiu ella —; mas o annel?

— O annel que tem? Elle não o levará para a sepultura... Nós teremos cuidado.

— E, se Jorge lh'o apanha?...

— Deixa-te d'isso. O velho hade morrer insensivelmente sem cuidar que morre. Não o desampares tu, assim que o vires mais enfraquecido. Eu vou

tractar de obter um governo no ultramar para Jorge. O caso é desvial-o d'aqui.

— Um governo! e logo um governo! — interrompeu a esposa — E Garcia? e Filippe? que carreira principiam?

— Não querem sahir de Lisboa. As mulheres, as freiras de Odivellas, as de Chelas, as commendadeiras, em fim, as funçanatas da côrte não os deixam cuidar de vida. Deixal-os, que estão novos, e tem futuro independente. A nossa casa está grande, e o thesouro de teu pae, segundo o que lhe ouvi, quando elle calculou os cabedaes que teu avô trouxe da India, e a herança de teu tio, que morreu em Alcacer-Kibir, deve orçar por cento e cincoenta mil cruzados em dinheiro e pedras.

— Pois então — condescendeu D. Francisca — não te descuides: deixal-o ir para o ultramar, e depressa antes que elle pratique alguma indignidade. Mas o peor é se o pae nos embarga a ida de Jorge...

— Qual? eu encarrego-me de convencel-o.

Este dialogo fôra escutado involuntariamente por Sára. Estava ella n'uma alcôva rissando e annelando a cabelleira de sua ama, quando os dous esposos entraram á sala contigua. Susteve-se, indecisa se sahiria; mas, desde as primeiras palavras, ficou estupefacta e como chumbada ao pavimento, e sem respiro.

Azado o ensejo, disse pelo alto a Jorge quanto ouvira. O moço deu-se pressa em avisar o avô. Sor-

riu-se o velho da anciedade do neto, e disse-lhe:

— Este annel tem feitiço: elle te salvará, rapaz. Em quanto a Maria, se ella fôr despedida, nós a salvaremos. És tu homem de bem?

— Peça-me provas, meu avô! — acudiu o moço.

— Olha para essa infeliz menina como eu olho. Quando a tentação te dobrar, ergue-te e diz: « Meu avô quer que eu seja homem de bem! »

CAPITULO III

Placido de Castanheda de Moura, volvidos alguns dias, disse ao sogro:

— Tracto de arranjar posição a Jorge: é preciso tiral-o d'esta vida de estudante, que não vai dar a cousa nenhuma.

— Pensas erradamente, Placido: a vida de estudante vai dar á sabedoria, que é tudo.

— Mas não é profissão lucrativa, queria eu dizer. Lembro-me de lhe arranjar um governo dos subalternos na India ou no Brazil.

— Bom começo de vida é; mas seria bom que principiasses pelo mais velho — observou Luiz de Barros intencionalmente.

— Esse tem o morgadio... — acudiu o genro.

— Que póde desbaratar, — ajuntou o ancião — se o deixares na liberdade, no ocio e dissipação em que vive.

— É rapaz : nós não fomos melhores, meu pae...

— O que tu foste, mal o sei ; eu de mim, comecei a ser homem de bem desde os quinze annos... Lembrava-me que requeresses o governo para Filippe, que não tem morgadio.

— Filippe tem intelligencia muito curta.

— Então já te parece que o estudar serve de alguma cousa... Vens dar-me parte da tua resolução, a respeito de Jorge, ou pedes o meu parecer ?

— Desejava ouvil-o...

— Deixa estar o rapaz em casa : é-me necessario, creei-o eu n'estes braços, quero-lhe muito. Isto não é parecer, é supplica.

— Cumpra-se a vontade do pae; porém, Francisca vive desgostosa por certos amorinhos de Jorge com a judia...

— Sempre a judia ! — atalhou sorrindo tristemente o ancião — D'antes chamava-se Maria a desventurada creatura ; de ha tempos para cá, sempre que fallam d'ella, chamam-lhe, em tom de desprezo, *a judia !*... A tal respeito, já eu disse a Francisca bastante e de mais. Ella que t'o refira, se ainda o ignoras. Tu e tua mulher sois maus ! — bradou de repente o ancião, erguendo-se convulsamente sobre os encostos da poltrona — Sois maus, sois féras pa-

ra este filho, que é um bom rapaz, e para aquella mocinha, que é uma desgraçada! Andai! andai! apertai bem a corôa de espinhos sobre as cans de quem vos deu tudo, e reservou para si o amor do neto, que lhe quereis roubar!

— O pae é injusto! — exclamou o corrido genro — Não consente que Jorge dê contas de suas acções a quem lhe deu o ser?!...

— Consinto e quero; mas reservo para mim o direito de vos pedir contas a vós, e Deus m'as pedirá a mim. Deixai-me na paz que os meus annos e os meus trabalhos carecem.

O velho escondeu o rosto entre as mãos, e Placido de Castanheda foi relatar á esposa a irritação do pae.

— Está decidido! — exclamou ella — Jorge põe-nos o pé na garganta! e d'aqui a pouco a judia fará o mesmo...

E soltou uma gargalhada, articulando entre os os impulsos do maldoso riso:

— Havia de ter graça!... Não!... d'ella eu me vingarei!... Eu sou filha de D. Maria Telles— proseguiu ella com disparatada colera — Tenho sangue da rainha que fez enforcar a gentalha em frente do paço d'apar S. Martinho. Sou Telles, e basta!

— Não te afflijas! — acudiu Placido — Não é para tanto o caso, menina... Se alguem te offendes-

se, filho ou criada, bastaria a mão de teu marido, ou as correias dos teus lacaios para te vingarem!

Ao mesmo tempo, Luiz Pereira mandava sentar Jorge á sua escrivaninha, e dizia-lhe:

—Escreve o que eu vou ditar. Olha que vaes dar-me prova de homem de bem. Escreve.

E ditou:

« Eminentissimo e muito reverendo cardeal, ar-
« cebispo, primo e senhor meu. O moço que vos
« leva esta é vosso parente, e meu neto, Jorge de
« Castanheda de Barros. Dai-lhe a vossa benção, e con-
« senti que vos elle beije os pés. Depois fazei-me a
« mim mercê, como a primo, e amigo vosso desde
« que vos beijei, quando eu tinha quinze annos, aos
« peitos de vossa mãe, a snr.ª condeça D. Leonor
« de Mendonça, minha muito presada prima e se-
« nhora; mercê, digo, me fareis de mandardes escre-
« ver, e rubriqueis ordem ou aviso para que no con-
« vento da Madre de Deus seja recebida como secu-
« lar, a expensas minhas, uma donzella familiar d'es-
« ta vossa casa, que houve nome baptismal de Ma-
« ria Luiza de Jesus, e antes fôra Sára de Carvalho,
« filha de hebreus que morreram no fogo. Deus vos
« guarde annos dilatados, primo, prelado, cardeal, e
« senhor meu.

« Casa 2 de Novembro de 1699.

« Vosso servo e primo

«*Luiz Pereira de Barros.* »

Jorge escrevia com os olhos turvos de lagrimas. O avô, atravez da luneta longo tempo fita, divisou os olhos marejados do neto, e disse:

— Essas lagrimas não envergonham, filho; e a obediente coragem com que escreveste, sem levar mão do papel, é a tua meritoria façanha de homem de bem. Ora vai. Os lacaios que tirem fóra o meu coche. Irás como teu avô costumava ir ao paço dos principes da igreja, quando elles não eram inquisidores...

O cardeal D. Luiz de Sousa acolheu muito benigno o seu parente, cruzou-lhe muitas bençãos, e mandou que sem demora lhe entregassem o aviso solicitado.

Posto em presença do avô o consternado Jorge, com a ordem do arcebispo, chamou Luiz de Barros o seu velho escudeiro Antonio Soliz, e ordenou-lhe que pedisse á snr.ª D. Francisca o favor de vir áquella sala.

E a Jorge disse:

— Vai, e espera que eu te chame.

Entrou a fidalga.

— Chamei-te, minha filha, disse o velho, para te avisar de que Maria vai recolher-se ao convento da Madre de Deus. Assim acabam teus dissabores e receios.

— Então vai para criada de alguma freira? — perguntou ella em tom de menoscabo.

—Não vai para criada de freira. Vai como secular.

—Quem a sustenta?!

—Eu.

—O pae?!...

—Sim, filha.

—Póde fazer o que quizer...—tornou com má sombra.

—Agradecido á condescendencia — redarguiu Luiz de Barros, sorrindo—Tenho de mais a pedir-te que dispenses uma de tuas criadas para ir com ella até ao convento.

—Pois sim...

—E com as duas irá o Jorge.

—Meu filho?! Não sei que me parece um meu filho a acompanhar criadas!

—Assim como teu pae foi ao cardenho do atafoneiro buscar Sára, a filha dos judeus queimados, do mesmo modo póde sem desaire ir teu filho acompanhar ao convento Maria, a christan.

—Bem... Faça-se em tudo a vontade de v. s.ª

—Agradecido, filha. Dá ordem para que Maria venha fallar-me.

D. Francisca transmittiu á serva o recado por uma escrava. Maria, tremula e lagrimosa, entrou á ante-camara do fidalgo. Já a triste nova da clausura lhe tinha soado por intermedio de Jorge.

—Vem cá, menina—disse elle—Salvei-te do

infortunio da orphandade ha quinze annos : não pude remediar todas as dôres que perseguem a filha sem pae nem mãe ; fiz, porém, o que pude. Entraste n'esta casa como criada, e vaes sahir como senhora. No convento da Madre de Deus tens uma cella e uma pensão abundante ; e na prioreza d'esta casa acharás uma amiga. Vai com Deus, e prepara-te.

Jorge, novamente chamado, escreveu, conforme os dizeres do avô, uma carta á sua parenta Soror Leonarda, prioreza da Madre de Deus. Ao fim da tarde, Maria foi, lavada em lagrimas, despedir-se de D. Francisca. A fidalga voltou-lhe as costas, dizendo :

— Quem havia de suppôr que esta raça maldita viria perturbar o socego da minha casa ! ? . . . Nós faremos contas. . .

Repellida tão desabridamente, foi despedir-se de Placido de Castanheda de Moura, que restringiu o seu menospreço ás palavras : « Passe bem. »

Filippe e Garcia andavam no picadeiro amestrando cavallos, e dispensaram as despedidas da criada.

Luiz de Barros não pôde evitar que Maria, ajoelhada, lhe beijasse os pés. Apertou-a ao seio, e disse-lhe :

— Sê virtuosa para nos encontrarmos no céo ; que, na terra, não nos veremos mais.

Jorge esperava, no páteo, Maria e a criada que lhe era companhia. Por ordem do velho, entraram no coche, carruagem sua especial d'elle. Á portaria

d'aquelle triste mosteiro, Jorge proferiu as primeiras palavras na presença da criada particular de sua mãe. Foram estas:

— Maria, não desanime. Temos vinte annos.

— Até ao dia do juizo? — disse ella arquejante.

— Animo! — murmurou elle apertando-lhe a mão.

D. Francisca, informada d'este breve e afflictivo dialogo, exclamou:

— Eu vos tomo á minha conta, canalhas!... Que vergonha!... Um neto de Maria Telles!... um filho de Francisca Pereira Telles apertar a mão da criada de sua mãe,... da judia!...

CAPITULO QUARTO

Redobraram os maus tractos de D. Francisca ao filho Jorge.

Placido, divertido nos seus importantes encargos, lavava as mãos da responsabilidade d'aquella flagellação. O moço, vencida a paciencia pelos sorrisos dos irmãos e allusões chocarreiras e pungentes da mãe, já fugia de se ajuntar á familia nas horas de repasto. Para não exacerbar os padecimentos do avô, occultava-lhe a perseguição; mas o velho sabia tudo da lealdade do seu escudeiro. Já Luiz de Barros premeditava retirar-se para o Alémtejo com seu neto; mas a consumpção de espiritos e forças era já tamanha e tão rapida, que o ancião receava finar-se no caminho.

Quando a filha desconfiou do proposito do pae, inflammou-se de ira contra Jorge. O fatal annel tomava-lhe no pescoço as proporções d'um cadeado estrangulador. A raiva luctava n'ella com os calculos; mas o genio irascivel subjugava todos os protestos astuciosos. Raivando em assomos de odio, gritava D. Francisca Telles que daria de bom grado o thesouro por satisfazer a sua vingança!

Soube ella que Jorge, de dias a dias, se demorava no locutorio do convento, e que o escudeiro de seu pae entregára á prioreza da Madre de Deus quantia de dinheiro consideravel.

A exasperação devorava-a. Não teve mão de si que não arguisse, em rosto d'elle, seu pae de tresloucado pela idade. O velho poz as mãos voltado para o seu sanctuario, e murmurou a phrase d'um santo: *Amplius, amplius, Domine:* « mais, mais, Senhor! »

Ninguem ousava contrarial-a. O marido tremia d'ella. Os filhos davam nenhum valor aos seus desgostos e accessos furiosos.

Um dia, D. Francisca mandou tirar a sua sege, e deu ordens secretas ao lacaio. Parou á porta de D. Verissimo de Lencastre, inquisidor geral, e seu parente. Entrou, deteve-se largo espaço, e sahiu com o rosto afogueado de feroz alegria. Quando entrou em casa, bateu rijo o pé no pavimento, e disse á sua aia:

— Eu descendo de Leonor Telles! sou Telles, não sou Barros!

Ao outro dia, o padre capellão do mosteiro da Madre de Deus entregava ao escudeiro de Luiz de Barros uma carta da prioreza. Leu-a o velho, e exclamou:

— Minha filha é perversa! Vai tu chamar Jorge.

A afflicção dera-lhe forças para levantar-se de golpe da sua poltrona de entrevado.

— Jorge! — clamou elle convulsivo — está em perigo a liberdade e talvez a vida de Maria. Os officiaes da inquisição foram ao convento. A prioreza escondeu a pobresinha.

— Meu Deus! — exclamou Jorge.

— Espera: Deus escuta o teu grito... Eu sinto-me com os espiritos claros e vigorosos. É preciso tiral-a do mosteiro... tiral-a de Lisboa... tiral-a da fogueira. Tua mãe quer arrastal-a até lá... Poderás tu e o Soliz transportar-me nos braços até ao coche?... Podeis, que eu vos ajudarei. Que me levem a casa do duque do Cadaval!... Já, já.

Foi o ancião em braços até á carruagem. D. Francisca, espantada do successo, quiz atalhar-lhe a passagem, com termos de filial amor. Luiz de Barros relanceou-lhe os olhos, e bradou-lhe: — Parricida!

A filha gritou que acudissem ao pae que estava louco. Confluiram os criados. E o velho, vendo-se rodeado, simplesmente disse:

— Deixai-me passar que não estou louco.

Os servos, maneatados pelo aspeito venerando do ancião, abriram-lhe passagem. Francisca esbravejava, com os olhos cravados no dedo do annel.

Entraram na carruagem, depois de Luiz de Barros, Jorge e o escudeiro. O fidalgo amparava-se nas espaduas de ambos, com a cabeça inclinada ao braço do neto.

O duque, avisado de que tinha entrado ao páteo o coche do venerando contador-mór, desceu a abrir-lhe a portinhola. O velho chamou a si o ouvido do duque, e contou-lhe a situação da reclusa da Madre de Deus.

— Luctamos com uma força invencivel, disse o duque — Não obstante luctaremos. Vai buscar-se á noite. Previna vossa mercê a prioreza [1]. Ámanhã estará em minha casa; depois irá para Oeiras; e depois pensaremos. O mais acertado é tiral-a de Portugal, ou pelo menos de Lisboa.

— Sahirá de Lisboa e de Portugal, — obtemperou Luiz de Barros — É tambem o meu parecer. Salve-m'a por tres dias, snr. duque.

Ao fechar-se o dia, as avenidas do convento da Madre de Deus estavam sitiadas de espias, que a prioreza e outras religiosas espreitavam dos raros e

1 Esta differença de *tractamento* ao mesmo homem procede da differença dos individuos que lh'o dão. O duque de Cadaval era rigoroso na observancia das pragmaticas.

frestas dos dormitorios. Por volta da meia noite, os esbirros e familiares da inquisição desampararam o posto, e d'ahi a duas horas, na torre da igreja, ao travez dos rotulos, transluzia uma lanterna, signal convencionado com Jorge. Acercaram-se então da portaria dous homens encapuzados, que escondiam a libré da casa de Cadaval. A pouca distancia parára uma sege, e dentro d'ella uma matrona, que devia ser alguma das aias da duqueza.

Abriu-se a portaria subtilmente; sahiu Sára, convulsiva de medo; os criados ladearam-na com as mãos nas misericordias das espadas, e conduziram-na á sege. A judia sentou-se ao lado da mulher, que lhe disse em voz animadora:

—Não tenha medo, que tem bom padrinho.

A sege despediu a galope desapoderado, rodeando por Odivellas, até entrar á estrada de Oeiras. Apearam no vasto páteo d'uma quinta. A aia da duqueza subiu com Sára, conduziu-a a um quarto, e disse-lhe:

—Fique socegada até nova determinação do snr. duque. Assim que se levantar, a mulher do feitor d'esta quinta, virá receber as ordens de vmc.

No entretanto, Luiz Pereira de Barros cogitava em transferir Sára ao Brazil, no intuito de a salvar n'alguma das colonias, e mormente na do Rio de Janeiro, onde o fidalgo tinha um sobrinho governador, e Sára parentes que no começo do reinado de D.

Manoel se haviam expatriado para alli, presagiando a sobranceira tormenta.

Jorge, com o coração repassado de angustias, escutava, sem ousar contradital-os, aquelles designios do avô, que redundavam em completa separação da sua querida Sára.

Passava isto na manhã do dia 4 d'Agosto de 1699. Ás onze horas d'este dia, abriram-se as portas dos templos de Lisboa para deixarem sahir e entrar procissões de imagens milagrosas que se cruzavam d'umas igrejas para outras. A cidade estava consternada, por saber que a rainha D. Maria Sophia Isabel de Neoburg, segunda mulher de Pedro 2.°, estava a arrancar da vida. Ás cinco horas e meia da tarde expirou a formosa soberana com trinta e tres annos de idade, quando o senado preparava festejos para celebrar o anniversario do seu casamento.

Feriaram-se todos os negocios e actos do governo, excepto os processos e cogitações do tribunal do santo officio. A conversão das almas, e o purifical-as ao fogo, não devia ser cousa que a morte d'uma rainha estorvasse. O convento da Madre de Deus foi de novo visitado pelos familiares, quando o cadaver da rainha era levado ao mosteiro de S. Vicente de Fóra, e as torres ululavam as suas tremendas elegias.

As naus, já aprestadas para levarem ferro para

o Brazil, ferraram anchora. A tristeza official não permittia que os secretarios de estado se distrahissem de chorar a enorme perda. Esta contrariedade penalisou Luiz Pereira de Barros, e deu largas ao coração de Jorge.

Instava, porém, o duque sobre a urgencia de remover a judia de Oeiras, visto que o inquisidor se via amartellado por reiteradas requisições do promotor do santo officio.

Alvitrou o duque envial-a para a Beira-Alta. Na Covilhã se tinha estabelecido uma familia hebraica, com quem os marquezes de Ferreira, avós do duque, haviam tido relações de boa amizade. Esta poderosa familia, enganando a boa fé de uns familiares e comprando a ferocidade de outros, vivia na Covilhã tranquillamente, e protectora occulta dos israelitas perseguidos.

O duque preveniu o chefe da familia, que por vezes fôra seu hospede em Lisboa, e o mesmo foi ir o velho hebreu á capital, d'onde se partiu com Sára, disfarçada em filha sua.

Jorge contentou-se d'esta ida, e mais que tudo da promessa d'algumas cartas, por mediação da aia da duqueza.

Ao mesmo passo, Luiz de Barros pedia a Deus um pouco de vigor que o transportasse ao Alémtejo com seu neto. A convivencia da filha era-lhe insupportavel. Francisca fumegava de enfurecida por

se vêr acalcanhada pela judia, que todas as tentativas de vingança lhe mallográra. Este odio declinava sobre Jorge manifestamente. Contra o pae não apontava ella o insulto por que lá estava o annel, como escudo de diamante, a quebrar-lhe a furia. Cresceu ao extremo a raiva, quando ella soube que o velho ordenára aprestos para se recolher á quinta do Alémtejo.

Fôra marcado o dia 27 de Outubro para a partida de Luiz de Barros e Jorge; mas, por volta do meio dia, tremeu a cidade de Lisboa com tamanhas convulsões, e tanto foi o terror nos espiritos do velho que as poucas forças se lhe quebrantaram.

Cobriram-se as ruas de procissões de penitencia. Os dominicanos promettiam serenar a vingança divina queimando mais alguns centenares de *marranos,* epitheto que era a quinta-essencia do sarcasmo contra os israelitas, no entender dos devotos. D. Francisca Pereira Telles abundava nas idéas dos frades, attribuindo os terremotos, que duraram vinte dias com intermittencias, á ira divina contra os christãos novos.

Disseminou-se então grande cópia de exemplares de um livro intitulado: *Sentinella contra judeus, posta em a torre da igreja de Deus* etc., traduzida do hespanhol por Pedro Lobo Corrêa, escrivão da contadoria geral da guerra e reino.

Releu Francisca o livro com as entranhas escaldadas de alegre rancor, se podemos dizer assim.

D'um capitulo intitulado: *Os que favorecem aos judeus... nunca terão bom fim...*, sublinhou algumas linhas, e mandou o livro ao pae. As linhas assignaladas diziam, depois da narrativa de um certo rei inglez que passou á espada milhares de judeus: *Infiram d'aqui os que tiverem mediano juizo, que havendo tantos n'estes nossos tempos, de d'onde nos podem vir senão d'elles tantas desgraças, como experimentamos, de guerras, mortes, fomes, roubos, insultos, onzenas, falta de credito...* D. Francisca Pereira escreveu em seguimento na mesma linha: *e terremotos.*

Na pagina seguinte sublinhou as palavras:... *quão damnoso é para os christãos velhos que esta vil canalha ache amparo em pessoas grandes e qualificadas, a quem de ordinario se acolhem vendo-se opprimidos...*

Luiz Pereira de Barros leu attentivamente as palavras marcadas. Mandou que lhe dessem da sua estante o livro dos evangelhos, e traçou uma cruz á margem dos versos 36 e 37 do cap. VI do Evangelho de S. Lucas, e mandou a Biblia á filha. Os versos diziam:

« Sêde, pois, misericordiosos, como tambem vos-
« so Pae é misericordioso.

« Não julgueis e não sereis julgados, não con-
« demneis e não sereis condemnados. Perdoai e se-
« reis perdoados. »

CAPITULO QUINTO

Os irmãos de Jorge, acirrados pela mãe, occasionavam, a cada passo, insidiosas provocações que os acobertassem do odio do avô, caso espancassem Jorge, a valer, como a vontade lhes pedia.

O irmão esquivava-se, e desarmava-os com a prudencia muito recommendada pelo avô. Garcia e Filippe, todavia, não perdiam lanço de o chacotearem á conta da sua gravidade hypocrita, e presumpção de sabio. Jorge redarguia com desprezador silencio.

Um dia, porém, Garcia, como andasse jogando a barra com outros fidalgos no quintal, disse, galhofando, a Jorge que passava:

— Ó máno, pega lá d'esta alavanca, a vêr onde chega o teu pulso.

Jorge parou, e respondeu sorrindo:

—Se eu tivesse um bom pulso antes quizera exercital-o na espada.

Filippe acudiu com sarcastico remoque:

—O teu pulso dava-se melhor com as manilhas das mulheres...

Retrucou Jorge, sorrindo ainda:

—Não sendo ellas tão valentes como a Brites de Aljubarrota... Seria necessario que fossem das muitas que ha tão linguareiras como tu.

—Boa palavra! — exclamou Garcia — Olha, mano, a lingua de Filippe corta menos que a espada...

—Basta que regulem... —voltou Jorge.

—E tu? — interveio Filippe — que armas jogas?

—Tenho duas no meu cabido d'armas: uma é a prudencia, outra é o desprezo; e, se alguma hora precisar d'armas brancas ou negras, para me tirar a limpo de alguma honrada façanha, pedirei de emprestimo as vossas, manos.

—Eu só empresto as minhas a quem puder com ellas, disse Garcia.

O inepto Filippe acrescentou:

—Eu tambem.

—Qualquer asno albardado poderá com ellas — disse Jorge, fazendo gesto de retirar-se.

—Olha cá — tornou Garcia — que novas nos dás da judia?

—Nenhumas, respondeu o moço serenamente,

bem que lhe entrasse o coração em nojos, e o sangue em quenturas.

— Vêl-a-hemos cedo de sambenito e carocha? disse, cascalhando brutalmente, Filippe.

— Desejas esse espectaculo? — perguntou Jorge — que mal te fez a desgraçada mulher?

— O bem fel-o ella a ti... — redarguiu o irmão com intenção deshonesta — guapa moça é!... se o santo officio t'a pilha, temos assadura... nem o avô t'a salva.

— Cala-te que te estás envilecendo, meu irmão! — disse Jorge sofreando os impetos.

— Vilão és tu! — bradou Garcia — que nos estás sujando com esses amores proprios de criado de escada abaixo! Essas paixões costumam medrar nas cavallariças...

— Sois uns tolos maus... — concluiu Jorge, dando-lhes as costas.

— Ólé! — vozeou Garcia — não te vás, perro de regaço; vem cá repetir isso, covarde!

Jorge retrocedeu, e disse:

— Déste-me nas costas um nome, que me não cabe: diz-m'o no rosto, Garcia.

Os moços, que haviam assistido silenciosos á altercação, aproximaram-se de Garcia, e pediram-lhe que não fosse injusto com Jorge. O insultador, porém, rompendo os diques do odio represado, repetiu a injuria, crescendo sobre o irmão. Jorge esperou-o

impassivel. Garcia arrojou ao chão a alçaprema que tinha sobraçada, e lançou-se-lhe arca por arca. Os fidalgos acudiram; mas já a tempo que o peito do aggressor arquejava debaixo d'um joelho de Jorge.

Filippe covardemente lançára mão da alavanca: os amigos e parentes arrancaram-lh'a, conclamando que não praticasse um vilissimo feito.

Este lance foi visto e ouvido de D. Francisca Pereira Telles, desde a primeira palavra até que um dos filhos queridos cahiu torcido pelo filho odiado. Levantou ella grande alarido, e foi queixar-se ao pae.

Luiz de Barros mandou-a esperar, e ordenou que viesse Jorge á sua presença.

Entrado o moço disse-lhe:

—Conta-me o que ha passado.

Jorge, sem deslizar um ápice da verdade, referiu o successo, posto que a mãe, ás vezes, o interrompesse, clamando:

— Mentes!

Finda a narração, Luiz de Barros mandou chamar Garcia, Filippe, e os fidalgos testemunhas do conflicto. Voltado a ambos os netos, o ancião disse:

—Um de vós conte o que succedeu.

Nenhum respondeu, encarando-se ambos reciprocamente.

Luiz de Barros, dirigindo-se aos amigos e parentes de sua casa, relatou o caso como o tinha ouvido a Jorge, e perguntou:

— Amigos, é verdade o que Jorge me referiu? Lembrai-vos de quem sois para não mentir a um velho que viu nascer vossos paes e mães.

Os interrogados, commovidos pelo respeito e pela consciencia, responderam:

— É verdade.

E um acrescentou:

— Eu pedi ao primo Garcia que não fosse injusto para seu irmão.

— Bem! — disse o velho — fallaste verdade, Jorge! Deus te abençoe. Podeis ir todos á vossa vida. Minha filha, sê boa mãe. Nada mais te digo. Podéra chamar-te fera; mas as feras amam os filhos. Garcia e Filippe, maus futuros vos agouro... E vós, moços de bom caracter, sêde sempre o que fostes agora, quando pesardes o ouro da vossa palavra. Ide todos em paz; e tu, Jorge, fica.

As conscienciosas testemunhas, por amor do seu depoimento, receberam, fóra dos aposentos do velho, signaes de odio nos tregeitos com que D. Francisca os encarou. Os dous corridos mancebos voltaram-lhes as costas, quando elles se dispunham a dar-lhes satisfação por não poderem mentir aos cabellos brancos de Luiz de Barros.

A descendente da rainha sanguinaria chamou os filhos á sua ante-camara, e disse-lhes com torvo semblante:

— Sois uns poltrões, se vos não desforçardes

d'este insulto! É o que me faltava vêr!... Jorge a calcar-vos aos pés!... Isto não póde continuar assim... Dizei a vosso pae que Jorge hade sahir d'esta casa, ou vós a deixaes!

—Nada d'isso...—atalhou Garcia—hade deixal-a elle, ou eu lhe corto as guelas!

—Tambem eu—acudiu Filippe.

—Se o avô não estivesse alli—tornou Garcia—eu lhe juro, mãe, que elle não veria o sol de ámanhã...

—O maldito annel!...—murmurou D. Francisca—aquelle infernal annel!... Vós nunca pensastes no modo de quebrar este encantamento?...

—Eu já—disse Filippe—mas não lhe vejo furo. Como se lhe hade tirar?

—Não sei, não sei!—disse com raivoso desalento a mãe. E acrescentou:—O peor é se elles vão para o Alemtejo depois d'este caso... E, se vosso avô lá morre, adeus, thesouro!

—Se o avô désse o annel a Jorge—objectou Garcia—o pé não o punha elle cá para desenterrar o dinheiro e as joias. A gente suppõe que o thesouro está nas lojas, ou nos entaipamentos da parte velha do palacio. Nós cavariamos até encontrar: não tenha medo a mãe que o annel aproveite ao Jorge.

—Pensas bem!—disse alegremente D. Francisca—atiram-se abaixo as paredes velhas, e cavam-se os terrados das lojas. Eu lembro-me que

vosso avô, quando sahiu com o cofre nos braços, era de madrugada, e demorou-se cousa de uma hora. O cofre está enterrado dentro de casa: elle não o ia esconder na terra da quinta, com medo que alguma vez os lavradores o achassem.

— Isso é assim — concordaram os filhos — a mãe não tenha pesar de perder o annel — ajuntou Garcia — por amor d'isso, não soffra o avô nem o Jorge. Se forem para a quinta, deixal-os ir.

Ao mesmo tempo, Luiz Pereira de Barros dizia a Jorge:

— Não pensemos na jornada, filho, que eu não posso. Olha tu como os pés me estão inchando!... Já me pesam para a cova... Isto acaba já... Vou para os oitenta e cinco; e, se Deus me désse outra familia, figura-se-me que chegaria aos noventa ou mais...

— Eu sou causa de muitos desgostos de meu avô — interrompeu Jorge. — Se eu tivesse sahido d'entre os meus, creio que meu avô teria mais socegada velhice... Se ainda fosse tempo, eu iria para longe...

— E poderias deixar-me n'esta solidão a vêr-me assim morrer de dôres de corpo e d'alma? poderias, Jorge?

O moço ajoelhou diante do ancião, e aqueceu-lhe com os labios as mãos enregeladas. Nos vincos d'aquella veneranda face luziam as lagrimas, em que

pareciam vir os ultimos raios da luz dos olhos que tão copiosas tinham chorado, desde o dia em que o seu rei querido Affonso VI perdera a liberdade, até áquella hora em que parecia offerecer-se-lhe o neto como continuador da sua existencia amargurada.

E, como em pratica de si comsigo mesmo, murmurava elle:

— De que te servirá a riqueza, malfadado moço? Rico era eu, e quantas invejas tive dos meus servos, e dos meus escravos!... Riquissimo e rei era o filho de D. João IV, e da prisão de Cintra mandava pedir a esse barbaro, que ahi está no throno, que lhe mandasse o enxota-cães do palacio para companhia!... Mais feliz sou eu que vejo á minha beira umas lagrimas de amoroso coração, uns olhos consternados que se fitam nos meus, e não vem, como os de minha filha, todos os dias, averiguar se este annel ainda aqui está... De nada te valerá o thesouro que elle encerra, filho, se a tua estrella é má!... Olha, Jorge, assim que eu fechar olhos, o segredo que este annel te disser confia-o do nosso fiel Antonio Soliz, que finge não o saber... Elle te ajudará, e tu protege-o depois... Não terás excavações que fazer...

— Meu avô! — interrompeu Jorge — por caridade, não me falle de modo que me obrigue a consideral-o morto!... Enche-me de amargura, que é mais do que póde comportar a minha despedaçada

alma!... Faça por viver, meu amigo, meu amparador! Afugente essa idéa terrivel, que o quebranta! Lembre-se de mim... lembre-se d'aquella infeliz menina que, por sua morte, vem a perder o amparo que hoje tem...

—Amparal-a-has tu, Jorge...—atalhou Luiz de Barros.

—Eu!...

—Sim, tu, o teu ouro, o teu ouro não manchado... ouviste?... não deshonrado... Olha que não é salvação de mulher, seja ella qual fôr, o darlhe amparo a trôco da pureza... comprehendes-me, filho?

—Sim, meu avô... Eu não penso...

—Não pensas, não, Jorge... Tu és um anjo: se deixares de o ser, serás muitissimo mais desgraçado.

CAPITULO VI

A fuga de Sára não descoroçoou o animo vingativo de Francisca Telles, nem esfriou as inculcas de D. Verissimo de Lencastre, instigado pela illustre dama, cujo desembaraço por gabinetes de deputados e conselheiros do santo officio arguia a desenvoltura de costumes nos primeiros annos de casada.

Não obstante, a judia estava segura em companhia dos Sás da Covilhã, ricos fazendeiros e laboriosos artifices, posto que ao conhecimento do bispo da Guarda chegasse a nova de existir uma cara desconhecida entre os familiares de Simão de Sá.

Porém, como quer que o bispo fosse creatura do duque de Cadaval, e os hebreus muito da amizade d'este fidalgo grande privado do rei, a denuncia não sortiu effeito.

A inquisição teria de envergonhar-se da sua impotencia, se não descobrisse o paradeiro de Sára. Os agentes mais ladinos pozeram peito a lavar esta nodoa do santo officio, e vingaram o intento pelo mais facil dos expedientes, bem que derradeiro na execução.

Um dominicano, confessor no convento da Madre de Deus, ganhou facilmente a consciencia de suas confessadas, empenhando-as no descobrimento do destino de Sára. Estas religiosas eram das mais reformadas e venerandas, usavam cilicios, e avergoavam as santas costas com disciplinas ás sextas feiras. A prioreza, ainda assim, guardára d'ellas e de todas o segredo do destino da christã nova, porque assim o promettera a seu parente e bemfeitor Luiz Pereira de Barros.

Possuidas do Lucifer de Domingos de Gusmão, — Lucifer, que infernalmente engenhoso, andou ahi tres seculos enroupado nas tunicas apostolicas para escarnecer e desacreditar a mansidão triumphante do filho de Deus — as tres freiras predestinadas assediaram a confiança da prioreza com taes ardis, segredados pelo espirito das trevas — ás vezes lucidissimo — que a embaida soror Leonarda chegou a declarar que a serva de seu primo Luiz Pereira estava da mão do duque de Cadaval. Não satisfaziam estas informações o santo officio. Proseguiram as possessas em suas inculcas, e descobriram que a judia passára do con-

vento para Oeiras. D'aqui ávante, principiava a inefficacia do demonio no espirito das esposas do seu rival. Fez-se-lhe mister envolver a cauda, esconder as pontas na cabelleira d'algum familiar do santo ófficio, e ingerir-se em Oeiras.

O feitor do duque, sujeito de entranhas impias, que por vezes fôra encarregado de despejar um arcabuz no peito do conde de Castello-Melhor, inimigo politico do Cadaval, como estivesse a entrouxar para a eternidade, offereceu a infamia da perfidia como desconto dos seus peccados, e lançou-a no regaço da tunica d'um frade de S. Domingos, delatando que a judia fôra levada de Oeiras pelo hebreu Simão de Sá para a Covilhã.

Os agentes da inquisição na Guarda receberam ordens; o bispo foi consultado no expediente da execução, e preveniu o hebreu de modo que a procedencia do aviso ficasse ignorada.

Simão de Sá avisou o duque, assegurando-o do bom recado em que estava Sára, muito a salvo da perseguição. O duque inteirou d'isto o seu amigo Luiz de Barros, aconselhando-o, sem impedimento da segurança do hebreu da Covilhã, a pensar no modo de trasladar a sua afilhada ao Brazil. E ajuntava: « Se « a filha de v.^{me} não desistir d'esta pervicaz perse- « guição, mais hoje mais ámanhã, a avesinha cahe nas « garras do milhafre. »

Reparou Jorge no riso ferino de sua mãe, e

n'umas casquinadas que ella garganteava, quando podia ser ouvida do filho. Com esta mudança na tôrva catadura de D. Francisca Telles coincidiu o aviso do duque. O ancião decifrou a alegria satanica da filha, e cobrou-lhe rancor do intimo.

Sobre-excitado pelo ardor do sangue, Luiz Pereira sentiu-se um pouquinho avigorado, não já para jornadear, mas bastante para transferir-se com Jorge para casa de seu primo Diogo de Barros da Silva, bisneto como elle do grande historiographo João de Barros.

D. Francisca viu sahir as arcas e contadores do pae. Correu alvoroçada á camara d'elle, e perguntou:

—Que mudança é esta, meu pae?

O ancião olhou-a muito no rosto, e respondeu:

—Perguntas se o annel tambem se muda, Francisca?

—Que me faz o annel?!... O que eu lhe peço, senhor, é que me diga a causa d'esta sahida, que vai dar que fallar na côrte e na cidade!...

—Tenho medo de ti e da inquisição...—murmurou o velho com alegre sombra—Não vás tu accusar-me de judaisante, Francisca... O fanatismo e a vingança aboliram as leis da natureza. Não ha pae por filho nem filho por paė. Agora deixa-me dirigir estas cousas... Jorge, manda preparar o meu coche.

Francisca trincou a lingua até esvurmar sangue empestado. Para resfolegar do peito afogado de ira, lembrou-se do alvitre de Garcia no proposito de cavar e demolir até descobrir o thesouro. Sahiu de impeto e afogueada da presença do velho, o qual, encostando a face ao peito, disse:

— Quanto eu quiz a esta filha!... Como eu me separo d'ella ás portas do tribunal do Altissimo, onde vou dar contas do mimo com que foi criada nos meus braços!... Filha sem mãe... Não chegou a ouvir a virtuosa que lhe deu o leite... Minha santa mulher, que dôr seria a tua no céo, se de lá podesses vêr esta filha de quem tu, quasi morta, me dizias: « deixo-te o coração no seio d'esta creancinha! »...

Enxugou as lagrimas, e pediu a Jorge e ao escudeiro que o vestissem. Depois, olhou em deredor de si, sobre as alfaias restantes dos seus aposentos, e disse:

— N'aquelle quarto nasci... Ao fim de oitenta e quatro annos d'aqui me vou... e ninguem amaldiçoarei em respeito á imagem de meu pae, que alli deixo pendente, para que n'esta casa fique, ao menos, o retrato de um varão justo. Desce-me d'aquelle prego o retrato de tua avó, Jorge: esse irá comnosco... Desconfio que teus irmãos, com as parceiras de sua libertinagem, cheguem até este recinto onde ella morreu.

Em seguimento, Luiz de Barros, olhando mui de perto o retrato de sua esposa, apertou o painel ao seio, esteve-se alguns minutos a desabafar em soluços, e quasi esvahido de alento acenou que o levassem d'alli. No trajecto ao coche ninguem lhe sahiu ao encontro. E o velho ia dizendo a sós comsigo:

— E, todavia, Deus sabe que eu não amaldiçoei esta familia... nem vingança lhe peço... Misericordia, misericordia para elles e para mim...

Luiz de Barros, na luxuosa aposentadoria que o primo lhe alfaiára, achou-se rodeado de parentes e amigos que o genio desabrido de Francisca Telles afugentára do palacio da Bemposta. Radiava o contentamento da paz em volta d'elle. Cada pessoa competia com as outras em adivinhar-lhe os desejos. E, não obstante, o ancião tinha saudades do seu quarto, e da soledade a que se affizera com o neto. Os importunos affectos dos parentes hospedeiros, e frequentes visitas d'outros molestavam-no. Pesava-lhe a esvahida cabeça; era-lhe pouco o ar para o peito em que havia represa de muitas lagrimas, e receios por aquella pobre Sára que muito o agonisavam.

Passados dias, o duque deu-lhe aviso de ter sido assaltada a casa de Simão de Sá pelos esbirros do santo officio. O assalto baldara-se. A casa do hebreu tinha subterraneos com entradas inaccessiveis á solercia dos quadrilheiros da inquisição, bem que sagazmente afuroados em avenidas de calabouços.

Recresciam-lhe, pois, as angustias ao excruciado ancião, aggravadas pelo silencio consternador de Jorge, que não ousava lastimar Sára para não dilacerar a alma do avô. Cuidados vãos! Não cabiam mais paixões n'aquelle traspassado peito.

O inquisidor, já impacientado com as teimosas solicitações de D. Francisca, e informado pelo duque de Cadaval da indole vingativa da brava filha de Luiz de Barros, recebeu-a de má sombra, e disse-lhe que a judia já não estava na Covilhã, segundo informações fidedignas. Os collegas dominicanos de D. Verissimo, mais desconfiados e menos dobradiços a respeitos e rogos do duque, prometteram a D. Francisca não levantar mão da empreza piedosa. Com esta promessa de fogueira, cedo ou tarde, se foi alimentando o cancro roedor das entranhas da fidalga.

CAPITULO VII

Nos ultimos dias do anno de 1699, Luiz Pereira de Barros disse a Jorge:

—Não chego ao novo seculo...

—Olhe que são hoje vinte e tres de Dezembro, meu avô—atalhou Jorge.

—Bem sei, filho, bem sei... Acabo com o meu espirito em toda a luz, que o Senhor lhe deu. Não tive ainda hora de me esquecer; e, com tudo, o esquecimento, n'este meu triste acabamento de corpo, seria um favor do céo. Fallemos com tempo, Jorge.

— Vai fallar-me de morrer... — interrompeu o neto—Não quero ouvil-o...

—Hasde ouvir-me, que não tens querer.

E tirou do dedo o annel, dizendo:

—Lê essas palavras que ahi estão escriptas no reverso do arco.

Jorge hesitava em pegar do annel. Luiz de Barros instou:

—Lê, Jorge...

O moço, alimpando as lagrimas, leu: NA CAIXA DE NEPTUNO.

—Percebes?— perguntou o velho—Quer dizer que o cofre está no deposito d'aquelle Neptuno do chafariz do bosque. Sabes?

—Sim, meu avô.

—Dá-me uma carteira que está na quinta gavetinha d'aquelle contador.

O neto foi buscar a carteira, e o velho continuou:

—Lê o que diz a ultima folha d'um caderninho que ahi está.

Jorge leu:

NOTA

Contém o cofre vinte e quatro contos de réis em variadas moedas de ouro.

Item: duas duzias de brilhantes que foram de meu avô Pedro de Barros e Almeida.

Item: as joias encastoadas em pentes de ouro, e quinze anneis que foram de minha avó D. Leonor de Barreiros.

Item: os copos da espada com diversa pedraria, que meu avô materno D. Jorge de Barreiros trouxe do governo da Bahia.

Item: o retrato de minha mulher, sobre marfim, broslado de cercadura de diamantes, que lhe dera sua mãe D. Ignacia Telles de Menezes.

— É isso mesmo; — disse Luiz Pereira — lembro-me muito bem. Tira essa folha de papel do caderno, e guarda-a, para que dês no futuro o apreço de coração que deves dar a alguns d'esses objectos de familia.

— É cedo para eu me fazer depositario d'esta nota — disse Jorge.

— Não é cedo; é a hora ao justo. Agora, guarda esse annel, não já por amor das letras, porque de memoria as tens; mas porque foi o primeiro e unico annel que tive em minha vida. Deu-m'o em 1636 D. João de Bragança, que, passados quatro annos, era rei de Portugal. Tinha eu vinte e um annos e andavamos a caçar na tapada de Villa-Viçosa. Atirei a um veado com tal agilidade e pericia, que o duque, arrebatado de gosto, sacou do dedo este annel, e m'o deu, dizendo-me: «Se eu fosse rei, Luiz, fazia-te monteiro-mór do reino.» — Antes contador-mór dos contos do reino, senhor duque e meu principe — lhe disse eu, beijando-lhe a mão. E, quem [illegible] depois, era elle rei, e eu contador [illegible] annel e a sua historia, meu filh[illegible] pois da minha morte, não [illegible] car o cofre. As entrad[illegible]

hãode ser espiadas noite e dia. Os alviões e enxadas, se não trabalham já na escavação das lojas e derrubamento das paredes, assim que eu fechar olhos, não hade haver braço inerte n'aquella casa. Os teus passos hãode ser vigiados de sol a sol. Se teus irmãos souberem que tens no dedo o annel, serão capazes de te mandar matar á hora do dia. Esconde-te, se necessario fôr. Na segunda gaveta d'aquelle contador de pau-santo acharás dinheiro que farte para viver seis annos fóra de Portugal. Será prudencia que te alongues da vingança dos nossos. Farás isto?

—Farei o que meu avô ordenar.

—Mais: o dinheiro, que está na terceira gavetinha, dal-o-has a Antonio Soliz, meu honrado escudeiro, que é filho natural d'aquelle Simão Pires Soliz, que, em 1630, foi sentenciado como sacrilego, queimado vivo, e innocente padeceu [1]. Eu tinha então quinze annos. Defronte de minha casa morava a mulher que houvera de Simão Pires um filhinho, e acabava de o dar á luz quando ao pae da creança lhe estavam cortando as mãos em vida. A mulher morreu. A creança ficou nos braços da comadre. Soube-se isto em nossa casa. Pedi á minha santa mãe que [illegible] ir buscar. Alegrou-se o coração da vir[illegible] uma escrava buscar o menino, que [illegible] ao pé de mim ha tantos annos.

[1] [illegible] vemente um romance concernente ao [illegible]

Queria deixar-t'o como herança; mas prevejo que o teu viver será inquieto: e elle tem sessenta e nove annos: carece de repouso. Dá-lhe, pois, o dinheiro para que o meu Antonio goze, desafogados de cuidados, os ultimos annos.

Terminou o testamento verbal de Luiz Pereira de Barros. Jorge recadou o annel, e a nota cortada do caderno.

N'este dia, D. Francisca Pereira Telles, sujeitando a ira a uma tardia astucia, ou, por ventura, esporeada de remorsos, procurou o pae. Assim que ao ancião lh'a annunciou o neto, disse elle, sorrindo a Jorge:

—Ahi vem, pois, minha filha visitar o annel. Empresta-m'o, para que ella não escandalise esta familia com alguns assomos de desesperação. Para mim, para ti e para todos é bom que ella o veja. Digam-lhe que eu a recebo. Quero perdoar-lhe antes de me vêr com a face do supremo juiz.

De feito, D. Francisca, ao beijar a mão do pae, cravou no annel os olhos. O ancião estremeceu e arquejou ao lembrar-se que era aquella a filha estremecidissima, o balsamo das suas chagas trinta annos antes. Nublaram-se-lhe os olhos d'agua, reparando n'ella como quem para sempre se despedia.

—Porque não vem para sua casa, meu pae? disse D. Francisca.

—Já agora—respondeu elle tardamente—aqui

me virão buscar pouco mais morto do que sahi de minha casa.

— Pois tem peorado, meu querido pae?

— Não: tenho melhorado. Estou cada vez mais perto do termo da viagem. A canceira é maior; mas a vista da patria alegra o viandante fatigado.

— E porque não quer morrer no seio de sua familia? — tornou a filha.

— Porque a não tenho pelos laços do coração: os do sangue que montam? A minha familia toda está figurada em Jorge...

D. Francisca fez um gesto repugnante.

O pae continuou:

— Queres vêr teu filho?

— Como v. s.ª quizer...

— Não, filha: como fôr tua vontade.

— E desejará elle vêr-me?

— Entendo que sim... Antonio — disse Luiz de Barros ao escudeiro — diz ao menino que venha vêr sua mãe.

— Deixe-o estar... deixe-o estar — atalhou D. Francisca.

— Antonio, tornou o velho, não digas nada.

E abaixou a fronte pensativa, em quanto a filha exclamava:

— Pois eu não sei que elle me odeia?! não sei que por causa do thesouro do pae, faz guerra aos irmãos e a todos? não sei que elle é capaz de todas

as abjecções e hypocrisias para ficar com o segredo do dinheiro?

— Foi a isto que vieste? — perguntou Luiz de Barros, depois de larga pausa.

— Não, senhor: eu vim vêl-o, e pedir-lhe que torne para a sua familia. Toda a gente está espantada da sua sahida!

— Sei que toda a gente está espantada, de mais o sei... — disse o ancião — já agora não ha para que lhe augmentemos o espanto com a minha tornada para a casa onde nasci. Não vou. Agradeço a tua visita, e vai com a graça de Deus e com a minha benção.

— Permitte-me, ao menos, que eu continue a visital-o?

— Sim... — murmurou o pae.

— E quer vêr seus netos? — tornou ella.

— Não. Perdoo-lhes, para que me deixem... E tu, se tens lá, no secreto da tua vingança, alguma nova afflicção que me dês, não venhas aqui.

— Pois assim me lança de si?! — exclamou D. Francisca refinando a malicia com a impostura.

— Eu queria morrer com Jorge ao meu lado — disse o velho — e tu não podes estar onde elle está.

— Que me importa? Deixal-o estar...

— Não. Odios ao pé d'um agonisante são maus sentimentos para ajudar a bem morrer. Francisca,

não és boa mãe, como te hei-de eu aceitar como boa filha!?

— Sou mãe injuriada, insultada, e escarnecida! Sou filha desprezada e esmagada por um pae illudido pelas astucias d'um perverso!... — bradou ella voz em grita.

— Basta! — clamou o velho — esta casa não é a tua! não me envergonhes, nem te cubras de vilipendio aos olhos de nossos parentes. Sahe d'aqui! Vai prégar aos frades de S. Domingos a virtude purificante do fogo! Vai cavar na masmorra da pobre Sára! Vai vêr quantas espadanas de sangue sujam os guadalmecins do inquisidor geral! Sahe-te, coração de hyena!

Na sala proxima estavam já os donos da casa, attrahidos pelos roucos brados do ancião.

D. Francisca passou por entre elles flammejante de raiva. Nem de leve acenou com a cabeça. Saltou á sege, e partiu com a garganta recingida da serpente do odio, que lhe afogava os soluços.

CAPITULO VIII

A familia entrou de roldão na ante-camara de Luiz de Barros, protestando não mais deixar subir D. Francisca Telles á presença do pae. O ancião não respondia ás perguntas, nem assentia ás reflexões. Parecia surdo, ou fallecido de entendimento.

O abalo extenuara-lhe muito das restantes forças. Inclinára elle a cabeça para o hombro de Jorge, que lhe não despregava os labios da fronte. O escudeiro collava a face á respiração de seu amo, desconfiando da brevidade da morte. Jorge murmurou:

—Parece-me que está adormecido... Não façamos rumor. Não tenhas medo, Antonio... Meu avô não póde estar morto...

E o ancião acenou com a cabeça negativamente.

As pessoas da casa retiraram-se pé ante pé, cuidadosas em fazer-lhe ministrar os Sacramentos. Assim que ellas sahiram, Luiz Pereira restituiu o annel ao neto, e disse com vozes cortadas de pausas anciosas:

—Não te afflijas, filho, que ainda não é a hora... Antonio—continuou, chamando o escudeiro—é tempo de ir á congregação chamar o meu padre Manoel Bernardes... que venha ouvir-me de confissão, e dizer-me as suas ultimas revelações da outra vida... Parece que dá saude ao corpo e á alma ouvir aquelle altissimo espirito do meu oratoriano...

Adormeceu o ancião reclinado na espadua do neto um breve somno intercortado por passageiras dôres, que elle accusava com gemidos e estremecimentos.

Accorreu prestes o douto e apostolico Manoel Bernardes, o qual, com o semblante radioso de alegria, se assentou á beira do seu confessado de vinte e cinco annos, perguntando-lhe:

—Já vos alvorece o dia almejado, meu velho amigo? Temos á vista o pharol do céo? Ora, pois, atiremos o ligeiro esquife á garganta das vagas encapelladas, deixal-as remugir, e vamo-nos de nado á praia, que lá estão os anjos com roupas enxutas para nos entrajarem das galas do empyreo.

Jorge, obedecendo a um aceno do sublimado mystico, sahiu da camara, e foi chorar nos braços

de Antonio, que estava em joelhos e mãos postas na sala visinha.

Quando estas cousas corriam, Garcia, Filippe e Placido de Castanheda de Moura, com alguns criados de mais conta, andavam escavando nas lojas e aluindo paredes meio-esboroadas. D. Francisca dirigia a exploração com uma actividade digna de melhores resultados. O marido apalpava os terrenos batendo com a alçaprema; e onde quer que a pancada batesse em ôco, ou a imaginação lh'o fizesse parecer, ahi cahiam as enxadas e alviões com suada freima.

Ao escurecer, abriram mão da obra, e gisaram as escavações do dia seguinte. — O cofre hade apparecer, dizia D. Francisca — ainda que se arraze o palacio!

— Não será prudencia isso!... — observava o marido timidamente.

— Qual prudencia nem meia prudencia! — vozeava a consorte, batendo o pé rijo. Hade apparecer o cofre, porque elle está em casa; e, se esperas pelo annel, então, meu amigo, historias! Que dizes tu, Garcia?

— Eu digo que sim: o thesouro está lá por baixo, e nós havemos de achal-o, sem arrazarmos a casa. A mãe já disse muitas vezes que o avô desceu as escadas para o pateo de dentro com o caixote.

— Foi assim — confirmou a mãe.

— Então não ha que duvidar — tornou Garcia

—se não estiver n'uma loja está na outra. Havemos de cavar...

—Até ao inferno!—ajuntou Filippe.

—Credo!—atalhou D. Francisca—não falles em inferno, menino, que se me arrepiaram os cabellos.

—Isto é um modo de fallar!—emendou o filho—Havemos de cavar até onde toparmos o dinheiro.

—Asneira no caso!—interveio Placido de Castanheda—Teu avô não teve tempo de fazer grande cova, já porque foi sósinho, já porque se demorou cerca de uma hora, como diz tua mãe. E então é escusado cavar muito ao fundo. O mais que se deve procurar é até á fundura de tres palmos; e, se não apparece, pôr o sentido e o trabalho n'outro lugar.

—Deixa lá os meninos com o negocio, que elles são mais espertos do que tu—contraveio D. Francisca.

—Pois façam lá o que quizerem—concluiu Placido para não assanhar a mulher, que já tinha o sobr'olho avincado.

No dia seguinte, começaram os desaterros nas cocheiras antigas. Um dos cavadores sentiu estalar debaixo da enxada cousa sonora como tampa, e exclamou: «Cá está!»

Concorreram os interessados por differentes portas do palacio. D. Francisca Pereira, descendente da

rainha Leonor Telles, surgiu á porta da cocheira de saia branca e pantufos de liga. Placido de Castanheda de Moura sahiu d'outra porta encapuzado n'um reguingote, a espirrar muito indefluxado. Os fidalgos novos arremangavam as camisas para com as proprias mãos debastarem a camada de terra, e resurgirem o cofre do seu tumulo de quarenta e tres annos. Acocoraram-se todos em redor da cova. Filippe e Garcia esgaçavam as unhas mimosas agadanhando na terra. Lobrigaram uma clareira de superficie solida do quer que era. A côr era preta.

—Preto era o caixote — disse alvoraçada D. Francisca—Bem me lembro: era preto com cintas de cobre.

Continuaram a descobrir sem tomarem folego. A fidalga, de impaciente, quiz tambem sujar a sua mão de marfim. O contador-mór, em attenção aos reiterados espirros, abstinha-se de humedecer as mãos. Grande jubilo! Encontraram uma argola. Garcia perguntou:

—Minha mãe, o cofre tinha argola?

—Havia de ter por força... — disse ella — Achaste-a?

—Cá está.

—Então venha uma corda, e puxemos — disse Filippe.

—Isso é asneira! — admoestou o pae.

—Por que é asneira?!—interpellou D. Francisca.

— Ora suppomos — explicou Placido — que o caixote está podre do contacto humido da terra: se está podre, desfaz-se com o empuxão e entorna-se o conteúdo.

— És parvoinho! — retrucou a esposa — Venha a corda!

— Arranjem lá... — condescendeu o contador-mór, abrindo a bocca para facilitar o espirro.

Enfiaram a corda pela argola, e puxaram os dous fidalgos e dous lacaios. Deu de si a tampa: repuxaram, e a tampa resaltou d'um sacão.

D. Francisca fez pé atraz com a mão no nariz. Filippe e Garção saltaram para fóra da cocheira. Placido parecia espirrar o cerebro. Os criados exclamavam:

— Com dez diabos! Fedor assim só no inferno!

Examinado o local pelo servo mais corajoso de nariz viu-se que a tampa era de lousa, e o que ella tapava era o suspiro do escoadouro das fezes, que n'aquelle ponto se havia entupido.

Se este acaso fosse obra providencial, muita gente havia de crêr que a Providencia castiga como Aristophanes e como Juvenal. Aquelle genero de zombaria, se não foi odorifero, cahiu perfeitamente de molde na occasião.

D. Francisca foi respirar saes antiputridos. Os filhos, de modo que a mãe os não ouvisse, riam

com as mãos nas ilhargas. Os criados, para rirem impunemente, pozeram-se de barriga ao chão, abafando as cascalhadas. Placido de Castanheda de Moura franzia as fossas nasaes para provocar o espirro e desinfeccionar a cabeça.

Quando se encontraram á mesa do almoço, e encararam uns nos outros, então foi o desabafarem n'uma gargalhada estridula e compacta.

CAPITULO IX

Estavam ainda á mesa, quando um lacaio de Diogo de Barros da Silva chegou com a noticia de que tinha passado da vida ás oito horas da manhã o snr. Luiz Pereira de Barros.

— O coche na rua! — exclamou Francisca Pereira.

E correu para o toucador a vestir-se. Os filhos, um momento perplexos, perguntavam ao pae:

— Vamos lá?

Placido não os ouviu. Reconcentrara-se com doloroso semblante, e disse:

— Pobre velho!... santo homem... Devia expirar nos braços da filha, que elle tanto amou...

— E o annel? — perguntou Filippe.

— Não falles agora em annel, filho! — disse o

pae — Reza por alma de teu avô, que foi um portuguez dos que já não ha...

— Ora!... — resmuneou Filippe, e sahiu com Garcia pressurosamente a perguntarem á mãe, de fóra da re-camara:

— Nós que fazemos, mãe?

— Vesti-vos de luto para me acompanhardes.

Entretanto, o genro de Luiz de Barros encerrou-se no seu quarto para chorar, e pedir á alma de seu sogro que lhe perdoasse a fraqueza com que se elle deixara maniatar pela condição despotica de sua mulher.

Uma hora depois, D. Francisca e os filhos apearam do coche á porta de Diogo de Barros.

As senhoras da casa perguntaram seccamente á sua parenta se queria que o sahimento se fizesse d'alli ou do palacio da Bemposta.

D. Francisca não respondeu á pergunta, e disse que queria vêr o pae.

— Eu vou conduzil-a, prima Francisca Telles — disse Diogo.

— Jorge está lá? — perguntou ella.

— Não, minha senhora. Jorge está com dous medicos á cabeceira, porque perdeu o alento ás seis horas, quando o avô lhe disse adeus, e não o recobrou ainda. Ao pé do cadaver estão os meus filhos, e o escudeiro Antonio Soliz.

— Vamos, primo Diogo — disse D. Francisca.

Entraram ao quarto alumiado ainda pelos cirios, que ardiam ao lado do Crucificado. Dir-se-hia que d'aquelle recinto sahira, tangida por mão invisivel, uma clava de ferro, que bateu no peito d'aquella mulher. Saltou ella um passo atraz, e amarelleceu como se o cadaver se levantasse para amaldiçoal-a. Avançou amparada no braço de Diogo, e retrocedeu ainda, murmurando:

—Não posso...

—Pois não entremos, prima... Eu comprehendo o seu horror...

— O meu horror? — perguntou ella assombrada.

—Sim!... v. s.ª encheu de fel aquelle honrado coração que alli está morto.

—Não me diga essas cousas n'esta occasião!— exclamou ella.

—É quando Deus manda que lh'as diga, minha senhora.

—Expulsa-me, não é assim? — tornou ella, desprendendo-se-lhe do braço.

—Não, minha prima, não a expulso, porque é filha de Luiz de Barros; porém, quando aquelle cadaver tiver sahido, as nossas relações, minha senhora, fecham-se no jazigo d'elle.

D. Francisca relanceou os olhos aos dous filhos, que fitavam sinistramente Diogo. Retrocederam á sala. A filha de Luiz de Barros sentou-se offegante, e disse:

— Posso saber que destino teve um annel que meu pae tinha no dedo?

— Póde, minha senhora. D'esse annel, que o duque de Bragança tinha dado a seu pae, ficou herdeiro seu filho Jorge.

— Herdeiro!... veremos isso! — exclamou ella.

— Pois veremos, minha senhora, — tornou Diogo — lembro-lhe, todavia, que é muito impropria a occasião para discutir-se a herança do annel.

— Mas hade discutir-se! — interveio Garcia.

— E hade entregal-o, que o thesouro é da mãe, e de todos por morte d'ella — ajuntou Filippe.

— Respeitem o cadaver de seu avô, senhores! — exclamou Diogo de Barros erguendo-se hirto e formidavel de magestade — Respeitem o cadaver do santo homem que apunhalaram com desgostos!

D. Francisca levantou-se, e disse:

— Vamos, meus filhos! Primo Diogo, queira dizer a Jorge — continuou ella cacarejando um riso repulsivo — que vá buscar o thesouro quando quizer.

— Lá o esperamos... — acrescentou Garcia.

— E o cadaver? — perguntou o velho fidalgo a D. Francisca — dá-me v. s.ª a honra de lhe dar sepultura?

— Sim, como queira, e eu pagarei as despezas — respondeu ella já da porta.

— É uma mulher que falla... — disse um filho de Diogo de Barros.

— E um homem! — replicou Garcia.

— Dous! — ajuntou Filippe.

— Eu já sei como o mais possante dos dous se dobra debaixo d'um joelho... — redarguiu o filho de Diogo.

— Basta! — exclamou o velho, impondo silencio ao filho — Quem dirá o infame espectaculo que vem dar uma filha do primeiro sangue de Portugal ao pé de seu pae morto!

D. Francisca já tinha descido com os filhos.

O contador-mór, pela primeira vez na sua vida conjugal, deliberou sem consultar a esposa. Assim que soube o succedido na casa dos parentes de seu sogro, sahiu, fechado na sege, com o intento de conduzir o cadaver para a Bemposta.

— Isto é um opprobrio! — disse elle á mulher, que não ousou contrarial-o.

Diogo de Barros recebeu-o com fria ceremonia, e accedeu á trasladação do defunto, vendo a compunção com que Placido de Castanheda de Moura beijára a mão de seu sogro.

Depois, como elle perguntasse por seu filho Jorge, encaminhou-o ao quarto em que o moço chorava e seccava as lagrimas no rubor febril das faces. Disse Placido algumas palavras affectuosas ao filho, e acrescentou:

— Não estejas a incommodar esta generosa familia: vem para tua casa, assim que poderes.

Jorge respondeu:

—Não irei, meu pae: beijo-lhe as mãos por essa caridade; mas a vontade de meu avô póde tanto commigo como se elle vivesse. Eu não caibo na casa de meus paes; mas tenho o restante do mundo como casa. A terra é grande, e não ha ahi infeliz que não tenha uma parte do céo que o cubra.

Poucas mais phrases se trocaram. Placido sahiu a providenciar os aprestos para o sahimento; e, ao cahir da tarde, o esquife de Luiz de Barros foi assentado na eça da capella da Bemposta.

CAPITULO X

Ao terceiro dia de sepultado Luiz de Barros, continuaram as escavações e desmoronamentos nas lojas, tulhas e adegas da Bemposta. Os baixos d'aquelle palacio eram já ruinas de casa incendiada. Os pateos foram deslageados; as avenidas do jardim descalçadas; as paredes dos aposentos do finado ancião esgaravatadas e descaliçadas em todos os pontos suspeitos. Placido de Castanheda benzia-se clandestinamente, e dizia entre si:

— Qualquer hora os tectos abatem sobre nós! Ficamos sem casa e sem thesouro!

D. Francisca Pereira ordenou que, durante a noite, se espiassem as entradas do palacio, temerosa de que o filho Jorge entrasse a desenterrar o cofre. Teve manhas de fazer vir á sua presença o velho escudeiro de seu pae, e prometteu-lhe a doação d'umas

casas em Lisboa, se elle désse algum indicio do local em que o pae enterrára o dinheiro.

— Nunca m'o disse, senhora — respondeu Antonio Soliz.

— Nem tu desconfiaste? — volveu ella.

— Nem quiz desconfiar, senhora. Foi cousa em que nunca pensei.

— Quando meu pae deu a Jorge o annel, estavas presente?

— Não, senhora.

— E a ti não te deixou nada?

— Deixou de mais para viver socegado o restante da minha vida; mas, se o que elle me deixou, fizer falta a v. s.ª, aqui o virei trazer, e irei servir, que ainda posso commigo.

— Quem te falla n'isso, Antonio!... — acudiu ella — o que eu queria era fazer-te rico, meu velho amigo, quanto mais tirar-te o que tens!... Queres tu ser rico?

— De que me servia a mim ser rico, senhora? Com pouco se vive e com muito se morre.

— Se fosses rico, podias fazer bem aos teus parentes.

— Não os tenho, ou não os conheço, bem sabe v. s.ª os meus principios; quando a fidalga era menina, fartas vezes lhe contei o funesto fim de meu pae, e a morte despedaçadora de minha mãe.

— Bem sei; mas... olha que sempre é bom

ser rico... E em pouco estava teres tu do pé para a mão uma das minhas melhores casas na rua das Esteiras, e a melhor horta de Campolide.

Antonio desconfiou d'uma proposta aviltante. Fez-se côr de cal, formalisou-se, levantou a cabeça, e disse:

— Eu não sei que v. s.ª quer dizer-me. Veja lá, senhora, que falla com o Antonio Soliz que a fidalga conhece ha mais de quarenta annos! Olhe que eu tenho a minha honra de pobre, snr.ª D. Francisca e v. s.ª deve conhecer-me...

— Conheço... — atalhou a fidalga abespinhada — conheço-te como criado de meu pae.

— Tive esse honroso emprego: Deus m'o tirou.

— Está bom... Podes sahir... Queira Deus que o annel te não sáia caro a ti...

— Eu não fujo, minha senhora — volveu serenamente Soliz — ás ordens de v. s.ª estou aqui, e onde a fidalga souber que eu esteja.

— Vai-te! estou farta de palavriado! — terminou a iracunda senhora.

Antonio dobrou o corpo a meio na mais reverente cortezia, e sahiu.

Jorge ouviu a narração que o escudeiro fazia do succedido. Ambos, de prompto, adivinharam que o intento de D. Francisca devia ser propor ao escudeiro o furto do annel, ou a delação das letras gravadas no aro.

O parecer de Diogo, conformado com a vontade do defunto, era que Jorge de Barros sahisse de Lisboa para além-mar, ou ficasse em terra afastada da capital até se occasionar melhor monção de assenhorear-se do pomo da discordia, que era o thesouro, aquella boceta de peçonha, já envenenadora d'algumas vidas.

Jorge aceitou o alvitre que era propriamente o seu. Impulsava-o para a provincia da Beira o coração. As angustias da saudade do avô eram-lhe ainda afiadas pelo medo da prisão de Sára. Quinze dias eram já volvidos, desde que elle recebera a ultima carta da sua amiga, por intermedio da aia da duqueza. Antonio foi ao palacio do Cadaval, fallou com o duque, e soube que Simão de Sá, para illudir os espiões do santo officio, aconselhára a sua hospeda a não corresponder-se temporariamente com alguem. O duque fez saber ao neto de Luiz de Barros que as recommendações do tribunal tinham afrouxado, depois que elle esclareceu o inquisidor geral sobre a indole vingativa e injusta da perseguidora; sem embargo das tregoas, era, todavia, necessario — recommendava o duque — desconfiar sempre da crise sazonatica do sanguinario leão de S. Domingos.

A 10 de Janeiro de 1700, Jorge de Barros e o seu escudeiro Antonio Soliz sahiram de Lisboa, caminho da cidade da Guarda, com valiosas cartas para o bispo e primeiros fidalgos d'aquella cidade.

Ao primeiro encontro com os nobres, que aporfiavam em hospedal-o, Jorge bem-quistou-se na estima de todos, e creou á volta de si affeições sinceras, que o indemnisavam da ingratidão e mal-querença dos seus, sem comtudo lhe mitigarem a saudade do avô.

Simão de Sá, conscio do puro affecto de Jorge i filha dos hebreus queimados, avisou a sua hospela da morte de Luiz de Barros, e da chegada do neo á Guarda. Permittiu-lhe que escrevesse uma cara de pezames, e elle mesmo foi o portador a Jorge.

No meado de Fevereiro, depois de se trocarem lgumas cartas os dous amigos de infancia, Jorge saiu da Guarda, e foi hospedar-se em casa do abasido israelita da Covilhã.

Alvoreceu uma estação de felicidade serena para orge de Barros. Era a primeira. A familia do hereu eram meninas e moços de muita policia, virtues e saber. Simão de Sá passava por fiel observan- dos preceitos do christianismo; e seus filhos apeis nascidos, tinham sido lustrados na pia baptisal. Com a condição de ser tão hypocrita como os erseguidores dos judeus, Simão gozava creditos de ristão velho, socego e ordem no seu commercio. lgumas ameaças de inquietação costumava elle reil-as a dinheiro de contado sobre o telonio em que ultrajadores de Christo negociavam a paz dos heeus poderosos.

O viver intimo d'esta familia judaica era patriarchal. Jorge estranhou a reciprocidade de amor dos irmãos, a ternura de Rebbeca por seus filhos, o respeito dos filhos, a devoção com que elles amavam os paes.

Sára estava mais formosa do que tinha sido. Aquelle ambiente de paz coava-lhe ar de saude aos pulmões e luz de dignidade ao espirito. A tristeza do coração magoava-a sem aspereza, porque lhe sorriam esperanças, e a promessa de Jorge era tão sagrada para ella como para Simão de Sá os seiscentos e tres preceitos da lei explicados por Abraham de Ferrára, medico portuguez e seu ascendente.

Narrava Jorge com suave magoa os seus desgostos a Sára, desde que ella sahira do convento da Madre de Deus. Ella escutava-o com o ar melancolico de Ruth, e um lançar d'olhos respeitoso, como se n'aquelle mancebo, tão fidalgo, tão senhor e rei d[illegible] sua alma, ella visse o Booz das santas escripturas. Amavam-se assim a reverem-se espelhados nos olh[illegible] um do outro, e com referencia ao futuro d'amb[illegible] nem palavra aventuravam.

Soube Jorge que a afilhada de seu avô se vol[illegible]ra de coração e consciencia ás praticas da religi[illegible] judaica, e as usava secretamente para não causar d[illegible]agradavel estranheza ao seu amigo. Observou e[illegible] no primeiro mez de hospedagem em casa de Sim[illegible] de Sá, desde quinze de Fevereiro a quinze de M[illegible]

ço, se praticaram quatro festividades e quatro solemnes jejuns.

Perguntou elle a Sára:

— Que festividades foram estas?... Não me respondes, minha amiga?! Tão sagrado é o mysterio que até de mim o escondas!

— Não... eu digo-lhe, se quer, snr. Jorge... Este é o nosso mez d'Adar, que começou em meado de Fevereiro dos galileus. No oitavo dia celebramos com o jejum a morte de Moisés. No dia nono, jejuamos por que é o anniversario da divisão das escólas de Sciammai e de Hillel. No decimo terceiro dia, é o grande jejum de Esther; e no decimo quarto a grande festa Phurim, ou do resgate do povo. Agora segue o mez do Nisan. Ámanhã jejuamos em sentimento da morte de Nadal e Abin, filhos d'Aarão. No decimo quarto é a festa da Paschoa. No quinze, dezeseis e vinte e um, havemos de jejuar por causa do primeiro, segundo e setimo dia dos azimos; e no vigesimo sexto commemora-se a morte de Josué, filho de Nun. Se quer, ajuntou Sára, ensino-lhe todo o nosso Calendario.

— Não; — disse Jorge — o que eu muito desejava era lêr os vossos livros. O snr. Simão consentirá que eu os veja? Parece-me que já lobriguei n'um quarto que nunca mais vi, nem sei onde é, uma grande livraria...

Sorriu-se Sára, e disse:

— Esse quarto que viu, póde o snr. Jorge procural-o na casa toda que o não encontra, salvo se o snr. Simão lhe disser que comprima um botão de bronze do tamanho do seu annel. Mas, se quer, eu farei que lhe abram a porta.

— Desejo muito; porém, não vá ser isso inquietação ao nosso velho... .

N'este mesmo dia, Simão de Sá conduziu Jorge de Barros á sua livraria. Como reposteiro á porta da bibliotheca, via-se um painel, que figurava o Sermão da Montanha, quadro fraudulento com que o hebreu edificava os hospedes christãos. O quadro enrolou-se, quando o dedo de Simão carregou na cabeça dourada do prego em que o painel impendia. Descobriu-se um espaço de parede coberta de arraz como o restante da salêta. O hebreu acurvou-se: carregou n'outra mola, que fez subir enrolada uma especie de cortina.

— Aqui tem os meus livros, snr. Jorge. Muitos não lerá, que são hebraicos; mas d'elles ha muitos em latim, castelhano e portuguez. Aqui tem *O livro da fé demonstrada pela razão,* de Scem Tou de Leão. Aqui tem *O livro dos justos,* de Samuel Chasid, impresso em 1581. Este é o *Pão das lagrimas* de Samuel Ozeda de Saphet. Aqui tem o Talmud compendiado por Salomão Luria, e a *Lampada d'ouro* do mesmo escriptor. Aqui tem a *Justiça dos seculos* e mais dezeseis volumes do judeu portuguez

Isaac Abravanel, descendente de David, nascido em Lisboa em 1437, e fallecido em Veneza por 1508, quando alli fôra conciliar os portuguezes com os venezianos. Aqui está o *Facho do preceito* e mais seis volumes do israelita portuguez Joseph Ben Don David Ben Don Joseph Abem Jachiia, fallecido na Italia em 1549. Est'outro é *O livro da luz* do hebreu portuguez Jos Ciiahu. Agora lhe offereço um livro do meu ascendente Abraham de Ferrára que exercitou a medicina em Lisboa. Lindissimo é ess'outro livro de Abrahão Sabua, tambem portuguez: chama-se o *Ramilhete de myrrha*. Aqui está o celebrado commentario sobre o Pentatheuco do medico do Porto, chamado Menachem Porto, pae do grande cabalistico Abrahão Ben Sechiel Cohen Porto, cujas *Aldeias de Jair* (*Chavoth Jair*) lhe offereço, como leitura encantadora. Finalmente, snr. Jorge de Barros, ahi estão mil volumes de escriptores judaicos [1]. Não lhe aconselho que leia os enfadonhos escrutadores da cabala, que são absurdos, sem serem ridiculos. Os livros de moral parecem-me excellentes, mormente os que procedem dos therapeutas e caraithas. Nem Socrates antes, nem Saulo ou Paulo depois, escreveram melhor.

[1] Mais de setecentos escriptores israelitas contei no catalogo publicado no 7.º vol. da *Historia dos Judeus* (1710—Paris) *desde Jesus Christo até ao presente, continuação da Historia de Flavio Josepho.* Não vem authorisada; creio, porém, que é de Barnage.

Começou Jorge a sua leitura pelo *Pão das lagrimas*.

Sára, e Judith filha de Simão, sentaram-se uma de cada lado da cadeira do moço, e ouviam-no. Era um quadro mimoso para pintura!

CAPITULO XI

Cessaram as excavações na Bemposta.

D. Francisca Pereira consultou os jurisconsultos para authorisar um requerimento pedindo a prisão de Jorge, como ladrão do annel. Os homens da lei denegaram-lhe apoio a semelhante escandalo da sã moral das familias, e da faculdade que as leis concedem a um avô de dar ao neto um annel não vinculado, nem testado a outrem por instrumento publico.

Ao mesmo tempo, soube D. Francisca Pereira que o filho tinha sahido de Lisboa com destino a Castella, engano que os filhos de Diogo de Barros fizeram de industria propalar.

Cuidaram os obreiros das excavações em entulhar as covas e murar as paredes aluidas; porém, nos lanços do palacio antigo, acontecia que umas paredes se desmantelavam em quanto os alveneis refaziam outras. A fidalga espreitava ainda as paredes derrocadas; mas o enthusiasmo da esperança esva-

hira-se mais depressa que os aromas nada orientaes do cofre saudado com tamanhos jubilos.

Dizia D. Francisca Pereira:

—Se esta casa não fosse vinculo, e o cofre aqui não estivesse, vendia-se, que está muito velha, e fede que tresanda desde que se cavou nas lojas.

Dias depois que ella isto dissera, a procurou o provedor das obras do paço para lhe annunciar que o snr. D. Pedro II lhe queria comprar o palacio, e as casas, hortas, jardins e bosques contiguos, no intento de construir alli um palacio real para sua irmã a snr.ª D. Catharina, viuva de Carlos II, rei de Inglaterra.

Digamos breves palavras d'esta rainha.

O leitor sabe que o libertino e empobrecido filho de Carlos I aceitou de Portugal dous milhões de cruzados e a ilha de Bombaim; e, como supplemento áquella, para o tempo, enorme quantia, tambem aceitou a irmã d'Affonso VI como esposa.

D. Catharina era senhora de egregias virtudes e primorosa entre as mais excellentes princezas do seu tempo; porém a formosura com ella tinha sido sovinamente dadivosa.

Um poema de abalisado author, entre os muitos que então celebraram aquelle fausto casamento, pregôa maravilhas da formosura da princeza [1].

[1] Antonio Villas-Boas e Sampayo: «*Saudades* do Tejo e de Lisboa na ausencia da *Senhora Catharina* (sic) rainha da Gran-Bretanha.»

Eis aqui um fragmento da musa dadivosa do notavel poeta de Barcellos. Está já embarcada a rainha na passagem para Inglaterra:

Via-se a nau feliz empavezada
Flammulas, e bandeiras tremulando,
A quem a nau de Colchos celebrada
Estava entre as estrellas invejando;
E a carroça da Deusa namorada,
Que de Chypre as boninas vai pisando,
Vendo na nau mais alta formosura
Teve em pouco esta vez sua ventura.

Esta oitava póde não prestar; mas fica sempre o merito de dar idéa d'uma esquadra, porque tem tres naus.

A seguinte é mais conceituosa, e orça pela outra na puxada da metaphorica belleza da rainha:

Os cavallos do sol, que cada dia
Pascendo estrellas, bem beber salgado,
Se phaetonte d'elles se confia
Segunda vez se vira despenhado:
Seu gosto fôra só, sua alegria
Levar a Catharina, e seu cuidado,
Era tomar a estrada do Occidente,
Para trocar co'a nau, que o não consente.

Os poetas são a indemnisação das senhoras feias, mormente se ellas são princezas. Não assim os historiadores. Goldsmith reduziu a proporções medianissimas a formosura de D. Catharina para explicar o desamor e devassidão de Carlos II. Historiador melhormente conceituado ainda, David Hume, exprime-se d'este theor:

« Testemunhas de credito dizem que Carlos II « deliberou esposar uma princeza de Portugal, sem « avisar os ministros, nem ceder a nenhumas contra- « dicções. O chanceller, Ormond, e Southampton im- « pugnaram-lhe o alvitre com numerosas objecções, « e mormente insistiram no boato geralmente derra- « mado que a princeza era incapaz de conceber; sem « embargo, todos os argumentos foram rebatidos. « Proposto em conselho o negocio, conclamaram to- « das as vozes approvando o principe, e o parlamen- « to condescendeu tambem. Assim se effectuou, sob « côr de universal consenso, aquelle desgraçado ca- « samento com Catharina, princeza de virtudes im- « maculadas; bem que não vingasse nunca fazer-se « amar do rei por graças pessoaes. Não obstante, a « atoarda da sua esterilidade parece que era falsa, « pois duas vezes foi declarada em estado de gravi- « dez [1]. »

Á falta do amor do marido, a irmã de Affonso

[1] *Historia de Inglaterra*—t. 6.º pag. 144 e 145. V. de *Campenon*. 1839.

VI acrisolou-se em amor a Deus. Escrevia cartas muito catholicas ao papa Alexandre VIII e aos cardeaes, pedindo nomeação de bispos para Portugal, e prosperidades para os catholicos de Inglaterra. Guerreou diplomaticamente os hereges, com quanto o marido favorecesse a reforma. Tambem escrevia cartas ao provincial dos arrabidos de Portugal, pedindo-lhe oito frades, incluindo *um prégador de satisfação, e os mais proporcionados para entoarem o nosso canto de que se hade usar no côro.*

E para lá foram os frades ajudal-a a passar o arrastado tempo. Pobre mulher! que entretimento aquelle! oito frades da Arrabida! que piedoso martyrio, e que alma tão feriada a Deus, e conquistadora da bem-aventurança! Ainda assim, com tão piedoso viver, foi accusada no parlamento de querer propinar peçonha ao marido! O rei propriamente sahiu por honra e defeza d'ella. Alguns deputados opinavam que se degolasse Catharina com o cutélo de Carlos I e de Maria Stuard; porém o desterrado amigo d'Affonso VI, o marquez de Castello-Melhor, tanto rogou e defendeu a irmã do seu rei perante os inimigos conjurados d'ella, que vingou não a prenderem se quer. Em paga d'estes bons e capitalissimos serviços, o premiou a rainha com muito dinheiro e joias, com que elle fundou o morgadio chamado de *Santa Catharina,* em commemoração da infeliz e dadivosa senhora. Os fradinhos tambem estiveram a pi-

que de serem dependurados. Um dia, os parlamentarios cercaram-lhes o convento, e foram dentro procurar armas. Encontraram umas disciplinas. O Castello-Melhor, tirando-as fóra do prego, disse aos fidalgos invasores: «Estas são, senhores, as armas com que estes pobres homens vos intentam conquistar; e, se quem os accusa a elles usára d'estes instrumentos, vos pouparia esta visita; e ao povo a perturbação em que está.» Apesar d'isto, diz um historiador arrabido que os seus irmãos tiveram muitas vezes na garganta o fio do cutélo.

Morreu Carlos II, já convertido á fé catholica, em 1685. D. Catharina, passados oito annos, escreveu a seu irmão Pedro II, significando-lhe o desejo de voltar a Portugal, depois d'uma ausencia de vinte e tres annos incompletos. O rei de Portugal cuidou logo da transferencia da irmã. Em 20 de Janeiro de 1693, entrou a rainha da Gran-Bretanha em Lisboa, e recolheu-se ao paço d'Alcantara. D'aqui mudou para o palacio do conde de Redondo a Santa Martha; e, não contente do local, passou para o do conde d'Aveiras em Belem. Por ultimo, resolveu edificar palacio no sitio da Bemposta.

Estas divagações enfadosas eram necessarias para de mais longe explicar a quem isto lêr a missão do provedor das obras do paço a D. Francisca Pereira Telles e a seu marido Placido de Castanheda de Moura.

CAPITULO XII

Se acontecesse D. Francisca Pereira gostar da sua casa da Bemposta, ser-lhe-hia inutil responder ao rei que a não vendia. Felizmente para ella, a casa estava abalada, e por isso as reaes ordens alegraram-n'a. Cuidou logo em transferir-se para o seu palacio da Pampulha.

A escriptura da venda vai ser textualmente trasladada do tomo nove do *Gabinete historico* de fr. Claudio da Conceição [1]. Reza assim:

« Aos quatro dias do mez de Julho de 1701,
« na cidade de Lisboa, rua dos Mouros a S. Pedro
« d'Alcantara, nas casas em que vivia o desembargador
« Bartholomeu de Sousa Mexia, juiz dos contos do
« reino e casa, achando-se ahi presente como procu-

[1] Pag. 296 e seg.

« rador d'el-rei, e da outra Sebastião Leite de Faria,
« escrivão da mesa dos despachos dos contos, em
« nome, e como procurador de Placido de Castanhe-
« da de Moura, contador-mór dos mesmos contos,
« por virtude de uma procuração, que apresentou,
« e assim o doutor Manoel Gomes de Palma como
« procurador de D. Francisca Pereira Telles, mulher
« do dito Placido de Castanheda de Moura, foi dito
« perante o tabellião, que elles eram senhores e pos-
« suidores de umas casas, e outras pequenas com
« suas hortas, sitas n'esta cidade á rua larga da Bem-
« posta, que parte d'elle é morgado de que elle dito
« Placido de Castanheda de Moura é administrador
« por cabeça de sua mulher, e a outra parte livre e
« desembaraçada, partem todas por suas devidas e
« verdadeiras confrontações com que por direito de-
« vam partir; nas quaes se está fazendo um palacio
« para a rainha da Gran-Bretanha, e em razão do di-
« to senhor ordenar que se vendessem segundo a
« avaliação que d'ellas se fez, que são pelo que toca
« ao dito morgado, por preço de dezeseis contos
« quatrocentos e sessenta e seis mil seiscentos e
« sessenta e seis reis, de que o dito senhor daria ju-
« ro real em subrogação d'elle, e livre por doze con-
« tos novecentos e setenta e sete mil quinhentos e
« quarenta e sete reis, resolveram o dito Placido e
« sua mulher, em vender, e subrogar as ditas casas
« pelo preço referido. O dito senhor dará um juro

« real para que fique tocando ao dito morgado, em
« satisfação da parte do dito morgado, e seguir a na-
« tureza d'elle, ficando uma cousa pela outra subro-
« gada, de sorte que as ditas casas do morgado fi-
« quem livres para a dita rainha, para quem el-rei
« D. Pedro as mandou comprar, para que ella faça
« d'ellas o que lhe parecer, e a dita quantia que se
« hade dar do juro real fique sendo do dito morga-
« do de que è administrador o dito Placido por ca-
« beça de sua mulher: e parte das casas que são li-
« vres as vendem por doze contos novecentos e se-
« tenta e sete mil quinhentos e quarenta e sete reis
« de que logo alli recebeu o dinheiro de contado,
« com a condição seguinte:

« *Foi dito pela dita D. Francisca Pereira Telles*
« *que seu pae o contador-mór Luiz Pereira de Bar-*
« *ros lhe dissera, que na occasião dos motins reco-*
« *lhera nas ditas casas em parte occulta grande quan-*
« *tidade de dinheiro, cujo lugar constava das letras*
« *de um annel, que elle trazia no dedo, ordenava*
« *que na hora da morte se lhe tirasse; e porque o*
« *dito annel desappareceu, e o dito dinheiro se não*
« *achou, no caso que em algum tempo appareça, e*
« *se descobrir, lhes ficará pertencendo a elles vende-*
« *dores* in solidum *ou a seus herdeiros e successores!* »

« Assim o outorgaram, pediram e assignaram...
etc. »

Seguem outras condições estipuladas ácerca de

pagamento do juro dos padrões, nada importantes á urdidura da historia.

Quando á Covilhã chegou, em carta de Diogo de Barros, a noticia da venda do palacio da Bemposta e cópia da escriptura, Jorge deu como perdido o thesouro, quer se ensenhoreasse d'elle sua familia, quer o sonegassem os alveneis e mais operarios do reviramento pelo qual tanto as casas, jardins, como hortas e bosquetes deviam geralmente passar desde os alicerces e raizes. Não sem causa entendeu elle que o tosco Neptuno seria apeado, e logo a caixa do repuxo ficaria a descoberto. Este fundado susto affligiu-o grandemente, porque n'aquelle cofre, além da riqueza destinada a futuros contentamentos, estavam objectos sacratissimos para seu avô e para elle.

Bem que Simão de Sá o contrariasse, Jorge planeou ir aforrado a Lisboa, entrar á quinta em quanto as demolições se faziam na casa, e subtrahir o cofre. Parecia-lhe isto facil e inquestionavel. As razões allegadas convenciam; e, sobre todas, com uma argumentava elle de muita força:

—Se meu avô soubesse que eu nenhuma diligencia pozera em salvar de mãos estranhas, ou ainda da posse de minha mãe, aquelle thesouro, amaldiçoar-me-hia!

Deu-se, por tanto, pressa em executar o intento, que lhe parecia desempecido de todo embaraço.

É de saber que Filippe, Garcia, e outros fami-

liares de D. Francisca, desde que os derribamentos começaram, vigiavam juntos ou á vez, os pedreiros e cavadores. Era já notoria em Lisboa a condição da escriptura: muita gente, levada da curiosidade, concorria ás obras da Bemposta, na esperança de assistir á exhumação do thesouro, que os mais imaginosos asseveravam ser enormissimos cabedaes que Affonso VI, antes de ser preso, confiára ao seu amigo Luiz Pereira de Barros.

Alguns obreiros da reedificação conchavaram-se em sonegar dos vigilantes espreitadores os lugares em que algum indicio topassem do caixão enterrado. Estremunhados pela espora da cobiça, erguiam-se á meia noite os que ficavam de guarda ás ferramentas, e cavavam e revolviam entulhos, até á madrugada, nos sitios que deixavam de vespera intencionalmente mal rebuscados. Por maneira, que as avenidas do palacio quasi arruinado eram tão vigiadas de dia como de noite.

D. Francisca Pereira, avisada dos trabalhos nocturnos, mandou para as obras pernoitar criados de confiança, os quaes, conloiados com os pedreiros, proseguiam nas excavações, pactuados em repartirem irmanmente o thesouro.

Das pesquizas interiores passaram a descalçar e cavar no chão dos caramanchões, e no lageado das fontes. Chegaram a desguarnecer as paredes dos azulejos, e a derrubar estatuas do jardim para descoser

as pedras das peanhas. Da noite ao dia era prodigioso o progresso das ruinas, no decurso de tres semanas.

Os incançaveis exploradores aproximaram-se uma noite do tanque do Neptuno; saltaram dentro alguns; levantaram a tampa do aqueducto por onde se desobstruia n'outro tempo o encanamento. Palparam. Entrou o mais afouto á mina, e voltou praguejando, e dando ao diabo a alma e os braços de quem enterrára o dinheiro e os trazia tresnoitados. O deus do mar, que alli estava com a bocca aberta, parecia rir d'elles. Um dos pedreiros reparou na cabeça de Neptuno, e disse que lh'a quebrava, se não fosse a imagem de S. Pedro. Perguntou outro porque tinha elle o gadanho na mão, sendo o costume usar S. Pedro de chaves. O interrogado satisfez a critica do companheiro, esclarecendo que o pau com tres ganchos era ferramenta de andar á pesca, no tempo em que o santo vivia de pescar; pela qual razão o metteram os antigos n'aquelle tanque.

Com estas e outras interpretações não lidas nos florilegios, nem na *Legenda aurea* de Voragine, afastaram-se d'alli os pedreiros, e foram desfazer uma casa de fresco já meio desmantelada no fundo do bosque.

N'uma d'estas noites d'Agosto, por volta de onze horas, avisinharam-se das obras da Bemposta dous sujeitos rebuçados de maneira que deram nos olhos

d'alguns pedreiros deitados em palestra no terraço onde tinha sido o pateo do palacio: a muita calma e o muito encapotar-se dos vultos eram cousas que se não compadeciam sem suspeita dos alveneis.

Era Jorge de Barros e o escudeiro Antonio Soliz.

Jorge parou defronte d'aquellas ruinas, e disse:

— Antonio, vê tu a casa de meu avô! ...

E o velho, debulhado em lagrimas, apenas respondeu com soluços.

— Ainda ha nove mezes que sahimos d'aquella porta com meu avô nos braços!...— continuou Jorge — Que voltas, Antonio!... Que mudanças!...

— Não se esteja affligindo, snr. Jorge — disse o escudeiro — Pensemos no a que viemos... Eu vejo no pateo uns homens que nos estão olhando...

— Que nos faz a nós isso? Passemos adiante. Vamos rodear a quinta: póde ser que alguma parte do muro já esteja arrazada. A minha opinião é que o tanque do Neptuno já lá vai...

Deram volta ao muro da quinta, e não acharam lanço accessivel. Desandaram, praticando no modo de entrarem, mediante uma escada, na seguinte noite. Pararam novamente diante da fachada do palacio. O escudeiro quiz evitar que o amo se aproximasse de um pedreiro que sahira á rua e se assentára no friso do cunhal da casa tangendo n'uma bandurra, e cantarolando trovas, allusivas aos dous em-

buçados que elle imaginou amadores das proximas visinhas. Dizia a letra:

O luar da meia noite,
Tu és o meu inimigo
Estou á porta de quem amo,
E não posso entrar comtigo.

O pedreiro, se não era o inventor da trova, não tinha obrigação de ser mais correcto que o menestrel. Acercou-se Jorge do epigrammatico trovador, e disse-lhe:

—Amigo, boas noites.

—Deus o guarde, senhor! — respondeu cortezmente o pedreiro, como visse lampejar, na orla do reguingote do embuçado, a ponteira amarella d'uma bainha.

—Estaes folgando com a vossa bandurra? — tornou Jorge.

—E' verdade, senhor: a gente com a calma nem dormir póde.

—Sois, pelos modos, alvenel da casa da snr.ª rainha da Gran-Bretanha...

—Sim, Senhor.

—Vão adiantadas as obras?

—Isto vai de galope: não cançam braços nem dinheiro.

—E o tal thesouro appareceu? — voltou Jorge.

— Qual thesouro nem qual carapuça! Tem ahi cavado n'esse chão que é um por demais! A quinta está toda minada, e até á data d'hoje o que appareceu é pedregulho. Eu acho que o tal velhote, que morreu, enterrou tanto dinheiro na quinta como o que eu tenho, que não é nenhum!

— E minaram tambem a quinta? — perguntou Jorge com interesse.

— Sim, senhor, tudo até lá baixo.

— E tambem chegaram á mata?

— Ora! como o senhor sol! Havia lá uma casinha de fresco de porta aguçada á antiga; pozeram-na de feitio que parece uma cisterna.

— Então tambem desfizeram o tanque...

— O tanque que tem o S. Pedro com a gadanha? Nada esse lá está. Acho que foi p'r'amor do santo que o não escangalharam, mas já lá andaram homens na mina aqui ha quatro noites atraz, e sahiram de lá sem uma de tres réis. Os filhos do senhor contador-mór de quem era este palacio tambem lá foram, assim que souberam que os pedreiros lá tinham ido. Os fidalgos desconfiam de toda a gente, e não querem sahir de cá. De dia vem elles, e de noite trazem criados a rondar a casa e a quinta. A final, ámanhã ou depois vem tudo isto abaixo; e, assim que os alicerces começarem, o dinheiro, se cá está, cá fica.

O escudeiro, temeroso de que alguma impensa-

da pergunta de seu amo désse ao pedreiro suspeitas da localidade do cofre, levou-o d'alli, tirando-o brandamente pelo braço.

Áquella hora recebia D. Francisca Pereira Telles denuncia de ter sahido da Covilhã seu filho Jorge.

A precatada fidalga, mediante o valimento de seu marido com os recebedores em todas as cabeças de comarcas, conseguira estabelecer na Guarda e Covilhã uma atalaia aos passos do filho. Surprehendel-o no lanço em que elle pessoalmente diligenciava apossar-se do cofre era a ultima esperança e maximo empenho da infatigavel mulher. N'este proposito, desistiu de espicaçar o conselho geral da santa inquisição, formado de frades de S. Domingos. Avisadamente pensou ella que afugentar a judia, caso ella estivesse na Covilhã, seria afugentar o possuidor do segredo. Perder-se o cofre para ella, embora se perdesse tambem para Jorge, não lhe era sufficiente consolação. D. Francisca antes queria o dinheiro que vêr Sára na fogueira, ou pelo menos, optava pela mais incerta das cousas, visto que os frades eram menos engenhosos em desencantar thesouros, do que em transferir ao inferno a alma extrahida d'um corpo queimado.

Recebida a nova e confirmada no dia seguinte por um proprio, que seguira o itinerario de Jorge, com distancia de cinco leguas, D. Francisca chamou a conselho os filhos, que, logo ao primeiro aviso,

sahiram com os criados a rondar a rua da Bemposta, uma hora depois que Jorge retirára a hospedar-se em casa de Diogo de Barros. Para a noite seguinte, deliberaram Garcia e Filippe emboscar-se com os criados nas visinhanças da casa entre as arvores da quinta, e esperarem a provavel entrada d'elle pelos muros.

O plano traçado era vigiar a direcção de Jorge; e, logo que elle denunciasse com o rumor de deslocação de pedra o local do cofre, afugentarem-no a tiros de polvora secca. As maternaes entranhas de D. Francisca Pereira tiraram a partido que, sómente em ultimo recurso, fizessem sangue.

Ao anoitecer, os irmãos de Jorge recolheram-se com quatro criados á quinta, e confiaram a ronda exterior do palacio ao mais valente e sagaz de todos, posto que saxegenario, o qual era o cocheiro do defunto Luiz Pereira de Barros. Este homem, posto que de condição bastante má para atraiçoar a confiança da ama, tinha uma fibra incorrupta no coração: era o reconhecimento ao velho escudeiro Antonio Soliz, que muitas vezes o soccorrera em apertos de dinheiro, quando, no meado do mez, tinha esvasiado por tavernas e bordeis o ordenado e a quantia a maior que o fidalgo lhe dava para as despezas da cavallariça. De mais d'isto, se Luiz de Barros por outros motivos queria despedil-o, o escudeiro requeria-lhe o perdão do criado, e conciliava

a indulgencia do amo. Ora, o escudeiro condoía-se d'este homem, por analogia de desgraça com a sua sorte no berço. O povo tumultuoso de 1640 matara-lhe o pae, arcabuzeiro inoffensivo, que cumpria suas obrigações de soldado á porta do paço, e nem sequer apontára o ferro ao peito dos invasores. Luiz de Barros condoera-se da viuva e do filho recem-nascido, alimentou-os, e levou para seu serviço o rapaz mal dotado de instinctos, mas amparado pela misericordia do fidalgo e bondade do escudeiro.

Era, pois, este o encarregado de vigiar que Jorge se não introduzisse por alguma das portas do já quasi derruido palacio. Ao fim da tarde, sahiu elle, e foi a casa de Diogo de Barros. Procurou Antonio Soliz; e, como lh'o negassem, insistiu dizendo:

—Ora vamos, não me queiram enganar, que é escusado... Digam-lhe lá que está aqui o Bonifacio cocheiro.

Dado o aviso, Antonio appareceu, e não hesitou em chamar Jorge, assim que Bonifacio lhe contou o modo como a fidalga soubera da chegada d'elles a Lisboa.

Ouviu Jorge os pormenores da emboscada, pagou generosamente a denuncia, e despediu o cocheiro de seu avô. N'essa mesma noite, dizia a seu tio Diogo de Barros:

—Sou uma baixa alma, meu tio.

—Porque, Jorge?!...

—Por que deixei um thesouro de alegrias inestimaveis, e vim procurar outro cuja conquista me poderia custar a vida; e, se acontecesse sahir-me eu illeso d'esta façanha, o ouro e pedras que o cofre encerra, não bastariam a comprar um contentamento. Fique-se embora o dinheiro maldito que tem condemnação fatal! Eu vou-me a toda a pressa procurar o thesouro que deixei; e esse sei eu e juro que hei-de encontral-o... é o coração de Sára.

E, n'esta mesma noite, sahiu de Lisboa.

CAPITULO XIII

D. Francisca duvidou das informações dos seus espias da Guarda, e Covilhã, ao fim de oito dias de inutil espera na Bemposta.

Em quanto os fidalgos, espancando o somno para espertarem os criados, passavam más noites escondidos por entre ramagens e rimas de entulho, o velho Bonifacio remoçava as cans n'uma taverna de Andaluz, ou se adormecia regaladamente sobre a enxerga mais convisinha da pipa do Collares. Bem de estomago, melhor d'algibeira, e optimo de consciencia, Bonifacio entendia que já na terra saboreava o céo das boas acções.

Emfim, recolheram-se as roldas e sobre-roldas, por que D. Francisca teve aviso da volta de Jorge á Covilhã. Então cuidou ella que o filho desenterrára o cofre logo na primeira noite da entrada em Lisboa. Mandou que se interrogassem os pedreiros sobre se algum desconhecido penetrára a quinta n'a-

quella noite. Contou um pedreiro que estivera fallando com dous homens embuçados, e referiu algumas perguntas que um d'elles lhe fizera. Isto bastou a considerar-se lograda irremediavelmente D. Francisca. Abrasaram-na chammas de rancor ao filho e á memoria do pae. Insultou o marido que meigamente a consolava. Solicitou de novo, para a captura do filho, ordens absurdas que Diogo de Barros contraminava. Passou-lhe pelo espirito revolvido em infernos de impotente vingança denunciar o filho á inquisição como renegado e circumciso por amor de Sára.

Na cogitação d'este projecto, cuja protervia não ultrapassa os limites logicos da vingança n'alma desmoralisada, salteou-a castigo da visivel Providencia.

Filippe corria amores no mosteiro de Odivellas com uma religiosa de familia muito illustre de Lisboa, senhora desempoeirada e voluntariosa que trazia o convento em descredito e as superioras consternadissimas. Os gemidos da virtude escandalisada já tinham chegado ao paço. Pedro II, depois do fallecimento de sua segunda mulher, cahira em si, se não é mais exacto dizer que o demonio do remorso lhe cahira ás cavalleiras. Como quer que fosse, o rei fez-se beato, amicissimo de frades ascetas, zeloso guarda das leaes esposas do Senhor, e desaffeiçoado ás infieis. Os queixumes da prelada de Odivellas commoveram-no e irritaram-no contra a freira e contra

o filho do contador-mór. Chamou á sua presença os paes d'ambos os delinquentes: o da freira quiz desculpar-se com a pertinacia de Filippe de Moura Telles; e Placido de Castanheda fingiu que podia muito com o filho, e o desprenderia para sempre dos criminosos affectos.

Esteve alguns dias a religiosa fechada como em prisão nos seus luxuosos aposentos; e Filippe, reprehendido pelo pae, transigiu por algum tempo com a vontade do rei, e rogos carinhosos da mãe.

Por ventura, o amarem-se muito, e a condição inflexivel de ambos, fez que reincidissem, volvido um mez, nas mesmas imprudencias de colloquios nocturnos, já não insuspeitos de escalada. Foram outra vez á ourela do throno as lagrimas da communidade levadas por fr. Manoel de S. Placido, da ordem terceira, muito querido do rei [1].

Pedro II mandou prender no Limoeiro Filippe de Barros, e remover a religiosa incorrigivel para um convento da Beira.

O valimento do contador-mór, e instancias de D. Francisca Pereira com parentas donas de honor, conseguiram a liberdade de Filippe, sob condição de não mais inquietar a freira.

[1] A este frade dizia Pedro II, no ultimo dia de vida, cinco annos depois: «Amigo, encommende-me a Deus, que n'esta hora se conhecem os amigos, e lembre-se de pedir da minha parte perdão á ordem terceira das omissões que tive em a servir.» Que reis e que frades!

Estas cousas tinham passado nas tres semanas anteriores á ida de Jorge a Lisboa, e no entanto o conde de S. Vicente, pae da religiosa inflexivel, conseguiu leval-a da Beira para o mosteiro de Chelas.

Eram amores mal-sorteados aquelles!

Filippe, sem resguardo dos irmãos d'ella, homens de pundonor e já fatigados de aquinhoarem do descredito da irmã, apparecia em Chelas, esporeando o folheiro cavallo, cortejando a dama que lhe fazia os costumados signaes, e deixava cahir bilhetes esperançosos de mais felizes encontros.

Avisada a familia da freira, sahiram para Chelas os dous irmãos, que serviam grandes postos no exercito. Um d'elles afastou-se da estrada para não serem dous os aggressores; o outro sahiu de frente a Filippe de Barros, e levou da espada, assim que Filippe se deu ares de acommettel-o. A pugna foi rapida, e funestissima para o filho de D. Francisca Pereira. O estoque saltou-lhe da mão, ao tempo que a espada do contendor lhe ensopava em sangue os rufados da gorgeira.

Era ao cahir da tarde, quando D. Francisca scismava em denunciar Jorge á inquisição, e recebia a nova de estar seu filho Filippe morto na asinhaga de Chelas.

Era de lama petrificada a alma d'aquella mulher! Em vez de dobrar o pescoço debaixo da mão da Providencia, rompeu em blasphemias que as mas-

morras da inquisição nunca tinham ouvido dos israelitas postos a tormento.

Placido de Castanheda de Moura foi queixar-se ao rei. Pedro II, ouvidas as exclamações do contador-mór, disse-lhe seccamente:

— Ide queixar-vos perante os juizes, que não sou eu ministro das leis. Se tivesseis uma filha, e um libertino vol-a andasse deshonrando, e vossos filhos matassem o libertino, e o pae d'elle aqui viesse queixar-se como vós, mandal-o-hia, como vos mando, requerer vossa justiça onde cumpre. Matar só Deus: castigar matadores só a lei. Pedro I, o justiceiro, não sei se vos faria tanta honra como eu. Vosso filho, segundo estou informado, não prestava para nada. Além de que, acrescentou o rei, quem viu morrer vosso filho?! Como sabeis que o mataram os filhos do conde de S. Vicente?

— Elles foram, senhor, que já o haviam ameaçado — respondeu timidamente Placido.

— Ameaças não provam: e de mais, vosso filho mal fez em desprezar o aviso, e vós mal fizestes em desattender as minhas reflexões.

O sobr'olho de Pedro II impunha silencio. O contador-mór genuflectiu com a perna direita, arqueou-se como se agradecesse uma mercê, e sahiu, ás recuadas, consoante o ceremonial, da presença do rei mal assombrado.

O irmão d'Affonso VI não perdoára aos descen-

dentes de Luiz de Barros, o qual, desde a prisão d'aquelle singular desgraçado, nunca mais pisára tapetes do paço, nem mais quizera encarar no incestuoso verdugo do seu rei.

Os homicidas chegaram impunemente á presença de Pedro II. Os corregedores, e quantas garnachas decoravam o templo da justiça, não tinham que vêr com os filhos de Bernardo de Tavora, general de batalha, conde de S. Vicente.

N'aquelles tempos de tanta saudade, para os pregoeiros das *virtudes de nossos antepassados,* casos de homicidio, denegridos por mais atrozes circumstancias do que a morte do filho do contador-mór, se executavam com analoga e mais escandalosa impunidade. Aqui vem de molde referir um successo, que não prende com este romance, e todavia dá a medida da força das leis em antagonismo com a força bruta dos pulsos fidalgos.

Seis annos depois do periodo em que vai correndo esta narrativa, já quando os esplendores de D. João V alumiavam mais os espiritos, passou o caso seguinte, referido pelo cavalheiro de Oliveira [1]:

« Um corregedor guardava uma porta da igreja da casa professa dos jesuitas, quando alli se celebrava grande festividade. Sómente o rei havia de entrar por aquella porta. Chegaram aqui o marquez das Mi-

[1] *Amusement périodique.* Lond. 1751. Vol. 2.°, pag. 149.

nas e o conde da Atalaya; mas o corregedor com razão lhes vedou o passo. Insistiram elles, dizendo ao ministro que as ordens recebidas não podiam entender-se com pessoas de sua esphera. Redarguiu o corregedor que as ordens ninguem exceptuavam, e por tanto, sem que o rei entrasse, não podia elle permittir que entrasse quem quer que fosse. Aquelles senhores podiam entrar por outras portas francas a toda a gente. Não obstante, obstinadamente exigiram do corregedor uma distincção que elle não podia dar-lhes sem transgredir os deveres... Os dous fidalgos, depois de o terem insultado, passaram ás ultimas. O conde da Atalaya deu com o chapéo na cara do corregedor, e o marquez das Minas traspassou-o com a espada, e matou-o. Em seguida cavalgaram, e sahiram do reino. O marquez das Minas *foi perdoado e voltou ao reino* [1].»

Crê o leitor que, não obstante o perdão, o mar-

[1] O cavalheiro de Oliveira não designa o tempo de expatriação do marquez das Minas, conde do Prado. Deviam ser dez annos, segundo a sentença manuscripta de que dá noticia o snr. Innocencio Francisco da Silva, a pag. 233 do 7.º tom. do Dicc. Bibliog. Diz assim: «Sentença da Relação de Lisboa, contra os condes do Prado e da Atalaya por matarem publicamente o corregedor do Bairro-Alto no exercicio da sua authoridade. O primeiro, tendo-se evadido, foi justiçado em estatua; o segundo condemnado a degredo por dez annos, e ambos em multas pecuniarias.» Creio que ha equivoco na transcripção da sentença. O queimado em estatua foi o conde de Atalaya, que, no dizer do cavalheiro de Oliveira, morreu furioso em Vienna, depois de ter militado no exercito do imperador de Austria. Em quanto ao marquez das Minas presume-se que lhe foi aligeirada a sentença, visto que o citado Oliveira diz que obteve perdão e voltou a Lisboa.

quez das Minas passaria o restante da vida sequestrado das graças do monarcha e da convivencia das pessoas de bem? Não faça juizos temerarios o leitor: o marquez das Minas recebeu o indulto, e ao mesmo tempo o bastão de general.

Já vimos a justiça dos homens: agora vejamos a da Providencia. Servia no exercito portuguez um castelhano chamado D. Juan de la Cueva, que não dava *excellencia* ao seu general, marquez das Minas, sem que este lhe désse *senhoria*. Ora, o marquez, assassino do corregedor, — diz o cavalheiro de Oliveira — era soberbo e arrogante. Um dia, ao intardecer, sahia elle da portaria da congregação de S. Filippe Neri, a tempo que desgraçadamente *Juan de la Cueva* ia entrando. Cortejou elle o marquez que lhe não deu a pretendida *senhoria,* e por isso *de la Cueva* lhe não deu *excellencia.* O general grandemente irritado, levantou o bastão e proferiu palavras ameaçadoras. *De la Cueva,* sem lhe dizer palavra, traspassou-o com a espada. O marquez não tugiu nem mugiu: quando cahiu por terra, já ia morto. O padre, que o acompanhára até á portaria, e era confessor d'elle, apenas teve tempo de lhe apertar a mão. *D. Juan de la Cueva* pôde escapar-se, e refugiou-se em Hespanha [1]. »

Na jurisprudencia divina a justiça mais seguida é a pena de Talião.

[1] *Amusement.* 2.º v. pag. 147 e 148.

CAPITULO XIV

D. Francisca Pereira cahiu a final extenuada. O esbravejar da raiva prostrou-a. O rancor ao filho Jorge declinou mais assanhado sobre os filhos do conde de S. Vicente. As pragas, que ella jurou sobre aquella familia, tão prospera nos reinados de Pedro II e João V, cuidaria ella que se empregaram, cincoenta e tres annos depois, na familia Tavora, se podesse antever os cadafalsos, e o esquartejamento e as labaredas, na praça da Junqueira!

Mas a neta de Leonor Telles não se contentaria com prever a morte affrontosissima dos descendentes do homicida. Mãe, a um tempo extremosa com aquelle filho, e ferina de coração, pedia a brados vingança prompta e estrondosa. Era-lhe incomportavel

agonia não ter filho que ousasse affrontar-se com os Tavoras, por que o afeminado Garcia attendia seriamente a conservar-se, e mandar á posteridade sua raça na pessoa de seus descendentes.

Esqueceu-se, pois, da teia que andava urdindo contra Jorge; ou, a não esquecer-se, reservou a postêma para supuração mais opportuna.

E, entretanto, o hospede de Simão de Sá planeava ganhar sua vida, fundamentar alguma base de negocio ou industria com o dinheiro que seu avô lhe tinha mandado tirar das gavetas do contador. O israelita desviava-o de misteres incompativeis com o seu nascimento, offertando-lhe dos seus haveres o necessario para socegadamente esperar monção de tomar conta assim do thesouro, como do patrimonio advindo por morte de pae ou mãe. Esta generosidade não o demoveu; todavia, Jorge de Barros, combatido pelo espirito de raça, ao qual as idéas do tempo o avassallavam, projectou ir fóra de Portugal, e, a salvo da critica, mercadejar ou estabelecer officinas, entregando a mordomia do seu trafico a Antonio Soliz.

Simão de Sá tinha em Amsterdam parentes, uns fabricantes de estofos, e outros typographos abastados, bisnetos de judeus que, em tempo de D. Manoel, João III, e do cardeal-rei, para lá tinham fugido ao latrocinio, á violação de suas filhas, e ao fogo. A intercessão de seculos e da longitude não bastára a romper os laços de sangue entre os hollandezes, que

fallavam da patria de seus avós com a herdada saudade de seus paes, e os Sás da Covilhã, que davam conta aos outros do infortunio desesperançado dos israelitas portuguezes. Jorge tencionava, por tanto, ir morar em Hollanda, levando recommendações para os hebreus poderosos de Amsterdam.

Sára escutava com oppressivo silencio estas deliberações, e não ousava perguntar a Jorge qual seria depois o seu destino d'ella. E o moço, ao contemplal-a assim triste e calada com sua immensa dôr, entre-abria-lhe n'um sorriso uns vagos lampejos de luz de bemaventurados, que ella não sabia explicar-se nem perguntar.

Um dia, duas semanas antes da projectada viagem, Jorge recolheu-se com Simão de Sá e Sára á livraria, em que o mais das horas lhe fugiam entretidas e desassombradas de penosas cogitações.

A judia não desfitava os olhos d'elle, em quanto os labios se não abriram com estas palavras:

— Meu bom amigo, eu affiz-me a olhar em Sára como em suas filhas. Como filha a encontrei querida e estimada n'esta casa. Aqui a respeitei como a tinha respeitado sob o tecto protector da casa de meu avô, onde ambos nos creamos. Dito isto, snr. Simão de Sá, eu não pergunto a Sára se me ella quer dar a sua vida como sei que me ha dado o coração; a vossa mercê pergunto se lhe praz o nosso casamento.

Sára ergueu-se sobresaltada com as mãos erguidas, desatando dos labios um ai, já quando as lagrimas lhe tremiam nas palpebras. Simão foi de encontro ao peito de Jorge, e abraçou-o com vehemencia de arrebatada alegria. Depois, desprendido dos braços de Jorge, tomou Sára pela mão, levou-a ás mãos do mancebo, e disse-lhes muito commovido:

—Sois dignos um do outro; e eu, pelo muito que vos quero, e pelo muito que a Deus tenho pedido boa sorte para vós, digno sou tambem d'este contentamento.

Jorge continuou, largando as mãos de Sara:

—A ti me ligo, pobre menina, porque te quero muito, e vi que a nobre alma de meu avô te considerava como se te houvesse destinado para minha mulher. Porém, se menos te amasse, Sára, ainda assim te diria: sê minha esposa, pelo que tens padecido; aceita-me esta remuneração dos involuntarios perigos em que arrisquei tua vida. Minha mãe queria-te morta, dôce creatura que Deus defendeu da ira de uma mulher, cujas entranhas, assim que eu nasci, ficaram para mim cheias de peçonha. Deus me defendeu a mim com o anteparo de meu avô, porque a Providencia de christãos e israelitas viu que ambos nós eramos injustamente perseguidos. A perseguição dá-nos tréguas; mas voltará mais assanhada talvez: confiemos na protecção do alto. Agora, em quanto a tempestade se está formando, fujamos

para algum remanso. Vaes commigo para Hollanda; serás o amparo e estimulo de minhas forças, quando a desgraça as quebrantar. Nasceste no trabalho, serviste ingratos, endureceste o teu seio na peleja contra a dureza do teu destino. Não estranharás a pobreza, quando ella chegar. Estás contente, Sára?

— Snr. Jorge! abençoada seja a sua resolução! abençoada e perdoada seja sua mãe, que me preparou esta alegria! — exclamou Sára com transporte, beijando-lhe as mãos. E Jorge atalhou-a:

— A nossa união será feita com o ritual catholico. O meu espirito não está preoccupado de religião nenhuma; todavia, a mesma razão d'uma quasi indifferença, faz que eu não passe da religião com que me crearam para outra, cujos dogmas me não convencem. O casamento, como sacramento, já póde muito sobre a consciencia: é um habito que assumiu as proporções de consagração e identificação de duas vidas n'uma. Desejo, por tanto, que nos ligue o sacerdote catholico: qualquer outra ceremonia seria superflua, se o snr. Simão de Sá pensa que o ceremonial mozaico é indispensavel ao casamento.

— Não, snr. Jorge — disse Simão — o Deus de israelitas e christãos me livre de contrarial-o. Respeitemos reciprocamente a nossa fé. Minha filha Judith vai tambem ligar-se a meu sobrinho Eliakim. Hãode ir ao templo dos christãos, porque n'essa conta são tidos; depois, hãode ligar-se conforme o

ceremonial da benção judaica; mas meu sobrinho e minha filha seguem rigorosamente a lei mozaica. Se o snr. Jorge consente, eu farei que as duas allianças se celebrem no mesmo dia, e será depois testemunha da benção nupcial da minha Judith, segundo o ritual hebreu.

Jorge aceitou alegremente o convite. Entregou a Simão a certidão do baptismo de Sára; e, voltando-se á jubilosa menina, disse:

—Lembras-te de meu avô quando na pia baptismal te poz a mão na fronte?

—E o snr. Jorge segurava nas mãos a corôa de Maria, mãe de Christo...—recordou ella.

—Quem então diria!...—balbuciou o moço.

—Eramos tão pequeninos então!...—volveu a judia—o snr. Jorge sentava-se ao pé de mim, quando me via chorar com saudades de minha mãe, e dizia-me: «anda brincar commigo, que eu peço a meu avô.» Outras vezes, ia dizer áquelle santo velho, que está na gloria dos justos, que eu estava a perguntar se minha mãe tinha morrido no auto da fé. O snr. Luiz de Barros mandava-me chamar para ao pé de si, e distrahia-me com meiguices, que eu agradecia com lagrimas...

—Não recordes, atalhou Jorge, que eu ainda não tenho coração que sem torturas escute fallar de meu avô. O futuro, Sára, o futuro! Sejamos dignos da benção d'aquelle santo homem.

CAPITULO XV

Celebraram-se as nupcias de Jorge de Barros e Maria de Carvalho. Causou estranheza o successo aos fidalgos da Covilhã, porque o acto foi publico. O enlace de mancebo da primeira nobreza com uma christã nova era caso singular, desde que D. Manoel desprestigiára a riqueza dos hebreus, roubando-lh'a com a vida. Não acontecia assim na época em que os israelitas se nobilitavam em Portugal, á semelhança d'um Moisés Navarro que instituiu em Santarém um dos maiores vinculos do seculo XIV com permissão de D. Pedro I.

Assim que a noticia soou fóra do templo, metteu-se logo a caminho um portador para a Guarda, e d'aqui para Lisboa cartas avisando D. Francisca Pereira Telles do despejo, senão apostasia, do filho.

Á hora, porém, em que a fidalga devia receber a nova, já Sára e seu marido teriam no mar alto a defeza das ondas, levantadas entre o seu amor e o paço dos Estáos [1].

Como se disse no capitulo anterior, Simão de Sá destinou que, no mesmo dia, se casassem sua filha Judith com Eliakim. Como simulados christãos, os noivos receberam as bençãos do padre catholico, e foram depois secretamente rivalidar sua união segundo o ritual judaico.

Jorge era já como da familia, bem que não praticasse o mozaismo. Foi-lhe permittida a assistencia ao acto, que elle ardentemente desejava presenciar.

— Para satisfazer-lhe completamente a sua curiosidade — disse Simão de Sá — convem referir-lhe as ceremonias que já precederam esta final ceremonia do casamento. Ha seis mezes que meu sobrinho Eliakim entrou n'esta casa, e, em presença de testemunhas, disse a minha filha: *Sê minha mulher*. Ao mesmo tempo deu-lhe um annel, ceremonia que aboliu a outra mais antiga de uma moeda de indeterminado valor. Depois, meu sobrinho dotou minha filha, por que entre nós as mulheres não podem levar aos maridos dotes consignados em escripturas. Assim que os noivos reciprocamente consentiram, o rabbino proferiu uma breve oração em louvor de Deus que per-

1 O paço dos Estáos, onde hoje está o theatro de D. Maria, foi o tribunal do santo officio.

mittiu o casamento e prohibiu o incesto. Os mancebos e donzellas, que assistiram a este acto, lançaram ao chão as bilhas que trouxeram, quebrando-as, como presagios de abundancia e prosperidade. Os esposos beberam depois algumas gotas de vinho d'uma taça commum, e quebraram-na tambem. Quer isto significar a communidade e fragilidade dos bens da fortuna. Eis-aqui o que, ha seis mezes, se passou. Agora, verá o restante. Como não temos synagoga, as ceremonias fazemol-as em casa.

Conduzido, depois d'esta breve narração das precedentes ceremonias, a uma sala luxuosamente decorada com antigos adornos, que deviam ter sido de templos anteriores á perseguição, viu Jorge de Barros entrar a noiva scintillante de pedraria, debaixo d'um docel, arvorado por quatro mancebos. Todas as pessoas, que estavam na sala, á entrada de Judith, disseram: *Bemdita seja quem chega* [1]. Em seguida, accenderam cirios, rodearam a noiva, e cantaram uma suave e afinadissima melodia. Depois, a esposa fez tres giros em redor do esposo, em virtude de Jeremias ter dito: *a mulher rodeará o homem*. Assim que ella parou, Eliakim deu duas voltas em redor de Judith.

Os circumstantes, logo depois, espargiram alguns grãos de trigo sobre os esposos, exclamando: *cres-*

[1] Jer. c. 31, v. 22.

cei e multiplicai-vos, em quanto Simão de Sá semeava n'um vaso de terra algumas d'aquellas sementes, para depois, desabrochados os grãos, os levar aos esposos como symbolo de prompta propagação.

Collocou-se a esposa á mão direita do marido, porque o psalmista disséra: *tua mulher está á tua direita* [1]. Voltou-se ella para o lado do meio-dia, e cobriu-se com um manto chamado thaled, do qual tambem se cobriu o esposo, porque Ruth disse a Booz: *Estende o teu manto sobre a tua serva.* O rabbino tomou um copo de vinho, e offereceu-o a Eliakim, bemdizendo o Senhor porque creou o *homem e a mulher, e defendeu o incesto e ordenou o matrimonio.* Eliakim bebeu d'aquelle vinho, deu um annel sem pedra a Judith, e disse-lhe: *Eis que és minha esposa, conforme o rito de Moisés e de Israel.* Repetiu-se a offerta do vinho á esposa por um gomil estreitissimo, visto que era donzella. Se fosse viuva, a bocca do gomil devia ser mais ampla. Em quanto os assistentes entoaram seis bençãos, os esposos beberam, e lançaram fóra o vaso, em signal de alegria e abundancia.

Seguidamente, passaram á mesa onde estava posto um primoroso jantar. O primeiro prato servido a Judith foi uma gallinha e um ovo. Assim que a noiva provou da gallinha, trincharam-na e repartiram-

[1] Ps. c. 45, v. 10.

na pelos convivas. N'este ponto, Simão de Sá pegou do ovo, sorriu-se, e riram todos, excepto Jorge.

— Sabe o que este riso quer dizer, snr. Jorge? — perguntou Simão.

— Não sei.

— É que a praxe manda que se atire o ovo ao nariz do christão que assistir á ceremonia.

— Em tal caso — tornou Jorge — não quebrantem o ritual. Aqui lhe offereço o nariz.

— Está dispensado — disse Judas Ben Tabbay, o rabbino que viera de Bragança celebrar o casamento.

Durante o jantar, cantaram-se sete bençãos.

Ao anoitecer, dous hebreus de idade, denominados *paranymphos,* conduziram os esposos ao seu aposento.

Assim findaram aquellas ceremonias. Havemos de alcunhal-as de ridiculas, quando expurgarmos a nossa religião d'outras que sobreexcedem aquellas em ridiculez.

PARTE SEGUNDA

CAPITULO I

Desde 1701, anno em que Jorge de Castanheda de Barros casou, até 1712, resumiremos os factos contingentes á nossa narrativa, poucos e de mediano interesse.

D. Francisca Pereira, sabedora do casamento do filho, pulou enfurecida como se lhe espremessem fel e vinagre na chaga da outra maior punhalada.

— Um filho assassinado, e outro judeu! — exclamava ella — E eu sem marido, nem parentes que me vinguem!

Estes brados iam espedaçar o marido, que cahira enfermo e aborrecido da vida, assim que reconheceu impossivel vingar-se dos Tavoras, e grangear a benevolencia do rei. Excruciavam-n'o, ainda por cima de suas dôres, os despropositos iracundos da

esposa que, a cada hora, lhe chamava homem de lama, e pae sem entranhas nem pundonor.

Placido de Castanheda de Moura em meado do anno de 1703 já não vivia. Aquelle homem enervado pelo servilismo aos caprichos da mulher, não teve, em fins de vida, vigor d'alma com que reagir aos empuxões da adversidade que o atiraram á sepultura. Acabou sem lagrimas de ninguem, a não serem as de Jorge, que recebeu a triste nova em Amsterdam. D. Francisca ficou bastante rica para não lastimar a perda do rendoso officio de seu marido. Garcia de Moura Telles, engolfado nas delicias sordidas d'uma vida destragada, não tinha tempo de carpir a morte do pae, que elle nunca respeitára nem amára.

Recebeu a viuva novas informações da Guarda. Noticiavam-lhe a expatriação de Jorge com a mulher. Com esta noticia, convenceu-se D. Francisca Pereira de que Jorge levára o thesouro da Bemposta, e sahira para o estrangeiro a gozar-se de uma rica independencia.

Em 1704, Garcia casou, contra vontade de sua mãe, com uma mulher de condição humilde e reputação mareada. Garcia ensenhoreou-se na administração dos vinculos paternos, e separou-se da mãe, injuriando-a. Pouco depois, como o palacete em que ella morava, pertencia aos vinculos do pae, obrigou-a judicialmente a despejar. D. Francisca, esmagada,

mas ainda vivaz como os fragmentos da serpente, começou a vingar-se dos filhos, desbaratando a sua meação e vinculos, em toda a casta de desperdicios, sem que a idade a embaraçasse de ganhar fama de acabar deshonesta como começára sua vida de esposa. Aos cincoenta e dous annos, D. Francisca Pereira passou a segundas nupcias com um sujeito de meia idade, filho sacrilego do bispo de Leiria, D. Fr. Joseph de Lencastro. Este bispo era irmão do cardeal D. Verissimo de Lencastro, e seu successor nas honras de inquisidor geral.

Christovão de Lencastre, marido de D. Francisca, mediante o valimento de seu pae, conseguiu o elevar-se a lugares importantes. Presume-se que a viuva de Placido de Moura encontrou n'este segundo o vingador do primeiro marido. O filho do bispo galanava em pompa de librés, carroças e arreiamento de cavallos; todavia, ao par com elle ninguem vira a mulher. Diziam que a má filha, má esposa e peor mãe expiava, na soledade da sua camara, desprezada dos seus proprios criados e escravos.

Entretanto, Jorge de Barros, Sára, e o escudeiro Antonio Soliz gozavam contentamento, socego e prosperidades em Amsterdam. O velho, mordomo dos cabedaes de seu amo, aventurára tambem os proprios no commercio da navegação, que os judeus portuguezes e hespanhoes tinham ensinado em gran-

de parte aos hollandezes [1]. Abalançaram-se a maiores emprezas, todas afortunadas. Jorge, deixando a mercancia á responsabilidade e perspicacia de Soliz, repartia seu tempo entre as alegrias domesticas e a convivencia com os hebreus doutos da peninsula, que tranquillamente escreviam, philosophavam e doutrinavam em Amsterdam. Fez-lhe grande estranheza a distancia a que viviam dos outros judeus os israelitas desterrados de Portugal e Hespanha. Hebreu portuguez que recebesse como esposa uma judia allemã, era logo expulso da synagoga, excluido de todos os encargos ecclesiasticos e civis, e nem sepultura lhe concediam entre os portuguezes.

Indagando a causa d'esta divergencia entre membros d'uma mesma nação, perseguidos pelo mesmo odio, soube Jorge que os hebreus portuguezes e hespanhoes se tinham em conta de representantes da tribu de Judá, a mais nobre das tribus, enviada á Hespanha, no tempo do captiveiro de Babylonia [2].

Como quer que fosse, os judeus portuguezes eram os melhormente conceituados e respeitados em Hollanda. No correr de dous seculos de sua residencia n'aquella paragem, apenas se citava raro exem-

1 Veja as cartas de Izaac Pinto, analysando *Voltaire; Lettres d quelques juifs par l'abbé Guinée.* Paris, 1817.

2 Veja as cartas citadas de Izaac Pinto, e a *Historia dos judeus, desde J. Christo até ao presente.* Paris, 1710.

plo de judeu portugúez punido por alguma malfeitoria.

Em Amsterdam frequentava Jorge de Barros as familias dos Nunes, Ximenes, Teixeiras, Prados, Pereiras, e outras d'onde, volvidos annos, sahiram o barão de Belmonte, ministro de Hespanha em Hollanda, D. Alvaro Nunes da Costa, ministro de Portugal, Machado, que mereceu a privança d'el-rei Guilherme, o barão d'Aguilar, thesoureiro da rainha de Hungria, e muitos outros hebreus, d'onde procedem familias hoje illustres em titulos e riqueza [1].

Ainda então se fallava em Amsterdam com muita reverencia de Izaac Aboar da Fonseca, judeu nascido em Castro d'Aire e fallecido em 1693; e do famigerado rabbi portuguez Menassés ben Israel, com os quaes o padre Antonio Vieira se comprazia de suscitar questões theologicas, em que ambos, como prégadores e maiores da synagoga, se distinguiam entre os discipulos do celebrado Gabriel, ou Uriel

[1] Este barão d'Aguilar tinha sido o arrematante do contracto do tabaco em Portugal, d'onde fugira com um grande roubo, se é verdade o que diziam os inquisidores. No roubo foi prejudicado D. João v, cuja era a renda do tabaco, se tal roubo se fez. Diogo de Aguilar negava-o — o que não admira, — e dizia que se salvára a tempo da fogueira. Carlos vi, imperador d'Austria, fez-lhe mercê do titulo de barão, em paga do muito a que elle fez subir a renda do tabaco nos paizes hereditarios de s. m. imperial: « titulo, diz o cavalheiro d'Oliveira, que elle sustenta com honra e dignidade (1751) » E acrescenta: «Se elle fosse menos soberbo de suas riquezas e alturas, seria mais estimado do que é d'aquelles que lhe conhecem a procedencia. » *Amusement périodique*. T. 2. pag. 380.

da Costa, hebreu nascido no Porto, e d'aqui expatriado em 1612[1].

Sára encontrou parentes na Haya, descendentes dos irmãos de seus bisavôs, e d'estes soube que existiam outros no Rio de Janeiro, appellidados Silvas, um dos quaes, João Mendes da Silva, advogava n'aquella cidade com grandes creditos. Abriram as duas familias correspondencia amiudada. Sára admirava as cartas discretas e instructivas de sua parenta Lourença Coutinho, mulher do advogado Silva.

As familias de Silvas e Coutinhos, no meado do seculo XVI, tinham emigrado para a Hollanda; e, no reinado de D. João IV, rehavido do novo mundo o territorio usurpado pelos hollandezes, passaram ao Rio de Janeiro, fiados no privilegio de inviolabilidade com que os governos portuguezes angariavam população para aquellas colonias americanas.

Lourença Coutinho convidava instantemente Sára a transferir-se ao Brazil; porém, Jorge contente da mediania de seus recursos, e do tracto dos hebreus com quem affectuosamente se dava, desconvencia sua mulher do desejo de passar ao novo mundo.

Algumas vezes, a imaginação de Jorge de Barros desferia um vôo alto, para longe, e baixava so-

[1] Suicidou-se em 1645 aproximadamente. Pertencia á escóla dos saducceus, e d'ahi se lhe originou a perseguição, o desgosto e a morte.

bre aquelle Neptuno da quinta da Bemposta. Lia o catalogo, que o avô lhe déra dos valores encerrados no cofre, e, apesar do desprendimento de ambições, inquietavam-no desejos de possuir uma riqueza, que podia ser fortuna para muitos netos de portuguezes que pobremente divagavam pela Europa. «Quem sabe, dizia elle entre si, em que mãos cahiu o thesouro! E' impossivel que a rainha D. Catharina conservasse aquelle tanque e a estatua grosseira do Neptuno.» A estas incertezas respondeu Simão de Sá com uma carta datada em Janeiro de 1706.

Dizia-lhe que a rainha da Gran-Bretanha morrêra de colica no palacio da Bemposta em 31 de Dezembro do anno findo, e que elle, por estar n'essa occasião em Lisboa, intencionalmente fôra ao palacio com o pretexto de assistir aos responsorios cantados na magnificente capella que D. Catharina edificara no palacio. Ajuntava Simão de Sá que, depois do sahimento do cadaver para Belem, se ficara conversando com um criado ordinario da defunta ácerca das obras que a virtuosa senhora mandara fazer n'aquelle palacio tão pouco tempo gozado. E, como a pergunta viesse a molde, inquiriu elle do attencioso criado, como quem conhecêra a quinta em antigos tempos, se um tanque em que havia uma estatua, havia sido reconstruido. O criado respondeu que não, porque a senhora rainha gos-

tava muito de ir sentar-se á beira do tanque por ser sitio de muitas sombras e frescura.

— Mas então — tornou Simão de Sá — a estatua, que estava em secco, torna a deitar agua pela bocca?

— Não, senhor. Sua magestade, quando o architecto das obras quiz repuxar a agua, disse que não bulisse no que estava, porque era feia cousa a bocca do Neptuno a servir de bica; e, além d'isso, a queda da agua no tanque a distrahia das suas orações e lhe molestava a cabeça.

Não obstante, Simão de Sá receava que D. Pedro II, herdeiro da irmã, continuasse as obras, e apeasse o Neptuno.

Como quer que fosse, o cofre existia ainda. Jorge de Barros entreviu a possibilidade de havel-o ainda, e mais facilmente, quando o palacio da Bemposta estivesse desabitado.

No fim do anno de 1706, Jorge de Barros deliberou viajar com sua mulher, adoentada gravemente pelos ares da Hollanda. Aconselharam-lhe regiões quentes, e nomeadamente o Brazil. Foi já saude para Sára a alegria de ir vêr a sua parenta Lourença Coutinho; a qual, na ultima carta, lhe dava a fausta nova de ter salvado a vida ameaçada do seu terceiro filhinho.

Antonio Soliz ficou em Amsterdam, curando do negocio de seu amo.

Em Março de 1707, já Sára e seu marido esta-

vam hospedados no Rio de Janeiro em casa de João Mendes da Silva, pessoa de teres e consideração, muito lido em leis, apparentando fervor de catholico, nas devotas poesias em que exercitava a musa enfastiada dos autos; e em consciencia mais philosopho, mais spinosista que judeu. As delicias de Lourença eram os seus tres filhos André, Balthasar, e o mais novo dos tres, Antonio que tinha dous annos. Das poesias do marido ria ella como sincera judia que era.

Sára, sedenta da felicidade de mãe, afagava o gracioso Antoninho, confessando o pesar de não ser d'ella, e a inveja que a sua amiga lhe fazia com tres lindos meninos.

—Se eu tivesse uma filha, — dizia Sára a sua prima — desde já nos compromettiamos a fazel-a esposa do teu Antonio.

—Ainda estás muito em tempo de entrar commigo em contracto — dizia Lourença — Tens vinte e seis annos, Sára. As mulheres querem-se mais novas que os maridos. Se, dentro de dez annos, fôres mãe d'uma menina, a tua filha será minha, quando tiver quinze annos, e o meu Antonio será teu. Estamos comprommettidas por juramento?

—Sim, prima — assentiu alegremente Sára — Póde ser; não póde, Jorge? — perguntou ella com adoravel lhaneza ao marido.

Jorge sorriu-se, e o doutor João Mendes festejou a pergunta com uma boa gargalhada, que tingiu de purpura o rosto de Sára.

CAPITULO II

Recobrára-se de vigor a esposa de Jorge de Barros. A vida no Brazil era-lhe mais divertida e variada. O marido cogitava em transferir para o Rio de Janeiro o seu negocio, e o velho Soliz que era o afortunado director de todas as emprezas. N'este proposito, escrevia aos seus amigos de Amsterdam, quando recebeu a consternadora noticia da morte do seu Antonio.

O escudeiro legava ao neto de Luiz de Barros, padrinho e bemfeitor d'elle, todos os seus bens de fortuna, economias de cincoenta annos, e o capital que seu defunto amo lhe mandára entregar, acrescentado com os lucros do commercio. Os livros de razão deixára elle, com o deposito dos haveres, em poder d'um hebreu digno da confiança, a quem dera

dous abraços para os seus amos, quando voltassem á Hollanda.

Deu-se pressa Jorge em embarcar para a Europa, promettendo aos contristados Silvas voltar para o Brazil, tão depressa liquidasse a sua casa commercial.

No começo de 1709, Jorge de Barros dava sepultura honrosa ao seu escudeiro em Amsterdam, e tomava conta do negocio, no intento de o trespassar, e voltar cedo ao Brazil. Não alcancei, todavia, quaes embaraços lhe estorvaram a execução do intento. Por ventura, rogos d'amigos, transtornos mercantis, ou talvez esperanças de vir a Portugal diligenciar senhorear-se do thesouro o embaraçariam. O certo é que em 1711 Jorge demorava ainda em Hollanda, e n'este anno deu Sára á luz o primeiro e almejado filho, que foi uma menina, á qual pozeram nome Leonor, na pia baptismal. Escreveu Sára alvoroçadamente a sua prima Lourença Coutinho noticiando-lhe o nascimento da esposa de Antonio. Foi grande contentamento em casa dos Silvas; e d'uma parte e d'outra se ratificaram os juramentos com pueril solemnidade.

N'este decurso de quatro annos, por vezes recebeu Jorge de Barros noticias de sua familia de Portugal, por mediação do hebreu da Covilhã. Garcia de Moura Telles, ao passo que a mocidade das familias illustres do reino cercava Badajoz, ou morria

cortada das armas francezas em Xerez de los Cavalleros, ou assaltava valorosamente ciudad Rodrigo e muitas praças pugnacissimas, até assentar no throno Carlos III, contra as pretenções de Filippe de França: em quanto os brios lusitanos assim lampejavam os seus derradeiros clarões em época já tão apagada de crenças e afeminada por delicias, Garcia de Moura vivia em Lisboa vida de libertino, apodrentado de vicios, e apontado como exemplo de moços deshonrados e perdidos por mingua de pae, de mãe e de mestres. A mulher, com quem casára, fugindo os maus tractos d'elle, requeria divorcio, e levantamento do dote com que fôra nupcialmente dotada pelo inepto marido. Garcia, desprezando os processos judiciarios, contubernara-se com uma cigana, mulher de fascinações magicas, celebrada em Lisboa por sua belleza e artes diabolicas, por effeito das quaes alguns mancebos e velhos se tinham empobrecido.

D. Francisca Pereira, já tambem separada do filho do inquisidor geral, bebia gota a gota o fel que envasilhára para a velhice, apartada de parentes, opprobrio e irrisão da sociedade e dos salões, onde ella outr'ora entrava com o aprumo d'uma soberba vergontea de tronco real.

Jorge de Barros lastimava a rapida e desastrosa queda de tão proximos descendentes do respeitado contador-mór e amigo de D. João IV e Affonso VI. Enojava-o seu irmão e sua mãe; todavia, assomos de

piedade o impulsavam a salvar d'uma ignominiosa e desamparada velhice a creatura que lhe dera o ser. Dominou-se, porém, entendendo que as caridosas tentativas seriam inuteis, senão parvoas. De mais d'isso, sua mãe e irmão eram ainda ricos: elle é que trabalhava para viver, mercadejando, e emparelhando-se com gente de baixa extracção para ganhar o pão e decencia de sua familia.

Vacillava Jorge entre fazer-se de véla para o Rio de Janeiro, ou dar primeiro um novo assalto ao thesouro da Bemposta. Este desejo acommettia-o sempre que elle attentamente olhava sobre o annel de seu avô. Sára divertia-lhe o animo d'estas apprehensões, rogando-lhe que não expozesse sua liberdade e vida, agora que Deus lhe déra uma filhinha, um thesouro do céo ao pé do qual o thesouro da Bemposta era um caixão de vil pó.

Pôde muito com elle esta santissima poesia de mãe. Resolvido tinha finalmente passar ao novo-mundo com os seus bens já liquidados, quando um amigo do Rio de Janeiro, no principio de 1713, lhe escreveu noticiando-lhe a prisão de Lourença Coutinho e de seu marido, suspeitos de judaismo, e como taes remettidos a Lisboa ao santo officio. Dentro d'esta carta vinham duas linhas de Lourença para Sára. Diziam assim: «Apenas posso dizer-te que « vou presa para Lisboa com meu marido e os meus

« tres filhos. Deus me ampare e dê paciencia para « as torturas. Tua prima — *Lourença.* »

Rompeu Sára em altos clamores, quando isto leu. Jorge, alguns minutos aturdido e perplexo, sahiu do seu afflictivo recolhimento exclamando:

— Vamos para Portugal, que esta familia não tem lá ninguem que lhe valha. Agora, é um dever que nos sacrifiquemos. Sára. Vamos, que eu conto com amigos e parentes.

Na primeira embarcação que aproava ao Porto, vieram Jorge, e Sára com a filhinha de oito mezes nos braços. Do Porto jornadearam para a Covilhã, onde os recebeu surprehendido Simão de Sá. D'alli escreveu o hospedeiro israelita para Lisboa, pedindo que lhe noticiassem a chegada do navio em que vinham presas cinco familias do Rio de Janeiro.

Quando o navio chegou á barra de Lisboa, já, em casa de Diogo de Barros, estava Jorge. Sára prudentemente ficára na Covilhã, por vêr que os seus creditos no tribunal da fé não deviam ser melhores que os de Lourença Coutinho.

João v principiava o seu estupido reinado borrifando de sangue a mascara de hypocrita. Como estivesse doente d'uns flatos em 1760, foi o filho de Pedro II arejar-se na convalescença até Azeitão. Pernoitou em Coina, e foi ao outro dia visitar diversos frades, em companhia dos manos Francisco, Antonio, e Manoel, e do bispo capellão-mór D. Nuno da Cu-

nha de Athayde, homem de coração mau, figadal inimigo de hebreus e hereges, merecimentos que lhe ganharam em 1712 o barrete de cardeal e as insignias de inquisidor-mór, concedidas pelo santissimo papa Clemente XI.

João V sahiu do castello de Palmella, onde foi de visita, por tal maneira movido á conversão dos judeus — graças ás supplicas do capellão-mór, e ás de D. José Pereira de Lacerda, prior de S. Thiago, cuja cabeça da ordem era o designado castello — que logo alli prometteu ao diabo e a S. Domingos, disputar a um as almas que lhe lá cahiam, e ao outro a gloria de as içar á bemaventurança por meio dos guindastes e roldanas das torturas chamadas *da corda*.

Apontado n'este fervoroso voto, começou postergando vilissimamente os tractados solemnes que asseguravam aos hebreus das colonias brazileiras a inviolabilidade do asylo. A piedade puxava pelo animo do rei, que mais tarde fazia Mafra, ao mesmo tempo que violava o mosteiro de Odivellas, onde tinha, alli mesmo, paredes meias com o templo do Senhor, uma freira com filhos, bastante devassa para se não inquietar com a justiça de Deus e com o escandalo da communidade [1]. Assim foi que do po-

[1] D. João V, nos seus primeiros annos de amores com a religiosa bernarda, entrava no convento debaixo do palio. Diz a tradição que, uma vez, sahindo o rei de se entreter com a freira, ao despedir-se da prelada,

der secular partiram ordens para serem presos além do athlantico, e remettidos aos calabouços do Rocio, os portuguezes suspeitos de judaismo.

Quem denunciou a familia dos Silvas, e que motivo déra Lourença Coutinho para ser especialmente accusada de hebraismo? Não o dizem os muitos biographos francezes, italianos, brazileiros e portuguezes, que tem commemorado os infortunios d'aquella familia. Nem Barbosa, na *Bibliotheca Lusitana,* nem Sismondi na *Littérature du midi de l'Europe,* nem *Ferdinand Dinis,* nem João Manoel Pereira da Silva no *Plutarcho brazileiro,* nem Varnhagem, nem José Maria da Costa e Silva, nem Vegezzi Ruscalla na biographia d'*Il Giudeo Portughese.* Uma palavra enche esta lacuna: INFAMIA, que não ha nome ainda inventado com que dar em sombra uns longes da protervia da inquisição, d'aquelle braço ensanguentado que feria no rosto a honra de Portugal com o sceptro dos reis.

Achou Jorge de Barros, auxiliado pelos parentes, engenhoso expediente de fazer chegar ás mãos de João Mendes da Silva algumas palavras escriptas,

lhe dissera: « Que ides fazer agora? Vou, respondeu a prelada, com a communidade pedir em côro a Deus a saude de vossa magestade. » Estas palavras abalaram João v. Em consequencia do qual abalo, mandou elle construir uma casa com passadiço para o convento, a fim de evitar o escandalo de entrar pela portaria.

animando-o a confiar no valimento dos amigos. Lourença Coutinho reconheceu a letra, e disse:

— Temos aquelles bons anjos por nós.

Desembarcados, foram conduzidos entre quadrilheiros e chusma de plebe ao palacio dos Estáos. Lourença levava pela mão seu filho Antonio, que tinha então seis annos. André e Balthasar iam pela mão do pae, e choravam, muito aconchegados d'elle, circumvagando os olhos horrorisados.

Lourença, ás portas da santa casa, foi separada dos filhos e do esposo por dous familiares de boas palavras que a conduziram atravez de salões. João Mendes ficou no vasto pateo, rodeado dos filhos, o mais novo dos quaes chamava pela mãe lavado em lagrimas. O alanceado pae olhava como idiota sobre as creanças que se lhe cingiam com as pernas. D'ahi a pouco, João Mendes e os filhos receberam ordem de sahir, que estavam livres para o fazerem.

— E minha mulher? — perguntou o advogado.

— Está presa para ser interrogada.

— Interrogada em que? — tornou o afflicto marido.

— Ella o saberá — voltou mal encarado o familiar do santo officio — Vá com Deus, que não tem que fazer aqui.

Sahiu João Mendes por entre a multidão, que os soldados afastavam a murros e pontapés. Desviou-se das mãos do gentio, e quedou-se no coberto do

convento de S. Domingos, encarando na casa de lugubre aspecto em que lhe ficava a mãe de seus filhos. E chorava acariciando os meninos, quando um desconhecido se acercou d'elle, e lhe disse:

— É o snr. João Mendes da Silva?

— Sou esse desgraçado.

— Jorge de Barros espera-o. Siga-me, e entre na casa onde eu entrar. Não receie, que eu sou primo do marido de Sára; e anime-se que sua mulher tem protectores.

CAPITULO III

— Estou sem esposa? — exclamou João Mendes atirando-se aos braços de Jorge, que lhe não podia responder embargado pelos soluços — Os meus filhos estão sem mãe? perguntou ainda em afflictivo anceamento o advogado.

— Não, senhor, — respondeu o velho Diogo de Barros. Hade ter brevemente esposa, e estes meninos sua mãe. Não chorem, filhinhos, que a mãe não corre perigo.

— Não? — clamou João Mendes, querendo ajoelhar aos pés de Diogo de Barros. O velho susteve-o nos braços, e disse-lhe:

— Socegue: meu sobrinho lhe dirá que Diogo de Barros póde alguma cousa com o inquisidor geral Nuno da Cunha. Vou sahir. Escreva a sua esposa,

que as suas cartas hãode ser-lhe entregues, atravez de todos os embaraços.

Sahiu a fallar com o inquisidor o digno sobrinho de Luiz Pereira de Barros. No entanto, Jorge aquietou o terror do seu amigo e a inquieta consternação dos meninos com as esperanças de que o seu animo estava convencido. João Mendes quiz escrever a Lourença, mas o que tinha na alma para ella eram lagrimas inexprimiveis, angustias que lhe enturvavam a razão, gritos e não palavras, phrenesis que o faziam saltar da cadeira, e correr para os filhos em gemidos e gestos de mortal desesperação. Supplicava-lhe Jorge de mãos postas que fizesse um esforço para enfrear a sua agonia, lembrando-se da coragem com que seus avós tinham soffrido maiores dôres, os tormentos inexprimiveis da separação eterna de seus filhos, o espectaculo da violação de suas mulheres, o desvario horrendo de matarem ás proprias mãos as suas creancinhas.

Aplacava-se a intervallos a anciedade de João Mendes; mas o desesperar-se e carpir-se redobrava nas intermittencias, e então era o pedir elle a Deus lhe levasse os filhos para lhe não fallecer coragem de matar-se, quando sua mulher fosse condemnada á morte.

Jorge, como visse que João Mendes não atinava com escrever duas linhas, escreveu elle a Lourença Coutinho, incutindo-lhe valor para esperar a sua pro-

xima liberdade. Referiu-lhe a situação do marido e dos filhos. Pedia-lhe que chorasse como desafogo, e se lembrasse sempre d'elles para sentir necessidade de vida e alento.

Ao entardecer, chegou Diogo de Barros com bom semblante. O inquisidor promettera-lhe tirar com a maxima brevidade o depoimento das testemunhas no Brazil; e, se as culpas não fossem mais graves do que a denuncia as fazia, assegurava a Diogo de Barros que no praso de cinco mezes ou menos se faria auto de fé, e então Lourença Coutinho sahiria livre.

Em quanto a João Mendes da Silva, ajuntou o inquisidor, podia estar descançado, e tractar de sua vida, que nenhuma carga lhe faziam as denuncias.

— Cinco mezes! — exclamou João Mendes — E hade estar minha infeliz mulher cinco mezes encarcerada!... E não heide vêl-a, nem ella hade vêr seus filhos!... O' snr. Barros!... eu morrerei antes de se acabar esse grande praso de tempo!...

— Morrerá, se fôr um fraco... atalhou o velho.

— E ella... — redarguiu o Silva — ella... quem lhe deu força para viver cinco mezes em masmorras?

— Hade dar-lh'a o Altissimo, e hade dar-lh'a seu marido... Qual angustia deveria ser a sua, snr. Silva, se sua mulher igualasse em posição algumas pessoas que entraram hoje com ella, para sahirem no mesmo auto de fé condemnadas ao fogo!? A snr.ª

Lourença Coutinho, segundo colligi das meias palavras do cardeal-inquisidor, é a unica de quem méras suspeitas promettem breve termo de prisão. Até póde acontecer que, antes do praso dos cinco mezes, consigamos libertal-a, ou pelo menos melhorar-lhe o carcere, transferindo-a para algum recolhimento, como tem acontecido com presas levemente culpadas.

Diogo de Barros, voltando-se para o sobrinho, continuou:

— Olha que o inquisidor perguntou-me se tu abjuráras a religião catholica em Hollanda. Respondi que não, e elle sorriu-se. É preciso suppor que os sorrisos d'um inquisidor são como o abrimento da bocca dos crocodilos. Cautéla, Jorge! Tua mãe não ha idade nem desgraça que lhe amolgue a indole rancorosa. Tua mulher é filha de hebreus, que muita gente viu morrer no Terreiro da lan. Olhai por vós, que eu receio não vos poder valer, se uma vez cahirdes nas mãos dos dominicanos. A tua presença em Lisboa é inutil para a liberdade da snr.ª Lourença Coutinho. Com pesar te digo que vás para a Covilhã, e te não detenhas lá mais tempo do que eu te prescrever. Assim que te eu disser que fujas, foge, porque eu heide saber pontualmente quando se passarem ordens para a vossa captura.

— E sabel-o-ha, meu tio? — perguntou Jorge — o segredo do infame tribunal ser-lhe-ha revelado?

— Não chames infame ao tribunal da suprema inquisição — acudiu Diogo de Barros, sorrindo — porque eu... sou familiar do santo officio.

— O tio!? — exclamou Jorge.

— Sim, eu: entendi que assim era necessario para salvar-te. Pedi que me aceitassem, logo que soube do teu casamento com Sára. Na qualidade de empregado da inquisição offereço ao snr. dr. João Mendes da Silva o meu prestimo, se lhe sirvo como portador das suas cartas para sua mulher. Ora, ambos estão vendo que o ser familiar do santo officio tem prerogativas não despeciendas; e, depois de tudo, e por cima de tudo, asseveram os filhos de S. Domingos que os familiares da santa empreza gozam na bemaventurança um lugar distincto, sentados logo abaixo do throno de Torquemada, de Pedro Arbues, e d'outros apostolos da redempção de Israel. E agora — continuou Diogo de Barros batendo no hombro de João Mendes — peço-lhe encarecidamente que venha com seus filhos sentar-se á mesa d'este vigilante da inquisição. Precisamos comer para assistirmos a esta deploravel tragedia que vai correndo ha não sei quantos mil annos debaixo dos olhos da Providencia.

CAPITULO IV

A prisão de Lourença Coutinho, nos carceres do Rocio, foi das menos tenebrosas. Não obstante, a esposa d'um marido amado e de tres filhos estremecidos, desde a primeira hora em que foi arrancada aos braços d'elles, ficou n'um torpor de espirito, n'uma insensibilidade estuporosa, que parecia alheal-a de reflectir em sua miseria.

Não sei descrever aquella primeira noite. Lourença olhou para as trevas da noite como para a luz da sua primeira aurora nos carceres da inquisição: aquelles olhos, sempre abertos, pareciam ter cegado, ao mesmo tempo que a memoria do passado se escurentára tambem.

Ás oito horas levantaram-na d'um tamborete, e conduziram-na a outro quarto. O chaveiro que a foi guiando, disse-lhe ao entrar na outra prisão:

— Este quarto é bem melhor; isto nem é carcere; tem grades sobre o Rocio; é como quem está em sua casa.

— E meu marido? e meus filhinhos?

— Esses não vieram — respondeu o guarda.

— Vieram — insistiu ella.

— N'o, senhora: foram-se embora lá para onde quizeram.

— E eu fico? — exclamou ella.

— Por ora, fica; mas, cá pelas minhas contas, vm.ce não está cá muito tempo. Já hoje chegaram ordens do snr. inquisidor-mór para se lhe dar um dos quartos reservados.

— E eu posso vêr meus filhos e meu homem? — tornou Lourença.

— Olhe, se elles alli passarem no terreiro, póde vêl-os á vontade. Isto aqui é só não sahir á rua; que o mais não ha em Lisboa janellas de tanta vista.

— E então que é dos meus filhos? onde ficaram elles?

Aqui rompeu ella em desabafado gemer e chorar, correndo ás rêxas, e chamando os filhos e o marido, com os olhos esgazeados sobre quantas pessoas iam passando.

O guarda ordenou-lhe que se aquietasse, quando não, corria perigo de descer ás masmorras.

Lourença encolheu-se a tremer com as mãos

postas, e bebeu as lagrimas com os soluços que a estrangulavam.

Ás dez horas foi conduzida pelo guarda a um recinto vasto, pouco alumiado, e de profundo tecto. Viu um velho de agradavel sombra, que a mandou sentar, e a esteve contemplando alguns segundos, como quem desconfiava da insania da infeliz mulher. Fallou-lhe no marido e nos filhos; deu-lhe uma volumosa carta; asseverou-lhe que a sua desgraça não iria além da privação da liberdade por alguns mezes, e pediu-lhe que fosse escrever sobre uma banca das que estavam na sala duas palavras de mulher corajosa para seu prostrado marido.

Lourença ouvira tudo taciturna; recebera a carta sem abril-a; o familiar do santo officio esperava que ella se erguesse a escrever as palavras pedidas, e Lourença permanecia immovel.

— Então? escreve, senhora? — tornou Diogo de Barros — Olhe que eu sou tio de Jorge: confie em mim.

— E os meus filhinhos? — perguntou ella impetuosamente achegando-se do velho.

— Os seus filhos e marido são meus hospedes. Eu heide conseguir trazer-lhe á sua vista os meninos; mas tenha animo. Por amor d'elles, sustente coragem de mãe. Verá que este infortunio acaba depressa. Quer lêr a carta de seu marido?

— Ah! — exclamou ella — é de meu marido esta carta. . . é?

— Sim, é; e outra de Jorge, escripta quando o atribulado doutor não podia senão chorar.

Lourença leu em convulsivo tremor, em quanto as lagrimas a deixaram.

— Não posso! não vejo nada, meu Deus! — bradou ella.

— Pois lerá no seu quarto, quando poder; mas se agora conseguisse escrever algumas expressões consoladoras a seu marido... Póde? Quer alevantal-o do seu mortal abatimento? Quer que os seus filhos não tenham de chorar a perda do pae?

— Sim!... clamou ella — Diga-me o que hei-de escrever v. s.ª

— O que lhe parecer melhor para que elle se persuada que a senhora tem forças para resistir a esta adversidade.

— Oh meu Deus! — disse ella — É a primeira vez que minto a meu marido. . . Vá! . . . que viva elle para que meus filhos não acabem na indigencia...

E escreveu um quarto de papel grande, com vertiginosa celeridade.

— Veja. . . — disse ella a Diogo de Barros — E elle acreditará?

O familiar do santo officio leu, e disse:

— Não acreditará que a senhora está tranquilla, como lhe diz; mas crerá que sente o favor divino

da resignação. Agora, senhora, vêr-me-ha de tres em tres dias; e das grades do quarto que tem verá todos os dias, ás onze horas, seu esposo e filhos á portaria do mosteiro de S. Domingos. Se com estes intervallos de felicidade, ainda não concedida a hebreus, a snr.ª Lourença fraquejar e succumbir, dir-lhe-hei que é por demasia fragil, principalmente quando recebe de mim a certeza da sua liberdade, sem beber do calix amargo — continuou elle abaixando a voz — que n'esta casa são obrigados a beber os mais innocentes.

Achou Lourença em si a alma de mãe e esposa, relendo a carta do marido, na ausencia de Diogo de Barros. Prostrou-se largo tempo com a face no chão, orando não sei se ao Deus de Jacob, se ao de S. Domingos de Gusmão, se á Providencia divina que vale mais que os outros. Orou, e sentiu-se confortada.

Ás duas horas, dadas na torre dos dominicanos, correu á janella, e viu o esposo e os filhos. Os meninos, agrupados diante do pae, olhavam contra as grades d'onde lhes transluzia um panno branco. João Mendes, cauteloso da observação dos transeuntes, relanceava para lá os olhos, e passava por elles o lenço que lhe embebia as lagrimas.

Os dias foram assim passando arrastados. A pobre mulher sentia-se amparada de Deus. Era o habito da desgraça, este dom misericordioso da natu-

reza humana que se deixa identificar com a dôr, a ponto de dulcificar a peçonha com os prantos. É, todavia, provavel que está Deus n'isto. Esta conformidade serena, e quasi saborosa, não na sentem os scelerados.

João Mendes da Silva, obrigado a obtemperar á sua saudade, e distrahir o espirito em cogitações pertinentes á subsistencia de mulher e filhos, deliberou abrir escriptorio de advogado em Lisboa. Pensava elle que lhe não devolveriam mais os seus haveres no Brazil, talvez já confiscados, como era de lei, assim que o tribunal da fé entendia com a consciencia dos possuidores. A inquisição, por facilitar o caminho do céo aos judeus, alliviava-os do peso dos bens terrestres, e convertia estes bens em regalias dos fieis. Estes fieis percebiam o espolio gradualmente, segundo sua categoria, desde o monarcha até o derradeiro esbirro do santo officio.

Algumas pessoas de valia, aparentadas com os Barros, inculcaram a pericia do advogado vindo do Brazil. Assim que João Mendes abancou, e, abafando o coração na onda das lagrimas, se prestou a ouvir o arrasoado dos clientes, a concorrencia foi tal que o seu nome emparelhou com o dos primeiros jurisconsultos.

Jorge de Barros, saudoso de sua familia, deixou Lisboa, e a liberdade de Lourença encarregada ao generoso tio. Alguma vez, o thesouro da Bemposta

lhe beliscou o desejo d'uma tentativa ; mas elle tinha jurado a sua mulher, empenhando a vida da filhinha, que se não exporia ás suspeitas, nem arriscaria a sua segurança.

N'este tempo, Jorge de Barros considerava-se mais que remediado em bens de fortuna. Metade dos seus teres quizera elle dar ao marido de Lourença Coutinho ; porém, o advogado, se não tinha bom sangue, estreme de particulas judaicas, era dotado d'aquella estimavel compleição de homens que a si proprios se obrigam a se remirem e proverem com o trabalho. N'isto, os judeus eram santos. O trabalho era o seu martyrio d'elles.

CAPITULO V

Confiado na vigilancia de Diogo de Barros, Jorge estanceou alguns mezes na Covilhã, esperando a liberdade de Lourença Coutinho, com o proposito de se encontrarem as duas familias em porto de mar, d'onde sahissem para o Brazil.

Ao fim de tres mezes, chegou do Rio de Janeiro o instaurado processo. O defensor de Lourença, para destruir dous depoimentos que arguiam a presa de judaisar na observancia da lei velha em certas festividades e jejuns, allegava, ajuntando aos autos, algumas poesias devotissimas que João Mendes da Silva escrevera e mandára imprimir em Portugal, nomeadamente duas, uma ao padre Santo Antonio de Padua, e outra ao principe de Gandia S. Francisco de Borja, louvando-lhe a heroica humildade com que se

elle albergara no Porto entre os pobres do hospital de Santa Clara [1].

As esperanças dos protectores de Lourença, não obstante os bons serviços do promotor do santo officio, ficaram bastante áquem do que se lhes antolhára. A presa estava de antemão absolvida, sem confissão, sem interrogatorio, sem tortura; mas era forçoso que sahisse reconciliada para não haver quebra nas praxes inquisitoriaes; e, como reconciliada, sómente em auto da fé podia sahir. Felizmente para ella, n'aquelle anno celebrou-se ainda o santo espectaculo em Julho, e não, como era costume, em Outubro, na primeira dominga do advento. Aos nove de Julho, pois, sahiu Lourença da igreja de S. Domingos, onde entrou sem habito, e foi, recebida a penitencia da imposição do inquisidor, entregue ao familiar Diogo de Barros.

Na Covilhã foi a nova recebida com tamanhas

[1] João Mendes da Silva devia ter lido o caso assim referido por D. Rodrigo Pinheiro, no *Catalogo dos bispos do Porto:* «... Pelos annos de Christo de 1560 passou por esta cidade o padre Francisco de Borja da companhia de Jesus, duque que fôra de Gandia... Foi-se o padre Francisco de Borja agasalhar entre os pobres do hospital de Santa Clara, do que tendo nova o bispo D. Rodrigo, que o conhecia bem pela fama da sua pessoa, e muito mais de sua santidade, o foi logo visitar.» Convido o leitor menos lido em cousas antigas a vêr o *catalogo* citado para, em breves paginas, ficar sabendo que o veneravel Francisco de Borja veio ao Porto, com aquella humildade, estabelecer os padres da companhia em casa de Henrique Nunes de Gouvêa. Os portuenses resistiram tenazmente á fundação do collegio, como n'outro tempo haviam impugnado a fundação d'um convento franciscano. Veja a *Hist. seraphica da ordem dos frades menores,* por *Fr. Manoel da Esperança.* P. I.

exultações, que, ao parecer dos visinhos de Simão de Sá, o Messias esperado tinha apparecido finalmente.

Lourença entrára no palacio dos Estáos ainda formosa; cento e sessenta dias d'aquelle ambiente empestado das abafadas cavernas, em que apodreciam centenares de presos, bastaram a alvejar-lhe os cabellos e a enrugar-lhe a pelle. Os filhos fitavam-na como se a não conhecessem. O marido beijava-lhe o rosto, e inundava-lh'o de prantos como se com os beijos quizesse ressumar as côres d'outro tempo, e com as lagrimas refrigerar-lhe a aridez da cutis. Sára pediu encarecidamente a sua prima que fosse recobrar a saude extenuada nos ares sadios da Covilhã, e, se o marido não podesse ir, levasse comsigo os tres meninos.

João Mendes applaudiu a ida da esposa, porque temia perdêl-a, bem fundado nos receios do medico hebreu Diogo Nunes Ribeiro [1].

Permaneceram Lourença e os tres meninos na Covilhã por espaço de dous mezes. Antonio, o mais novo dos pequenos, andava, sempre que o deixavam, com Leonor nos braços. Entrançava flôres com que a engrinaldava; afoufava-lhe coxins de folhagem á

[1] Tio materno do celebrado Antonio Nunes Ribeiro Sanches, medico da imperatriz da Russia, nascido em Penamacor, e fallecido em Pariz. A inquisição perseguira-lhe os avós, e não pôde apanhal-o a elle.

sombra das arvores; inventava brinquedos e tregeitos com que fizesse rir a creança.

Dizia Sára a sua prima:

— Não te parece cousa estranha o amor do teu Antonio á pequenina?!

— Maravilha-me isto! — confirmava Lourença — Eu já pensei se Deus estará creando o coração d'estas creanças para se quererem, desde que nós tão alegremente nos conjuramos a casal-os!...

— Será assim... — obtemperou Sára.

— Mas, prima!... — tornou Lourença com tristeza — que magua tenho se tu sahes de Portugal e eu cá fico!...

— Pois não tornas para o Rio de Janeiro?!

— Parece-me que não... Meu marido sabe que tem inimigos lá, que hãode continuar a perseguil-o. As testemunhas, que juraram contra mim, adivinhou elle quem foram. João Mendes era o primeiro letrado, e o mais procurado. A inveja é um inimigo inexoravel. Se voltarmos para o Rio, diz elle, e talvez tenha razão, que em breve tornaremos presos para Portugal. De mais a mais, meu marido, por influencia do teu Jorge, ganhou muitos amigos em Lisboa, e custa-lhe a vencer o muito trabalho que tem. Dinheiro por dinheiro, diz elle que lucra mais em Portugal; com a vantagem de lhe serem mais saudaveis os ares de Lisboa. Outra razão dá elle: é a educação dos filhos. Os mais velhos quer formal-os em

medicina; e ao nosso Antonio tenciona formal-o em leis para lhe succeder no escriptorio. Eu não sei com que motivos heide contrariar estas razões de João Mendes. Como sabes, meu marido é mais velho que eu dezeseis annos: tem já cincoenta e sete, e precisa de repouso: as viagens incommodam-no muito; e uma nova desgraça, como esta da minha prisão, cortar-lhe-hia o fio da vida. Já vês, minha querida prima, que os nossos pequeninos noivos vão ser separados, e Deus sabe se tornarão a vêr-se. Porque não ficas tu em Portugal?

— E a inquisição? — disse Sára.

— Pois a maldita viria aqui perseguir-te? Os parentes de teu marido, aquelle honrado Diogo de Barros, não conseguirá que te deixem viver tranquilla?

— Diz Jorge que não. O inquisidor geral suppõe que meu marido se fez hebreu. A mãe d'elle é o meu terror em quanto viver. E eu sei que, se cahir nas garras dos verdugos, não torno a vêr a luz se não a das chammas. Se aqui estamos socegadas, é porque D. Francisca Pereira não sabe que estamos aqui!... Ó prima!... se hoje me arrancavam a meu marido e á minha filhinha!... — exclamou Sára apertando estremecidamente a creança contra o seio — Se me tiravam a minha filha, como eu fui arrancada ao regaço de minha mãe... da minha pobre mãe!

— Não, não, Deus nos livre! — atalhou Lourença — Sahe, sahe de Portugal, que tu não sabes o que é uma hora dentro d'aquellas paredes negras!... Quem sabe se a minha vinda á Covilhã será causa a perturbarem o teu socego!...

— Não, prima, não é. Ninguem sabe aqui a tua vida, nem o teu nome fóra d'esta casa. Jorge recebe aviso, logo que a nossa liberdade fôr ameaçada. Eu preciso d'estes ares, e o meu pobre Jorge, por amor de mim privado da patria, tambem goza mais saude aqui. Vê tu, filha! ... Este Jorge, nascido para tanto, com espiritos tão levantados, sujeitou-se á vida de mercadejar em queijos e especiarias. Se o contador-mór Luiz de Barros cuidaria que educava para este destino o seu querido neto! ... E agora diz elle que precisa de trabalhar muito para educar e dotar esta menina. De casa não espera elle patrimonio nenhum; porque a mãe, antes de morrer, vende e dá tudo para nenhum filho se aproveitar de nada. Olha tu que desgraçada e castigada mulher aquella! Não estima ninguem, e não tem n'esta vida pessoa que a estime, alma que lhe dê uma sêde d'agua na febre da agonia! No que parou aquella senhora que eu conheci tão respeitada na côrte, e visitada das mais illustres fidalgas! ... Disse-me Jorge que até as escravas a estavam menosprezando! E mais é ainda rica! Se um dia empobrecer, será necessario que meu marido a vá tirar da lama das ruas! ...

Ora ahi tens, minha querida Lourença! Ahi vamos nós para aquelles frios nevoeiros e ardentes febres da Hollanda. Queira o Senhor que meu marido não adoeça... A sua misericordia me leve d'este mundo, se eu ainda heide vêr a minha Leonor sem pae...

— Que sustos! — interrompeu Lourença — Teu marido é forte, e rapaz. Se adoecer em Amsterdam vai para Londres ou para Roma, ou para qualquer cidade de Italia, onde está muita gente da nossa nação, que vos hade acolher e rodear de contentamentos. Não te dê cuidado o futuro de Leonor. João Mendes vai mandar liquidar a nossa casa do Rio de Janeiro, e empregar em Lisboa o capital. O meu Antonio hade formar-se; e, quando tiver vinte e dous annos, será doutor, e bastante remediado para manter as regalias da nossa Leonor abundantemente...

O dialogo foi interrompido por Jorge de Barros que entrou lendo uma carta.

— De quem é? — perguntou Sára.

— É do tio Diogo — respondeu com um sorriso de amargura o marido — A inquisição fareja-te, minha Sára!...

CAPITULO VI

O caso extraordinario do casamento de um fidalgo, descendente d'avós e paes christãos velhos, com a filha dos judeus queimados no auto da fé de 1685, deixou viva e duradouramente impressionados e escandalisados os animos dos frades dominicanos e mais officiaes do tribunal. Poderia conjecturar-se que a consorte de Jorge de Barros se convertesse de coração á fé catholica para esposar o christão; porém, esta pia hypothese encontrava o procedimento dos casados, ausentes logo da patria, e residentes entre judeus, n'um paiz de heresia livre, onde as portas das synagogas se abriam francamente ao culto satanico da raça deiicida. Se a judia, ligada sacramentalmente a Jorge de Barros, era christã, porque

fugia? Se o marido era christão, como lhe consentia a consciencia baralhar-se com hereges, e hebraisantes descarados na Hollanda, terra de maldição em que o demonio armára suas tendas contra Christo e contra o summo pontifice?! Estas interrogações admirandas faziam-nas os peitos equamines, logicos e consternados dos filhos do glorioso patriarcha S. Domingos.

Que a judia se despenhasse no inferno, muito doía isto aos padres, porque era uma alma por quem correra sangue das chagas do Redemptor; mas que a perversa arrastasse na sua queda a alma do marido, este desastre era lança penetrantissima que trespassava corações menos sensiveis que os d'aquelles povoadores das altas regiões da bemaventurança!

O remedio que lhes occorria mais heroico e expeditivo, depois de largas cogitações, era queimar a judia, e purificar a alma contaminada do marido ao fogo em que estalassem os ossos da mulher [1].

Treze annos tinham derivado; e tão largo termo não bastou a delir da memoria dos frades aquelle salutar pensamento. Prova é que, ao cabo de tantos

[1] Ás pessoas a quem parecer inverosimil a hypothese de poder ser queimado um homem de familia distincta e de boa nota em materias de fé, podéramos dar conta de alguns casos de portuguezes notaveis queimados pelo santo officio, bem que não procedessem de familias judaicas. Muitissimas são as victimas que a inquisição do reino visinho recenseou nas familias de mais velha christandade. Veja *Llorente* «Histoire critique de la inquisition.»

dias, quando os familiares da cidade da Guarda avisaram D. Nuno da Cunha, o inquisidor geral, em papeis escriptos do punho de D. Verissimo de Lencastre, e do bispo que lhe succedeu no officio, encontrou notas recommendativas ácerca de Sára de Carvalho, e Jorge, marido d'ella, filho de Placido de Castanheda de Moura.

O cardeal recebeu o aviso da existencia de Sára na Covilhã, e mandou officiar ao conselho geral. Ao mesmo tempo, porém, o secretario do cardeal avisava o familiar Diogo de Barros com estas palavras:

« Eu demoro quinze dias a participação aos frades, para dar tempo aos culpados a fugirem de seu vagar. »

Esta fôra a má nova que Jorge de Barros lêra a sua mulher.

N'um dos proximos dias, Lourença Coutinho voltou para Lisboa, cobrindo de lagrimas as mãos do seu protector, e as faces de Sára e da filhinha. Antonio tambem chorou muito abraçado em Leonor, quando a creança lhe deitava os braços em alto choro, ao apartarem-se.

Volveu Jorge de Barros a fazer sua residencia em Amsterdam. Lançou mão, outra vez, da industria commercial, e com mais actividade, em razão de ter uma filha. Se d'antes passava algumas noites entretidas nos saráos litterarios da portugueza D. Isabel

Corrêa [1], depois escasseava-lhe o tempo ás amenidades do espirito. As suas noites e horas do dia feriadas eram repartidas entre o coração e o repouso. No coração concentrára elle os prazeres da intelligencia. A filha era-lhe tudo o que já Sára não podia ser, após doze annos de convivencia. A hebrêa fôra-lhe a paixão unica; mas uma paixão por ser exclusiva, não faz que a felicidade da alma seja permanente. Se alguma hora, todavia, Jorge de Barros, que não sahira exceptuado de commum lôdo, era surprehendido por vagos desejos de distrahir-se em affectos novos, a filhinha reclamava para si a exuberancia do coração de seu pae, e vingava senhoreal-a.

As noticias de Lisboa iam miudamente nas cartas de Lourença Coutinho para Amsterdam. Os dialogos epistolares das duas israelitas versavam no maximo sobre as suas alegrias maternaes. Lourença escrevia a Sára que o seu filho Antonio era muito esperto, e causava espanto ao mestre de primeiras letras mais afamado em Lisboa, o padre Lourenço Pin-

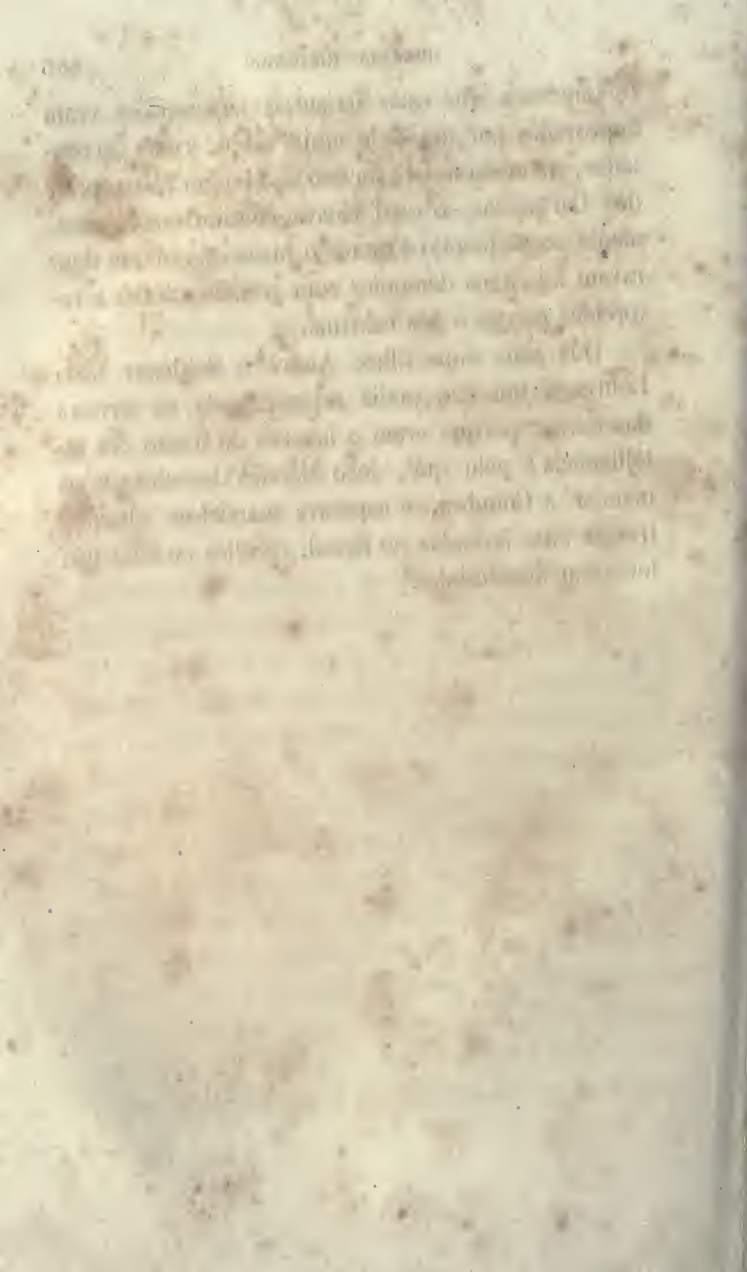
[1] D. Isabel Corrêa, nascida em Lisboa, e dotada do conhecimento dos principaes idiomas da Europa, refugiou-se em Hollanda, no reinado de D. Pedro II. Presume um bibliographo por meras conjecturas, que descendesse de hebreus aquella dama, e, como tal, se furtasse ao santo officio. Fundou em Amsterdam uma academia de bellas letras, e deu á estampa alguns volumes de poesias, e o *Pastor fido*, traduzido do italiano em 1694. É grandemente louvada pelo abbade Barbosa, pelo author do *Theatro Heroino*, e pelo padre Antonio dos Reis no poema latino, intitulado *Enthusiasmus poeticus*.

to. No prophetar d'este idoneo sujeito, o pequeno Antonio, se a morte o não apanhasse, havia de ser cousa de prodigio, principalmente em poesia; por que, entre oito e nove annos de idade, fazia versos que Lourença avaliava muito superiores aos do pae. Se houvermos de crêr n'estes encarecimentos da extremosa mãe, Antonio já andava nas azas da fama, e algumas familias illustres folgavam de o terem por suas casas com os filhos de quem elle era condiscipulo. Uma d'estas pessoas era José de Oliveira e Sousa, contador-mór dos contos do reino, que succedera no elevado cargo ao defunto Placido de Castanheda de Moura. Aquelle fidalgo tinha um filho, de nome Francisco Xavier, mais novo tres annos que Antonio, e igualmente admiravel por a precocidade do seu engenho. Era cousa para muito rir vêr as duas creanças a contenderem sobre elegancias de poesia portugueza, repetindo trechos de Miranda e Ferreira, de Bernardes e Camões. Antonio, contra o parecer do alegre auditorio, sustentava com razões pueris que Gil Vicente era superior a Camões. A comedia era, no pensar do menino, a melhor fórma da poesia, a mais agradavel e recreativa. E os ouvintes instigavam-no a discorrer sobre estes e outros assumptos. Referia Lourença Coutinho diffusamente estas africas do filho, e ao mesmo tempo as grandes virtudes da esposa de José de Oliveira, — á parte os delirios da sua fé catholica — conhecimento e ami-

zade que devia ao seu Antoninho. D. Isabel da Silva Neves era o nome da mãe do pequeno Francisco Xavier, legitimamente vaidosa do seu menino como a outra mãe; e, por alliança de sympathias e maternidade, muito intima da esposa do advogado João Mendes.

Não obstante, Lourença Coutinho motejava das crendices piedosas da sua amiga, contando a Sára que D. Isabel tinha no sanctuario duas imagens, uma da Conceição, e outra de Nossa Senhora da Graça, as quaes ella amarrava uma á outra com um fio de perolas, quando pretendia d'ellas algum favor. Referia mais que a sua amiga tinha um Santo Antonio, que ella frequentemente incommodava, assim que a mais insignificante cousa se lhe perdia. Ora, se acontecia o Santo não dar prompta noticia do objecto perdido, a devota desterrava o padre Santo Antonio da companhia dos outros Santos, e exilava-o para um canto escuro da alcova por espaço de vinte e quatro horas; findas as quaes, se o objecto não tinha ainda apparecido, o rebelde Santo era amarrado pelo pescoço com uma guita, e pendurado á borda do pôço, até lhe dar agua pela barba. Se a cousa perdida vinha a descobrir-se, então sahia o Santo da cisterna, e era processionalmente conduzido ao oratorio, por entre lampadas e perfumes, terminando o triumpho por um lauto jantar ao qual eram convidados os parentes e amigos. Ajuntava judiciosamen-

te Lourença que estas irrisorias superstições eram approvadas por um frade muito sabio, irmão do contador, chamado frei Francisco do Menino Jesus, prior dos Carmelitas, o qual estava continuamente ensinando ao pequenito Francisco historias em que figuravam feissimos demonios com grandes caudas e retorcidas pontas e pés cabruns.

Dos seus dous filhos André e Balthasar dizia Lourença que não podia esperar nada na carreira das letras, porque eram o inverso do irmão em intelligencia; pelo que, João Mendes desistira de os mandar a Coimbra, e esperava mandal-os administrar as suas fazendas no Brasil, se elles ou ellas não levassem descaminho.

CAPITULO VII

Em 1715, Sára de Carvalho escrevia á sua amiga com muitas lagrimas, noticiando-lhe que Jorge começava a queixar-se de soffrimentos do peito, supervenientes a umas teimosas sezões que o deixaram enfermo para sempre. N'outra carta immediata, dava-lhe parte da sua ida para Roma, onde o marido ia procurar a restauração das forças, posto que ella, convencida da sua fatal sina, presagiava a curta vida do seu Jorge, e a si se accusava de ser a causa involuntaria de tamanha infelicidade, suppondo que seu marido, restituido aos ares patrios, poderia convalescer. Da filhinha Leonor dizia que eram seis lindissimos annos, com um toque de sobrenatural presentimento nos olhos sempre tristes, e nos geitos melancolicos, ao envez de todas as creanças.

De Roma escreveu mais animada contando por miudo as progressivas melhoras de seu marido. Nomeava os israelitas portuguezes que lá encontrára numerosissimos, vivendo ricos e socegados, alli mesmo debaixo dos olhos indulgentes do papa [1]. Muito se admirava ella da bondade do chefe da igreja christã, e da crueza barbara dos seus subalternos em Portugal; mas, no decurso da carta, dava a entender que os hebreus compravam muito cara a tranquillidade que tinham em Roma.

Lourença, contente da boa nova que a viera desafogar de anciosos cuidados, voltou a referir alegres cousas do seu Antonio, como quem as contava á futura sogra de seu filho. O menino estava já sufficientemente instruido em humanidades para entrar

1 N'aquelle tempo, demoravam em Roma cêrca de doze a quinze mil hebreus, governados por triumviros, que elles denominam *Memmonim* (governadores). São eleitos annualmente estes triumviros, para não abusarem da authoridade. Tão familiarmente vivem com os christãos, diz um historiador, que estes ultimos não escrupuleam de entrar nas synagogas. Tal tinha sido a concorrencia de judeus a Roma que Innocencio x, em 1685, ameaçou com excommunhão e tributo de vinte escudos cada judeu que entrasse.

Propriamente em Roma tinham os hebreus sua academia, denominada *Thalmud Thorá* « estudo da lei », com professores, que livremente ensinavam. Synagogas tinham nove; isto só em Roma, que no territorio italico tinham cem ao todo, tributadas em setecentos escudos. Zacharias do Porto, fallecido em Florença em 1671, deixou dezoito mil piastras ás donzellas pobres das synagogas de Roma, Ferrara, Ancona, Urbino, Pezaro, Cesano, Veneza, Padua, Verona, Rovigo, Florença, Piza, Livurne, Mantua, Modena, e Reggio. Isto é admiravel onde mais se impunha a authoridade da igreja.

na universidade; porém, faltava-lhe a idade para matricular-se. Dava-lhe a noticia de ter elle escripto uma comedia, que o pae lêra e rasgára logo, querendo castigal-o, porque a comedia feria os verdugos da inquisição, pondo em imagens um conciliabulo de demonios, discutindo o melhor modo de acabar com a religião do galileu, e concluindo por sahirem do inferno com tres refinadissimos demonios, chamados Domingos de Gusmão, Torquemada, e Pedro d'Arbues, vestidos de frades dominicanos.

Não obstante as severas ameaças de João Mendes, o pequeno reproduzira de memoria as scenas principaes da comedia-tragica, e leu-as a sua mãe, segundo ella dizia, com uma graça e declamação que fazia ora chorar, ora rir.

Temia, porém, Lourença que o filho em Coimbra se desmandasse, e abrisse o seu abysmo e o da familia toda; pelo que, lhe rogára com lagrimas que se houvesse com muita prudencia, e fingisse quanto podesse que era christão.

Contava ella que D. Isabel não cessava de catechizal-o para lhe incutir bem no amago as suas doutrinas piamente engraçadas. Do pequeno Francisco Xavier dizia que nunca vira menino tão esperto, e ao mesmo tempo tão visionario. Tinha onze annos, e confessava-se todos os mezes e commungava com uma reverencia edificante. Antonio ria-se da devoção do seu amigo, não em presença d'elle, mas

em conversação com a mãe, que o admoestava a não dizer cousa que o pequeno podesse transmittir á sua familia. Dous padres de grande nomeada em Lisboa, o congregado Ignacio Ferreira, e o loyo Lourenço Justiniano, confessores e mestres do menino do contador, prophetisavam que Francisco Xavier de Oliveira havia de ser um luminar da christandade, porque já lhe descobriam no olhar e no dizer um não sei que de predestinação. « Vê tu, minha amiga, dizia Lourença, como em Portugal se inutilisam os grandes engenhos, e abafam os alentos e arrojos dos espiritos! O meu Antoninho diz que o seu amigo está já tolhido, e quando chegar aos dezoito annos estará sandeu. Mas não imaginas como elles se querem! O Antonio não sahe de casa d'elle, ou elle da nossa, excepto nas horas em que o Francisquinho está orando com a mãe ou no confessionario, em quanto o meu poeta engenha comedias, com as quaes João Mendes e eu temos occasiões de rir até mais não poder. »

Ajuntava Lourença, com respeito á familia do contador-mór José d'Oliveira e Sousa, que n'aquella casa se acreditava que el-rei D. Sebastião havia de voltar, quebrado o seu encanto: de maneira que D. Isabel não consentia que se lhe fosse á mão n'esta esperança em que ella punha tanta fé como na resurreição dos mortos. Era grande parte n'esta lou-

cura um franciscano sebastianista, ancião de mais de noventa annos, chamado frei Vicente Duarte [1].

Ouvira Lourença Coutinho, da propria bocca do frade, esta lenda persuasiva da vinda infallivel d'el-rei D. Sebastião: « Andava por Lisboa, no fim do seculo XVI, um sincero sebastianista a quem alguns incredulos escarneciam. Um dia, disse elle aos zombadores: Acreditareis que D. Sebastião hade vir, se esta vara de marmelleiro, mettida na terra, florescer e fructificar? — Acreditamos — responderam os circumstantes.

« E o sebastianista — proseguiu dramaticamente fr. Vicente Duarte — em presença de cem pessoas, cravou o bordão na terra, e para logo a vara bracejou ramos, que se vestiram de flôres, e estas se formaram em bellissimos e maduros marmellos. Quantos estavam e provaram da fructa, se converteram do in-

[1] Observo ao leitor que estas e outras miudezas attinentes á biographia do pequeno Francisco Xavier, são extrahidas dos proprios livros do celebrado *cavalheiro de Oliveira*, que assim hade elle chamar-se em Portugal e na Europa, quarenta annos depois. Espero poder dar n'este romance a mais completa, bem que rapida, biographia de Francisco Xavier d'Oliveira, entre todas as publicadas. Dous volumes, os menos conhecidos de suas obras, são os mais importantes para o estudo da vida revezada e desditosa do filho de José d'Oliveira e Sousa. Á livraria do erudito bibliophilo José Gomes Monteiro, meu prestante amigo e indicador de optimos repositorios de noticias sobre cousas nossas, pertencem os dous preciosos volumes de que vou colhendo estes pormenores interessantissimos, não só pelo que respeita á vida do cavalheiro d'Oliveira, senão que dos costumes, crenças e viver d'aquella geração, tão corrompida quanto fanatica.

timo á fé e esperança do sebastianismo. Meu pae — continuava o frade — comeu d'aquelles marmellos prodigiosos.

« Ora aqui tens, minha Sára — ajuntava Lourença — como está a razão de pessoas da primeira linha em Lisboa! D. Isabel é uma das mais distinctas damas, e, á semelhança d'esta, dizem-me que ha centenares d'ellas que ensinam a seus filhos a crença de fr. Vicente Duarte dos marmellos! Vê tu que marmellada!

« Queres tu saber uma cousa mais espantosa? Ha aqui ricos mercadores que vendem os seus generos com a condição de receberem o pagamento d'elles, quando vier D. Sebastião. Meu marido já viu escripturas d'estes contractos, lavradas ha cincoenta annos, e postas em juizo, se póde haver juizo para tolices d'este tamanho! Diz João Mendes que ainda agora ha velhacos que se fingem sebastianistas para lograrem os miseraveis vendedores a praso tal! Eu fazia de Portugal uma idéa muito diversa, quando estava no Brazil. O meu Antonio diz que em Lisboa não ha senão duas especies de gente: fanaticos e hypocritas; com os primeiros estão os verdugos da humanidade, com os outros estão os patifes. Eu creio que ainda ha gente boa como Diogo de Barros e sua santa familia, e como esta senhora minha amiga, que tem tanto de boa como de embrutecida por frei Vicente e outros, não sei se hypocritas se fanaticos.

« A respeito de frades, vou contar-te um caso galante acontecido ha dias. O teu Jorge hade folgar de o saber, porque sei que elle ainda é parente de um dos personagens d'esta comedia, que o meu Antonio promette escrever. O conde da Atalaya tinha uma manceba muito bonita, segundo dizem. Ninguem se atrevia a disputar-lh'a, porque temiam o conde [1]. Tentou a empreza um frade franciscano, e ganhou-a. Uma criada da manceba infiel denunciou a traição a seu amo. O conde fingiu uma caçada, despediu-se da perfida, e escondeu-se na cidade. Pouco depois, entrou o frade, e imaginou que estava em sua casa. Quando era meio dia estavam dormindo socegadamente. Eis que bate á porta o conde, e a criada abre promptamente. O frade, trajado como o innocente Adão, escondeu-se debaixo da cama. O conde da Atalaya entra no quarto, vê os habitos de S. Francisco, olha para debaixo do leito, e exclama: *Quer tu sejas demonio quer tu sejas frade, não te toco; mas ordeno-te que saltes d'ahi para fóra, que desças as escadas, e vás para o teu convento: isto immediatamente.* O frade queria vestir-se, e o conde não deixava. Ajoelhou-se o franciscano, pedindo-lhe que antes o matasse e o não obrigasse a sahir n'aquelle feitio. O conde foi inexoravel até ao momento em que o frade lhe disse: *Que deshonra v. s.ª*

[1] É o mesmo que, annos depois, ajudou o marquez das Minas a matar o corregedor á porta da igreja de S. Roque.

vai causar ao nosso commum padre S. Francisco, expondo-o d'esta fórma, na pessoa de um de seus indignos filhos, á zombaria e escarneo do povo!

«Ora o conde como era irmão da ordem terceira de S. Francisco, abalado pelo medo de offender o padre commum, perdoou-lhe, e disse-lhe que se vestisse.

«E vai o frade, tão depressa lançou mão do habito, arranca duas pistolas, mette-as á cara do conde, e diz-lhe que o matava, se lhe não cedia a moça. O conde, acovardado diante da furia do aggressor, sahiu de casa, não sei se com intenção de voltar. O certo é que o frade sahiu com a manceba, e até agora, que já são passados quinze dias, ninguem sabe dizer onde param, apesar das pesquizas de todos os quadrilheiros [1]!

«Aqui tens como está Lisboa, minha Sára.

«Deus me livre que esta carta fosse dar á mão dos que purificam o ar corrompido de Portugal com as fogueiras da santa fé!.....................»

1 Veja as pag. 154, 155 e 156 do 2.º vol. do *Amusement périodique* do cavalheiro de Oliveira.

CAPITULO VIII

Em 1716, recrudesceram os padecimentos de Jorge de Barros. Sahiu de Roma, e vagueou pelos ducados italianos, experimentando alternadamente ora melhoras, ora empeoramento do achaque do peito.

Instado por Sára, escreveu a seu tio Diogo de Barros a pedir-lhe que lhe segurasse a ida para a patria, cujos ares lhe poderiam ainda renovar o sangue.

Diogo sondou o animo do santo officio, e colheu pessimas inducções de sua raiva ao marido da judia.

De Roma tinham vindo ao inquisidor geral avisos da embaixada, exagerando os serviços que Jorge de Barros andava lá diligenciando a favor da nação judaica em Portugal, fazendo reviver no espirito de Clemente XI escrupulos e suspeitas, ácerca do estylo

de processar os judeus em Portugal, taes como as outras que o padre Antonio Vieira tinha suscitado em 1674 por meio do seu opusculo offerecido a Clemente x, com o titulo *Noticias reconditas do modo de proceder a inquisição de Portugal com os seus presos* [1].

Na verdade, Jorge de Barros, testemunha presencial dos flagicios com que os christãos novos sem culpa se viam atormentados em Portugal, solicitou audiencia de alguns cardeaes de mais humana indole, e advogou a causa dos hebreus, afervorando as supplicas com a justiça das razões. Os israelitas hespanhoes e portuguezes instigavam-no a ser-lhes seu amparador, offerecendo indeterminados cabedaes para vencer algum pequeno relache nas gonilhas de seus pobres irmãos, e d'outros que vagamundeavam espoliados dos haveres que a inquisição lhes confiscara na patria. Não sortiram effeito as suas activas intelligencias e diligencias com alguns membros do sacro collegio. Empeceram-no as humilhações hypocritas da côrte portugueza aos pés do papa.

No anno de 1716 concedera Clemente xi ao rei D. João v o erigir-se em igreja patriarchal e metropolitana a real capella. Esta concessão era um chuver copioso de prosperidades sobre Portugal, as quaes

[1] Por causa d'esta *Noticia* não se accenderam fogueiras desde 1674 até 1681. Ha razões para suppor-se que esta *Noticia* não é do Vieira; mas sim do medico hebreu David Neto, fallecido em Londres em 1728.

o piedoso rei não sabia como pagar á munificencia do bispo de Roma. Nunca tão do intimo se tinham amado as duas côrtes! Estava no throno de D. João I o perdulario que havia de despejar o ouro do Brazil, contado por milhões, nos cofres de S. Pedro. Clemente XI não era homem que podesse applicar um ouvido ao som dos dobrões portuguezes e outro ás supplicas d'um advogado de judeus. O dinheiro dos israelitas era humilde regato em comparação do Pactolo da côrte. Com a *bulla aurea* (o adjectivo *aurea* foi por ventura posto para indicar o estimulo da concessão) enriqueceu o pontifice esta nossa terra de parvos, com a prosperidade de mais um cabido metropolitano com seis dignidades, e dezoito conegos, chamados *principaes*, que trajavam de bispos, e mais doze prebendados, após outros ministros ecclesiasticos para o serviço da patriarchal. Todos estes sujeitos de illustrissimo sangue, e estomago correspondente em lustre e elasticidade, eram favores que Roma, a pedido do devoto monarcha, fazia ao erario. Ao mesmo tempo, D. João V lançava a primeira pedra d'aquella vasta mole de granito e marmore que ahi está chamada *Mafra*, cousa de triste e pavoroso aspecto, monumento que a si se levantou um braço real, como se a qualidade do braço o resalvasse, posteridade além, da nota de se ter immergido no thesouro da patria, tirando e espalhando ás rebatinhas mãos cheias de ouro que deviam cahir em

estradas, em colonias, em beneficios da navegação, em beneficios da agricultura, em recultivação das terras de D. Diniz, cujos arados D. Manoel e João III converteram em espadas e mandaram ensopar no sangue das nações d'além mar.

Baldaram-se, pois, os rogos de Jorge de Barros; mas, assim mesmo, no conselho do santo officio, o nome do generoso causidico da raça maldita foi duplamente cintado de negro.

Razão tinha Diogo de Barros para afastar seu sobrinho de Portugal, embora o matassem lá fóra os ares pestiferos de Roma ou de Amsterdam. Antes morrer á beira das lagoas pontinas ou dos lameiraes hollandezes que nas labaredas do campo da Lan.

Em dispendiosas viagens de dous annos e interrupção de tracto mercantil se desfalcou o capital de Jorge. Attenuava-se elle a olhos vistos, quando se detinha a scismar no futuro de Sára e da filha, se a molestia o matasse n'aquelle seu andar de reino para reino, em cata da saude que, a intervallos curtos, lhe abria luz de esperança, e logo o descahia na escuridão das suas longas noites de velar e gemer com Sára e Leonor á beira do seu leito.

Lembrou-se a esposa do clima brazileiro, onde ella recobrára saude. O enfermo deixava-se levar como creança a toda parte. Bastava que Sára lhe dissesse: «rogo-te que vamos em nome de nossa filha.» Leonor, quando a mãe fallava assim, ia acari-

ciar as faces de Jorge, e repetir a supplica no mais mavioso tom e sorriso d'anjo da esperança.

Pouco tempo se detiveram no Rio de Janeiro. O governador da Bahia, ido pouco antes de Portugal, avisou Jorge de Barros do perigo que a sua liberdade corria em territorio portuguez. Deu-se pressa em voltar á Europa, com a molestia aggravada e o coração mais angustiado.

Alguns israelitas, seus companheiros de viagem, induziram-no a ir experimentar os ares de Londres. Desejava Jorge permanecer alli, porque a nação hebraica, em parte alguma — a não ser na Polonia, chamada «paraiso dos judeus» — gozava tanta liberdade e consideração.

Não tinha sido assim até 1649, época em que um hespanhol escreveu e offereceu ao parlamento certa *Apologia dos hebreus*. Uma razão allegava o apologista, que tem muita originalidade, e milagrosamente ponderou no animo da camara. Dizia elle: «Se os avós d'estes hebreus crucificaram o Messias, parece, em conformidade com o evangelho, que os chefes e doutores da lei foram unicamente os réos de tal crime, ao passo que o povo exclamava: *Hossanah, filho de David!* e que a posteridade não deve ser punida d'uma culpa já expiada por tantas gerações.» Ajuntava o defensor que devia ser respeitado o caracter do povo de Deus, que os israelitas ainda tinham, como reliquias d'uma alliança pactuada

com elles solemnemente por Jehovah. Finalmente, dizia a representação que a tolerancia de Inglaterra attrahiria a benção do Senhor ao reino que, nos cem annos ultimos, tinha sido firmissimo sustentaculo da verdade e valhacouto de infelizes.

Cromwell estava á frente do parlamento. Sustentou a discussão a favor da apologia, e desatou as cordas oppressivas da liberdade dos judeus.

Não soube ainda a historia nem o souberam os hebreus de Inglaterra a quem deveram a sua redemptora apologia. O incognito bemfeitor, no remate da sua supplica, escreve: *Lo que tengo escripto no ha sido a pedimento de ninguno de la nacion de los judios. Solo quiero mostrar lo que a tanto tiempo tengo en mi coraçon, y sobre todo es mi intencion fundada en la gloria de Dios* [1].

Desde Cromwell,—o qual, no entender d'alguns judeus tão gratos quanto estupidos, era o seu verdadeiro Messias [2] — a nação de Israel construiu synagogas em Londres, e dessasombradamente commerciou por igual com os papistas e protestantes.

Quando Jorge de Barros alli chegou já nenhuma baliza odiosa estremava os judeus da familia humana. Em Londres, com muita distincção das outras paragens, o hebreu assumira a sua perfeita dignida-

1 *Eduardo Nicolau — Apologia por los judios, fol.* 8.

2 *Grégoire, Essai sur la régénération phisique, morale et politique des juifs,* 1789.

de de homem. Em nenhum dos mais poderosos negrejava o ferrete da usura. Os costumes eram mais exemplares que propriamente os da severa Grã-Bretanha.

Esta sociedade captivou o espirito de Jorge; mas o ar de Inglaterra deslaçava-lhe as fibras dos pulmões. Sahiu para Italia pela terceira vez. Tomou casa em Veneza, onde por aquelle tempo demoravam dous mil hebreus, com suas synagogas, seu cemiterio, e commercio desafogado de oppressão, graças ao papa Innocencio XI que, desde 1671, lhes quebrára os ferros com que a republica os tinha sopeado.

Desde Veneza, escreveu Sára á sua amiga Lourença Coutinho, a quem raras cartas enviára no espaço de tres annos, e de nenhuma esperava nem pedira resposta, por não ter permanencia em reino algum.

Lourença Coutinho noticiou a ida de seu filho para Coimbra, com bem agouradas esperanças de ser optimo estudante, e successor dos creditos de seu pae. Antonio vinha sempre ao proposito de se ratificarem as promessas mutuas do casamento.

Narrando, como era costume d'ella, successos exquisitos de Lisboa n'aquelles dias, escreveu Lourença Coutinho:

« Vou-te contar o caso do doutor *Machuca,* em que toda a gente de Lisboa falla. O teu Jorge hade

conhecer, pelo menos de nome, este medico de maiores creditos. Dizem que elle tem vista dupla, e adivinha ou vê tudo que a gente tem no interior do corpo e do espirito. A algumas mulheres casadas diz-lhes que a sua doença são ciumes dos maridos; aos mancebos recommenda-lhes que divirtam o espirito de pensarem na fidelidade de tal e tal dama; a este doente diz que o seu mal foi comer uma azeitona contra as prescripções da dieta, áquelle reprova ter provado um gomo de laranja. E o caso é que adivinha sempre, e com isto ganha rios de dinheiro.

«Um outro medico muito infeliz nas curas e abandonado dos doentes foi ter-se com elle, e disse-lhe, segundo o doutor Machuca referiu a meu marido: «Tu, digno homem, sabes que eu sou muito ignorante ou muito desgraçado: fomos condiscipulos, estudamos nos mesmos livros, começamos a curar ao mesmo tempo: tu estás muito acreditado e riquissimo; eu, ninguem sabe como me chamo, nem eu sei como heide sustentar minha familia. Em nome de Deus te conjuro que me digas uma parte do segredo da tua felicidade.

«O Machuca, apiedado das lastimas do seu collega, respondeu: «Meu amigo, eu não adivinho: o que faço é espreitar sagazmente certas cousas que, ao parecer dos estupidos, são extraordinarias. Por exemplo: entro na alcova d'um doente: sei que está alli uma rapariga incapaz de observar a abstinencia pres-

cripta; casualmente descubro ao pé do leito um caroço d'azeitona ou uma casquinha de laranja; tomo-lhe o pulso, e digo-lhe: « a menina comeu d'isto ou d'aquillo? » E vai ella nega, e eu insisto; ella córa, e eu teimo. Ahi está logo toda a familia persuadida que eu adivinhei. E á imitação d'este caso, os outros, meu caro collega, são assim naturaes e simples. » — Bem, disse o medico infeliz, farei por imitar-te.

« Sahe de casa do Machuca o pobre homem, e topa na rua uma mulher que o chama para ir vêr o marido, que tem febre. O doutor senta-se á cabeceira do doente, vê-lhe a lingua; e, relançando a vista, segundo o systema do Machuca, descobre que o doente debaixo do travesseiro tinha uma gabella de feno.

— Vm.ce comeu feno — diz o doutor.

— Feno?! — pergunta o enfermo.

— Sim, feno! O seu mal procede de ter comido feno.

— Vossa-mercê é um bebado! — exclama o doente.

— E vossê — replica o doutor — é uma cavalgadura que come feno!

— Que besta minha mulher me trouxe! — torna o doente.

— Mais besta é quem come feno! — replica o medico.

O doente enche-se de ira, salta da cama, e juntamente com a mulher empurra o doutor do alto da escada á soleira da porta.

« Aqui tens o ridiculo e ao mesmo tempo triste caso que faz rir hoje toda a gente. Eu chamo-lhe triste, porque o medico foi para casa com um hombro derreado da queda [1] !

« Tenho pedido noticias da snr.ª D. Francisca Pereira Telles. Dizem-me que já não sahe á rua, porque entreveceu, e vive quasi sosinha n'um velho palacete que tem no bairro da Alfama, porque os outros lhe tiraram o filho Garcia e o marido. Ambos estes senhores vivem alegre vida; mas nenhum d'elles é recebido na côrte. O snr. Garcia de Moura Telles é teu cunhado, e por isso não repetirei o que a respeito d'elle ouço dizer. Basta que saibas que todas as portas das familias honestas se lhe fecham. A companhia d'elle são as comicas e comicos hespanhoes do bairro alto, que vieram para aqui ha dous annos, e tem causado grandissimos dissabores aos paes de familia. . . . »

[1] *Francisco Xavier d'Oliveira. Amusement periodique*, n.º 1, pag. 66, 67 e 68.

CAPITULO IX

Sára já não achava graça na historia do doutor Machuca. Lavavam-na enchentes de lagrimas, quando recebeu a carta da sua amiga. Jorge peorara tanto, que já se não podia erguer, nem planear inuteis mudanças para outro clima.

Quiz elle ouvir a carta, e chorou no periodo em que Lourença escrevia do desamparo de D. Francisca Pereira, e da penosa agonia com que a divina Providencia a castigava, amarrando-a ao leito de entrevada. Sára respondeu com lagrimas ás do esposo, e disse:

— Se esta senhora nos quizesse receber em sua companhia, com que amizade e amor a não tratariamos na sua triste enfermidade!...

— Talvez rejeitasse a minha submissão — disse

Jorge — porque Deus não quer que ella aceite... A justiça divina opera só: a nossa caridade para com a minha desgraçada e criminosa mãe, seria opposição aos decretos da Providencia... Não póde ser uma filha impunemente má... Soffreu muito meu avô... Dôres, como as dos ultimos annos d'aquelle santo velho, Deus as não faça provar á descaroada filha!... Eu sei que elle lhe perdoou; sei; mas a justiça divina é menos indulgente: quer que os offendidos indultem os aggravos que particularmente receberam, e reserva para si o castigo, a execução d'uma lei geral e inquebrantavel. Minha mãe hade padecer, expiar, e recordar-se longo tempo das agonias de seu pae. Faz-me infinita compaixão o seu desamparo d'ella! Aquillo é que é angustia humanamente incomportavel! Meu avô tinha, quando morreu, muitos parentes e amigos em volta de si. Ella não terá ninguem! Eu beijava as mãos frias do velho, que morrêra serenamente, abençoando-me; minha mãe acabará amaldiçoando o filho que odiou, e a chora hoje; amaldiçoando tambem o filho que tanto amou, e a despreza na sua ultima miseria! Ó Sára — proseguiu Jorge, apertando ao seio as mãos da esposa — Ó Sára, que infernos tem este mundo!... não ha outros, não te assustes da existencia d'outros, minha querida amiga; não ensines a tua filha outros infernos: mostra-lhe sómente aquelle em que penou sua avó...

Passados alguns segundos de silenciosa cogitação, Jorge proseguiu:

— Tens tu animo, Sára, para combinar commigo no que te cumpre fazer, se a minha vida fôr tão breve quanto...

— Não! — atalhou ella — Não! por Deus te rogo, pela filhinha, Jorge, por este anjo te supplíco...

E, como os soluços a entalassem, continuou a supplica em lagrimas, com que refrigerava as mãos ardentes do marido.

— Socega, socega — disse meigamente Jorge — que eu não digo mais nada... Tens razão... é ainda muito cedo para cogitarmos d'isto... Póde ser que eu melhore... Aos trinta e oito annos, a natureza ainda vence a morte. Mudaremos de terra, assim que eu poder levantar-me. Os medicos dizem que os portos de mar são nocivos aos meus achaques; vamos procurar montanhas... Quem me dera as da nossa patria; ó Sára! — disse elle, com muita saudade, olhando por uma janella, como a procural-as, e talvez a vêl-as na illusão da febre as montanhas da sua terra!

— Vamos nós! — exclamou ella de subito e alvoroçada — vamos, Jorge?

— Para onde, Sára?

— Para a Covilhã... A gente esconde-se... O nosso Simão fará que vivamos sem risco nem medo até que estejas restabelecido.

O alvoroço de Sára communicou-se ao espirito do marido, porque a saudade da patria o dispozera a aceitar um alvitre, que n'outra hora recusaria por imprudente.

— E quem sabe?! — disse Jorge com exaltada alegria, estreitando a filha ao peito — Quem sabe?! póde ser que eu me cure com um mez ou dous de respirar aquella saude das montanhas da Covilhã!... De dia, não sahirei; dormiremos; mas de noite, iremos por aquellas veigas fóra, e subiremos ás serras, e veremos romper a aurora, já de volta para os escondrijos do nosso Simão: queres, Sára? vamos?...

— Hoje mesmo... se te podesses erguer... — acudiu a alegre senhora, crendo que já via côr de saude nas faces escarnadas de Jorge.

— Erguer-me poderia eu... poderia, que a esperança é uma forte e celestial medicina; mas o peor é a viagem por este mau tempo que faz! Os balouços do navio, assim n'esta fraqueza em que estou, quem sabe se me acabariam o resto das forças... Se te parece, escrevamos primeiramente a Simão, esperemos resposta que hade ser boa; no entretanto vou-me eu avigorando, e a primavera chega tambem. O mais acertado acho que é isto.

Ao outro dia, com muita vontade e pouquissimo vigor, sahiu Jorge de Barros da cama, dando a mão á filhinha, que presumia ser amparo do pae, e re-

curvando o braço direito pelo pescoço de Sára. Deu alguns passeios n'uma salêta, sahiu á janella que se abria sobre uma praça muito solheira, e alli esteve alguns minutos gozando o ar tepido d'um meio dia de Dezembro sem nuvens na Italia. Dizia elle que se lhe estava alliviando muito a oppressão do peito, como se áquelle sol se derretessem os tumores que lhe impediam a inspiração do ar. Sára, de jubilosa, desfazia com beijos as faces de Leonor.

Por espaço de vinte dias, aquellas melhoras, quando não augmentassem, conservaram-se; porém, o contentamento do enfermo e da esposa tanto as encareciam que já um nem outro sabiam fallar se não em vida para alegres futuros. A morte costuma assim zombar com algumas das suas presas, como a fera com a victima, quando a deixa fugir já ferida, e, salteando-a outra e muitas vezes, renova o gozo de lhe rasgar as carnes, até que d'uma assentada a despedaça.

Jorge de Barros passeava um dia no caes do desembarque, porque esperava cartas de Amsterdam, por onde as de Simão de Sá lhe eram enviadas. Um navio hollandez, que n'aquella manhã ancorára, devia levar-lhe a suspirada resposta do hebreu da Covilhã.

Uns passageiros saltavam das gondolas ao caes; outros vinham de longe acenando ás pessoas que os esperavam em terra. Sára, reparando n'uma d'aquel-

las gondolas, porque lá vinha uma senhora acenando para o caes muito agitada, expediu um grito e exclamou:

— Ó Jorge!... Ó Jorge!...

— Que é?!...

— Acolá vem Judith!...

— Que Judith?

— A filha de Simão... e o pae tambem... não vês?

— É elle! — clamou Jorge — e o marido de Judith lá vem tambem, não é?

— São elles! são elles! — bradaram juntos os esposos agitando os braços, e abeirando-se do canal.

— Venho trazer-vos a resposta da vossa carta; — clamou Simão de Sá, ao passar-se da gondola para terra.

— Ó Judith! — exclamou Sára, apertada ao seio da sua amiga.

— Como teu marido está desfigurado! — disse Judith ao ouvido de Sára, querendo esconder de Jorge o espanto e as lagrimas.

— Se tu o visses ha vinte dias! — volveu Sára — Só a esperança de voltar á patria parece-me que o arrancou á morte... Esperavamos hoje a vossa resposta, para sahirmos d'aqui, e vós vindes n'esta occasião...

— Vem ouvir meu pae, que elle está contando a Jorge a razão da nossa fuga...

— Fuga! — atalhou Sára — pois vindes fugidos?! a quê?

— Á inquisição. A final, chegaria a nossa vez da fogueira, se não tivessemos bons amigos em Lisboa...

Recolhidos á residencia de Jorge de Barros, contou Simão de Sá que a perseguição se accendera com bravura inexoravel contra os hebreus, principalmente simulados christãos novos, refugiados pelas provincias, e com mais particularidade contra elle Simão de Sá, porque tinha luctado peito a peito com um fidalgo da Guarda, que lhe quizera roubar uma filha, violentando-a. Ora, succedendo que o fidalgo, contuso das mãos do hebreu, era irmão de um ministro secular do conselho real, dignidade attinente ao conselho do santo officio [1], a perseguição ao favorecido judeu da Covilhã foi tão activa e poderosa que o duque de Cadaval, protector de Simão de Sá, apenas pôde anticipar o aviso vinte e quatro horas antes do assalto dos esbirros.

Simão de Sá, com sua numerosa familia, fugiu

[1] O conselho do santo officio tinha presidente, que era o inquisidor geral, e conselheiros sem numero certo. Entre estes, eram tambem nomeados ministros seculares, chamados do conselho real, dos mais abalisados em letras e authoridade. O secretario do rei era-o tambem do santo officio. Mediante elle, se communicava a inquisição com a corôa. Este secretario expunha vocalmente ao rei os negocios da inquisição, e não por escripto, para assim impedir que os segredos do santo officio se soubessem. Veja *Aula politica* de D. Francisco Manoel de Mello, pag. 8, art., *Do conselho do santo officio*.

sem mais demora que a precisa para entrouxar o mais urgente, especialmente o muito dinheiro que, já de herança de avós, tinha amuado no cofre para o caso previsto da fuga, em fim realisado, quando elle menos se temia da inquisição. Expondo-se ao risco de incutir suspeitas em Hespanha, Simão de Sá, coadjuvado por valiosos parentes que o acompanharam desde Bragança, ganhou porto de mar, onde tomou navio que o desembarcou nas salvadoras praias de Hollanda. Logo que aposentou sua familia em Amsterdam, fez-se ao mar em demanda de Jorge de Barros, com seu genro e filha, para pessoalmente acudir á inquietação do seu amigo, e demovêl-o do proposito de entrar em Portugal, n'uma época tão infamada do recrudescido barbarismo do santo officio.

Entristeceu-se amargamente o enfermo Jorge, e logo se viu quanto as melhoras d'elle pendiam da esperança de ainda vêr o céo de Portugal. Sára, posto que os hebreus da Covilhã lhe promettiam distrahir-lhe o esposo das saudades da patria, animava Jorge a insistir no seu intento, lembrando-lhe que podiam viver desconhecidos em alguma aldêa da provincia mais afastada de Lisboa, e menos vigiada pelos esbirros da inquisição. Jorge respondia:

— Tanto monta morrer em Hollanda como em Portugal... Agora vejo que as minhas melhoras eram um milagre da esperança. A esperança era aquelle viver da Covilhã, onde passei os mais ditosos dias

de minha vida. Já não existem as condições que se me figuravam. N'outro qualquer ponto de Portugal ser-me-hia tão penosa a existencia como aqui. Iremos todos para Amsterdam. O que me resta da felicidade passada és tu e elles: bom e dôce será o morrer entre vós. Ao menos, Sára, quando eu fechar os olhos, tu e minha filha vereis muitos olhos piedosos em redor de vós, e uma familia que vos será amparo. É grande esmola da Providencia este ajuntarmo-nos em tempo que tu corrias o perigo de te veres sósinha com uma creança em terra estranha.

No discurso d'esta e d'outras fallas, Sára debulhava-se em prantos, porque via definhar-se o rosto e apagar-se o lume febril dos olhos de seu marido. Então era o vertiginoso abraçar-se com a filha, e erguêl-a ao seio, como se a mostrasse a Deus, n'aquelle seu affligido rogar, que era mais por soluços que palavras.

Alguns dias passados em busca de navio, as duas familias passaram para Amsterdam. Os padecimentos de Jorge augmentaram na viagem, bem que elle, condoído das penas de Sára, fingisse vigor e esperanças, que ninguem já alimentava por serem a cada hora mais declarados os symptomas de proximo fim.

Um dia, Jorge de Barros disse á mulher, olhando sobre o annel do avô:

— Ha quanto tempo nos não lembra este an-

nel!... Vamos fallar d'isto, que é necessario, Sára. Tu conheces perfeitamente o local onde está o thesouro. Ainda te recordas?

— Recordo, Jorge.

— Pois, por amor de nossa filha, não o esqueças nunca. A mim já me não aproveita; e a ti... futura-se-me que tambem não; mas póde ser que a nossa Leonor alguma vez encontre o acaso que lhe restitua o patrimonio de seu pae, que outro não lh'o restituirão os descendentes de meu irmão Garcia. Assim que Leonor comprehender as tuas explicações, ensina-lhe a significação das letras d'este annel, e descreve-lhe em miudos a fórma do tanque e da estatua, que cobre o deposito da agua, onde está o cofre. Quem sabe? passados annos, a nossa filha poderá sem risco ir a Portugal, e talvez que a justiça lhe faça restituir o que ella legitimamente herdou de seu pae. Os reis, que hoje possuem o palacio de meus avós, podem e devem dispensar a posse d'uns bens de fortuna que, segundo consta da escriptura da venda, claro é lhes não pertencem. Ainda mesmo que o thesouro haja de ser repartido entre mais herdeiros, o quinhão de Leonor, como minha filha, hade ser o maior de todos, porque os herdeiros actuaes dos haveres de meus avós sou eu e meu irmão. Leonor é minha unica herdeira; e, como tal, mieira nos bens livres que existirem por morte de minha mãe... Fatigam-te estas observações, Sára?

Tem paciencia... São necessarias; não as percas da memoria... Chora-me, lembra-te sempre de mim; porém, não seja isso motivo a que te esqueças do futuro de Leonor. Olha que ella e nossos netos hão de pedir esmola, se nos descuidarmos de olhar para a unica fortuna que lhes deixamos... bem sabes que nenhuma outra lhes resta além do segredo d'este annel.

CAPITULO X

Eram o amor de Sára e os cuidados extremos da familia Sá, e por ventura as orações da innocentinha Leonor, que iam tendo mão da vida de Jorge.

Na primavera de 1719 descançaram os sobresaltos da esposa que, durante o inverno, não tivera dia de seu que não passasse cortado de angustiosos receios, por que a desconfiança dos medicos alanceava o coração da inconsolavel senhora.

Reanimou-se algum tanto o enfermo. Nem aquelle sol, nem aquellas arvores tinham o aquecer e florir da patria; todavia, o ar que lhe filtrava ás cavernas ulceradas dos pulmões parecia coar balsamos cicatrizadores. Renasceram esperanças e contentamentos.

N'este tempo, chegaram a Amsterdam cartas de

Portugal. Lourença Coutinho fechara a sua com obreia negra.

— Morreu-lhe, talvez, o marido ou algum filho á minha pobre amiga!... — disse Sára alvoroçada.

— Ou póde ser que morresse minha mãe... — observou Jorge.

Quando Sára principiava a lêr a sua carta, entrou Simão de Sá de golpe, exclamando:

— Seu irmão já não vive!

— Meu irmão morreu?! — perguntou Jorge.

— De desgraça... de grandissima desgraça...

— Como Filippe? — atalhou Jorge.

— Peor... peor!... — disse Simão.

— Ah!... — exclamou abruptamente Sára, que continuára lendo a carta de Lourença Coutinho.

— Que é? — perguntou Jorge.

— O snr. Garcia — disse ella — morreu... enforcado!...

— Enforcado! — bradou Jorge — enforcado um neto de Luiz Pereira de Barros! Oh! que vaso de ignominia a Providencia impõe aos descendentes do mais honrado homem de Portugal!... Enforcado!... que infamia praticou meu irmão para tão aviltante morte!...

— A minha carta diz o seguinte — respondeu Simão de Sá, e leu os seguintes periodos:

«... Ha cinco annos que o rei D. João v foi enfeitiçado, como cá dizem os pios christãos, por

aquella encantadora cigana, que eu, ha tres annos, te mostrei nas hortas de Chelas, chamada Margarida do Monte.

« Lembrado estás de te eu contar quantos desterros, quantos homicidios ennegreciam a vida de Margarida, desde que o rei perdeu o tino por ella, sendo causa de tantas desgraças não poder a bohemia guardar ao rei mais fidelidade do que tinha guardado aos outros mancebos e cumplices de sua desenvoltura.

« O rei, irado de ciume, obrigou-a a entrar no convento das dominicas da Rosa, na parochia de S. Lourenço; e violentou-a a professar, com muitissima vergonha das outras religiosas, que se deram por grandemente aggravadas de tal parceira. Tamanho foi o escandalo na cidade, quanto inuteis os queixumes das candidas filhas de Domingos de Gusmão, de escaldante memoria.

« Margarida do Monte, ao tempo que professava, ia declarando que não cria em Deus nem no diabo; mas professou, sob ameaça de ir presa para a torre de S. Gião, e lá dar a ossada do mais galhardo corpo que ainda viram olhos mortaes!

« Deram-lhe no convento luxuosos aposentos. A India não teve mais que désse para ornamento dos profanos retretes, camaras, recamaras e antecamaras da cigana dominica. Serviam-na criadas com ar de damas de honor, e alli estava como irmã d'um

rei a Margaridinha do Monte que ha quinze annos aqui appareceu em Lisboa, trazida de Santarem pelo conde de Obidos, como sua manceba, e com elle esteve, em quanto outro conde lh'a não empolgou, e outro a este, e não sei quantos ao ultimo, até que o rei, fascinado d'ella n'umas touradas, a tomou, cuidando que lhe cabia a honra de ser o derradeiro e absoluto possuidor da bohemia.

« E, por se enganar redondamente, e ter coração curto, cuidou que o vingar-se era roubal-a a alheios olhos, e amansal-a no convento para depois a retomar purificada dos braços do beato Domingos.

« Ninguem se atrevia a requestal-a no convento da Rosa, posto que ella provocasse os mais audazes freiraticos de Lisboa: temiam o rei, e punham os olhos n'alguns mancebos illustres, que por causa d'ella andam desterrados, mais felizes que outros enterrados.

« Era preciso que o maior doudo d'estes reinos se amoldasse aos caprichos vingativos da cigana: appareceu Garcia de Moura Telles, irmão do honrado marido de Sára.

« Já sabes que este Garcia com as demasias da sua despejada vida alheava de si todos os amigos e parentes. Rara semana se passava sem que algum enorme escandalo estrondeasse por conta d'elle, ou da mulher, de quem elle ha muito se apartou, facultando a entrada da corrupção por todas as portas

da casa, onde habita a esposa, creatura de vilissima extracção e peores instinctos.

« Foi este homem, que já não era novo, quem se abalançou ás temerarias asneiras dos vinte annos.

« Como visse Margarida do Monte na grade d'uma secular extravagante do convento da Rosa, aceitou-lhe a requesta, e correu regularmente com visitas e correspondencia para o convento.

« Parece que o rei o soube, e enfurecido até mais não poder, quiz pessoalmente matal-o; todavia, os aulicos desvaneceram-no do intento, promettendo-lhe vingal-o opportunamente, sem que o nome real ficasse enxovalhado no successo.

« Gente bem informada me conta que uma freira confidente de Margarida fôra habilmente comprada por agentes do paço, para trahir a confiança da bohemia, e referir dia por dia o andamento dos amores d'ella com o allucinado Garcia de Moura.

« E o caso foi que a traidora denunciou o dia e hora em que, disfarçado em carvoeiro, Garcia de Moura havia de entrar no convento da Rosa.

« Os ministros da real vingança providenciaram a espionagem tão acertadamente que o disfarçado carvoeiro foi agarrado no momento em que entrava com um sacco de carvão sobre os lombos derreados.

« Apenas agarrado pelos quadrilheiros, despojaram-no de quatro pistolas que escondia n'um cintu-

rão, levaram-no ao corregedor do bairro, e d'aqui para o Limoeiro.

« Ninguem esperava que um caso d'estes, segundo o exemplo d'outros analogos, fosse castigado com mais severa sentença que um desterro temporario; porém, como o negocio era com o rei, os mais avisados esperavam que o desterro fosse para sempre e para alguma das mais inhospitas possessões.

« Eis senão quando corre um boato de que o preso seria condemnado á morte. Os parentes de Garcia de Moura, quando isto souberam, sahiram todos a supplicar como grande mercê o degredo do pobre louco. A mãe, que estava entrevada, ordenou que a levassem assim á presença do rei. D. João, assim que lh'a annunciaram, sahiu por outra porta, e foi para a quinta d'Alcantara. A desgraçada mulher voltou para casa dando brados de douda, e clamando ao povo que não deixassem matar um neto de Luiz Pereira de Barros, e um filho d'ella, que tinha nas veias sangue real. Do povo havia quem chorasse e quem risse. Eu fui um dos que choraram, porque a conheci em tempos de mui grande valimento e formosura por igual. Em tempos de virtude é que, a dizer verdade, nunca a eu conheci.

« Dos parentes o que mais activamente entendeu na salvação do preso foi Diogo de Barros, e com elle a parentela que falla de Luiz Pereira como de um santo. Baldou-se tudo!

« Hontem, por volta das dez da manhã, correu que se estava carpintejando uma forca no campo da Lan [1], a tempo que um regimento de arcabuzeiros se formava á porta do Limoeiro. Toda a gente entendeu que ia ser enforcado Garcia de Moura. Fecharam-se as janellas de muitas casas principaes. A indignação era grande; mas o terror maior. A compaixão já perdoava as travessuras escandalosas de Garcia; mas ninguem ousava proferir palavra de descontentamento.

« Ao meio dia, sahiu Garcia de Moura Telles entre dous frades da Arrabida, que lhe diziam as costumadas prégações, em quanto dous homens o amparavam pelos sovacos. Eu o vi: ia como morto; não pude encarar n'aquelle espectaculo por muito tempo.

« Á uma hora e tres quartos correram-lhe o laço, quando já pouca vida lhe poderia a corda apertar na garganta... »

Simão de Sá interrompeu a leitura, porque Jorge de Barros, perdida a côr e o alento, cahiu para sobre a espadua de sua mulher.

Passado largo espaço, deu signal de accordo: eram torrentes de lagrimas, e vozes inintelligiveis. O hebreu arrependera-se de lêr a carta, sem predispol-o a escutal-a. Cuidava elle que Jorge devia de odiar bastante o irmão para não sentir tão profundo o golpe.

[1] Local onde é hoje o « Terreiro publico. »

Depois das lagrimas, sobreveio uma tôrva serenidade ao semblante de Jorge, e logo estas pausadas palavras:

— Um irmão assassinado pelos Tavoras; outro... enforcado... Enforcado, santo Deus!... um neto de Luiz Pereira de Barros enforcado!...

Confluiam palavras consoladoras da esposa, de Simão, e de todos. Parecia não ouvil-as, nem vêr quem lh'as dizia.

— Aquella pobre senhora... a minha infeliz mãe!... — murmurou elle.

E, voltando-se para Simão de Sá, perguntou:

— E minha mãe ainda vive?

— A carta não diz nada a tal respeito.

— E a tua carta? — perguntou Jorge á esposa — que diz a Coutinho?

— Não a li toda... Vou vêr — respondeu Sára, correndo os olhos por sobre as muitas paginas da carta.

Parou n'um relanço da ultima pagina, e leu:

« O honrado Diogo de Barros, segundo me diz a minha amiga D. Isabel, mulher do contador-mór, vai hoje buscar a snr.ª D. Francisca para sua casa, porque se conta que enlouquecera, e diz e faz cousas de furiosa. Vê tu, Sára... »

Sára susteve-se, e Jorge disse:

— *Vê tu*... o que? lê o mais.

Sára leu: « Vê tu que espantoso castigo o d'esta

senhora!... Os dous filhos que ella amava tão miseravelmente mortos!... Esta infamia da força para ella que tão soberba era de sua fidalguia!...

— Está bom... — atalhou Jorge — agora... deixem-me sósinho... deixem-me chorar...

....

O leitor faz-me certamente a justiça de suppor que eu não imaginei um D. João v que amou uma cigana, chamada Margarida do Monte, a qual, na qualidade de freira dominica, se fez amar d'um mancebo illustre, que, por se fingir carvoeiro para entrar á cella da dilecta do rei, morreu na força. Se eu suspeitasse da desconfiança injusta do leitor, copiaria o seguinte periodo com que o cavalheiro de Oliveira me justifica e abona: «... Eu vi o soberano arrastar pesadissimas cadêas, em que longo tempo esteve captivo por astucia ou feitiço, como se dizia, de Margarida do Monte, creatura da raça bohemia. Quantas desordens, exilios, e até mortes se não effeituaram por intrigas d'aquella mulher! Morreu ella finalmente encarcerada no convento da Rosa de Lisboa, em qualidade de religiosa da ordem do patriarcha de S. Domingos. Este novo pae, que á força lhe deram, não a tornou mais ajuizada. Induziu ella um peralvilho a visital-a na cella; prestou-se elle a seus appetites, e foi desgraçadamente surprehendido, e pouco tempo depois enforcado. Entrára elle no convento, disfarçado em carvoeiro; e, como foi

apanhado com o disfarce, hoje é mais conhecido pelo nome de *carvoeiro da Rosa,* que pelo seu nome de baptismo ou de familia. »[1]

O amor das ciganas, n'aquelle tempo, era funesto, invencivel e fatal. No segundo volume d'esta narrativa virá melhor lance de exemplificar o prestigio das mulheres d'aquella raça que lá vai perdida na confusão de raças que, ainda bem, se fundiram, á luz da civilisação, no molde universal da humanidade.

Que idéa formavam nossos avós da raça que tanto se chamava bohemia como egypcia? Uns diziam que sahira da Tartaria, e infestara a Europa em 1417, com passaporte de Sigismundo, rei da Hungria, e recommendações d'alguns principes, que a veneravam como raça de prophetas, videntes e extraordinariamente alumiados em cousas das altas regiões, cumprindo decretos de Deus, que a mandara cruzar a face da terra, sob condição de não possuir um palmo d'ella. A juizo dos principes que os protegiam, os ciganos expiavam a culpa de seus antepassados, moradores do Egypto, os quaes recusaram receber Jesus e sua Mãe Santissima, perseguidos por Herodes.

Cuidavam outros que os bohemios procediam da Persia; e, de sete em sete annos, sahiam em caravanas, obrigados por lei, a buscarem sua vida pelo

[1] *Amusement périodique* — T. II, pag. 65 e 66.

mundo além, por não terem patria que lhes abastasse o sustento.

Outros, por derradeiro, consideravam-os descendentes das dez tribus de Israel, captivas de Salmanazar, rei da Assyria.

Como quer que seja, os filhos da mysteriosa origem, em Allemanha, eram chamados Zieguéner, em Italia Cingari ou Zingari, e nas Hespanhas Ciganos ou Ziganos.

Se a historiá nos não diz cousa importante ácerca de ciganos em Portugal, a legislação claramente nos assevera que elles por aqui estancearam em grandes e perigosas caravanas. Tambem se nos dá a inferir da legislação que alguns monarchas lhes deram indulgente faculdade de viverem em determinadas localidades do paiz: quaes ellas fossem não posso eu de prompto assignar; presumo, porém, com muitas probabilidades que algumas villas das fronteiras de Traz-os-Montes e Beira-Alta eram o paradeiro legal dos ranchos que annualmente visitavam as feiras principaes da nação.

Citarei de passagem as cartas regias, que tenho á mão, pertinentes ao assumpto, que merecia ser diffusamente versado por quem o investigasse com mais saber e paciencia indagadora.

Na ordenação Filippina não encontro uma carta regia de 17 d'Agosto de 1557 *sobre a sahida dos ciganos do reino.* É enviada ao corregedor da comarca

de Pinhel, e reza d'este theor nos pontos concernentes ao nosso intento: « Pela lei dos capitulos de côrtes que el-rei meu senhor e avô [1], que santa gloria haja, fez em Evora no anno de 1535, é mandado sob as penas n'ella contheudas, que não entrem ciganos em meus reinos e senhorios, por se evitarem alguns delictos que commettem e fazem em muito damno e prejuizo do povo; e por que me é dito que os ditos ciganos entram nos ditos meus reinos... Hei por bem e vos mando que os não consintaes estar nem andar em lugar algum d'essa comarca; e se alguns, agora ou ao diante, d'elles n'ella andarem ou estiverem os prendereis e procedereis contra elles á execução das ditas penas...... O que assim ey por bem sem embargo de quaesquer provisões d'el-rei meu senhor e avô, ou minhas que os ditos ciganos ou alguns d'elles tenham para poderem entrar ou andar em meus reinos, as quaes em todo revogo... E a estes taes que assim tiveram as ditas provisões assignareis termo de trinta dias para que saiam de meus reinos...... Jorge da Costa a fez em Lisboa a 17 d'Agosto de 1557. »

Devia de ser urgentissima esta carta regia, lavrada vinte e quatro dias depois da morte de D. João III.

Não sei até que ponto foram obedecidas as or-

1 D. João III. É D. Sebastião ou, mais exacto, a regente D. Carina que legisla.

dens da regencia. Póde conjecturar-se que a disciplina se relaxou logo, ou poucos annos corridos; por que dezeseis annos depois, por alvará de 14 de Março e apostila de 15 d'Abril de 1573 [1] D. Sebastião, referindo-se ao desprezo com que eram esquecidos os regimentos e leis antigas, ajunta que os ciganos «fazem muitos furtos, e insultos e delictos de que o povo recebe grande oppressão e trabalhos». Pelo que, manda apregoar em todos os lugares publicos a sahida dos ciganos e ciganas, e mais pessoas que com elles andarem, dentro de trinta dias, não obstante as provisões de D. João III ou d'elle propriamente.

E acabados os ditos trinta dias, acrescenta o pregão, os ciganos que se encontrarem sejam logo açoutados e degradados perpetuamente para as galés. Em quanto ás mulheres — diz a apostila — como não podem soffrer a pena das galés, sejam publicamente açoutadas com baraço e pregão, e lançadas do reino.

O rigor das penas não enfreou a ousadia das hordas bohemias. De envolta com ellas andavam portuguezes e estrangeiros de differentes nações disfarçados em ciganos, e fallando a linguagem d'elles, não apparentada com lingua nenhuma conhecida dos lexicographos.

1 Filip. liv. 5.º tit. 69, in princ.

A meu juizo, estas conquistas de estrangeiros e portuguezes quem as faziam eram as ciganas, mulheres sobre modo formosas. *Leurs filles*, diz Francisco Xavier de Oliveira, *sont fort jolies et fort agréables; il y en a même qui sont parfaitement belles, spirituelles, et engageantes. Une seule de ces filles a fait quelquefois plus de tort à un païs, qu'une troupe entière de ses parens. Certainement elles sont engageantes, je le répète, et elles ont l'art de forcer les hommes à les aimer, et à se depouiller de tout ce qu'ils ont pour leur plaire. Ce sont de dangéreuses femelles, et souvent bien funestes!* [1]

A lei, que manda matar os ciganos e ciganas, rebeldes aos alvarás já summariados, é de Filippe I. Do contexto da lei colhe-se quão poderosas e temiveis se tinham feito as quadrilhas bohemias em Portugal, com as quaes se bandeavam portuguezes entrajados de ciganos, e fallando a linguagem d'elles. Não era já atrevimento raro entrarem nas povoações de mão armada, saquearem as casas, e repellirem as justiças e tropas. Para aquelles que, no ter-

[1] *Amusement périodique*. Pag. 65. T. 2.º Oliveira escrevia as linhas transcriptas em 1741, cento e sessenta e oito annos depois da lei que mandava açoutar as ciganas, e cento e quarenta e nove depois de outra que as mandava enforcar. Isto prova com a maxima evidencia a fascinação com que ellas quebraram os braços aos executores da lei, vingando entre os portuguezes a gloria de se fazerem amar propriamente dos reis. Da magia d'ellas será, no segundo volume d'esta obra, cabal demonstração e victima o cavalheiro d'Oliveira.

CAPITULO XI

Não bastava Sára e a filha a divertirem o pensamento de Jorge, torvamente fixo e concentrado no supplicio affrontoso de seu irmão. Póde ser que este successo o abalasse pouco, se a doença, ulcerando-lhe, digamos assim, o orgão da sensibilidade, o não predispozesse a vêr na desgraça de seus irmãos e de sua mãe uma fatal estrella que sinistramente o perseguia a elle, e perseguiria sua mulher e filha.

Esta pertinaz apprehensão, debalde combatida com razões e caricias, desfechou em monomania, que ameaçava completo desconcerto de juizo. Jorge, abraçado a Leonor, fallava-lhe do funesto destino que ella havia de cumprir; e, se a mãe, lavada em lagrimas, o contradizia, appellando dos prognosticos

d'elle para a bondade de Deus, Jorge, n'um tom de declamação tragica e suspeita de insania, exclamava:

— E tu, Sára, se melhor morte não te colher cedo, morrerás como tua mãe e como teu pae! Morrerás na fogueira!... E nossa filha morrerá como tu e como elles!...

Os dias passavam todos assim escuros. Não volveu um só de esperanças. A enfermidade accelerava-se tanto ao seu fatal remate, que já não havia na sciencia nem na piedade respiradouro aos apertados corações das duas familias que, em volta do enfermo, pareciam indistinctas pela paixão das lagrimas. Jorge de Barros dizia a Simão de Sá que a Providencia o trouxera da Covilhã para receber uma viuva e uma orphã, no desamparo de marido e pae. Explicava-lhe o estado dos seus minguadissimos haveres, deplorando a quasi pobreza em que deixava sua familia. Lembrava-lhe expedientes quasi impraticaveis para desenterrar o thesouro da Bemposta; e pedia-lhe que por conta das futuras riquezas de sua mulher, ou filha, adiantasse Simão de Sá o emprestimo necessario para a subsistencia de ambas.

Com estas melancolicas disposições, e outras mais dolorosas praticas com sua mulher, passaram os ultimos dez dias de Jorge de Barros; até que a morte, tão esperada e todavia de surpreza para todos, lhe desatou a alma dos vinculos do corpo cortado de dôres acerbas. A religião de Jorge resplan-

deceu nas ultimas horas, senão de modo que todos creiam que aquella alma se ajuntou a Deus, pelo menos não ha cabal argumento que nos induza tristemente a pensar que se perdeu. Jorge expirou sem o ceremonial catholico, é isso verdade; mas tambem não aceitou o ceremonial judaico. Quando elle viu o rabbino com dez testemunhas em volta do seu leito, acenou que se retirassem, e disse:

— A testemunha da minha consciencia é Deus. O Senhor de bondade e de misericordia me julgará sem ouvir o depoimento das testemunhas da minha confissão [1].

Leonor foi anjo da esperança, como ajoelhada á beira da sepultura do pae, pedindo a sua mãe que por amor d'ella se não lançasse á mesma sepultura. Sete annos tinha então Leonor, encantadora creança

[1] Quando um hebreu entra em trabalhos de agonia, acercam-se-lhe do leito um rabbino e dez testemunhas, que lhe ouvem a confissão dos peccados, feita alphabeticamente. Cada letra symbolisa um peccado dos mais communs; porém, se o moribundo tem espirito e boa intelligencia para se exprimir sem os symbolos, confessa-se á maneira dos christãos. O enfermo pede a Deus que lhe dê saude, ou se amercei de sua alma; e principalmente lhe pede que contrapese nas culpas as dôres do trespasse como expiação. Os amigos do agonisante ajuntam-se na synagoga a orar por elle, com um nome diverso do que elle tinha, a fim de mostrarem que é já outro homem pelo arrependimento. Os que permanecem na camara aguardam o instante da morte, e alguns beijam a face do defunto, costume antiquissimo, como de Philon se infere, quando lastima que Jacob não podesse dar o derradeiro beijo em seu filho, inesperadamente morto. Esta usança, significativa de supremo adeus ás almas queridas, passou aos pagãos, se havemos de chamar usança a um acto em que é tudo a ternura, a paixão e a dilacerante saudade.

a quem os presagiadores vaticinavam desventuras, tirando os seus horóscopos d'um ar triste e scismador com que a menina punha os olhos n'aquelle céo triste como ella, e por largo espaço se detinha no seu enlevo, cuidando que via o pae, ou Deus sabe se estas visões as permitte Deus aos seus anjos d'este mundo. Sára pôde, pois, levantar-se da sua prostração, aquecer o rosto quasi frio de morte nos labios da filha, e enxugar as lagrimas para poder vêr o escabroso caminho por onde havia de atravessar guiando a sua orphãsinha pobre.

Os poucos teres, administrados por Simão de Sá, pareciam dar lucros bastantes para alimentação de Sára e Leonor, ou, mais exactamente, fingia o hebreu da Covilhã que a herança de Sára era mais valiosa do que pensava Jorge.

O commercio de Simão prosperara em Amsterdam mais desassombradamente que em Portugal. Isto lhe compensou a perda dos bens de raiz na patria, logo confiscados pelo santo officio, visto que a fuga do proprietario indiciava exuberantemente o judaismo de Simão e dos seus parentes, tambem espoliados.

Leonor ia crescendo em graças de corpo e espirito. Sára obedecia á vontade do marido que, nas suas viagens e tracto com sociedades diversissimas da portugueza, creara desejos e invejas de vêr sua filha instruida varonilmente como tantas damas que

se lhe depararam no estrangeiro, especialmente em Italia, nas familias israelitas. Em Amsterdam abundavam matronas illustradas, feitas na convivencia da judia portugueza Isabel Corrêa. Com estas estudava Leonor as prendas litterarias, sem descurar das outras.

Decorreram cinco annos.

A correspondencia de Lourença Coutinho, com mais ou menos resguardo da espionagem da inquisição, nunca descontinuou. Lourença, como mulher que muito padecera e pagara tributo grande de lagrimas á saudade de Jorge, seu livrador, inventava dictames consoladores para despenar o coração de Sára. O plano de casar o seu Antonio com Leonor não soffrera a menor quebra. Queria ella que o consorcio se realisasse logo que o filho concluisse a formatura em Coimbra; mas este desejo era embaraçado pelo medo do perigo que Sára poderia ainda correr em Portugal.

Sára, rogada pela sua amiga, mandou-lhe o retrato de Leonor, o qual foi dado ao academico Antonio José, nas ferias do seu ultimo anno de estudos.

Antonio José da Silva, que assim se assignava o canonista, respondeu ao mimo com arrebatada e amorosa poesia, da qual sua mãe fez presente a Leonor. A menina respondeu com ingenua doçura aos versos em breves linhas de prosa, nem enthusiastas nem esperançadas. Quasi que a isso a compellira suave-

mente a mãe, referindo-lhe então o pacto jubiloso que ella com a mãe de Antonio tinham feito, seis annos depois de ter nascido a promettida esposa. Leonor, com um sorriso de precoce gravidade, achava graça á brincadeira de duas mães felizes.

No fim do anno de 1726, recebeu Sára a noticia de ter morrido D. Francisca Pereira Telles, em casa dos primos Barros, depois de sete annos de rematada demencia, com accessos de furia aterradora. Constava, no dizer de Lourença Coutinho, que fôra exemplar em horror a morte d'ella, porque a Providencia justiceira lhe dera luz de razão nas suas ultimas vinte e quatro horas para que ella visse a vida que deixava, e os meritos que levava á presença do juiz supremo. E assim, acontecera o sahir-lhe á porta da eternidade o ancião Luiz Pereira, o pae, amaldiçoando-a; o marido tombado á sepultura por desgostos affrontosos que lhe ella déra; os filhos perdidos pela perdição moral de sua mãe, que lhes empeçonhara os instinctos com a licenciosa vida que lhes favoneára. E, como então lhe dissessem que seu filho Jorge tinha já morrido desde muito em Hollanda, D. Francisca revelára um prazer feroz na certeza de que elle, como judeu que se fizera, estava no inferno irremediavelmente. Este hediondo espectaculo d'uma agonia em arrancos, interpolados de esgares de jubilo, não havia quadro de horrores d'esta vida com que comparal-o! As piedosas exclama-

ções dos frades não poderam com ella nada. As vinte e quatro horas lucidas não lh'as déra Deus para o arrependimento, se não para que ella entrasse n'outro mundo com a memoria do que tinha sido n'este. Eram estas e outras as reflexões que o advogado João Mendes fazia a sua mulher, e ella communicava á sua amiga.

No tocante aos haveres de D. Francisca Pereira Telles, a opinião de João Mendes da Silva era que Leonor, filha de Jorge, pouquissimo ou nada poderia cobrar. O vinculo muito deteriorado, por morte de Garcia de Moura, passara ao primogenito da mulher, com quem não fazia vida. O segundo marido de D. Francisca senhoreara-se do restante da casa, sobrecarregando-a de onus e dividas, reaes e ficticias, das quaes era já cousa quasi impraticavel desembaraçar o patrimonio de Jorge de Barros. Por este lado, Sára não tinha que esperar de Portugal. Porém, dizia Lourença: «Ainda te fica o thesouro da Bemposta, por que eu não ouvi dizer nem levemente que alguem o descobrisse. No palacio residem os infantes D. Francisco e D. Antonio, irmãos de D. João v; e, como meu marido conhece o capellão-mór, algumas vezes lhe tem fallado no thesouro, para o sondar, e o capellão diz que o tal thesouro era a guarda avançada da maluquice de D. Francisca. Este capellão tem um filho que é almoxarife da Bemposta, e acredita que o thesouro existe, porque ouviu con-

tar a historia do annel. Andou elle algum tempo atraz de meu marido, querendo saber em que parte do mundo estavam os herdeiros de Jorge de Barros para se entender com elles a respeito do tal annel; mas meu marido, cautelosamente, lhe mentiu, dizendo que nunca ouvira fallar em tal cousa; para que não fosse o homem revolver a quinta, e por arte do diabo encontrar o thesouro.

« Olha que eu tenho esperanças de ainda te vêr a ti possuidora das riquezas de teu marido, minha Sára. Mais tarde ou mais cedo, vens para Portugal. Isto depende de espreitar o animo da inquisição. Meu marido vota que ainda é cedo; mas a minha saudade faz-me persuadir que o meu velho é muito timorato. Eu penso que podias estar em Lisboa com outro nome, em quanto esta sanha dos algozes não abranda. Dos teus inimigos já não vive nenhum. Não sei quem te iria accusar agora!

« Mais receio me faz o meu Antonio com as suas imprudencias lá por Coimbra, segundo alguns estudantes hebreus me avisam. Vive muito ligado, quando está em Lisboa, com aquelle Francisco Xavier, filho da minha amiga Isabel de quem já muitas vezes te fallei. Este Francisco não é judeu nem christão: diz elle que é philosopho, e não se esconde para cortar nos frades e na inquisição. Quem o viu tão devoto e crendeiro ha oito annos! Acho que o respeitam por causa do conde de Tarouca, com quem

elle está sempre; mas temo que meu filho seja o responsavel pelos delirios d'elle.

« O Antoninho queixa-se da frieza da sua futura noiva, dizendo que a atmosphera da Hollanda lhe nevou no coração. Quando elle cá veio a ferias de Paschoa, eu, para ouvil-o, disse-lhe que desconfiava da nenhuma inclinação da nossa Leonor para o matrimonio, á vista da glacial tibieza das suas cartas. O rapaz, ouvindo isto, deu dous passeios na sala, e recitou uma decima, que me fez rir, e aqui t'a mando para que tambem te rias. Vê tu que graça tem o diacho do poeta:

Toda a mulher que não fôr
Inclinada ao matrimonio,
Hade leval-a o demonio,
Se não a levar amor:
Tracte logo de depôr
Seu tyranno desdenhar;
Porém, se não abrandar
Seu rigor, deve escolher
Ou casar por não morrer,
Ou morrer por não casar. [1]

« Não te persuadas tu, Sára, que o meu Antonio tem genio folgazão. Não fazes idéa das tristissi-

1 Esta decima está n'uma das operas de Antonio José da Silva.

mas horas que o afastam da convivencia da familia! Fecha-se no seu quarto, encosta a face ás mãos, e fica-se n'um torpor de que só eu consigo acordal-o com muitas caricias. Já uma vez me disse que tinha presentimento de grandes infortunios. D'outra vez, pediu licença ao pae para sahir de Portugal, embora tivesse de grangear a sua subsistencia no estrangeiro exercitando algum baixo officio. Mas (cousa singular!) tudo que escreve é alegre! Diz elle que nas horas de maior tristeza tira da imaginação as scenas mais engraçadas das comedias que tem já tecidas para lá para o futuro as aperfeiçoar. O pae grita-lhe que estude direito canonico, e elle o que faz é lêr e relêr um grosso livro que elle chama o seu Plauto, e outro chamado Gil Vicente.

« Que impertinencias as minhas quando te fallo n'este meu filho tão querido! Desculpa os excessos do meu coração, Sára, por que és mãe. Pede commigo a Deus que os presagios d'elle se não realisem; e tua innocente filha que peça tambem, porque o céo não póde ser surdo ás orações da nossa linda Leonor. »

CAPITULO XII

Sára tinha vivas saudades de Lisboa, como se alguma hora de felicidade lhe houvesse reverdecido uma palmeira no deserto de sua arida mocidade. Odio devêra ella sentir á terra em que pae e mãe lhe queimaram as labaredas, ainda accesas para os seus desventurados irmãos. Simão de Sá não entendia as saudades de Sára; combatia-lh'as para despersuadil-a de voltar a Portugal, em quanto o rodar do tempo não esmagasse os sanguinarios fanaticos, recrudescidos n'um reinado em que os errados presagiadores tinham previsto o melhoramento dos hebreus, inferindo a conjectura do allivio que elles experimentavam em todos os estados, tirante Hespanha.

Sára parecia condescender; não cessava, porém, de recommendar a Lourença Coutinho que averi-

guasse o animo do santo officio, e a chamasse logo que o podesse fazer com segurança.

O doutor João Mendes da Silva, fiado no parecer do familiar do santo officio Diogo de Barros e do contador-mór José de Oliveira e Sousa, disse a sua mulher que podia afoutamente chamar Sára, não para a companhia d'elles, mas para a dos Barros, que, sem embargo de ella pertencer á communhão judaica, a recebiam como viuva de Jorge de Barros.

Simão de Sá, postas as cousas n'este pé de segurança, não impugnou a sahida de Sára, senão com as suas lagrimas e as da familia que se tinha affeito a cuidar que as duas senhoras eram suas e para todo o sempre. Fraca opposição era a das lagrimas ao fulgor attractivo d'aquella funesta estrella que o moribundo Jorge de Barros vira alumiando o destino dos seus!

Recebeu Sára a herança muito augmentada de seu marido, e sahiu de Amsterdam entregue á familia do consul hespanhol na Haya, que retirava para Hespanha, em embarcação que se dirigia a Sevilha. Simão de Sá, temeroso da inquisição de Sevilha, a primeira na peninsula, o manancial de fogo que derivara por sobre o territorio das Hespanhas, e cortára os mares até ás Indias, agourou mal da passagem de Sára por sobre aquelle chão maldito ensopado de sangue de hebreus; não obstante, a viuva deu nenhum peso aos agouros de Simão, tendo como

impossivel o estorvar-lhe o passo o santo officio n'uma terra em que ella não era conhecida, indo de mais a mais em companhia d'uma familia christã e muito considerada em Hespanha.

O rosto do hebreu ressumbrava o desgosto profundo da quasi ingratidão de Sára, que, por amor de Lourença Coutinho, podia separar-se sem lagrimas das pessoas que a tinham salvado nos dias da perseguição. Ao mesmo tempo, os olhos de Leonor afogavam-se em prantos, protestando contra o procedimento inexplicavel de sua mãe, que trocava uma existencia segura e pacifica pelos sobresaltos de Portugal, d'onde cada hora estavam fugindo os hebreus com os seus haveres, a muito custo subtrahidos á vigilancia da inquisição.

— Torna para nós, se tua mãe se perder, e a ti te deixarem, minha filha — disse Simão em segredo a Leonor — Volta para a familia em cujo seio nasceste, menina. Minhas filhas acalentaram-te nos teus primeiros somnos. O teu berço foi o d'ellas. Ama e obedece a tua mãe; mas, se ella te faltar, volta para nós.

Sára olhava com supersticioso medo para as lagrimas de Leonor, quando, no mar alto, a menina voltava o rosto amargurado para os nevoeiros em que lhe ficava Hollanda e a gente querida da sua infancia. Fallava-lhe a mãe do céo, das arvores, dos laranjaes, do sol, das estrellas de Portugal. Leonor, n'uma d'essas descripções das delicias da sua Lisboa,

por amor do sol, das estrellas, dos laranjaes, atalhou-a, dizendo:

—E as fogueiras, mãe?!

—Que horrivel pergunta, minha filha!... pelo amor de Deus, não me falles n'isso!... Pois não viste a carta de Lourença?!

—Vi... e tambem a viu o snr. Simão—respondeu Leonor—E a mãe bem sabe com que terror elle nos viu partir...

—Era a amizade que nos tinha, menina...

—Pois sim... mas... melhor fôra...

Sára precisava de que alguem lhe désse alento para não se deixar vencer do medo da filha. A coragem, com que se despedira, ia-lhe minguando. Já o arrependimento começava a dar-lhe tratos. A si mesma se perguntava ella, com feminil versatilidade, como podéra sacrificar a paz e tal qual satisfação que tinha em Hollanda, a um pueril prazer de voltar á terra onde apenas tinha uma amiga, pela qual deixava tantas e tão provadas em grandes afflicções!

E Leonor continuava a chorar silenciosa.

A familia hespanhola cuidava mais de si que das tristezas de Sára e da filha. Bem que tolerantes, a esposa e mais damas do consul castelhano olhavam de soslaio para as judias, cuja companhia tinham aceitado, porque o consul era muito obrigado a Simão de Sá e outros hebreus portuguezes que, ao envez do seu costume, lhe tinham emprestado dinheiro sem

onzena. Cá, porém, no mar alto, os cuidados das damas enjoadas, com as israelitas portuguezas, podiam sem injuria igualar-se a uma completa indifferença, como se receassem saltar do mesmo bote, no caes de Sevilha, acamaradadas com gente de tal raça.

A bordo do navio, viajava um mercador de Valhadolid, homem de meia idade, que desde o embarque fitou Leonor com olhos requebrados, e não perdia azo de lhe dizer finezas. De Valhadolid era tambem a familia do consul.

Sára, bem que notasse o desgosto com que sua filha escutava forçada as galanices algum tanto serodias do hespanhol, conversava com elle por ser o unico passageiro que de melhor sombra se esmerava em obsequial-a, com os olhos sempre envesgados á sombria e formosa menina. O hespanhol, que os seus patricios consideravam muito, offereceu a Sára o seu valimento, em paiz onde realmente lhe era necessario, visto que ella era christã-nova, segundo ouvira dizer a um familiar do consul. Aqui viu a hebrea quão mal recommendada fôra a uma gente que a denunciava e punha em risco de ser presa em Hespanha. Aos sustos de Sára acudiu o mercador com a promessa da sua efficaz protecção.

A viuva, convencida da insinuante bondade dos quarenta ou mais annos do seu companheiro de viagem, relatou o essencial de sua vida, com indiscreta lhaneza. Pessima qualidade tem as boas almas: é se-

rem communicativas, abertas, dadas com infantil expansão. O hespanhol ouviu com interesse a historia de cuja revelação Sára se arrependeu, logo que a filha lhe disse:

— Deus queira que a mãe se não arrependa de fallar tão sinceramente com uma pessoa desconhecida!... Não sei que mal o coração me diz d'este homem!...

— Isso é injustiça, filha!... — atalhou Sára — Pois a gente hade desconfiar de quem nos tracta com tanta cortezia, e nos offerece os seus serviços em terra estranha...

— Toda a terra é estranha para nós, minha mãe... em toda a parte nos cercam inimigos, desde que sahimos do amparo do snr. Simão.

— És visionaria, Leonor! Fazes-me medo!... já estou arrependida...

Entretanto, o negociante de Valhadolid não cessava de galantear Leonor que, temendo o despeito do pertinaz requestador, lhe recebia menos severamente as graças e delicadezas enfadonhas.

Aportaram a Sevilha. D'aqui, tencionava Sára, dirigida por pessoa a quem Simão de Sá a recommendára, seguir por terra para Portugal. O mercador, a quem o tempo ia escasseando segundo o intento não deshonesto do seu affecto a Leonor, declarou-se, pedindo á mãe a mão da filha. Sára respondeu que o marido d'ella lhe fôra destinado já antes de ter nascido. O hespanhol contraditou esta fu-

til objecção inventariando as suas riquezas e poderío, não sem deixar transparecer o despeito em que o desprezo de tal offerecimento poderia deixal-o. Leonor instava com sua mãe a prompta sahida de Sevilha, principalmente depois que os christãos-novos a quem vieram recommendadas lhes incutiram receios d'alguma villania vingativa de tal homem.

Já aterrada e desnorteada, Sára não sabia que fazer. Falleceu-lhe o animo ainda antes de se avistar com a sombra da inquisição. Os hebreus em cuja casa ellas se hospedaram, assustados do risco em que taes hospedes poderiam pôr o seu socego, estavam em ancias de os despedirem. Sára foi ter com a familia do consul, pedindo-lhe auxilio. A familia condoida offereceu-lhes leval-as comsigo para Valhadolid, e de lá enviarem-nas cautelosamente para Portugal. É de suppor que o mercador opulento chamasse ao seu partido a familia do consul; porque muito espantadas as senhoras censuravam Leonor por não aceitar tão rico marido, que o mais auspicioso dos acasos lhe deparava.

N'esta desordem de cousas, e afflictivas vacillações de Sára, dizia Leonor:

— Veja, minha mãe, a paz que deixamos, e a inquietação que nos atormenta!

Sára, como se visse desamparada de melhor conselho, abraçou a cavillosa protecção das damas hespanholas, e seguiu com ellas para Valhadolid.

CAPITULO XIII

Recolhidas á casa da familia, que se mostrava agora mais desvelada, Sára, passados alguns dias, pediu que lhe deixassem seguir para Portugal, visto que sua filha não aceitava as propostas do mercador. Já a paixão do homem degenerára em rancorosa vingança. As hospedeiras damas abriram-se com Sára, agourando-lhe mal da sua rejeição. O pretendente affrontado pela recusa, segundo ellas affirmaram, era irmão d'um conselheiro do santo officio; e mal d'ellas, se a vingança respirasse pela denuncia!

A atribulada viuva nem já d'estas mulheres se fiava para lhes communicar o seu plano de fuga. Não obstante, aprestava-se para fugir, até ganhar alguma povoação dos suburbios, d'onde podesse commodamente seguir jornada por caminhos desfrequentados.

Não podiam fazer-se em segredo estes aprestos: faltava á afflicta Sára a precisa serenidade para illudir a familia que a expiava, sem perder lanço de tentar reduzir a repugnancia de Leonor. O hespanhol recebeu aviso dos intentos de Sára e da ultima deliberação da filha, a qual respondêra:

— Que aceitaria de melhor vontade morrer queimada que viver casada com tal homem.

A mãe censurou-lhe a desabrida resposta, quando convinha dissimular. Leonor respondeu:

— Já se me não dá de acabar, porque perdi as esperanças de ter um dia de socego. Se não fôr aqui, será em Portugal... Ninguem foge á sua estrella...

A desesperação, effeito do arrependimento já sem remedio, levou de impetuoso impulso a viuva de Jorge de Barros a fugir de Valhadolid n'uma entre-aberta, quando o maior numero das pessoas da casa estava na missa. As duas fugitivas levavam comsigo apenas o dinheiro abundante que Simão de Sá lhes dera, a titulo de herança de Jorge.

O passo era louco. O mercador não dava folga ás suas espias. A formosura de Leonor era já notada para passar desapercebida sob a mantilha sevilhana. As duas mulheres, denunciando-se pela anciedade com que procuravam um guia sem determinarem a direcção, não reparavam em dous quadrilheiros que as seguiam de perto. Pararam á porta d'uma igreja, d'onde sahia muito povo, no intento de se en-

tremetterem na multidão, e sahirem por alguma das portas da cidade. O povo reparava n'ellas, e mais ainda nos conhecidos aguazis que as não perdiam de vista, e só com o reparo as delatavam ás turbas. Leonor tremia aconchegada de sua mãe, e murmurava:

— Aquelles dous homens vem prender-nos...

Um mancebo, que se avisinhara d'ellas, como ouvisse vozes portuguezas, perguntou a Sára:

— Se teem medo da inquisição, fujam, que as seguem os esbirros... São portuguezas?

— Sim, senhor — disse Sára ao mancebo que fizera a pergunta em portuguez — Para onde fugiremos?

— Entrem na igreja, que eu vou vêr se lhes dou escape por uma porta da sacristia.

Quando ellas rompiam o concurso do povo contra a porta da igreja, os familiares, ante quem se desimpedia espontaneamente a passagem, tomaram-lhe o passo, e ordenaram-lhes que os seguisse. O portuguez disse entre si: « é tarde... estão perdidas... »

As presas pozeram n'elle os olhos lagrimosos, como se esperassem a salvação do moço que as quizera salvar.

O povo agglomerava-se em redor d'ellas: os esbirros acenaram aos alabardeiros d'um corpo de guarda, que desempeçaram o transito. No entretanto,

o moço portuguez correu a casa do alcaide, e annunciou-se com o nome Francisco Xavier de Oliveira.

Era o filho de D. Elena das Neves, amiga de Lourença Coutinho. N'outro lugar se dirá o que levára a Valhadolid o amigo de Antonio José da Silva.

O alcaide recebeu sem detença o filho do contador-mór dos contos de Portugal, seu antigo amigo.

— Então? — perguntou o alcaide — tornou-lhe a fugir a endiabrada cigana?

— Não, senhor: outra razão mais séria me faz importunal-o. Acabam de ser presas duas portuguezas por quadrilheiros da infame inquisição.

— Falle baixo, seu doudo! — atalhou o alcaide.

— São duas senhoras, que me parecem ser mãe e filha.

— Judias ou feiticeiras?

— Não sei. São duas senhoras, e uma d'ellas tem a formosura dos seraphins!

— Então que quer o senhor? Que eu as vá arrancar d'entre os ferros? — perguntou o alcaide sorrindo.

— Bem sei que não póde.

— Ainda bem que sabe.

— Quero simplesmente que saiba quem ellas são.

— Isso póde ser: volte d'aqui a duas horas.

O alcaide entrou no tribunal do santo officio,

antes que o inquisidor entrasse. Como pessoa de muita confiança entre os officiaes da casa, pôde facilmente aproximar-se das presas, que tinham sido conduzidas a uma ante-sala, onde era costume esperarem os réos que os chamassem ao primeiro interrogatorio.

Leonor levantou-se á chegada do alcaide, cuja posição social se revelava no aprumo mesurado da andadura. Sára quiz erguer-se; porém o tremor das pernas, e convulsão de todo corpo, não lh'o consentiram. O que ella pôde foi pôr as mãos.

—Sentem-se, senhoras, disse o alcaide, que eu não sou inquisidor. Venho aqui saber quem são, porque ha pessoa que se interessa pelas senhoras, e póde em Portugal ser-lhes muito prestadio. Não me enganem que se podem prejudicar.

—Minha mãe, disse Leonor—é Sára de Carvalho, e eu sou Leonor Maria de Carvalho.

—D'onde são?

—Eu nasci em Lisboa—disse Sára—e minha filha nasceu tambem em Portugal na villa da Covilhã. Á pessoa, que se interessa na salvação d'estas desamparadas mulheres, diga vm.ce que eu sou a viuva de Jorge de Barros, neto do contador-mór dos contos do reino Luiz Pereira de Barros.

—Tá!—exclamou o hespanhol—que eu já ouvi fallar nas senhoras ao cavalheiro que me cá mandou!.... Conhecem Francisco Xavier d'Oliveira?

— De Oliveira? — clamou Sára — o filho da snr.ª D. Isabel, mulher do contador-mór?...

— É esse mesmo.

— Oh! senhor!... diga-lhe que uma das presas é a promettida noiva e ainda parenta do seu amigo Antonio José da Silva...

— Que está preso nos carceres da inquisição em Lisboa...

— Preso!... desde quando? — perguntou Leonor.

— Ha dous mezes. Sei-o do seu amigo Xavier d'Oliveira... Mas salva-se... Podem ter a certeza de que se salva. Agora, cuidemos em vêr o destino que as senhoras tem. Senhora Sára... dou-lhe de conselho que use d'outro nome... Nunca foi baptisada? Ouvi dizer que sim...

— Fui... e chamaram-me Maria.

— Pois chame-se Maria... Adeus que são horas. Conte com alguns amigos.

Francisco Xavier d'Oliveira, assim que soube os nomes das presas, apressou a jornada para Lisboa, no proposito de fazer que o santo officio requisitasse para alli as christãs-novas como portuguezas.

O interrogatorio principiou ao fim da tarde. Até essa hora, os familiares da inquisição andaram colhendo informes das presas, já por intermedio das senhoras a quem ellas tinham sido recommendadas, já directamente do mercador, que as denunciára.

Nas bagagens das judias não apparecera documento que as culpasse: graças aos cuidados de Simão de Sá, que as não deixára sahir com o minimo vestigio de hebraisantes, rasgando quantas cartas de Lourença Coutinho a indiscreta Sára enthesourava.

O interrogatorio foi breve. A viuva balbuciava respostas cortadas de soluços. Leonor respondia com assombrosa presença, baixando os olhos sobre as mãos, que cruzara no alto do seio.

Disse quem era seu pae, d'onde vinha, e para onde ia. Ás perguntas concernentes á religião que seguia, disse que amava Deus como creador, e as creaturas intelligentes como seus irmãos, filhos do mesmo Deus.

Sobre as formulas exteriores das suas crenças, não respondeu. Apenas disse que recebêra o sacramento do baptismo, porque seu pae era christão e sua mãe baptisada. Como as respostas não satisfizessem cabalmente ás perguntas, o inquisidor insistiu sobre saber se ella e sua mãe seguiam o rito judaico. Leonor, após alguns instantes, respondeu:

— Nem esse nem outro. Meu pae mandava-nos que amassemos Deus e o proximo, e dizia-nos que a mais divina religião era a mais ardente caridade.

Anoiteceu.

O inquisidor sahiu, ordenando que conservassem juntas as presas, até nova ordem n'um dos quartos reservados aos presos por meras suspeitas.

Quando chegou a casa, encontrou o alcaide que o esperava sentado ao fogão de sua illustrissima reverendissima.

O alcaide, que havia passado duas horas em casa do consul vindo de Hollanda, arrancou ás senhoras o segredo da paixão vingativa do mercador. As damas, remordidas na consciencia, contaram o successo exprobrando o proceder do denunciante, e arguindo-se a si mesmas de quasi coniventes n'aquella trama vil, por até certo ponto entenderem que Leonor faria um excellente casamento.

Ora, o alcaide foi contar esta historia ao inquisidor, que confirmou ter recebido a denuncia d'um irmão do negociante, conselheiro do santo officio e conego da sé.

— Se vm.ce — disse o inquisidor — ouvisse as respostas da filha e lhe visse o semblante, meu alcaide, desculpava a protervia do denunciante! Que bella e que discreta!... Ora bem, não será o santo officio instrumento das vinganças do velho allucinado; mas hade fazer-se o que fôr de justiça.

— Justiça, é mandar as desgraçadas para Portugal — disse o alcaide.

— Deixe-as estar, que não lhes hade faltar alimento nem luz. São hoje cinco de Outubro... No dia vinte e seis de Janeiro celebra-se auto publico da fé. Sahirão ambas reconciliadas n'esse dia, se até então não apparecerem provas aggravantes. Está vm.ce

authorisado a poder-lh'o revelar, visto que sem minha authorisação já por lá andou. Foi muito notoria a prisão: não tenho remedio senão fazer o que faço.

— Quatro mezes! — exclamou o alcaide.

— Parece que se espanta!? — disse o inquisidor, sorrindo.

No dia seguinte, Sára e Leonor recebiam a boa nova por uma carta do alcaide. Logo depois receberam as suas bagagens, e licença para mandarem comprar os alimentos que lhes aprouvesse.

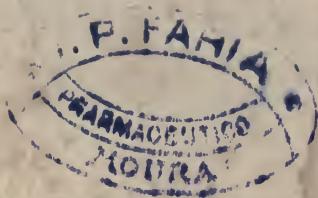
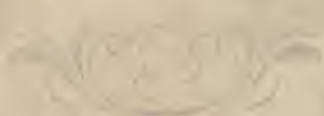
Divulgou-se a infamia do denunciante. Era o alcaide o propalador. A conjuração formada contra elle deu de si um perseguirem-no com chufas e apódos tão pungentes que o homem, ao fim de quinze dias, sahiu de Valhadolid a esconder a sua ignominia. O alcaide, porém, não era sujeito que se contentasse com o desterro do villão. Descobriu-o no escondrijo d'uma quinta a duas leguas distante da cidade. Lá mesmo lhe fez zumbir os apupos do gentio desbragado a quem elle estipendiava e largo tempo sustentou na sua missão justiceira que disparou em desconcertarem as faculdades intelligentes do infausto refugiado. O mercador, passados annos, acabou sua vida n'uma casa de orates. Das perversas qualidades que tivera uma só sobrevivera á perda da razão d'este homem, a que eu não dei nome, porque lh'o não encontrei nos apontamentos subsidiarios d'esta narrativa. A perversidade sobrevivente foi lem-

brar-se elle até á ultima hora da judia, que o sandeu sanguinario esperava sempre vêr na fogueira.

No auto publico da fé celebrado na igreja de S. Pedro da cidade de Valhadolid, em vinte e seis de Janeiro de 1727 sahiram livres e *reconciliadas por culpas de judaismo,* dizia a rubrica da lista, Maria de Carvalho, natural de Lisboa, de idade de quarenta e sete annos, e Leonor Maria de Carvalho, natural da Covilhã, de Portugal, de idade de quatorze annos.

Á sahida do carcere as duas senhoras encontraram, como companheiros para Portugal, o velho Diogo de Barros, tio de Jorge, e Francisco Xavier de Oliveira, o galhardo mancebo que as quizera salvar.

— E o nosso amigo Antonio José da Silva? — perguntou a amiga de Lourença Coutinho.

— Está livre — disse Francisco Xavier d'Oliveira — Apenas lhe quebraram os dedos na tortura.

FIM DO 1.º VOLUME

O JUDEU

O JUDEU

PARTE TERCEIRA

CAPITULO I

Concluiu formatura em canones Antonio José da Silva por 1726. Seu pae, o eminente jurisconsulto João Mendes da Silva, contava setenta annos feitos, e vergava ao peso da idade e da muita e principal clientela que grangeara com o seu talento juridico e sua estremada honradez. Chamou, por isso, o filho a coadjuval-o para, mais tarde, o ficar substituindo.

Forçando o engulho e repugnancia que os autos

lhe faziam, o recente bacharel abancou no escriptorio de seu pae, coagindo o espirito inquieto a prestar attenção ás enfadosas exposições consultivas, e ás aridas respostas do velho, que era um poço nas Institutas de Justiniano e Decretaes.

As tres horas, que Antonio José sacrificava de cada dia á pratica forense, eram-lhe remuneradas com a plena liberdade das outras. O uso, que elle fazia do seu tempo, com quanto desagradasse ao pae, não lhe era contrariado. Escrevia comedias, vestia de melhor linguagem umas que tinha urdido no mais verde dos annos, e architectava outras para refazer mais tarde. Propensão aprazivel para estudos tinha uma só: era o theatro, não já modelado pela escóla franceza, que então dava ao mundo policiado as regras dramaticas; mas acostado algum tanto á feição comica de Gil Vicente, com as inverosimeis peripecias de Lopo de Vega e dos filiados á grande e ainda vividoura escóla castelhana. Ponderar e descriminar a indole litteraria de Antonio José, cognominado «o judeu» seria impertinencia n'esta narrativa, onde raro leitor antepõe o lucro da instrucção ao deleite da curiosidade.

A seu tempo, farei conhecidos, de relance, alguns passos da breve carreira litteraria do filho de Lourença Coutinho. Então julgará o leitor do merecimento d'elle, sem que o ensinem a destrinçar systemas, escólas, methodos, e centenares de subtilezas

improprias d'este escripto, e aliás importantes a quem estuda e de mui lustroso tracto para quem as professa competentemente.

É já sabido que o mais familiar amigo de Antonio José da Silva era, desde os alvores da mocidade, Francisco Xavier de Oliveira, o filho da dilecta amiga de Lourença Coutinho.

Silva tinha vinte e um annos quando se formou, e Oliveira corria então nos dezenove.

O bacharel ficou maravilhado, quando de volta de Coimbra, encontrou o seu amigo, não mais desmoralisado que os mancebos da sua geração, mas muitissimo mais desempoado que todos, em materias de crença religiosa. Era muito n'este espanto o caso de ter sido Francisco Xavier educado pelo devotissimo fr. Francisco do Menino Jesus, tio d'elle, e muito a miudo confessado com o oratoriano Ignacio Ferreira, e com o conego de Santo Agostinho padre Lourenço Justiniano, como Lourença Coutinho referia n'uma das cartas a Sára, escriptas treze annos antes.

Desde os dezeseis annos, o filho do contador-mór José de Oliveira revelou imperiosa vocação para a vida dissoluta; sem embargo, a piedade, os accessos de fervor christão, entremettiam-se nas extravagancias do rapaz. Ainda então Francisco Xavier se confessava todos os mezes, aproveitava quantos jubileus a magnanima Santa Sé proporcionava á salvação das almas, e não consentia a Antonio José a mini-

ma galhofa das cousas venerabundas da igreja catholica-apostolica-romana.

N'esse tempo ainda, época do seu primeiro namoro, deu elle um irrefragavel testemunho de crendeira piedade. Contava elle, cincoenta annos depois, que tinha, n'aquelle tempo juvenil, um oratorio com umas vinte imagens de Santos de sua particular estima. Entre todos, os mais rogados e importunados eram Santo Antonio e S. Gonçalo d'Amarante. Uma vez, lhes pediu que tocassem o coração d'uma belleza rebelde. «Os dous Santos, diz elle, provavelmente occupados em negoçio de mais importancia, não fizeram caso dos meus requerimentos. Despeitado com o menospreço, atei-os um ao outro, e pul-os fóra do santuario, desterrando-os para debaixo da minha cama. Como, porém, os não sensibilisasse com o mau tractamento, visto que a minha deidade continuava em seus rigores, condemnei-os a descerem ao poço; e logo os fui baixando, com ameaças de afogal-os, se me não fizessem o favor. Aconteceu então que a moça me respondeu a muitas cartas, que lhe eu tinha escripto, e assim salvou as duas imagens do naufragio; e eu acreditei que devia aos dous Santos a minha fortuna.» [1]

[1] O extracto é da obra de Francisco Xavier de Oliveira já muitas vezes citada: *Amusement périodique.* O mais que se fôr dizendo respeito á vida particular de Oliveira e seus contemporaneos, ainda que se não demarque o lugar em que a noticia foi colhida, tenha o leitor a certeza que é quasi sempre exacta cópia do que refere aquella obra.

Outro signal de sua razoavel piedade: Francisco Xavier embarcou n'um bote para ir á Povoa, cinco leguas distante de Lisboa, á margem do Tejo. Surprehendeu-o uma borrasca, defronte de Sacavem. O barco estava já em apuros de mostrar a quilha. Francisco ajoelha e invoca a milagrosa Senhora da Penha. Quebra o vento, e consegue o barco abicar a terra. Assim que chegou a Lisboa, o moço foi á Penha de França com toda a parentela agradecer á Senhora o milagre. Fez dizer muitas missas em acção de graças. Deu dinheiro aos frades da casa, e pendurou um painel que representava o successo. « Este painel, — diz elle, e nós trasladamos as palavras do devoto para que algum curioso possa ainda vêr na capella da Senhora da Penha o ex-voto do cavalheiro d'Oliveira — este painel foi pendurado no muro da igreja, e creio que ainda lá estará. » [1]

Estes e outros casos abonavam o espanto de Antonio José da Silva, quando, na volta de Coimbra, lhe perguntava:

— Que é feito da tua fé, meu Francisco?

— Pergunta-me antes o que fez a minha razão, alumiada pelo estudo — respondia Francisco Xavier.

— Pois que te disse a tua razão a respeito d'aquelle painel que eu te vi levar á igreja da Penha? Lembras-te que me chamaste impio porque eu me ri do caso?... Como foi que a tua razão te fallou?

[1] Escrevia em 1751.

— Disse-me que os christãos imitavam os idolatras n'estes votos de paineis e quejandas offerendas. É a mesma historia do templo d'Apollo na ilha de Nanfio, eregido por Jason, depois que os argonautas se salvaram d'uma tempestade, ao recolherem-se de Colchos. É a mesma usança dos ex-votos no templo de Hierapolis, o mais milagroso dos deuses syriacos. É a mesma necedade dos enfermos curados que penduravam paineis no templo de Esculapio. Já Horacio fallou d'esta costumeira, como sabes da ode 5.ª:

. . . Me tabula sacer
Votiva paries indicat humida
Suspendisse potenti
Vestimenta maris Deo. [1]

Tibullo tambem costumava, como eu, recorrer á Deusa em cujo templo se penduravam paineis. [2]

— Sabes tu — continuou o moço Oliveira — o que respondeu o philosopho Diágoras a um sujeito?

— Nada, não sei.

— O sujeito, apontando-lhe para muitos paineis de naufragios, á imitação do meu, disse-lhe: « Pre-

[1] *A sagrada parede de que pende o meu votado painel, testemunha que eu alli pendurei as minhas vestes humidas, em honra do possante Deus do mar.*

[2] *Nunc Dea, nunc succurre mihi, nam posse mederi*
Picta docet Templis multa tabella tuis.
Eleg. III, liv. I.

sumes que os deuses não fazem caso dos negocios da humanidade. Ora não vês tu este grande numero de paineis, provando que tanta gente se salvou de naufragar, em virtude dos votos feitos aos deuses? » — Sim, respondeu Diágoras, vejo isso; mas tambem vejo que os afogados não se fizeram pintar.

— Mas... — redarguiu o bacharel Silva — a que se deve a transformação moral em que te encontro? Quando começaram as tuas duvidas sobre a fé cega de teu tio fr. Francisco do Menino Jesus?

— Eu te conto. Um dia fui de peregrinação a Nossa Senhora do Cabo com o padre Antonio Gomes, e com o doutor José Antunes Cardoso. O padre gostava igualmente do bom e do mau vinho; porém, um vinho, que lá lhe deram para dizer a missa, era tão mau, que o padre, quando estava a desparamentar-se na sacristia, soltou estas colericas palavras: « O vinho do calix tinha um sabor de todos os diabos! Meus amigos, recommendo-vos que não bebaes vinho ao jantar, a não vos darem algum que não seja d'aquelle que eu consagrei. » Aqui tens tu como e quando principiaram as minhas duvidas sobre o dogma da transubstanciação. Parece incrivel que tão pouco ar levantasse tamanha tempestade no meu espirito! Entrei a pensar como aquelle vinho, que era vinagre, se transformára em sangue de Christo! Confessei-me d'isto, porque me atormentavam os escrupulos. Os confessores, todos á uma, me dis-

seram que o demonio entrára em tentação commigo. Quando commungava, assaltava-me a suspeita de que eu engulia um bocado de obreia! Depois, quando fechava as cartas, punha-me a olhar para as obreias, e a dizer: « Quanto vos lamento, minhas pobres obreias! Um padre transformar-vos-hia em Deus, e vos tornaria objectos de adoração universal; ao passo que eu vos molho de saliva, e vos obrigo a fechar cartas! Sois todas da mesma especie e da mesma farinha; porém, o vosso destino varía até ao infinito!... etc. » D'estes desalentos, d'este horrivel descrer, ainda eu pude algum tempo arrancar a minha alma, e submettêl-a ás consolações reanimadoras dos padres que me ouviam e combatiam as duvidas. Lia Mallebranche, que terminantemente me dizia: *É preciso crêr no dogma da transubstanciação, sem tentar entendel-o.* E eu lia muito Mallebranche para cada vez entender menos o dogma e o author. Emfim, meu caro Antonio José, para te não enfadar mais, basta dizer-te que, perdida a fé n'um dogma, perdi-a em todos. Depois, vieram aquelles terriveis combates com a hypocrisia, em que sahi mortalmente ferido no coração. A morte de Catharina... bem te lembras... ha annos...

O leitor precisa saber que morte foi esta de Catharina. Será propriamente Francisco Xavier de Oliveira quem lh'a refira: « O conde de Povolide e mais dous familiares do santo officio quasi me arran-

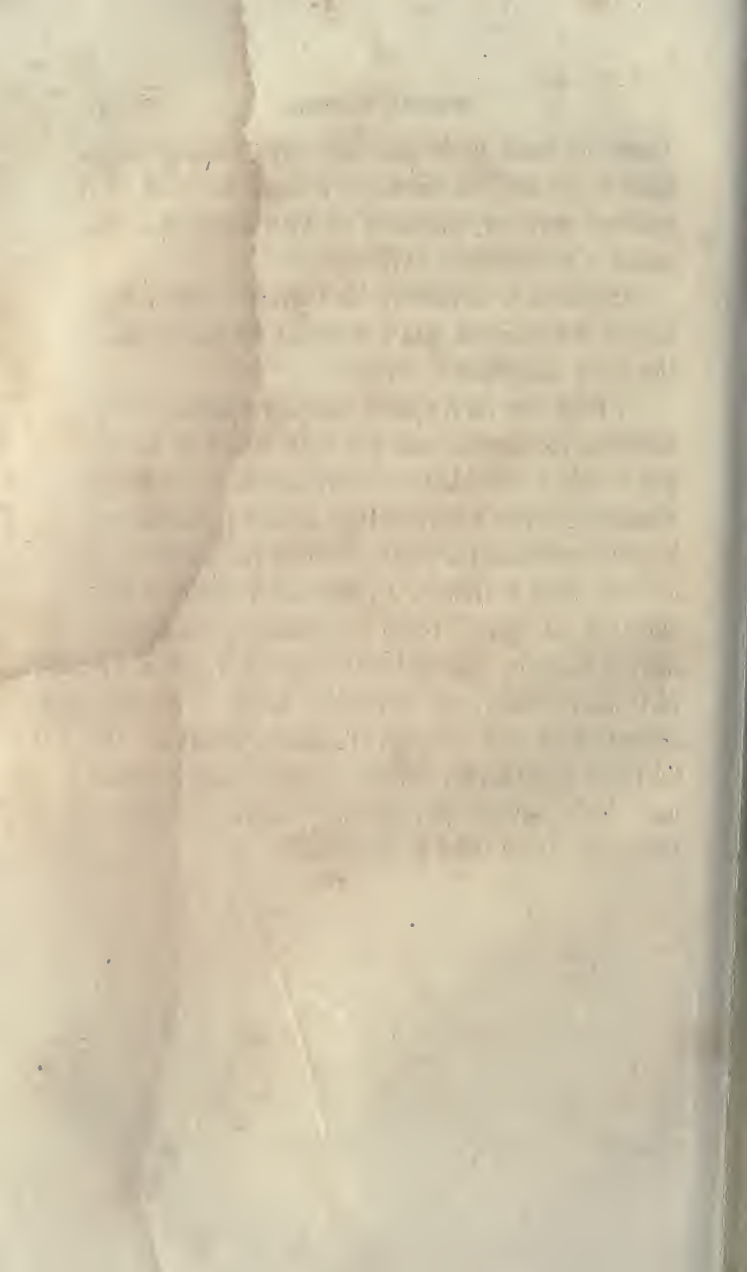
caram dos braços uma amante que eu amava em extremo. Era uma rapariga de vinte annos, mais sympathica do que bella, e tão espirituosa quanto bem feita. Era uma christã papista, exagerada em suas devoções como eu o tinha sido. Ia á missa, ao confessionario e á communhão; orava á Virgem e aos Santos; e as almas do purgatorio eram as suas advogadas predilectas. Comia de tudo, gostava de presunto, e muito de chouriças de porco. N'uma palavra, a moça guardava o domingo, nunca abrira a Biblia; e bem longe de saber o que era *sabbath* e judeus, ignorava que tivesse existido n'este mundo um Moisés. Como havia de saber Catharina que Moisés legislára? Ora, tudo isto, junto ao amor que eu lhe tinha, fez que eu despropositasse em brados contra semelhante prisão. Impozeram-me silencio, e os meus amigos tractaram de me vexar por me verem apaixonado por uma judia encarcerada no santo officio. Dezoito mezes depois, fez-se auto da fé em que a rapariga devia apparecer, e ouvir lêr sua sentença publicamente. Claro é que não faltei ao concurso. Qual foi, porém, meu espanto, quando ouvi a presa confessar que tinha guardado inviolavelmente o *sabbath,* que não havia comido carne de porco, e que se abstinha de certas comidas, que eu lhe vira comer um milhão de vezes com furioso appetite! A minha surpreza redobrou ao ouvir lêr a sentença, que a mandava queimar, porque tinha sido *diminu-*

ta na confissão, quer dizer, que não tinha podido achar ou adivinhar os nomes das falsas testemunhas que depozeram contra ella!... Ás dez horas da noite, como a condemnada fosse entregue ao braço secular, conduziram-na á Relação, cujos ministros até hoje usaram sempre a covardia de confirmar cegamente as sentenças todas da inquisição, sem que peçam ou revejam os processos dos condemnados. Como aqui me era permittido fallar á desgraçada, perguntei-lhe como podéra ella mentir tanto para provavelmente salvar a vida, e se deixava morrer por não querer denunciar os cumplices, ou antes os accusadores. Respondeu-me: « Sendo os meus accusadores falsas testemunhas, que eu nunca vi talvez, era-me impossivel nomeal-os. Deus me é testemunha de que morro innocente; tu melhor que ninguem sabes que eu sou christã, e todo o mundo o ficará sabendo pelo formal desmentido que dou agora a tudo que confessei na inquisição, a respeito do meu judaismo, protestando diante d'este juiz que já mais professei fé que não fosse a de Jesus Christo, na sua santa religião quero morrer.

« Pouco depois, entraram os ministros a interrogal-a. Publicamente sustentou que morria na lei de Jesus Christo, nem soubera nunca da existencia d'outra. Esta confissão não a salvava de morrer, e assás o sabia ella. Não obstante, insistiu n'este sentimento até ao derradeiro momento de sua vida, que lhe foi

tirada da meia noite para uma hora, sendo estrangulada por mão do carrasco, e logo lhe levaram o cadaver para ser queimado no local em Lisboa destinado a semelhantes execuções. »

Continua o cavalheiro de Oliveira, com a serenidade dolorosa em que a desgraça de longos annos lhe tinha congelado o coração:

« Bem que eu n'aquelle tempo respeitasse o tribunal da inquisição, nem por isso deixei de me expôr a toda a ferocidade de seus ministros, bradando altamente contra a barbaridade do seu proceder. Sejam-me testemunhas dous inquisidores ainda vivos, os snrs. Silva e Gomes, a quem eu fiz severas censuras, e os quaes, como bons amigos, me aconselharam silencio, figurando-me o perigo a que a minha imprudencia me expunha. Segui o conselho acompanhado das ameaças d'aquelles senhores. Calei meus queixumes; todavia, os meus amigos sabem que, desde aquelle dia, formei pessima opinião do processar d'este maldito santo officio. »

CAPITULO II

— Outra cousa! — perguntou Antonio José — Tu eras sebastianista, ha um anno. Esperas ainda o rei?

— Não me falles n'isso, que é a minha grande vergonha! Imaginas tu que amizades perdi de parentes, e graves amigos que endeusavam o meu talento, e lhe queimavam incensos no altar do Bandarra? Minha mãe ainda hoje chora, quando se lembra que eu já não sou sebastianista! E eu choro, quando me lembro que me deixei seduzir por aquelle soez franciscano Vicente Duarte, cujas historias tua mãe ouvia com uma fingida dôr de dentes para que lhe não vissem o impio riso!

— Então agora em que crês? — perguntou o hebreu.

— Na vinda do Messias, de certo não — respondeu com chocarreiro riso Francisco Xavier — E tu esperas?

— Espero que não venha confundir-se com os patifes d'este globo; mas que elle não veio é certo.

— D'accordo comtigo. Não veio, com o nome que lhe deram. Já tinha vindo, e chamava-se Socrates; tornou a vir, e chamou-se Luthero.

— Estás protestante?

— Sim! protesto contra todos os embusteiros e hypocritas; protesto, em nome de Deus, contra todos os que lhe infamam o nome.

— Isso é justo. E d'amores, como te corre a vida? quem amas? Dura ainda o reinado da Joanna Victorina? A cigana de certo deslumbrou a memoria da pobre estrangulada da inquisição, e d'aquella Antonia Clara... [1]

[1] Os amores d'Antonia Clara devem ser contados por elle:

« D. Antonio Manoel, irmão do conde de Villa-Flôr possuiu, tres annos completos, a encantadora Antonia. Um transporte de ciume indispôl-os a ponto de ser despedida a formosa manceba por D. Antonio. Cahiu-me em sorte; e, posto que D. Antonio se arrependesse de a ter assim tractado, o mal já não tinha remedio. Antoninha não quiz mais ouvir fallar d'elle, e elle não ousava nem podia reclamar um bem, cujo legitimo possuidor eu era, porque lh'a não tirei por força ou velhacaria.

« Antonia, como fosse um dia confessar-se ao cura da sua freguezia, o confessor propoz-lhe que me abandonasse, e consentisse em fazer as pazes com D. Antonio. A moça extremamente magoada com tal conselho no confessionario, negou-se a aceital-o, e de volta revelou-me tudo. Custou-me a crêl-a, porque o confessor era pessoa muito de meu conheci-

— A Joanna é fatal! — disse Oliveira — Fatal como todas as da sua tribu. Traz-me o coração debaixo dos pés. É a mais vergonhosa e mais dôce escravidão da minha vida. Minha mãe chora muito por mim; porém as lagrimas que eu tenho chorado pela

mento *. Além de que suspeitei que Antonia me estava encarecendo os favores, querendo mostrar-me que por amor de mim desprezava um piegas suspiroso da estofa e meritos de D. Antonio. Sem embargo, como eu sabia que este homem era particular amigo do cura dos Anjos, quiz convencer-me da verdade da solicitação que a moça com juramento me certificava. N'este proposito, mandei-a, passados dias, procurar o padre, e dizer-lhe, que estando de mal commigo, e reflectindo no que lhe convinha, resolvera aceitar o seu conselho, e voltar para D. Antonio; e por isso pedia ao cura que fosse a casa d'ella ao outro dia entre dez e onze horas da manhã, asseverando-lhe que eu, a tal hora, estava no tribunal **. O pobre cura cahiu na esparrela, chegou á hora combinada, e declarou a Antoninha qual era a força da paixão que D. Antonio por ella conservava, acrescentando que ninguem melhor do que elle a merecia, e d'alli se ia logo a levar-lhe a boa e inesperada nova.

N'isto, sahi eu d'um escondrijo, e disse-lhe que para ir mais depressa, saltasse pela janella, o infame recoveiro! Um raio, se cahisse sobre o padre, de certo o mataria; mas atarantal-o tanto como elle ficou de certo não. Ajoelhou-se-me aos pés, pedindo-me em nome de Jesus Christo e de sua Santissima Mãe que lhe perdoasse o ultrage e desgosto que me elle queria dar. Eu estava iradissimo, e resolvera castigal-o deveras, porque estava em minha mão perdêl-o. Não obstante, deixei-o; e d'isso me não arrependo. Quatro annos depois fez-me uma grosseria na sua igreja, offendeu-me, e deu aso a que eu contasse o caso a dous amigos d'elle: logo que o soube, tractou de reconciliar-se commigo. Desprezei-o então, e ainda o desprezo se está vivo, muito mais por sua ingratidão que por os seus outros desregramentos.»

Amusement périodique— 2.º vol. pag. 389 e seguintes.

* *Era o cura da parochia de Nossa Senhora dos Anjos de Lisboa, situada na estrada de Arroyos.*

** *Eu servia então o rei no tribunal de contas, do qual meu pae era contador ou conselheiro.*

cigana... são incomparavelmente mais. Enche-me o peito de brazas a maldita com os ciumes que me faz!

— Olha lá... — atalhou Antonio José — Como foi aquella passagem de expulsares o diabo do corpo da mãe d'ella?... Fallaram-me n'isso em Coimbra... Crês, ao menos, que o diabo entra nos corpos?

— Entra, e sahe facilmente pelo processo que eu empreguei na mãe de Joanna. Ahi vai a receita. Corria como cousa averiguada que a velha estava incubada de demonio. Os tregeitos e destempêros, que ella fazia em casa, eram pavorosos. Não me deixava parar meia hora socegado com a filha. De repente, começava a escumar, a rolar os olhos, a ranger com os dentes, e a caretear visagens de tamanho horror, que se me arrepiavam os cabellos. Os criados andavam de dia e de noite a chamar confessores e exorcistas. Entrei a suspeitar que a energumena era uma perversissima impostora. Entendi-me com a filha, communiquei-lhe as mesmas desconfianças, e ella concordou. « Havemos de cural-a » disse eu a Joanna. Vespera de natal, entra o tal demonio com ella por volta de onze horas da noite. Escabujava nos braços da filha, dava pontapés de derrear um elephante, colleava-se como serpente e pinchava como uma cegonha no sobrado. Depois cahiu em lethargia apparentemente mortal. Eu já me tinha preparado para a cura. Levava commigo dous tijolos que mandei aquecer até os abrazear, e depois

ordenei a Joanna que os achegasse ás solas dos pés da mãe, os quaes estavam nus e fóra do leito, onde eu a mandara pôr. Parece que o demonio d'ella estava álerta; porque assim que eu fallei em tijolos quentes, recobrou os sentidos de golpe, sentou-se na cama, chamou-me barbaro algoz, e disse contra a filha insolencias diabolicas. O certo é, amigo Antonio, que a velha nunca mais foi vexada de diabo nenhum, e passa regularmente. Aqui tens como foi.

— E com a Joanna, como te vaes dando?

— Já te disse: sempre traspassado das agulhas do ciume. Agora, está ahi em Lisboa um castelhano que me dá que fazer. Já lhe segui de noite o vulto para o atravessar com a espada; mas as mortificações, que eu tenho causado a meus paes, são já tantas, que me não posso resolver à matar o homem. Joanna já teve o desafôro de me dizer que o não acha feio nem desprezivel. Eu quiz sevar n'ella a minha raiva; mas deves saber que a cigana é mulher de faca, e não se ensaiaria em mim se me esfaqueasse, porque o exemplo já ella o deu com um dos meus predecessores na posse d'aquelle formoso seio, cofre d'um pessimo coração...

— E amas assim uma mulher?! — atalhou Antonio José da Silva.

— Amo, amo miseravelmente! Pergunta ao duque de Cadaval porque ama elle a Paulina que o atraiçoa todos os dias; pergunta ao conde de Arouca

porque ama aquella impudentissima Rocha, que o cobre de irrisoria ignominia; pergunta ao rei porque amou com tão cega paixão a dissoluta Margarida do Monte que morreu freira no convento da Rosa, o anno passado! [1]

— Tens um sestro fatal! — observou Antonio José — E quando tu, ha tres annos, fallavas em morrer ethico d'amores pela actriz hespanhola Zabel Gamarra!

— E' verdade... Já sabes que ella professou nas Agostinhas no convento de Santa Monica?

— Já sei. E o marido professou tambem?

— Não: foi-se embora, depois de receber seis

1 O amante de Paulina era D. Jaime Pereira, cunhado de el-rei D. João v. Tirante a miseria d'aquelles escandalosos amores, o duque foi um dos mais respeitaveis e respeitados fidalgos do seu tempo. A manceba do conde de Tarouca, mulher da infima plebe, chamava-se a *Pelles* de alcunha; mas como casasse com um fulano Rocha, criado do conde de Tarouca, tomou-lhe o appellido. *Como* BOM *homem, que era este marido*, diz o cavalheiro de Oliveira, *conseguiu ser criado supranumerario da imperatriz Amelia.* O cavalheiro referia-se á imperatriz d'Austria, onde o conde de Tarouca pae do conde em questão foi ministro portuguez. A tal *Rocha* ou *Pelles* fugiu ao conde para os braços do padre Domingos d'Araujo Soares, capellão particular, que tinha sido, do conde. *Este padre*, diz Oliveira, *nunca disse missa: unica virtude que elle praticou. Era um scelerado de profissão.* Cumpre saber que o conde tinha tirado a Rocha ao pae, insulto de que o padre vingou o velho. O chronista, a respeito d'esta balburdia de perfidias, exclama com um poeta francez:

Amour, amour, quand tu nous tiens,
On peut bien dire, adieu, Prudence!

mil cruzados, que lhe deu em troca da esposa, o marquez de Gouvêa...

—Não é cara — disse Antonio José — Quanto achas tu que levou de Portugal aquella Petronilla do D. João v?

—É incalculavel. O sabido e notorio é que ella levou de Lisboa trinta bestas carregadas, e que as damas de primeira plana de Hespanha, quando a viram carregada de joias no theatro de Madrid, assombraram-se do tamanho dos brilhantes. Vê tu onde fôram cahir as joias das rainhas de Portugal, e as mais preciosas, que vieram do Oriente no reinado de D. Pedro II!... Voltando á Gamarra, deixa-me contar-te episodios galantes, que iam descambando em tragedia, e póde ser que a final disparem em terrivel catastrophe. O marquez de Gouvêa bebe os ventos pela mulher, principalmente depois que a metteu no convento e lhe vestiu o habito. Soror Isabel folga de ter acorrentado ás grades do mosteiro o grande senhor. Aconteceu, ha mezes, mandal-o chamar a Gamarra, ao mesmo tempo que o rei. O marquez vacillava afflictamente, sem saber decidir-se. Sahe o marquez, entra no coche, e diz ao cocheiro que o leve á côrte; mas, a meio caminho, manda desandar para o convento de Santa Monica. Para encarecer o seu amor, diz á freira que el-rei o estava esperando; porém, antes desagradar ao rei que á sua amada. « Se não procedesses assim, não me verias mais »

disse-lhe soror Isabel. — Mas, tornou o marquez, calculas quanto arrisco por amor de ti? — « Deves arriscar — redarguiu ella — *Antes que todo es mi dama,* ajuntou ella, em hespanhol, com o titulo da comedia de Calderon — Quem se não sacrificar por mim não me ama, nem me agrada. » Seguiu-se darlhe o marquez o seu retrato engastado em circulo de brilhantes, e jurar obediencia eterna. Depois, com o consentimento d'ella, foi ao rei. Este dialogo ouvi-o eu da grade proxima, porque eu estava com ella quando se annunciou o marquez...

— Então é certo que a amas e és... amado, como os outros... — interrompeu Antonio José.

— Não. Sou confidente do unico homem que ella sinceramente ama. Conheces o meu amigo Valentim da Costa de Noronha?

— Tambem esse! casado! pae de quatro lindos filhos! esposo d'uma virtuosissima senhora!...

— Tudo lhe sacrificou á funesta mulher! Está sem amigos, sem consideração, sem filhos, sem mulher, e receio muito que breve esteja sem vida. Já duas vezes os sicarios do marquez lh'a quizeram roubar. D'uma vez o ajudei eu a defender-se, contra quatro assassinos. Se o não matarem, mais hoje mais ámanhã, alguma ordem do rei o manda fechar n'alguma torre... A despejada mulher, depois que o marquez sahiu da grade, fez-me portador do retrato e

dos brilhantes do amante, como presente a Valentim de Noronha!...[1]

—Agora, fallemos de ti. A judiasinha tem-te escripto? Conta-me alguma cousa da exquisita Leonor dos teus sonhos... Que sabes d'ella? Vem para Portugal?

—Vem brevemente. A ultima carta de Sára para minha mãe diz que por estes seis mezes, dei-

[1] Estas noticias, extrahidas dos citados livros de Francisco Xavier de Oliveira, devem ser aqui competentemente encerradas com o remate da biographia da freira agostinha. Com referencia ao merito d'ella como actriz, escreve o cavalheiro: «*Gamarra étoit certainement la plus belle actrice que nous ayons vû sur le théatre de Lisbonne; elle etoit jeune, enjoueé, engageante: elle avoit beaucoup d'esprit, de vivacité, et de grands charmes dans toutes ses manières.* Acerca dos seus costumes, diz: *Elle avoit un mari et un galant déclaré. Elle n'avoit donc qu'un seul défaut, c'étoit celui d'être ou affectée, ou infidèle: elle trahissoit également et son mari et son galant: elle avoit de l'aversion pour l'un, et seulement de l'estime pour l'autre...*

O amigo de Antonio José da Silva previra o destino de Valentim de Noronha em uma das duas hypotheses. Por ordem regia, Noronha foi encarcerado no Limoeiro, a pedido do marquez de Gouvêa. Ao fim de nove mezes de prisão rigorosa, teve o preso a boa sorte de morrer o marquez no vigor da idade. Não obstante, D. Gaspar de Moscoso e Silva, tio do marquez defunto, e sumilher da cortina de el-rei D. João V, embargou por muito tempo o livramento do preso, para assim vingar o affrontado sobrinho.

A freira, assim que o marquez expirou, quiz voltar para o marido, que representava nos theatros de Hespanha. Obstaram-lhe as leis á renunciação dos votos com que professára. Gamarra tomou o mais summario dos expedientes. Fugiu do convento, ligou-se ao marido que tinha ido furtivamente a Lisboa, passou a Hespanha, e voltou á vida antiga do theatro. Eis aqui uma creatura á espera d'um romance em tres volumes, graças ás informações de Francisco Xavier d'Oliveira.

xam a nevada Hollanda em que o coração da pobre menina morre de frio! Olha que ainda me não escreveu palavra que não venha entanguida do frio lá da terra! Aos versos responde na mais chan e sovina prosa que inventaram mulheres desamoraveis.

— Tu és um tolo sincero! — exclamou de golpe Francisco Xavier — Pois tu pódes amar seriamente a moça, que nunca viste, só por que te disse tua mãe que ella, muitos annos antes de nascer, já era destinada tua mulher?

— Posso e amo — disse Antonio José — Phantasiei-a. Não sabes tu o que é phantasiar, meu sebastianista? Pois tu não imaginavas, ha pouco tempo, um rei D. Sebastião que tinha morrido seculo e meio antes? Então que tem que eu espere a felicidade d'uma mulher, que vive, e se veste das côres celestes que a minha phantasia lhe dá? Sei que ella é formosa: que tem que eu a imagine formosissima? Sei que é instruida: que faz que eu a phantasie uma das irmãs Sigeas? Se os meus sonhos hãode acabar, quando me ella apparecer, pouco perdi: os adornos, que a minha imaginativa lhe deu, são propriedade minha; posso dál-os a quem eu quizer depois. Isto que tem de extraordinario?

— Pois — tornou Oliveira — se não queres ser tolo extraordinario, serás um tolo vulgar.

CAPITULO III

Antonio José da Silva grangeara fama de abalizado engenho. As suas jocosidades metricas andavam manuscriptas por mãos dos entendidos, que as encareciam, por mais ou menos aquinhoarem das graças litterarias da época, em nossos dias consideradas aleijões contagiosos das escólas italiana e hespanhola. D. Francisco Xavier de Menezes, quarto conde da Ericeira, o mais fecundo e menos contaminado escriptor portuguez d'aquelle tempo, recebia Antonio José em sua casa, folgava d'ouvil-o recitar as suas comedias entremeadas de chistosas arias, recitava-lhe cantos da sua insulsissima Henriqueida, e aconselhava-o a transviar-se da imitação servil dos hespanhoes em composições theatraes, e dos trocadilhos de Gongora nos poemas graves, em que apenas o bacharel por acaso se entretinha.

Francisco Xavier de Oliveira, reputado mancebo de rara inventiva e copiosa leitura nas intercadencias das notorias travessuras, era tambem das palestras e saráos litterarios do conde da Ericeira.

Um dia, Antonio José e Francisco Xavier encontraram na livraria do conde, folheando nos livros, em quanto o fidalgo não entrava, um Bartholomeu Lobo Corrêa, sujeito dado ás letras, com o infortunio deploravel de se não darem as letras com elle. O conde, como amigo de gente ledôra, ou porque não estremasse os incapazes, ou por se compadecer dos inintelligentes, acolhia Bartholomeu, dizendo aos mais intimos que o pobre sujeito não tinha culpa de sahir milagrosamente mais sandeu que o pae.

O pae d'este Bartholomeu tinha sido um Pedro Lobo Corrêa, escrivão da contadoria geral, fallecido em 1708. Este sujeito entrára no templo das letras com o offertorio d'um livro de sua lavra, intitulado *Vida de Adão e orações contra as tempestades*. O titulo sómente, sem ajuda das parvoiçadas interiores do livro, tinha sido o epitaphio do litterato, tolhido no nascedouro.

Passados annos, como a paixão das letras o espicaçasse, deu-se a traductor do hespanhol, e sahiu a mais modesto lume com o *Nascimento, vida e morte admiraveis do grande servo de Deus Gregorio Lopes, natural da villa de Linhares: composto pelo licenceado Francisco Losa, traduzido na lingua por-*

tugueza, e acrescentado (vejam a tentação do demonio da originalidade!) *o fim e primeiro capitulo.* Ora, o fim e primeiro capitulo do livro era sobre modo tolo.

Além d'outras traducções, Pedro Lobo, querendo dar testemunho publico de sua piedade, das excellencias do seu christianismo, e assanhado rancor á raça hebraica, traduziu do castelhano um livro revulsivo, intitulado: *Sentinella contra judeus, posta em a torre da igreja de Deus, &c.* Feito isto, e mais alguns serviços á religião da caridade e ás letras portuguezas, morreu Pedro Lobo, deixando ainda um volume, o peor e mais brutal de todos, que era o filho Bartholomeu.

Estava, pois, Bartholomeu Lobo folheando os preciosos livros do conde da Ericeira, quando entraram Antonio José da Silva e Francisco Xavier. Depós estes, entrou o padre Luiz Alvares d'Aguiar, prior de S. Jorge, homem de sessenta annos e alegre sombra de velho em cujos olhos lampejavam ainda os clarões da juventude.

Antonio José, que sinceramente odiava Bartholomeu, já pela estupidez herdada já pela propria, não perdia lanço de o metter a riso com salgadas galhofas na presença da fina e algum tanto livre sociedade do conde. Casualmente, relançando os olhos á livraria, o hebreu enxergou o livro em 8.º, intitu-

lado: *Sentinella contra judeus &c.* Tirou o livro, e disse:

— Ó Francisco Xavier, já lêste um diamantino livrinho traduzido pelo pae aqui do snr. Bartholomeu? A *sentinella contra judeus!*

— Oh!... oh!... — cacarejou gargalhando o padre Luiz Alvares — Isso é uma obra que faz cocegas nos pés á gente.

— Então porquê? — perguntou o abespinhado filho do defunto traductor.

— Porque?! — tornou o padre — porque é obra recheada de sandices, e immoralmente porca e torpe.

— Que outro dissesse isso... — retorquiu Bartholomeu — mas vm.ce, que é padre, e homem bem nascido!...

— Quer vm.ce — tornou o presbytero — que os padres e homens bem nascidos sejam tão alarves como o senhor seu pae, que Deus haja na bemaventurança dos pobres de espirito?

Antonio José e Francisco Xavier riram. Bartholomeu, em harmonia com a sua costumada parvoice, riu tambem; todavia, o onagro, que fareja a femea nas brizas de Maio, ri com mais espirito.

O filho de João Mendes abriu ao acaso o livro, leu mentalmente algumas linhas, e disse:

— Ó snr. Bartholomeu, vm.ce estará na persuasão em que morreu seu engenhoso pae a respeito das doutrinas d'este livro?

— Eu creio tudo em que meu pae creu. Tudo que elle escreveu ou traduziu são verdades — respondeu o sujeito.

— Bem. Então defende o que se diz aqui, respeito á raça hebraica?

— Defendo, sim, senhor. São as doutrinas da igreja; e por assim o entender, mandei reimprimir esse livro ha quinze annos.

— Fez vm.ce muito bem, snr. Bartholomeu — obtemperou Francisco Xavier d'Oliveira — Estamos n'um paiz em que o livrinho de seu pae hade ser ainda terceira vez impresso [1].

— Merece-o! — ajuntou Antonio José da Silva — Ora digam-me, se a immortalidade não é pequeno galardão para um livro, onde se leem estas cousas. Attendam:... *Se os homens pozeram cuidado em sinalar os judeus, para que fossem conhecidos por suas traições, não menos cuidou Deus de os sinalar para confusão sua, e castigo do que mereceram seus antepassados. Não são em alguns mui patentes os signaes que por sua mão lhes põe a natureza; mas em outros se descobrem claros e evidentes, sem que á gente os possa seu cuidado esconder ou encobrir... Digo pois que ha muitos sinalados pela mão de Deus, depois que crucificaram a sua divina magestade; uns...*

[1] Foi effectivamente reimpresso em 1748.

— Reparem n'isto! — exclamou Antonio José interrompendo a leitura — Reparem, por honra da historia natural e do defunto Lobo morto, e do Lobo vivo!

E proseguiu na leitura: *Uns tem uns rabinhos que lhes sahem do seu corpo do remate do espinhaço; outros lançam e derramam sangue...*

— Alto lá! — atalhou o padre Luiz Alvares — Estão senhoras na sala proxima: quem quizer, vá lêr á rua o restante da immundicia [1].

— Eu já li — disse Francisco Xavier apertando as cartilagens do nariz — Isto vapora miasmas de latrina.

— E com que então — repetiu o hebreu — está vm.ce persuadido, snr. Lobo, que alguns judeus tem uns rabinhos que lhes sahem do seu corpo do remate do espinhaço?

— Estou, sim, senhor.

— Já viu d'essas cousas com os seus olhos penetrantes? Agora vejo eu tambem que não é chimerico o anexim respectivo aos entendidos que mettem o nariz em tudo! Que grande alcance e que profundas investigações por lugares tão desfrequentados tem feito o seu nariz de sabio, snr. Bartholomeu!

O padre Luiz Alvares de Aguiar, desabafados

[1] O leitor, se não prescinde de vêr o restante da immundicia, como judiciosamente dizia o prior de S. Jorge, veja a pag. 171, da ediç. de 1684.

os impulsos de riso, compoz o semblante, e disse:

—É grandissimo desdouro para Portugal que este e quejandos monstros da loucura humana corram impressos. Lastimo, snr. Lobo, que vm.ce ande a fazer ganancia com estes excrementos das pobres e servis vigilias de seu pae, cuja capacidade intellectual está medida por esta producção, que elle foi buscar, para traduzir, aos escoadouros de Castella. Veja, por honra sua, amigo e snr. Bartholomeu, se póde chamar a si todos os exemplares d'esta vergonhosa obra, e queime-os; queime este opprobrio de seu pae e seu. Queime-os...

—Ou dê-os—acrescentou Antonio José—para alimentar as fogueiras d'algum judeu...

—Póde ser...— murmurou Bartholomeu, a ponto que vinha entrando o jovial conde da Ericeira, pedindo desculpa da demora.

—Que livro lê o nosso moderno Gil Vicente? —perguntou o conde—Ah!... *Sentinella contra judeus*... Isso é galante livro, que prova o adiantamento da historia natural nas Hespanhas. Falla ahi d'uns rabinhos...

—Com elles nos entretinhamos—acudiu o prior de S. Jorge.

—E viram, tornou o conde, o porquê de terem rabinhos alguns israelitas? A explicação está duas paginas adiante.

—Cá está—disse Antonio José, e leu: *Os que*

tem os rabinhos no remate do espinhaço, são por linha direita descendentes d'aquelles que entre elles eram mestres, a quem chamavam rabis, e nós nomeamos rabinos; estes se tentavam a julgar, e hoje ensinam sua lei como mestres e juizes, e para pena sua, e sentados não possam estar sem molestia e trabalho, lhes sahem aquelles rabinhos no proprio lugar que lhe póde causar penalidade.

—Parece que o snr. Bartholomeu Lobo está com azeda sombra!—atalhou o conde—Ó nosso amigo, seu pae não tem que vêr com a nossa critica. A um traductor tão sómente se pede contas da lealdade da versão; e, a meu vêr, esta versão do hespanhol é fidelissima. Da má substancia do livro está seu pae inculpado, amigo Lobo.

—Meu pae, snr. conde—disse Bartholomeu— não pede desculpa de ter feito um bom serviço á religião. Aos judeus é que elle não fez grande favor, traduzindo este religioso livro, de que estes senhores estão zombando.

Bartholomeu feriu com os olhos as costas de Antonio José da Silva, quando proferiu as palavras: *aos judeus...*

O filho de Lourença Coutinho apanhou-lhe no ar o tiro, volveu-se rapido para elle, e disse:

—Os judeus que tiveram a desventura de nascerem em territorio portuguez tem quinhão na ignominia d'este livro, por estar em linguagem que se

parece tanto ou quanto com a portugueza; em quanto ao mais, Deus nos livre que o santo officio acreditasse na existencia dos rabinhos!... A perversidade, em geral, costuma ser menos estupida. Hoje não haveria ninguem que quizesse inspeccionar as taes excrecencias a não ser vm.ce, snr. Bartholomeu!...

O conde fez a Antonio José um expressivo gesto de silencio.

Bartholomeu deteve-se alguns instantes, e pediu licença para retirar-se, comprimentando profundamente o padre, o judeu e o filho do contador-mór.

— Faz mal, snr. Silva — disse o conde gravemente depois que Bartholomeu sahiu — faz mal em disparar tão certeiras flechas contra a cabeça dura d'este homem! Vm.ce esquece-se de que ha no Rocio um palacio, que se chamou dos Estáos, e hoje se chama vulcão de fogueiras. Tenha prudencia. Diante de mim, diga o que quizer a favor de Moisés e contra S. Paulo; mas do maior numero de sujeitos, que entram n'estas salas, guarde-se.

CAPITULO IV

Quinze dias volvidos, aos 6 d'Agosto de 1726, entrava Antonio José da Silva, segundo o seu costumo quotidiano, no escriptorio de seu pae, quando tres familiares do santo officio lhe ordenaram que os seguisse ao tribunal. O hebreu hesitou alguns instantes, meditando no mais facil meio de escapar-se. Um dos familiares, entrando-lhe no animo, descerrou um riso de escarneo, e disse:

— Não pense em fugir, que as avenidas da sua casa estão vigiadas. Em toda a parte ha *sentinellas contra judeus.*

Antonio José da Silva entendeu a allusão. Pediu que o deixassem despedir de seu velho pae e de sua mãe, obrigando-se a subir acompanhado. Negaram-lhe a licença, solicitada com lagrimas.

Antonio José sahiu na frente dos tres familiares, e pediu ao mercieiro visinho que avisasse seus paes de que elle ia preso.

No mesmo dia e á mesma hora, foi tambem preso o prior de S. Jorge, Luiz Alvares d'Aguiar, e conduzido aos carceres da inquisição.

A captura do filho de Lourença Coutinho não fez estranheza. A inquisição e os devotos lembravam-se ainda da judia, que sahira absolta d'onde a piedade requeria que sahisse de carocha e sambenito. Grande parte do publico estava escandalisado d'aquelle singular caso de indulgencia, que, até certo ponto, ameaçava quebranto na inteireza dos inquisidores. Por isso, com a noticia da prisão de Antonio José da Silva, os pios escandalisados sentiram a satisfação desaggravante.

Em quanto ao prior de S. Jorge, muita e boa gente se espantou. O padre Alvares d'Aguiar, oriundo de mui illustre familia, em limpeza de sangue podia pleitear antiguidade com a mais primorosa raça de christãos. Corria fama de que elle, desde os quinze até aos sessenta e tantos annos que tinha então, se distinguira em femeaes mundanidades, amando as mais formosas e fidalgas com requintado e versatil amor nem sempre ideal. Á volta d'elle, no dizer do seu amigo Francisco Xavier d'Oliveira, florecia uma especie de harem espiritual, composto de tenras e juvenis bellezas, das quaes elle se denominava pae,

sendo, ao mesmo tempo, dono e galan. Este bom padre — diz o contemporaneo — que outra quebra não tinha senão a paixão do amor, não deixava ressumar a sua tendencia nem por obras nem por palavras. Apenas sustentava que *o amor é o complemento e epitome de toda a lei; e que a chamada caridade nas santas escripturas não é senão o amor, segundo S. Jeronymo.* Bem que amasse idolatricamente as mulheres formosas e as de mais lustrosa raça, nunca fallava senão do amor de Deus; e d'este amor parecia desbordar-lhe o coração, se attentarmos nas magnas obras de caridade que elle constantemente exercitava. Diz mais o cavalheiro d'Oliveira: «Eu vivi muito na sua intimidade. Tão excellentes no amago eram as qualidades d'elle, que toda gente o estimava, sem distincção das mais gradas pessoas de Portugal, quer pela qualidade de sua fidalguia, quer por seu copioso saber».

Todos, pois, se maravilharam e condoeram. Ninguem sabia conjecturar o motivo de semelhante prisão. Quem, com effeito, mais cabalmente podia informar a curiosidade do publico, seria o filho do traductor da *Sentinella contra judeus.*

Esperemos-lhe a sentença.

João Mendes da Silva, tão depressa pôde transportar ao leito sua mulher desmaiada e como morta pelo golpe da noticia, correu a casa do conde da

Ericeira a pedir a redempção de seu filho. O conde ouviu aterrado a nova, e disse:

— Eu previ isto... Sei d'onde partiu a denuncia... Vá com Deus, que eu começo desde já a trabalhar na salvação do pobre moço.

D'aqui, foi João Mendes em cata do contador, pae de Francisco Xavier d'Oliveira. Encontrou-o afflicto.

— Tambem meu filho, disse José d'Oliveira e Sousa, esteve em risco de ser hoje preso. Salvou-o hontem sua mãe, ajoelhada aos pés do inquisidor, porque um conselheiro do santo officio se apiedou das minhas cans, e me avisou. Não sei que heide fazer em seu auxilio, snr. João Mendes!... Eu já sou tambem suspeito. Quando a inquisição prendeu o prior de S. Jorge, não sei que haja ninguem defêso!...

João Mendes sahiu desanimado. Foi ainda soccorrer-se d'aquelle Diogo de Barros, santo valedor de infelizes. O ancião algumas esperanças verteu no coração do septagenario, dizendo-lhe que ainda era familiar.

— E então agora — ajuntou Diogo de Barros — agora que vinha ahi a filha do meu Jorge para se effectuar o casamento! É preciso salvarmol-o antes que ella chegue. Eu não lh'o faço saber a ella nem a Sára. Recommende á snr.ª Lourença Coutinho que

não diga nada para Amsterdam; ou, a dizer-lh'o, que as dissuada de virem a Portugal.

Antonio José da Silva foi conduzido ao chamado *corredor meio-novo,* carcere numero seis.

Ao oitavo dia foi levado a perguntas á chamada *mesa do santo officio.* Estava adiantada a instauração do processo. Leram-lhe o depoimento das testemunhas que o capitulavam de judaisante. Antonio José disse francamente que não tinha vivido como christão nem como israelita; mas, se lhe concedessem vida para o arrependimento, faria inteira abjuração de seus erros.

Aceitaram-lhe o abjurar; todavia, como elle não confessasse que em casa de seus paes se judaisava, pozeram-no a tractos, chamados do torniquete. A tortura exerceram-lh'a nas mãos, até lhes esbrugar a carne dos ossos. O padecente, consoante consta da consignação dos autos, no mais cruel remoer do torno sobre os dedos, invocava Deus, e não a Virgem, nem algum Santo do reino do céo.

Ao tempo d'este supplicio lento, com intercadencia de trevas na masmorra, que fazia Francisco Xavier d'Oliveira?

Padecia tractos d'outra natureza.

Aquella Joanna Victorina, tão da sua alma, a cigana requestada pelo fatidico hespanhol, desappareceu-lhe um dia, deixando a mãe com a condição de a mandar buscar. Francisco Xavier, com dous mem-

brudos criados, agarrou da velha, e ameaçou-a de a pôr a tormentos até lhe arrancar o segredo do destino da filha. A demoniaca d'outr'ora, ao lembrar-se dos tijolos ardentes, revelou que a sua Joanna fugira para Valhadolid com um hespanhol, que lhe promettera palacios na sua terra e a mão de esposo.

O allucinado moço esqueceu o pobre amigo preso, a mãe angustiada, o pae que de puro medo da inquisição cahira enfermo, tudo esqueceu, porque a serpente do ciume se lhe enroscou no peito, e verteu peçonha aos seios da alma até lhe queimar as febras todas da amizade e filial amor.

Pediu o dinheiro que não pôde furtar dos contadores paternos, e foi caminho de Hespanha. Entrou em Valhadolid, onde não conhecia ninguem; mas a seu pae ouvira dizer que D. Raphael Hernandes de Bobadilha, alcaide de Valhadolid, era seu amigo, e parente do marido de uma sua irmã, casada em Barcelona.

Apresentou-se ao alcaide: disse-lhe quem era e ao que ia. D. Raphael acolheu-o com benignas risadas, exclamando:

— Eu sei onde pára a cigana, meu ditoso rapaz!

— E o covarde que m'a roubou? — acudiu Xavier.

— Esse foi hontem preso: está no castello, e de lá veremos para onde as leis mandam os cau-

dilhos de salteadores. Fica vm.^ce^ sabendo que a sua Joanna teve a honra de hospedar no largo peito o coração do mais temeroso bandido das Asturias. Agora veja lá se lhe serve a creatura enfarruscada com tão abjectos amores.

— Onde a encontro? — disse com vehemencia o portuguez.

— Na estalagem onde o salteador foi preso. Que quer vm.^ce^ fazer á mulher?

— Matal-a!

— É muito bem feito! — accedeu gravemente o alcaide — Vá matal-a, que é uma devassa a mulher! Faz um serviço á humanidade, D. Francisco! Eu, se não tivesse que fazer, ia tambem dar-lhe uma cuchilada no pescoço...

— D. Raphael está a zombar com a minha desventura? — interrompeu o moço.

— Não senhor. Estou a recrear-me com vm.^ce^, em quanto não chega o chocolate que mandei preparar... Ahi vem o chocolate. Sente-se para aqui, rapaz. Merende, e depois irá perpetrar o ciganicidio, a uma hora propria d'essas atrocidades. Deixe nascer a lua, para os poetas de Hespanha terem azo de fallarem na lua, ao cantarem em funerea chacara a morte da cigana ás mãos do trahido paladim D. Francisco — o portuguez! Ai! que grilharia não vão fazer as musas! que poemas a pingar sangue não vão sahir do peito esfaqueado de Joanna! Que leve a bre-

ca tal nome! Nunca vi Joanna em verso! É pena que ella se não possa chrismar antes de morrer, cavalheiro! Se me dá licença, D. Francisco, ainda vou, por amor da poesia castelhana, entender-me com o bispo, a vêr se a podemos chrismar. Faça-me o favor de não matar a rapariga até ámanhã por estas horas!

Francisco Xavier tomava o chocolate, e ria-se, quando não cravejava os dentes no beiço inferior.

Terminada a refeição, D. Raphael Hernandes de Bobadilha ageitou o aspeito gravemente, e disse:

— Fui, sou e serei amigo de seu pae. Estivemos em Flandres ha trinta annos: eramos ambos secretarios dos ministros de nossas patrias. Seu pae era honrado, e fidalgo da velha estôfa. Vm.ce ainda então se gerava nas entranhas do nada, snr. D. Francisco. O resultado é estar vm.ce ahi quasi imberbe, e eu coberto de neve. Estas cans devem-lhe incutir a idéa de que eu já tive cabellos pretos, e experimentei tantas paixões quantos cabellos tenho. Está vm.ce diante d'um velho que lê nos refolhos do coração. A cigana, que o trouxe a Valhadolid, é mais amada hoje do que era antes de lhe fugir...

— Oh! — atalhou Francisco Xavier.

— Nada de rhetoricas nem de theatro, D. Francisco. Pergunto: quer levar a cigana? Vamos: responda!

— Preciso vingar-me! quero matal-a, amando-a!

— N'esse caso, mate-a! — tornou o alcaide, no tom da primeira galhofa — Eu vou mandar comsigo á estalagem quem lh'a ensine. Morra embora a Joanna, e fiquem os poetas tolhidos por causa do mais villão nome que ainda se ouviu em tragedias! Vá, vá, dom assassino!

Ergueu-se o alcaide, chamou da janella um quadrilheiro, e ordenou-lhe que conduzisse o seu hospede á estalagem que indicou.

CAPITULO V

É minha opinião que ha umas lagrimas, que tem a mirifica virtude de lavarem as manchas da perfidia no rosto da mulher amada.

Estas lagrimas são magicas, são os filtros do sortilegio com que a sciencia de nossos antepassados andou ás voltas e com que a piedade alimentou a voracidade das fogueiras. São lagrimas que tem e encerram virtudes luciferinas: sahiram de laboratorio infernal; não são o sangue d'alma, como o padre Bernardes as definia.

Joanna Victorina, quando Francisco Xavier entrou ao quarto em que ella estava escrevendo, tinha o rosto aljofrado d'aquellas lagrimas. A ira do moço afogou-se n'ellas. Cruzados os braços, crispantes os beiços, accendidos os olhos, Francisco Xavier d'Oli-

veira parou no limiar do quarto. Joanna ergueu-se, lançou mão do punhal que estava sobre um bofete, despiu-o da bainha, tomou-o pela ponta, caminhou solemne para o cavalheiro com os olhos no pavimento, offereceu-lh'o, e disse-lhe:

— Mata-me, que é um beneficio matar uma mulher que os remorsos hãode matar vagarosamente.

Francisco Xavier passou por diante d'ella, aproximou-se da mesa em que ella estava escrevendo, curvou-se sobre o papel, e leu.

Era carta que a cigana escrevia á mãe, pedindo-lhe que a mandasse buscar, porque se via desamparada em Valhadolid. Do homem, com quem fugira, apenas dizia que fôra atrozmente illudida por um infame. *Está vingado,* escrevia ella, *o bom moço que eu sacrifiquei; se o vir, diga-lhe que me não deseje maior desventura.*

Francisco Xavier, lido aquillo, voltou o rosto á cigana, que ainda permanecia queda com o punhal. Depois, sentou-se, a chorar, arquejante, afflicto, com o rosto abafado entre as mãos. Joanna abeirou-se d'elle, e ajoelhou, com o rosto pendido para o seio, braços pendentes, e o punhal na mão direita. Francisco Xavier viu-a assim; ergueu-se de golpe; quiz fugir impetuosamente. Ninguem lhe estorvou o passo; podia fugir á sua vontade; mas... o fatal enliço, a cadeia magnetica parecia arrancar-lhe o coração pelas costas, quando elle ia fugindo. Era a cigana!...

o amor infernal d'aquella raça maldita de Deus, que tem por si a omnipotencia de Lucifer.

O moço girou sobre os calcanhares como manequim. Parecia uma cousa phantastica: de real apenas se sentia, n'aquelle quadro, a ridiculez dos olhares, das posturas e do silencio. Estava isto assim n'este curioso lance de se deverem rir um do outro, quando Joanna se lhe atirou ao peito, espedindo um ai estridulo, um como grito do coração que morre. Se a não amparassem, cahiria; mas não cahiu. Os braços d'elle apertavam-na muito, muito; e, se os braços não bastassem a sustel-a, creio que elles se segurariam um n'outro pela identificação dos labios.

Como se amavam!

E, depois, não ha mais que dizer no tocante á reconciliação. O alcaide chegou a lançar o jantar com o riso, quando o portuguez lhe contava a passagem com os tregeitos e transportes que deram em resultado o jurarem-se reciprocamente um eterno amor de mais algumas semanas.

No dia seguinte, quando Francisco Xavier andava curando dos aprestos para a jornada, é que elle se encontrou com as duas perseguidas hebreas no adro da igreja. O leitor póde recordar-se.

Deteve-se ainda tres dias em Valhadolid Francisco Xavier de Oliveira á espera d'alguma boa nova, com referencia ás presas. Com as boas esperanças

de D. Raphael, sahiu o moço, acompanhado da cigana, para Lisboa.

Socegado de coração, cuidou em trabalhar no salvamento de Antonio José da Silva. Desvaliosa protecção seria a d'elle, já tão mal visto do santo officio, que os paes incessantemente lhe pediam que fugisse de Portugal. Diogo de Barros despersuadiu-o de solicitar a misericordia de S. Domingos a favor do seu amigo, como patronato inconveniente ao preso, a menos que o não quizesse sobrecarregar.

Os valedores do filho de João Mendes, com quanto poderosos, ignoravam e temiam a sentença no fatal dia 13 de Outubro, designado para o auto da fé. Contavam Diogo de Barros e o conde da Ericeira com as favoraveis allegações dos qualificadores do santo officio; desconfiavam, porém, do inquisidor geral.

Soaram os sinos á chamada dos fieis para assistirem ás sentenças na igreja de S. Domingos. Entre os réos da vanguarda ia Antonio José com o sambenito, descalço, cabeça rapada, ao lado do padrinho que lhe fôra nomeado. Ir elle entre os primeiros réos, era já signal de grande jubilo para os seus. Os que marchavam depós o Crucificado, erguido em meio da procissão, esses já podiam de antemão contar com as agonias da fogueira, porque já não viam a face do Christo. Antonio José da Silva ouviu o sermão dos labios piedosos d'um frade dominicano, que se esteve sempre em extasis diante da misericordia

com que a santa inquisição andava em cata das almas tresmalhadas do caminho da gloria para as restituir ao seu creador.

Concluido o sermão, dous frades subiram ao pulpito para lerem a summa dos processos, e declarar as penas em que haviam sido condemnados.

A primeira sentença lida foi a do padre Luiz Alvares d'Aguiar, accusado de prostituir as suas devotas no confessionario, crime que na tortura confessára. Privado do exercicio das funcções ecclesiasticas, foi condemnado a desterro perpetuo.

Antonio José da Silva, n'esta occasião sómente, soube que o prior de S. Jorge fôra tambem victima da denuncia de Bartholomeu Lobo Corrêa.

Seguiram-se outros réos.

Depois, um familiar conduziu pela mão Antonio José ao meio das galerias, occupadas por frades, bispos, qualificadores e familiares. Ouviu lêr o processo, que o accusava de ter hebraisado. A sentença era absolutoria, visto que o réo confésso abjurava as doutrinas dos dogmas judaicos. Em seguida levaram-no ao tope do altar, onde o fizeram ajoelhar, e pôr a mão sobre um missal. N'esta postura, recitou um protesto de fé, e esperou que o inquisidor o absolvesse da excommunhão e lhe impozesse a penitencia. [1]

[1] Estes pormenores das ceremonias dos autos da fé, e outros que vierem ao intento n'este livro, encontrei-os authorisadamente escri-

Ultimada a leitura das sentenças, Antonio José, ao sahir do templo para entrar na *casa-santa,* [1] circumvagou os olhos pela multidão, e viu Francisco Xavier de Oliveira, ao par de sua mãe, que cobria o rosto e as lagrimas com a mantilha. Entrou no tribunal, despiu o sambenito, os calções e a jaqueta parda listrada de raios brancos: entregou ao alcaide da inquisição a vestimenta, e esperou que o inquisidor, duas horas depois, lhe designasse em lista manuscripta os artigos da penitencia, e lhe cruzasse a ultima benção misericordiosa.

Ao anoitecer, o filho de João Mendes entrou na liteira do contador-mór, e foi conduzido a casa de seus paes. Lourença Coutinho, quando lhe viu os dedos macerados, e as articulações das phalanges ainda chagadas da tortura, perdeu os sentidos nos braços do filho. O ancião, com as mãos erguidas, abafava de soluços, desviando os olhos das mal fechadas cicatrizes, que o moço mostrava. Francisco Xavier, a praguejar, blasphemava da Providencia,

ptos n'um raro livrinho da excellente livraria do meu douto amigo José Gomes Monteiro. Intitula-se o livro, escripto em francez, e impresso em 1688, *Relation de l'Inquisition de Goa.* O narrador foi um medico francez que lá padeceu dous annos de carcere como herege, e veio para Portugal condemnado a cinco annos de galés, d'onde o salvou um medico francez, que o era da rainha D. Maria Francisca de Saboya, mulher de D. Pedro II.º Opportunamente darei mais ampla noticia do contexto do livro,

[1] Era assim denominado o tribunal da inquisição.

duvidando que ella existisse, e impassivelmente se revisse nas atrocidades d'este mundo.

Antonio José da Silva, nos primeiros dias de liberdade, fez suspeitar desconcerto de juizo, á conta d'uns ares sombrios e semblante empedernido em que se deixava estar, longas horas, n'um terrivel quietismo. Á primeira vez que sahiu de casa, foi ao convento de S. Domingos tratar cousas espirituaes com frades de boa nomeada em virtude e saber. Fugia os seus antigos conhecidos, e nomeadamente Francisco Xavier d'Oliveira, que mais que todos se compadecia da estragada cabeça do pobre Antonio. Quando o amante de Joanna Victorina lhe queria contar os successos de Valhadolid, Antonio José cortava a narrativa, pedindo que lhe não desnorteasse o espirito. Oliveira ria-se á sucapa dos tregeitos pios do amigo, o qual, por vezes, era na verdade irrisorio, referindo seraphicamente as suas visões e sonhos beatificos.

Esta enfermidade cerebral, effeito das trevas, da insulação e tormentos da santa casa, guareceu-a lentamente o correr do tempo. Este melhoramento, porém, não impedia que Antonio José, um dia por outro, fosse ao convento de S. Domingos conversar, instruir-se e roborar a sua piedade com os frades.

Entretanto, Lourença Coutinho e João Mendes, grandemente auxiliados pelo tio de Jorge de Barros, curavam incansaveis do livramento de Sára e Leonor. Ao principio, Antonio José ouvia fallar d'ellas com

uma quasi estranheza, e depois com piedade. Dizia elle que a desgraça era necessaria, quando nos sahia ao encontro fóra da estrada direita, porque, sem ella, nunca nos resgatariamos de atalhos perigosos e conductores á perdição. Oxalá — ajuntava elle — que Sára e Leonor aprendam a verdadeira religião, como a mim me aconteceu!

Lourença chorava quando isto ouvia. Francisco Xavier olhava-o em rosto com sincera amargura, e de si para si dizia: « endoudeceram-no! »

D. Raphael Hernandes avisou o seu velho amigo José de Oliveira que as duas presas sahiriam infallivelmente no primeiro auto da fé; pelo que, estavam sendo superfluos os empenhos que iam de Portugal para o inquisidor e qualificadores do santo officio. Asseverava-lhes que o santo officio em Hespanha era muito menos rigoroso que o tribunal portuguez; e, no caso das duas mulheres, não havia nada que recear, senão a prisão de mais dous mezes, em um quarto bem alumiado e provido de tudo que ellas á sua custa mandavam procurar.

Ao aproximar-se o dia 26 de Janeiro, Diogo de Barros, carregado de annos e virtudes, quiz prestar ainda os bons officios de parente á filha de seu sobrinho Jorge, indo a Valhadolid buscar as duas senhoras, para d'alli as conduzir para o seio de sua familia. Francisco Xavier d'Oliveira, o moço romanesco, afigurando-se-lhe cavalheirosa bizarria appa-

recer n'uma hora feliz ás damas, que o viram em afflictissimos momentos, acompanhou o ancião, muito a beneplacito do pae, que se atormentava com medo das iras do filho contra os inquisidores.

E chegados estamos, pois, ao ponto em que Sára e Leonor sahiram absoltas e penitenciadas da inquisição de Valhadolid, no auto da fé, de 26 de Janeiro de 1727.

CAPITULO VI

Aposentou-se Sára em casa do tio de seu marido.

Lourença Coutinho e a sua amiga encararam-se e duvidaram uma da outra. Na desfiguração d'estas atormentadas mulheres só a continuada reminiscencia poderia entrever umas sombras da antiga formosura.

Sára quiz vêr Antonio José, o homem formado d'aquella creancinha que andava na Covilhã com sua filha ao collo, e tanto chorara por ella na despedida. O moço encarou estupefacto em Leonor. A visagem não era bem de espanto: estava alli o quer que fosse do idiota, que se procura no seu passado a um raio de luz, da apagada luz da sua razão, do seu amor, de suas esperanças.

Leonor contemplava-o triste da commum tristeza das piedosas almas. Não o tinha amado; mas affizera-se a pensar n'elle. Imaginava-o moço de muitos espiritos, de airosa presença, sympathicamente melancolico; e via alli um homem como entanguido de frio d'alma, em spasmos de santa introversão, olhando para ella com assombro, e para os outros com certo ar de quem pede que lhes alumiem as escuridades da memoria do seu coração.

Leonor, avisada por Lourença, do estado lastimoso em que a tortura lhe transformara o filho, chamava-o ás recordações do passado, recitava-lhe os versos d'elle que recebera em Amsterdam, pedia-lhe que lhe dissesse poesias novas; e convidou-o, uma vez, a glossar-lhe uma quadra. Antonio José da Silva accedeu com um sorriso, e disse:

— Uma quadra espiritual... Seja! Diga que eu vou escrevêl-a...

Mas, ao curvar os dedos para segurar a penna, soltou um leve gemido, e murmurou:

— Esquecia-me que não posso escrever... Tenho os dedos quebrados! [1]

— Infames frades! — exclamou Leonor.

— Por quem é!... — acudiu Antonio José — por quem é!... não falle assim, Leonor! não fal-

[1] «... torturado tão cruelmente que os dedos lhe ficaram em tal estado que por muito tempo não pôde nem assignar o seu nome.» Costa e Silva — Ensaio biograph. T. 10, pag. 331.

le... que eu posso ser seu accusador na tortura!...
Eu tinha desejo de morrer, quando me deram os tractos; por isso não accusei meu pae e minha mãe, mas aquelles que não podem com a dôr nem com o terror da morte... esses accusam pae, mãe, esposa e filhos... denunciam-se a si, calumniam-se, deshonram-se, condemnam-se a inferno sem fim, para não sentirem o repuxar e estalar de cada fibra do seu corpo, e o gotejar de cada gota do seu sangue, e o apagar-se compassado, lento, horrendissimo de cada faisca luminosa do seu espirito...

—E como eram as torturas?... como foi que lhe pozeram as mãos n'este estado? — perguntou Leonor.

Antonio José da Silva fitou-a como espantado da pergunta, e disse:

—Nunca revele o que viu na inquisição de Valhadolid, Leonor: olhe que não ha perdão para a bocca imprudente que deixou passar uma palavra reveladora do que lá vai n'aquelles infernos!...

E, dito isto, com torva e mysteriosa solemnidade, o filho de Lourença Coutinho sahiu impetuosamente d'entre as familias hebraicas e christãs que o viam e ouviam com os olhos marejados de lagrimas.

—E aquelles nossos planos, Lourença — disse Sára — Vê tu como a desgraça n'ol-os desfez!... Teu filho, se assim vai... podemos perder a esperança de o trazer a uma regular vida em que possa realisar-se o casamento... Elle nada te diz?

—Se eu lhe fallo n'isso, diz-me que está morto para a felicidade, e que lhe não resta esperança de restaurar nada do que perdeu. D'antes era triste; agora está continuamente chorando. Não póde escrever... é o maior infortunio... Não sei como heide distrahil-o. Anda de convento em convento. Por ahi, chamam-lhe hypocrita ao meu pobre filho... O que elle está é quasi demente, se a Divina Providencia o não soccorre... A minha esperança és tu, Leonor! —exclamou Lourença, beijando a filha de Jorge de Barros—Tu é que hasde salvar o meu Antonio, o teu esposo!... Dá-lhe tu calor ao coração que se congelou no frio dos calabouços. Acorda-o, filha; chama-o ás alegrias d'este mundo...

—Eu não as tenho...—balbuciou Leonor—Não tenho mais calor no coração que elle...

—Então não o amas?!—replicou Lourença, como admirada da frieza de Leonor.

—Como podem amar-se pessoas que apenas se viram na infancia!—tornou a filha de Sára—mas com isto, snr.ª Lourença, não quero eu dizer que me esquivo a ser esposa de seu filho, se tal é a vontade de minha mãe, e se já esse destino me havia dado meu querido pae. Sem idéa de casamento, minha amiga, heide fazer quanto podér por distrahir o Antoninho das suas amarguras; creia-me...

Lourença levou a mão de Leonor aos labios, e reparando, disse:

— Cá está o annel de teu pae, menina!... Não o percas... Deixaram-t'o os da inquisição? Cá em Portugal não é costume restituir aos absolvidos as cousas, que lhe encontram, quando os prendem. A mim nunca me restituiram dous anneis de pedras e uma manilha que eu trouxe do Brazil... [1] Não vos cortaram os cabellos na inquisição de Valhadolid?

— Não, nem nos mudaram os vestidos — disse Sára.

— Então, filhas, não digaes que soffrestes... A vossa prisão foi suave; o Deus compadecido dos infelizes sem culpa não vos desamparou... E o thesouro? — proseguiu Lourença — quando havereis á mão a vossa riqueza, filhas?

— Nem já pensamos em riquezas — disse Sára — O tio do meu Jorge presume que o cofre já não existe.

[1] Quaesquer preciosidades encontradas aos réos, no acto de os raparem, e entrajarem com a libré da inquisição, nunca se devolviam ao preso, propriamente livre como innocente ou reconciliado. O author e martyr da «Inquisição de Goa» livro que, pouco ha, citei, inventariando as ganancias dos inquisidores, diz: «Além da honra, authoridade, e lucros annexos ao cargo de inquisidores, de duas differentes maneiras lhes cresce a pitança; a primeira é, quando se faz leilão do espolio dos presos, em tudo que é bom mandam os inquisidores licitar por algum de seus criados, lanço com que ninguem concorre, desde que o criado se faz conhecer; e os objectos são adjudicados pelo mais baixo preço; a segunda maneira é que o producto dos bens confiscados, posto que seja levado ao erario, devolve-se logo ás mãos dos inquisidores, porque elles o requisitam, para costeamento das despezas secretas do santo officio, e ninguem lhes ousa pedir contas: de modo que o producto das confiscações reverte n'elles.»

— Ha um anno — tornou Lourença — que meu marido soube do capellão da Bemposta que tal cousa nunca apparecera.

— Isso me disseste para Amsterdam.

— É verdade: bem me lembro... E o filho do capellão, que é o almoxarife dos infantes, se souber que vós viestes de Hollanda, é capaz de vos procurar a vêr se descobre o segredo. Tende cautela com elle, que eu não lhe tenho muita fé, apesar de se mostrar muito compadecido do meu Antonio, e me dizer que pedira por elle aos infantes. Chama-se Duarte Cottinel Franco, andou com os meus filhos e com o Francisquinho Xavier na escóla, e Deus sabe que elle foi causa de muitos desgostos da minha amiga D. Isabel, levando-lhe o filho para as noitadas da Bemposta, onde vão todos os perdularios e mulheres perdidas de Lisboa. Eu não gosto d'elle... Não sei o que me diz o coração d'aquelle homem, que me não fez mal nenhum! São scismas de quem anda sempre a tremer de falsos amigos... De mais a mais consta-me que elle é familiar do santo officio, e o pae é qualificador. Tudo isto vos conto, filhas, para que vos não confieis do tal Duarte Cottinel: basta-lhe ser filho de cigana, segundo dizem. O padre, que hoje goza boa fama, foi um dos mais libertinos clerigos de Lisboa. Agora, escolheram-no para qualificar e avaliar as culpas dos christãos novos, hereges e feiticeiros.

CAPITULO VII

Francisco Xavier de Oliveira, desde a hora em que foram presos Antonio José e o prior de S. Jorge, fez ao demonio da vingança um tão fervoroso voto como, annos antes, em perigo de naufragar, fizera á Senhora da Penha de França. A victima, que elle prometteu sacrificar na hecatomba do diabo, era aquelle Bartholomeu, filho do traductor da *Sentinella contra judeus*, e propugnador dos rabinhos dos mesmos.

Era incapaz de matar traiçoeiramente um homem Francisco Xavier. A sua robustez, muitas vezes provada com grandissimo dissabor dos seus adversarios deslombados, instigava-o a encarar de frente os inimigos, e esmagal-os, se a victima ficava entre elle e uma parede. Um só homem, em Lisboa, lhe disputava primazias em força: era um D. Henrique Hen-

riques d'Arroyos que sustentava durante quatro minutos na palma da mão a mó d'um moinho, e, arremessando-a depois, a fazia rolar a distancia de dez a quinze passos.

Em corridas de touros, um outro homem lhe competia em destreza e força: era o marquez d'Alegrete, Manoel Telles da Silva, que, n'uma festa da Senhora da Piedade, no pateo do duque de Cadaval, estando presente o rei, cortára cerce a cabeça a um touro d'uma só cutilada.

De si diz o cavalheiro de Oliveira que, aos vinte annos, agarrava um boi e o subjugava em singular combate. Ajunta que ninguem o venceu no atirar ao alto uma bala de ferro, que recebia na queda, e tres vezes successivas arrojava á mesma altura. Ora, um homem que assim brincava com uma bala de ferro devia de conjecturar que a cabeça de Bartholomeu em suas mãos não pesaria mais que uma avellã.

O seu maximo cuidado era sahir-se limpamente da empreza para não desgostar sua familia nem incommodar amigos no livramento.

Bartholomeu tinha uma quinta em Oeiras, sobre o mar, onde costumava passar o estio, em saborosa companhia dos seus livros, relendo e commentando as obras ineditas do pae, no intento de as estampar, quando a illustração publica merecesse tamanho brinde.

Francisco Xavier farejava-lhe a pista, sem revelar a ninguem o proposito com que miudamente galopava na estrada de Pedroiços.

Uma tarde, quando se recolhia, já lusco-fusco, enxergou na praia do Dá-fundo o pensativo Bartholomeu que se passeava philosophando á beira-mar. Francisco Xavier descavalgou, depois de ter relançado os olhos por sobre a praia deserta. Avisinhou-se de Bartholomeu, e perguntou-lhe se achára nas suas meditações a causa efficiente d'uns rabinhos que surdiam do fim do espinhaço de certos judeus.

Bartholomeu tremia e balbuciava. Francisco Xavier, sofrego da opportunidade, perguntou-lhe se o não abrasavam remorsos de fazer desterrar inquisitorialmente um velho de sessenta e cinco annos, e de fazer esmagar na tortura os dedos de Antonio José da Silva. Bartholomeu preparava-se para arrancar alguns gritos do peito anciado, quando Francisco Xavier lhe disse, segurando-o pelo pescoço:

— Vm.ce precisamente arde de remorsos, e carece de refrigerio.

Dito isto, filou-o pelas roupas do costado, sacudiu-o para ganhar impulso com o balanço, e remessou-o ao Tejo. O homem escabujou alguns segundos á tona d'agua, sumiu-se, mostrou as pernas mais longe onde a resaca o levou, e não deu mais conta de si aos olhos attentos de Francisco Xavier, que

invocava as estrellas e a lua como testemunhas d'aquella boa acção de sua vida. O moço cavalgou placidamente, e, como quem depois d'um feito brioso tira a limpo os corollarios excellentissimos do acto, ia dizendo comsigo: «Se os christãos depuram os hereges no fogo, porque não hãode os homens racionaes depurar os fanaticos na agua? Façamos tambem aquaticamente nossos autos da fé.

Na madrugada do dia seguinte, a maré revessou o cadaver de Bartholomeu ao sopé da torre de S. Gião. A noticia chegou logo a Antonio José da Silva, que não sabia se devia folgar, se temer-se da possivel imputação do homicidio. Francisco Xavier encontrou-o n'esta vacillação, e disse-lhe:

— Não temas, parvo, que o infame denunciante morreu sem a mais leve contusão. Peguei-lhe geitosamente pelo estofo dos vestidos, e apertei-lhe o pescoço com tal cuidado, que o homem apenas passou pelo incommodo de beber agua á proporção das lagrimas que fez chorar. Estás vingado, é o grande caso. Se não te pude livrar da inquisição, livrei a humanidade d'uma fera.

— E estarei eu livre das outras? — perguntou Antonio José, com temeroso aspeito.

— Estás, se continuares n'essa tua hypocrisia salutar de te gastares por conventos de frades. Faz isso que é bom; mas a mim não me enganes.

— Cala-te! — acudiu o judeu — Cala-te que eu creio em Jesus Christo e na Virgem.

— Fazes muito bem, meu amigo; diz isso a toda a gente; diz-m'o tambem a mim...

— Se tu ouvisses o fr. Antonio Esteves de S. Domingos... Queria que o ouvisses!... Convenceu-me, reduziu-me ao puro christianismo com razões inexpugnaveis. Meu amigo, torna-te á tua fé antiga. Eu pedirei á Senhora da Penha que te illumine e converta áquelle fervor com que lhe pediste remedio quando as ondas te sossobravam...

— Pois sim, — atalhou Francisco Xavier — pede lá o que quizeres; mas conta-me alguma cousa d'aquella peregrina Leonor, formosa a mais não poder. Casas ou não casas? Olha que eu, se lhe não acodes depressa, vou galanteal-a! Á fé! não me leves isto em graça!

— Faz a tua vontade — disse triste e serenamente o Silva — Eu perdi o gosto da vida. O'sangue, que me tiraram, era o do coração. Quebraram-me corpo e alma. A luz de esperança em cousas d'esta vida, apagaram-m'a. Não vês a minha tristeza sem intermittencia de satisfação? Tudo me enfastia, cobrei tedio de tudo! Como heide eu ir associar á minha desgraça aquella menina, tão de lucto já no coração de quinze annos!... Para mim e para ella ha vulcões que nos referrem debaixo dos pés. D'um momento para outro, cahiriamos abraçados no abysmo

de fogo. Um inimigo basta para nos perder; um inimigo que disponha d'algumas consciencias vendidas! Que se não casem homem e mulher em cuja fronte a sociedade abriu a ferro o estigma da maldição! Dous malditos que se reproduzem em filhinhos amaldiçoados do mundo! A mãe hade arrancar o peito da bocca da creança para seguir o enviado do santo officio; a creança, agonisando de fome, não terá seio de christã que se lhe abra! Tu não vês uns meninos esfarrapados, que se aconchegam uns dos outros no coberto de S. Domingos? São os filhos dos hebreus, que já morreram queimados, e d'outros, cujos gemidos elles poderiam ouvir, se collassem os ouvidos ás paredes negras da casa santa, e se os guardas dos calabouços não cortassem com um tagante as carnes dos que gemem. Aquelles meninos não deviam ter nascido! Foram gerados na maldição. Foi perversidade dos paes darem a este mundo aquelles padecentes, que vão alli estender as mãosinhas descarnadas...

— Aos verdugos de seus paes — atalhou Francisco Xavier.

Antonio José da Silva fitou com penetrantes olhos o amigo, deixou depois cahir o rosto sobre o seio, e murmurou:

— É assim... é assim. Os paes e mães d'aquellas creanças mataram-nos elles; esmagaram-nos debaixo do madeiro do Crucificado...

E, erguendo-se de vertiginoso salto, exclamou:

—Scelerados! scelerados! que mal fiz eu para martyrio tão longo! Se tu visses como estes ossos das mãos me rangiam entre duas laminas de ferro que se queriam ajuntar atravez das fibras... E o sangue a espirrar debaixo da pressão do torniquete... Olha!...

E mostrava-lhe as fendas da carne esphacelada, e por entre ellas o roixo dos ossos, com laivos de sangue e o amarellido dos tendões que pareciam cancerados.

—E podes ainda levantar essas mãos ao Deus de Domingos de Gusmão!? — perguntou ironicamente Francisco Xavier, voltando o rosto do espectaculo nauseento das feridas ressumando pus sanguineo.

Antonio José pensou por momentos, e disse:

—Não me tentes!... deixa-me crêr para ter vontade d'outra vida... Este mundo, sem fé, sem esperança, é um horror inconcebivel.

—Pois crê! — voltou Xavier — mas crê como homem que rejeita Moisés e o divino Christo. Crê em Moisés como n'um legislador barbaro, e em Christo como n'um reformador dulcificado pelas doutrinas de Socrates e de Philon. Crê no destino do homem para além d'esta vida. Crê na virtude sã dos sectarios de todas as religiões: crê que o verdadeiro Deus está no coração do mahometano virtuoso, do hebreu

honrado, do christão caritativo, do brahmane inoffensivo. Sê hypocrita, se te é precisa á vida essa vil qualidade; mas não pervertas a tua intelligencia, não aniquiles os teus dons de altissimo engenho, não bestifiques as tuas luminosas faculdades.

CAPITULO VIII

Francisco Xavier discorreu longo tempo.

Escutava-o silencioso Antonio José da Silva. Quando o filho do contador-mór se retirou, a razão abafada do moço conflagrou-se, como o rapido alar-se da chamma, que rompeu subita por entre as vigas da casa incendiada.

Resaltou-lhe a alma do quietismo lethargico em que passava os dias, no mais recondito e escuro de sua casa. Agitavam-no furias blasphemas que intimidavam a familia. Extenuado dos sacões que fazia com os braços ainda quebrados dos jejuns e dôres do carcere, cahia prostrado e febril.

Esta agitação d'alguns dias acabou em socegado repouso e lucido entendimento. Era, já conversavel e judicioso em suas praticas. Ia com seu pae ao escri-

ptorio, e applicava-se ao estudo da jurisprudencia com tenacidade. Descontinuou as visitas aos mosteiros; mas, tal qual vez, escrevia a dous frades, que se lhe tinham figurado mais doutos que o commum, e estranhos aos processos inquisitoriaes, e talvez avessos e censores do procedimento do santo officio em grande parte dos seus actos. Ao diante, os dous frades hãode dar de si tão boa conta que a posteridade haja de os louvar como honrados amigos e defensores do talentoso hebreu.

A longos termos, Antonio José da Silva visitava Sára, nos primeiros mezes. Depois, amiudaram-se as visitas. Por fim, ao cabo de um anno, o coração do moço não estava socegado na presença nem na ausencia de Leonor. Esperança inquieta ou inquieta saudade divertiam-lhe a idéa do estudo, mormente do arido estudo do direito, posto que elle, vasta capacidade para tudo, despachava os feitos que seu pae considerava dignos de mais habil e engenhoso articulado.

Já o bacharel, quando Oliveira lhe pedia venia para galantear a judia adoravel, sorria ao requerimento jocoso do amigo, e aconselhava-o que dissesse de sua justiça no tribunal d'ella, por ser o competente.

Com as alvoradas do amor, dilucidou-se a escureza de suas cogitações, desnoitou-se-lhe o coração, repontaram idéas claras e alegres, e, a poucas voltas,

fez-se dia esplendidissimo, vida nova no intimo e no exterior do moço.

Renasceu o gosto e vocação da comedia. Rebuscou os seus papeis esquecidos; uns poucos existiam ainda, que o maior numero d'elles rasgara-os João Mendes, receiando que o santo officio fizesse busca e lhes espremesse a heretica peçonha que elles, apertados entre mãos de inquisidores, gottejariam certamente.

A opera, ou comedia, que Antonio José predilectamente polira e repolira em Coimbra, como peça com que tencionava estrear-se, era a *Vida do grande D. Quichote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*. Esta, e mais outras com que, mais tarde, o hebreu levantou a meio a quebrada columna de sua gloria, lia elle á numerosa assembléa de fidalgos que Diogo de Barros convidava em honra do engenhoso moço. Estas leituras, por onde o seu nome se divulgara até ás camadas inferiores da cidade, ser-lhe-hiam de muito desprazer, se Leonor as não agradecesse, como favor e brinde feito especialmente a ella. De certo era; que a indole melancolica de Antonio José da Silva desdizia das gargalhadas com que o auditorio victoriava as scenas ridentissimas do *D. Quichote*, da *Esopaida* e do *Amphitrião*. E todavia, Leonor, ceremoniosamente, e não do coração lhe agradecia. Do D. Quichote, especialmente, uma scena das mais comicas, sem ser das menos urbanas em linguagem — esmêro pouco usado dos dramaturgos francos e

populares d'aquelle tempo — repetiam-na de memoria os admiradores de Antonio José da Silva. É a scena VIII. *D. Quichote* declama em soliloquio n'uma floresta, e diz:

« Ha dias que trago no pensamento uma cousa que me tem causado grande cuidado! Dar-se-ha caso que os meus inimigos encantadores tragam transformada a belleza da senhora Dulcinéa em a figura de Sancho Pança! E os motivos que tenho para isso é vêr a paciencia com que este escudeiro me atura as minhas impertinencias sem salario nenhum; e vêr que jámais foi possivel vêr eu Dulcinéa no seu original e nativo esplendor. Tudo póde ser que seja; pois se leem, nos antigos livros de cavallaria andante, outras transformações de nymphas, ainda em mais ruins figuras, qual a de Sancho Pança, e porque este pensamento não é fóra de conta, bom será averigual-o, que a diligencia é mãe da boa vontade. *Entra Sancho.*

Sancho

« Senhor, o rocinante está esperando que vm.ce o cavalgue, e tem dado taes relinchos, pulos e... [1] que supponho nos prognostica alguma boa ventura.

[1] N'aquelle tempo, usavam-se pouquissimo as reticencias. Hoje, devo presumir que alguns termos populares das comedias do judeu, se os eu trasladasse, fariam que o livro cahisse da mão enluvada e melindrosa que o abriu.

D. Quichote

« E, se bem reparo agora nas feições d'este Sancho, lá tem alguns laivos de Dulcinéa; porque, sem duvida, Sancho, ás vezes, o vejo com o rosto mais afeminado, que quasi me persuado está Dulcinéa transformada n'elle.

Sancho

« Meu amo está no espaço imaginario! *á parte.* Ah! senhor, toca a cavalgar, que o rocinante está sellado e o burro albardado. Senhor, vm.ce ouve?

D. Quichote

« Sim, ouço. Que seja possivel — prodigioso enigma do amor! — galharda Dulcinéa del Toboso, que os magicos antagonistas de meu valor te transformassem em Sancho Pança!

Sancho

« Ainda esta me faltava para ouvir e que aturar! *á parte.* Que diz, senhor? está louco? com quem falla vm.ce?

D. Quichote

« Fallo comtigo, Sancho fingido, e com Dulcinéa transformada.

Sancho

« Se vm.ce algum dia tivesse juizo, dissera que

o tinha perdido. Que Sancho fingido ou que Dulcinéa transformada é esta?

D. Quichote

« Não sei como agora falle, se como a Sancho, se como a Dulcinéa! Vá como quer que fôr: Saberás que os encantadores tem transformado em tua vil e sordida pessoa a sem igual Dulcinéa! Vê tu, Sancho amigo, se ha maior desafôro, se ha maior insolencia d'estes feiticeiros, que em mascarar o semblante puro e rubicundo de Dulcinéa com a mascara horrenda da tua torpe cara!

Sancho

« Diga-me, senhor, por onde sabe vm.ce que a snr.a Dulcinéa está transformada em mim?

D. Quichote

« Isso é o que tu não alcanças, simples Sancho; pois sabe que nós, os cavalleiros andantes, temos cá um tal instincto que nos é permittido conhecer onde está o engano e transformação pelos effluvios, que exhala o corpo, e pela physionomia do rosto.

Sancho

« ... Que parentesco carnal tem a minha cara com a da snr.a Dulcinéa? Ora eu até aqui não cui-

dei que vm.[ce] era tão louco! Cuido que nem na vida de vm.[ce] se conta semelhante desaventura!

D. Quichote

« Quanto mais te desconjuras mais te inculcas que és Dulcinéa; deixa-me beijar-te os átomos animados d'esses pés, já que me não permittes tocar com os meus labios o jasmin d'essa mão, dulcissima Dulcinéa! *Chega-se D. Quichote para abraçar Sancho.*

Sancho

« Áqui d'el-rei que não sou Dulcinéa! Tire-se lá! olhe que lhe dou uma canellada!

D. Quichote

« Ora, meu Sancho, diz-me aqui em segredo se és Dulcinéa, que eu te prometto um premio.

Sancho

« Como, senhor, lh'o heide dizer? Sou tão macho como vm.[ce]

D. Quichote

« Sancho, n'esse mesmo dengue agora confirmo mais que és Dulcinéa.

Sancho

« Ora leve o diabo o dengue! Que queira vm.[ce]

que á força seja eu Dulcinéa ensanchada, ou Sancho endulcinado! Ora pois, já que quer que eu seja Dulcinéa, chegue-se para cá que lhe quero dar dous couces.

D. Quichote

«Tu me queres dar couces? Agora vejo que não és Dulcinéa; pois Dulcinéa tão formosa e tão discreta, nunca podia ser besta, nem ainda transformada para dar o que me offereces com a tua grosseria.

.................................[1]

1 José Maria da Costa e Silva, na parte do seu diccionario bibliographico que diz respeito a Antonio José, escreve o seguinte: «Bocage fazia grande apreço das comedias de Antonio José, e a respeito de *D. Quichote* referirei uma anedocta sua, que mostra que elle lia estes dramas com reflexão, e sabia investigar suas bellezas. Indo eu uma vez visital-o, durante a sua ultima enfermidade, achei-o deitado de bruços sobre a cama, com um livro na mão, e rindo como um doudo. «Que livro é esse, lhe perguntei, que te provoca tanta hilaridade?—São, respondeu, as operas do judeu, e achei aqui no *D. Quichote* uma idéa tão bufona, tão extravagante que admira haver escapado a Cervantes.» E depois d'algumas gargalhadas leu o seguinte... (É a scena VIII que trasladei.)

«Acabada esta leitura—prosegue Costa e Silva—algumas vezes interrompida pelo riso, Bocage proseguiu: «Então? que te parece? não é isto uma lembrança bem original, bem graciosa e bem propria? e o judeu não soube tirar d'ella um grande partido produzindo uma scena bem comica? Oh! esta idéa devia ter occorrido a Miguel de Cervantes!»

Até aqui o amigo de Bocage.

Que outra ordem de considerações mais litterarias e philosophicas não faria Elmano, ponderando o ingente infortunio do engenhoso hebreu, mormente nos dias que passou no carcere da inquisição! Manoel Maria Barbosa do Bocage, se lá tivesse entrado cincoenta annos antes, não sahiria para mais longa vida que Antonio José da Silva. As feras de Domingos de Gusmão, na época de Bocage, rugiam apenas, acorrentadas á jurisprudencia civil. O marquez de Pombal arrancara-lhes os dentes, e emprestara-lh'os uma vez para despedaçarem o padre Malagrida.

CAPITULO IX

Lourença Coutinho, como visse restaurar-se o amor ao estudo, o gosto das comedias, e o contente viver do filho, entendeu activamente no consorcio almejado e promettido de tão longe. Contava ella com a vontade do seu Antonio, e tinha como segura a condescendencia de Leonor.

Enganou-se na mais importante parte dos seus calculos.

Leonor, assim que sua mãe formalmente lhe lembrou os antigos compromissos, respondeu que sempre considerára brincadeira de sua mãe com a mãe de Antonio o contracto de união eterna entre duas pessoas, uma das quaes nasceu alguns annos depois. Ajuntou que aceitára a correspondencia de Antonio José, para não desagradar a sua mãe, e na esperança de, alguma hora, se aproximar e sentir por elle

o interesse que a distancia não podia inspirar-lhe. Acrescentou e concluiu dizendo que o facto de se aproximarem não era bastante a resolvel-a a casar-se, nem a sua idade era ainda propria de tão grave decisão. Pedia, pois, cinco annos de espera; e, aos vinte, se decidiria.

Estas razões, litteralmente traduzidas, queriam dizer que o não amava. Isto não é censuravel nem extraordinario. O que a mim me quer parecer louvavel pouco menos de nada é que Leonor, farta de ouvir contar as travessuras, os escandalos e a libertinagem do amante de Joanna Victorina e d'outras do mesmo jaez, não obstante, sentisse e escondesse de todos profunda e devoradora paixão por Francisco Xavier d'Oliveira, desde que, á sahida do tribunal de Valhadolid, viu de novo o gentil moço que a tinha querido salvar, e a sua mãe, pela porta da sacristia! O caso não se recommenda aos louvores de quem lê, repito; mas não é estupendo nem culpavel. Leonor vira a anciedade inutil d'aquelle portuguez, soubera depois que a rogos d'elle sahira pelas desamparadas presas o alcaide; via-se livre; e, apenas livre, dava d'olhos e de coração reconhecido nos olhos e talvez no coração do bello rapaz, que sahira de sua terra para, ao lado do velho Barros, lhe ser guia e companheiro. Raros amores e até poucas paixões nascem e flammejam tão desculpaveis e bonitas!

Francisco Xavier, posto que não por amor, antes por cavalheirismo e obsequio ao seu amigo encarcerado, fosse a Valhadolid, durante a jornada teve uns vislumbres do sentimento que fizera nascer. Fechou os olhos da alma para não vêl-os; todavia, o coração não se retrahia de todo em todo aos honestos commettimentos da lindissima judia. Francisco Xavier dizia entre si: « Se elle a não amasse!... » e ella provavelmente iria dizendo: « Se elles se não estimassem... »

Ambos comprehenderam e como em silencio se communicaram o melindre de suas posições.

Ora é certo que Francisco Xavier estava maniatado áquelle baixo amor da cigana; estava, e com pejo de si pesava entre mãos o gravame de tão vergonhosos ferros; póde ser, porém, que os quebrasse de impetuoso empuxão, se Leonor lhe dissesse: « Tenho liberdade para ser tua; podes amar-me sem deshonra. »

Viam-se frequentes vezes na sala de Diogo de Barros. O rosto de Leonor alumiava-se, quando o jovial rapaz entrava, contando bruscamente aventuras da devassa camarilha do Salomão portuguez, ou rasgadamente verberava a hypocrita devassidão do clero, sem que os brados da mãe o cohibissem. Leonor antes queria este arrojo que o assustadisso acanhamento de Antonio José; antes as risadas estridulas do amante das ciganas que as deplorativas lamen-

tações, e concentrada amargura do flagellado dos carceres; antes a descripção energica e fogosa de uma péga de touro que a leitura d'uma comedia.

Uma vez, bem se lembram, perguntava Francisco Xavier ao seu amigo se amava Leonor. A resposta foi de feitio que o mancebo poderia, sem desdouro, aceitar a alma que se lhe offerecia sem grandes rodeios. Não o fez assim. Viram que elle curou de afastar as nuvens de sobre o coração do amigo, para que o amor da israelita podesse lá chegar com o calor da esperança e das alegrias. Depois, ao passo que Antonio José cobrava alento e se reanimava debaixo do olhar menos amoravel que piedoso de Leonor, Francisco Xavier afastava-se, pretextava jornadas, occupações, divertimentos, e, — Deus e elle sabiam a dôr do sacrificio! — contava na sala de Diogo de Barros, em presença da pallida menina, as suas paixões passadas, os seus amores presentes, e as suas esperanças em designadas mulheres da melhor fidalguia, umas para amantes, e outras para d'entre d'ellas eleger a esposa, a companheira da vida.

E, no entanto, Lourença Coutinho admirava-se e offendia-se das hesitações de Sára, toda vez que ella a interrogava não já sobre a vontade da filha, senão sobre o tempo de se casarem os promettidos noivos.

— Pois tu não sabes?... — perguntava Lourença — Não sabes quando será?!

— Não sei... — respondeu Sára emfim muito

apertada pelas importunações da amiga. — Não sei, porque Leonor não declara quando, e eu, obedecendo á vontade do meu Jorge, não a obrigo a declarar-se; o mais que posso é aconselhal-a; e muitas vezes lhe tenho inculcado as vantagens d'este enlace; mas, se ella me diz que só dos vinte annos em diante se hade resolver, que queres que eu lhe faça? Esperemos, Lourença. Teu filho está novo; ella está uma creança; os haveres de parte a parte são por em quanto poucos... Esperemos, minha amiga, e gozemos com a felicidade de vêr que elles se amam tranquillamente, e não desconfiam da lealdade um do outro...

— Mas o meu Antonio não cessa de perguntar... — atalhou Lourença.

— Responde-lhe isto mesmo. Diz-lhe que se goze da sua liberdade n'estes cinco ou seis annos, que lhe não hade faltar tempo de viver captivo dos encargos de marido e pae. Quanto mais cedo se casarem, maior numero de filhos hãode deixar para ahi provavelmente pobres.

Esta resposta espinhou vivamente o amor proprio e o coração tambem de Antonio José. Deliberou-se a interrogar Leonor, suspeitoso de que, por acanhada modestia, e melindre talvez inconveniente, desmerecesse no conceito da energica filha de Jorge de Barros. Mais dolorosa suspeita o feria, e era temer-se de que a bisneta do contador-mór, e a des-

cendente dos Telles por sua avó materna, se quizesse esquivar ao desdouro de alliar-se a um homem da classe mean, neto de fazendeiros e bisneto de pobres colonos judeus, que tinham ido de Portugal para a capitania do Rio de Janeiro.

Resolvido a desenganar-se por si, procurou o lanço de estar a sós com Leonor. Foi mais lastimavel que eloquente. Almas aquecidas ao fogo mystico do ideal, são as menos idoneas para expressarem affectos grandes sem se apoucarem n'alguma baixeza, de que raras mulheres levantam o homem. Convinha-lhe um airoso orgulho; o amor abateu-o á humildade. A mulher que ama não conhece isto; a que é tão sómente amada chama-lhe impertinencia e semsaboria.

Não obstante, Leonor dava-lhe a compensação da delicadeza; e á poesia da paixão respondia-lhe com a poesia da esperança. Era cedo, dizia ella, cedo para si e cedo para elle.

— Eu tenho sido desgraçada — ajuntava Leonor — Fiquei triste, muito mais triste do que era, desde a prisão de Valhadolid. Estou a convalescer das torturas da alma, que principiaram com o fallecimento de meu bom pae. As lagrimas ainda hoje me afogam, quando me lembra, que é para sempre, a irremediavel perda que soffri. É preciso muito coração para a gente passar d'estas tristezas ao contentamento de esposa; e aquelles que se casam, na esperan-

ça de despirem depois os luctos da alma, vão enganados: é o que eu penso, e nem meu tio Diogo nem minha mãe sustentam o contrario.

— Sustento-o eu — disse Antonio José da Silva.

— Com aquella decima jocosa que sua mãe mandou para Amsterdam?

— Não, Leonor. Não fallemos gracejando. O homem, que escrevia aquellas trovas, acabou. D'ellas me recordo escassamente.... Vejo-as como folhas seccas da minha primavera. O que eu hoje lhe deveria dizer em verso, não sei eu dizel-o. Lagrimas não se escrevem: ou as decifra a mulher que ama, ou, senão, Deus. Porque me não ama, Leonor?

— Quando lhe disse eu que o não amava, snr. Silva?...

— *Snr. Silva*... Que urbano tratamento! — acudiu o hebreu, com dilacerante sorriso — Que desengano! que calumnia eu lhe assacava quando á minha consciencia dizia que a snr.ª D. Leonor de Barros me amava...

— Eu não sou D. Leonor de Barros — atalhou a filha de Sára — Sou Leonor Maria de Carvalho. Meus avós maternos appellidavam-se Carvalhos. O nome de meu pae tenho-o no coração; mas não careço d'elle nem para venerar sua memoria, nem para me fazer respeitar do mundo. Meu pae tem illustres parentes em Lisboa. Não quero que elles o maldigam porque deu os seus fidalgos appellidos á filha de

Sára, á neta d'uns judeus, que as chammas queimaram ha cincoenta annos em Lisboa. Chame-me, pois, Leonor Maria de Carvalho, que eu heide provavelmente assim morrer.

Antonio José da Silva tomou delicadamente a mão de Leonor, e disse-lhe com mavioso enternecimento:

— Abra-me com esta mão a porta do paraiso.

— Quando fôr tempo, se Deus assim o tiver destinado.

— Diga-me, ao menos... que não chore...

— Não chore, que os homens a chorar não parecem bem.

— Que fria alma! — murmurou Antonio José.

Entraram pessoas á casa onde correu este dialogo. Vinha entre ellas Francisco Xavier d'Oliveira, que relanceou olhos suspeitos ao semblante do seu amigo, e viu lagrimas. Ao mesmo tempo, encarou em Leonor, e traduziu a vehemente satisfação que a alvoroçára, no instante em que o vira.

Tomou o braço de Antonio José da Silva, e passou com elle ao jardim do palacete. Pediu-lhe explicação das lagrimas. Silva carecia de respirar no seio do seu melhor amigo. Abriu-se, expandiu-se, desatou novos prantos dos olhos injectados, e referiu summariamente a pratica dolorosa que tivera com Leonor.

Francisco Xavier escutou-o silencioso; fez com elle alguns giros no jardim, e voltou á sala.

—Que novidades conta, snr. Xavier d'Oliveira? —perguntou uma das damas da casa.

—Não sei quasi nada, minha senhora.

—Teremos brevemente touros? — perguntou um neto de Diogo de Barros.

—Provavelmente teremos, porque chegou a noticia de se ter celebrado o casamento do principe D. José com a infanta de Hespanha. Logo ouvirão o repicar dos sinos que pedem luminarias. No dia 13 vai o nosso amigo conde da Ericeira ao paço recitar um discurso panegyrico sobre os desposorios da princeza das Asturias, e o marquez de Valença recita o panegyrico do principe. Estes dous sujeitos, de quem aliás somos amicissimos, se lhes fecharem a valvula dos panegyricos morrem entouridos. Andam ha vinte annos a esmoucar as paredes do templo da memoria a vêr se lá se enfiam por uma fenda. Parece-me que os vindouros não lhes hãode dar mais importancia do que a mim!

—Cala-te, má lingua!—disse o ancião Diogo de Barros — Deixa lá os nossos sabios trabalhar na redempção das letras patrias. Nem todos hãode fazer versos... e travessuras, como tu.

—Versos e travessuras, meu presado amigo, está tudo por um fio. As rapaziadas cedem o passo á circumspecção, que vai abrir-me o seu placido abrigo.

— Ahi vem uma mentira das tuas, Francisco! — disse Diogo — Temos o Roberto do Diabo casado! é o que nos queres encampar?

— É o que vai succeder, snr. Diogo de Barros — redarguiu com gravidade Francisco Xavier — Se eu citar o respeitavel nome da senhora que vai ser minha esposa, espero que me façam a justiça de crêr que eu não viria aqui zombar, associando ás minhas brincadeiras o nome de uma menina que v. s.ª, e todos que a conhecem consideram.

— Se assim é — disse Diogo — podes dizer, que todos te acreditaremos; mas reflexiona, Francisco!... Não te responsabilises a dar explicações, se o casamento se não realisar; nem queiras que a sociedade as dê, se as tu não deres.

— Reflecti — disse Xavier d'Oliveira — A senhora com quem vou casar-me é D. Anna Ignez de Almeida.

— Nome respeitabilissimo, na verdade — acudiu Diogo de Barros — tanto por nascimento como por virtudes herdadas e proprias. Conheci muito de perto o pae d'essa menina, quando ambos erámos ouvidores na India. Elle dirá qual de nós volveu de lá mais abastado; mas o certo, a que elle não póde faltar, é que pobres fomos e pobres voltamos. Cada um de nós casou com sua prima, e então tivemos casa. Eu desisti da carreira para cuidar dos bens; elle seguiu os lugares, e pela escala da probidade

subiu a desembargador do paço. Parabens te damos, Francisco, e a teus paes. Ligas a virtude de teus avós ás virtudes de uma estrema da familia, tão antiga como a tua. Sê digno do favor da Providencia Divina!

Durante o dizer de Diogo de Barros, Leonor sahiu da sala, pretextando qualquer cousa. Francisco Xavier viu sem reparar; Antonio José da Silva viu e reparou. As restantes pessoas olharam-se reciprocamente. Uma das senhoras disse:

— Eu dou-lhe os emboras, snr. Xavier; mas...

— Mas que, minha senhora? — perguntou Oliveira.

— Consta que D. Anna d'Almeida é muito doente do peito, e promette pouca vida.

— Assim dizem — tornou o moço —; mas quem tem tanta vida no coração dará d'ella a remanescente para alimentar o corpo, que é o mais facil de sustentar. E, se a vida do coração não bastar, dar-lhe-hei da minha, que é muita e fará o milagre de resuscital-a.

Annunciou-se na sala que Leonor estava em ancias afflictivas. Sára sahiu logo accelerada, e as damas seguiram-n'a.

Antonio José da Silva acercou-se de Francisco Xavier, e disse-lhe á puridade:

— Leonor amava-te.

— E eu estimava-a muito a ella, e por igual a ti. Faz de conta que não comprehendemos este in-

cidente. É necessario que ella me odeie, se por ventura as tuas suspeitas são fundadas.

Os cavalheiros conversaram sobre cousas do estado. Volvidos vinte minutos, Leonor entrou na sala com risonho e composto semblante. Os homens rodearam-n'a com perguntas sobre o seu estado.

— Não foi nada — respondeu ella — Foi uma pequena dôr que a amizade de minhas primas exagerou. Sinto-me boa.

A conversação continuou.

Leonor nunca estivera tão animada. Fallou dos portuguezes poetas com quem travára conhecimento em casa de seu pae. Recitou algumas poesias d'um judeu de Leiria chamado Manoel do Leão, que lá viveu, cantando as festas de Portugal, e lá morreu para que a patria o não levasse ao capitolio d'algum auto da fé. Citou muitas poesias do judeu; disse, porém, que para si a mais dilecta era uma que principiava:

Recolheram-se os soes, fechou-se o dia,
mas não se abriu a noite, pois se via
outra manhã. . . . . [1]

Muitos comprehenderam a allusão.

Pobre menina! cuidou que eram todos tolos, exceptuado Francisco Xavier d'Oliveira.

1 Vem a poesia no *Triumpho lusitano* — impresso em Bruxellas em 1688. Manoel do Leão morreu em Amsterdam de provecta idade.

CAPITULO X

Annunciou-se no portão dos Barros o almoxarife do palacio da Bemposta, para haver de fallar á viuva do snr. Jorge, neto do contador-mór Luiz Pereira de Barros.

Sára, assim que recebeu o aviso, lembrou-se logo do Duarte Cottinel Franco, e da mysteriosa aversão de Lourença Coutinho ao amigo de seu filho.

Duarte, entrado á presença de Sára, expoz diffusamente o proposito da sua visita, fundada nos boatos correntes a respeito d'um thesouro enterrado na quinta da Bemposta, d'um annel transmittido com o segredo do thesouro a Jorge de Barros, e da clausula da escriptura de venda da dita propriedade, mostrando o traslado que elle Duarte fizera tirar da nota do

tabellião. Dito isto, declarou ser desde menino particular amigo de Antonio José da Silva, o qual, segundo a voz publica, brevemente esposaria a filha do snr. Jorge de Barros. Ajuntou, com muitos recamos de palavriado, que elle desde muito pensava em ser o restaurador d'aquella riqueza soterrada; e lamentava que a viuva e filha de Jorge de Barros vivessem pobremente podendo gozar-se de rica independencia. E, por tanto, concluindo ao fim de estirada parlenda, ia elle solicitar de Sára que consentisse em ser rica, dignando-se confiar da probidade inteira e da amizade extremosa do amigo de seu futuro genro, ou o annel, ou a declaração do local onde Luiz Pereira de Barros enterrára o thesouro.

Sára, sem tergiversar, como quem já trazia de muito urdida a resposta, disse que poderia ser que o thesouro existisse na Bemposta, ao tempo do fallecimento do avô de seu marido; sabia, porém, que o revolvimento dos alicerces e jardins da casa, feito por ordem de sua sogra, provavelmente descobriu o cofre, se elle existia. Em quanto ao annel, disse que nunca vira a seu marido annel com tal significação, nem lhe constava que elle o tivesse.

Redarguiu Duarte Cottinel, lastimando-se de não merecer a confiança da senhora, e fazendo votos por que ella se não fiasse d'outrem, e arriscasse o completo perdimento da riqueza; dando assim a entender

que julgava mentirosa a negativa de Sára, e verdadeiro o boato do annel.

A viuva de Jorge, ao outro dia, perguntou a Antonio José se tinha em boa conta a probidade do almoxarife da Bemposta. Respondeu Antonio que, desde menino, o tractava, e sempre o encontrára leal amigo, homem de bem, e dotado das excellentes qualidades que em tão verde mocidade o fizeram digno do almoxarifado da Bemposta. Sára referiu o que passara com elle. Antonio José disse que a não aconselhava em cousa de tanto melindre, bem que, se elle fosse o senhor d'aquelle thesouro, insuspeitosamente communicaria o segredo a Duarte Cottinel Franco.

A viuva ouviu o parecer de Diogo de Barros, que foi contrario ao de Antonio José. A razão com que o velho desabonava o almoxarife não era judiciosa. « De tal arvore, dizia elle, não póde sahir bom fructo. Eu conheci o tal capellão da Bemposta, cujo filho é Duarte; conheci-o espião de Castella em Portugal e espião de Portugal em Castella. Foi frade, e secularisou-se depois. Vivia em mancebia escandalosa, e prégava sermões ás rainhas mulheres de D. Pedro II. Fez-se confessor dos infantes, capellão-mór, e qualificador do santo officio, tendo começado sua vida na forja do pae, que trabalhava de ferreiro á porta do marquez de Ferreira, á custa do qual fez frades dous rapazes e freiras tres raparigas, que em pequenitas vendiam arféloa na praça do Terreiro do

Paço e na feira do Rocio [1]. No entanto — proseguiu Diogo de Barros — póde ser que elle seja boa pessoa. Será; mas a occasião, diz o proverbio, faz o ladrão. Esperemos, minha sobrinha. Por em quanto, não se vos faz mister aquelle thesouro.

Duarte Cottinel, descoroçoado dos bons effeitos da tentativa, procurou Antonio José, para instigal-o a mover Sára. O hebreu desculpou-se dizendo, como sempre dissera, que não tinha certeza de existir thesouro nem o annel em poder de Sára.

— Mas, se casares com a filha — observou o al-

1 O mercado das substancias alimenticias fazia-se diariamente no Terreiro do Paço, convisinho do palacio dos reis. No Rocio havia tambem feira todo o anno. O author da *Inquisição de Goa* que esteve em Lisboa, por 1677, mencionando a magnifica praça do Rocio, acrescenta: *Il y a toute l'année une espèce de foire dans cette place, et l'on y voit en tout temps des marchands étalez dans ces boutiques portatives, à peu prés comme sont celles qu'on dresse sur le Ponte-neuf á Pariz.*

Eu ainda vi reliquias d'esta feira ha trinta annos, em tempo que a *feira da Ladra* principiava na extrema do Rocio, e abraçava o *passeio publico* pelas duas ruas lateraes. Que saudades eu tenho d'uma nora que alli gemia no pateo do duque, e d'aquelles pucarinhos dos alcatruzes! Lastimo o leitor menor de quarenta annos, que não ouviu gemer a nora, nem viu aquelles alcatruzes do pateo do duque, e nem se quer apalpou, como eu, as paredes da *santa-casa* que pareciam exsudar sangue de hebreus. Hoje, no lugar dos alcatruzes, está um barbeiro, que é nora de parvoices politicas; no melhor da *feira da Ladra* param as seges de praça para darem idéa de que alli foi feira de farrapagem e correias revelhas; o restante da feira foi invadido por aquelle pragal do passeio, onde a gente goza sombra... de noite.

No local onde gemiam judeus, hereges e feiticeiros, uma vez por outra, geme a arte; e eu, desgraçadamente, d'este *officio* tão *santo* como o outro, tambem tenho sido inquisidor.

moxarife — e o annel te fôr na mão da esposa, já sabes que aqui estou para te desenterrar o cofre, e entregar-t'o sem um ceitil de menos.

— Sei que o farás, Duarte, e de ti só confiarei o segredo, se algum segredo existe. Mas o mais certo é eu nunca possuir a mão nem o annel de Leonor...

CAPITULO XI

Dias depois d'aquelle inesperado annuncio de casamento, Francisco Xavier de Oliveira, desquitado da influencia magica da cigana, dava a mão de esposo a D. Anna Ignez d'Almeida, e logo na proxima semana era agraciado com a mercê de cavalleiro fidalgo da casa real, e cingia a espada de cavalleiro professo da Ordem de Christo.

Leonor, até então, para sustentar o fingimento, digamol-o assim, segurou a mascara na fronte com penetrantes agulhas. Custava-lhe tormentos indiziveis aquella affectação de indifferença. Devia de estar-lhe muito enraizado n'alma aquelle amor, tanto mais violento no desengano, quanto abafado estivera no recondito do peito.

Sára adivinhou-a; abriu-lhe com a chave da ter-

nura o mysterio; achou uma fonte de lagrimas reprezadas. Ajudou-a a chorar, e diligenciava sempre alliviar-lhe o coração, chamando-lh'as á face. Leonor pediu encarecidamente á mãe que sahissem de Portugal para Amsterdam. Lembrava-lhe as prophecias que fizera, ao separar-se dos ossos de seu pae e do affecto extremoso da sua querida gente, dos Sás que tantos infortunios, com suas lagrimas, lhe agouraram.

Não ousava Sára contradizer a filha; senão antes lhe pedia que, por piedade, a não accusasse, que o seu arrependimento lhe bastava para castigo e flagello. Instava, porém, Leonor na volta para Hollanda, como meio de esconjurarem maiores infortunios, que maiores lh'os presagiava o coração.

Queria Sára condescender; mas não tinha força para romper os laços com que a boa parentela de seu marido a soubera prender, não tendo em vista mais que honrar á memoria de Jorge, nas pessoas mais queridas, por quem elle tanto soffrêra, e, ao fim de breve e desgostosa existencia, deixára pobres. Depois, não saberia Sára dizer que delicias lhe era aquelle ar e viver em Lisboa, querida de fidalgos, ameigada de damas, que se não dedignavam de a chamarem sua prima. De mais d'isto, a amizade de Lourença Coutinho, que não cessava de a querer disputar á posse dos parentes. Sobrevinha ainda a compaixão de Antonio José da Silva, o qual, a juizo

d'ella, era dotado de excellencias raras, e proprias da felicidade d'uma esposa. Como se tudo isto não fosse empêço aos rogos de Leonor, acrescia ainda a esperança ambiciosa, mas razoavel, de possuir as riquezas da Bemposta, com as quaes sua filha poderia aspirar a moços de nascimento e bens de fortuna iguaes aos tão encarecidos e invejados dotes de Francisco Xavier d'Oliveira.

Assim foi protrahindo Sára a decisão, até que o tempo deliu a pouco e pouco o maior da dôr, de modo que Leonor, condoida de sua mãe, e gravemente reprehendida pelo tio Diogo, deixou de fallar na ida para Amsterdam, e apparentemente vivia conformada, sahindo raras vezes ás salas, e quasi nunca, se lhe diziam que lá estava Antonio José da Silva.

Entrou tambem o desesperar e o desenganar-se na clara razão do hebreu, depois que elle, com os pés sobre a dignidade propria, lhe escreveu lamentosas cartas ás quaes Leonor respondia com o silencio ou com uma sequidão ainda peor.

N'aquelle tempo, o poeta apaixonado não desdenhava o soccorro da musa para expressar a sua angustia. Nos tempos d'agora, seria ridiculo o malfadado amante que, em vez de prosa a rever lagrimas, enviasse á ingrata quadrinhas de syllabas accentuadas segundo a arte.

Nas operas de Antonio José da Silva, representadas annos depois, appareceram algumas trovas das

que elle enviára a Leonor n'aquelle periodo de excruciante desesperação. Nenhum poeta de tomo quereria hoje assignar, em carta escripta á sua visinha rebelde, as seguintes quadrinhas que o hebreu mandava supplicar misericordia aos pés da desamoravel menina:

Toda a minha alma
Se abraza amante,
E a cada instante
Morrendo está.
Mais que os minutos
São meus ardores;
Nos teus rigores
Conta não ha.
Mas, ai! tyranna,
Se a quem te adora
Fosse esta hora
Hora d'amar! [1]

Se ao leitor se figura que este versejar em redondilha menor era improprio de alma apaixonada e queixosa; se entende que o verso hendecasyllabo, o soneto, o magestoso soneto foi sempre o respiradouro dos grandes poetas, crucificados no amor, como o amante de Laura, e como o suspiroso cantor de Natercia, aqui tem um dos sonetos que a impassivel Leonor recebeu e leu enfastiada:

1 *As variedades de Proteo*—Parte 2.ª Scena II.

Não intento favores merecer-te,
LEONOR, *quando chego a idolatrar-te;*
Que excedendo os limites só de amar-te
Nunca os principios toco de querer-te.

Com razão poderias offender-te,
Se ambicioso chegára a desejar-te,
Que, para ser mais fino no adorar-te,
Sem premio, o sacrificio heide incender-te.

Amar não é querer; que impura ardêra
A chamma de Cupido, se esperára
Fructos, aonde tudo é primavera;

E, se acaso, ó LEONOR, *imaginára*
Que na tua belleza premio houvera,
Pelo premio a belleza desprezára. [1]

Parece mais engenhoso que apaixonado o poema. Cumpre, porém, saber, por honra do amante desditoso, que n'aquelles dias de decadencia litteraria e seculo de chumbo da nossa poesia, os poetas, não só amorosos, mas ainda pendurados no triangulo, expiravam proferindo trocadilhos, gongorices, marinismos, uma cousa triste de lêr-se, na qual Antonio José ainda foi o menos peccador.

1 Na mesma opera — Scena I da parte 2.ª *Leonor*, na comedia, é substituida por *Cyrenne*.

Hãode dizer os bardos modernos que esta poesia do hebreu é secca, desflorida, sem auras, sem borboletas. Não, senhores. Antonio José da Silva tambem fez á sua esquiva poesias com borboletas. Por exemplo:

Borboleta namorada
Que nas luzes abrazada,
Quando expira nos incendios
Solicita o mesmo ardor...
Tal, ó Chlori, me imagino,
Pois parece que o destino
Quer, por mais que tu me mates,
Que appeteça o teu rigor!

Se com tudo isto, o poeta não lograva commover Leonor, o defeito não era da poesia, digamol-o em pró das camenas de nossos avós: defeituoso era o coração da filha de Sára, se é que podemos arguir maculas em objectos que sahiram das mãos de Deus, tão primorosos quanto nos cumpre presumir que elle se esmerasse na compostura interna do peito da mulher. Argumentamos fundamentados na perfeição exterior, feitas as excepções, que as ha deploraveis, por dentro e por fóra.

CAPITULO XII

Francisco Xavier forcejou por avassallar o espirito do hebreu a outra mulher. Nem Antonio José da Silva se deixava alcançar d'olhos que poderiam atar-lhe as azas da phantasia, nem as senhoras, parentas e conhecidas de D. Anna d'Almeida, se prestavam a ser amadas d'um judeu, que, dous annos antes, figurára no auto da fé. Francisco Xavier encomiava a levantada intelligencia do seu amigo; recitava com enthusiasmo os versos d'elle; abancava-o, nos seus jantares, á direita de sua senhora. Não era tudo bastante para que uma dama da sociedade alta se deixasse olhar duas vezes equivocamente pelo filho da judia Lourença.

Antonio José olhou em si e comprehendeu a sua

posição aviltada nos salões de Lisboa. Refugiou-se na soledade do seu quarto, restabeleceu a intimidade que tivera com alguns frades, e comsigo e com elles passava as horas, umas de cogitar doloroso, outras de recreada palestra litteraria.

De longe em longe, visitava Leonor. Perante ella não proferia expressão amoravel nem queixosa. Escutava as conversações enfadonhas de sua mãe com a viuva; e, se Lourença, alguma vez, de industria ou eventualmente, fallava nos antigos projectos de casamento, em presença de Leonor, Antonio José desafiava a menina a sorrir dos designios exquisitos das duas mães.

Leonor invejava a sorte das monjas christãs. Aquelle quieto viver á beira da sepultura parecia-lhe o balsamo divino que a humanidade inventára para remedio dos seus desgraçados. Disse-o á mãe, que lhe respondeu soluçante. Communicou as suas esperanças e desejos ao tio de seu pae. Diogo de Barros achou louvavel o intento, menos a profissão, conjecturando de si comsigo que a raça materna lhe seria impedimento, que só os reis e os seus parentes costumavam vencer para darem habito a comicas e ciganas, umas que não podiam ser enterradas em sagrado, e outras que nem baptisadas eram. Margarida do Monte e a Gamarro eram exemplos recentes, e mais recente ainda o da freira de Santa Joanna,

amante que havia sido de um dos infantes, mulher de mais encantos que vira Lisboa [1].

Aceitou Leonor qualquer convento, e de qualquer modo. Pediu licença á mãe, coadjuvando-se dos rogos do tio. Depois de muito chorarem, mãe e filha, venceu Leonor, com promessa de passar alguns mezes de cada anno com a sua familia. Diogo de Barros preparou a entrada da sobrinha no convento da Encarnação, de religiosas commendadeiras d'Aviz. Não lhe foi difficil provar que D. Leonor Maria tinha sangue da primeira nobreza, prova condicional para poder entrar como pensionaria. Entrou alegremente para lá se engolfar nas suas tristezas. Má casa lhe escolheram para quem queria viver triste. As commendadeiras da Encarnação eram senhoras joviaes, festeiras e dadas ao amor. As suas grades eram fontes de Vaucluse, onde mais felizes Petrarchas iam poetar. A liberdade, que estas professas benedictinas gozavam de sahir, sob a responsabilidade da visita amiga ou parenta que as ia buscar de manhã e levar á noite, era uma liberdade geradora d'outras muitas, que de si e por si geravam variados phenomenos de geração, com os quaes andam grandemente povoadas as genealogias dos grandes senhores e grandes senhoras d'estes reinos. Ain-

[1] Esta religiosa de appellido Silva morreu esmagada entre as quatro paredes da sua cella no terramoto de 1755. A belleza já devia ter morrido.

da assim, o vicio n'aquella casa tinha fidalga libré. S. Bento não se honrava de taes filhas, é isso verdade; mas a organisação da sociedade de D. João v não as contava somenos elemento de seu luxo e policiamento.

Leonor competia com as mais bellas, e primava entre as mais discretas. Mostrou-se, deixou-se ouvir, deixou-se admirar, deixou-se amar; e, depois, sumiu-se no seu cubiculo. Chamaram-lhe exquisita, louca, ingrata ás dadivas da opulenta mão da natureza. Não importou. Leonor não voltou aos palratorios, nem faltou aos seus deveres de pensionaria. Costurava muito, lia pouco, e não rezava nada. A filha de Jorge, em cousas de religião, cria em Deus, creador, todavia imperfeito, porque ella, á imitação de abalizados philosophos, errava como elles, não querendo vêr o perfeito no regirar evolusivo das harmoniosas imperfeições. Qual foi o author que disse: « homem solitario, das duas uma: ou santo ou demonio »? Da mulher sosinha, e de Leonor especialmente, direi que se ha santidade, sem beneplacito de Roma, sem camaldulas e sem agua-benta, santa era a filha da judia Sára.

Magoavam-na ainda as mordeduras da serpente do primeiro amor; soavam-lhe no seio uns rebates de saudades, que, por instantes, lhe ennoitavam a mais clara luz do sol da sua cella: assim era; mas ninguem lhe ouvia queixumes, a ninguem consultára so-

bre os linimentos de suas feridas. Soffria calada e risonha.

Alegremente recebia as visitas de sua mãe e parentes. Lourença Coutinho ia á Encarnação com o filho, e alguma vez o filho sem a mãe. Leonor recordava-se das brincadeiras de ambos, na Covilhã, porque a mãe lh'as entalhára na memoria, contando-lh'as frequentemente. N'isto passavam alguns minutos, e chamavam-se irmãos.

A visita de Lourença e do filho eram-lhe causa de dissabor, porque as fidalgas benedictinas conheciam de nome Lourença, mulher do letrado judeu João Mendes, e mãe do poeta Silva já penitenciado pela inquisição.

Leonor soffria calada os remoques; não se queixava ao tio Diogo, por temer que a tirasse de lá. Aquelle soffrimento parecia-lhe menor que o viver e tractar com muita gente, e o não ter um cubiculo seu e defeso ás importunações.

E assim passou um anno, e cinco depós o primeiro, triste sempre, sempre inflexivel ás maviosas supplicas que lhe fazia a mãe no sentido de aceitar o nobre e leal coração de Antonio José.

Corria o anno de 1733. Leonor tinha vinte e um annos. Consoante ella tinha promettido, era chegado o tempo de decidir-se sobre o seu futuro. Perguntou-lhe a mãe qual era.

— Acabar aqui — disse ella — Quando a mãe

não poder dar-me a pensão, irei ser serva d'alguma senhora n'outro mosteiro. E Deus sabe que sacrificios a mãe terá feito para me sustentar aqui!...

— Nenhuns, filha. Ainda tenho algum do dinheiro que Simão de Sá nos deu, como liquidado da herança de teu pae. Decides não casar com Antonio?

— Nenhum de nós seria feliz. Não devo enganal-o. Falta-me o amor que elle merece. Desperdicei-o... mas que remedio tem? Eu expio a minha cegueira, e elle abrirá os olhos quando Deus lhe mostrar mulher mais digna.

— E por quem te apaixonaste, filha!... — tornou Sára — Digno moço era Francisco Xavier; não t'o posso negar, nem sei desfazer n'aquelle brioso caracter; mas, logo que te elle deu como certa a sua indifferença, devias esquecel-o, filha...

— Não pude; fiz tudo que podia, minha mãe. Tive o pensamento de me matar!...

— Deus de Israel! — exclamou Sára.

— Pensava em matar-me, quando todos me viam rir, e fallar como toda a gente falla das cousas interessantes da vida. Eu sabia que, se o visse, depois, não podia aviltar-me; mas podia acabar commigo. Fugi-lhe para aqui. Poderia agora vêl-o sem alterar-me... Poderia... mas não quero experimentar. Ouvi dizer que Francisco Xavier enviuvou ha dias, e que tem o pae a morrer...

— É certo, filha.

— Pois tenho pena immensa d'elle, se amava a esposa, quanto eu creio que ella o amasse... Começa a ser infeliz; desanda-lhe a roda. Em quanto foi mau, tudo lhe sahia á medida do desejo; agora, que vivia honradamente, morre-lhe a mulher e o pae...

— E já me disse que sahirá de Portugal assim que lhe faltar o pae, porque não póde viver entre estes desaforados hypocritas.

— Faz bem. Quem podéra tambem fugir d'aqui!... Se a mãe soubesse que sonhos... que presentimentos!... Porque hei-de eu presagiar para mim um desastrado morrer!...

— Como, filha?

— Lembro-me da inquisição! Tenho dias que me não sahe do pensamento o espectaculo horrendo!...

— Oh filha!... por misericordia, não me assustes!... — exclamava Sára.

E, poucas mais palavras ditas, a viuva sahiu da grade, e entrou em casa quebrantada, queixosa, e doente.

Poucos dias depois, Diogo de Barros foi buscar Leonor ao convento da Encarnação para assistir á perigosa enfermidade de sua mãe. Ao principio, quando Sára se queixava de dôres da alma e ligeiros achaques do corpo, não se inquietaram extraordinariamente as pessoas, que se esmeravam em dar-lhe al-

livio n'outras iguaes doenças de espirito; mas, assim que a febre a prostrou, já a medicina a viu com desconfiança. A viuva de Jorge de Barros tinha cincoenta e quatro annos; alvejavam-lhe, porém, os cabellos como aos setenta. Desde a morte do marido, o envelhecer foi tão rapido que, ainda sem as angustias e terrores do carcere de Valhadolid, faria espanto em acabar-se e desfigurar-se assim a mulher, que aos quarenta annos dava invejas ás formosuras em flôr de juventude.

Leonor, abeirando-se do leito de sua mãe, compenetrou-se da certeza de a perder. Ajoelhou-se a pedir-lhe perdão dos terrores que lhe incutira com as suas visões.

—Não foi isso, filha—disse Sára—A minha morte explicam-na os annos e as desgraças do passado. Vou d'este mundo afflicta... porque Deus te não levou diante de mim.

—Oxalá...—murmurou Leonor.

—Do mais, que é morrer? que sou eu n'este mundo?... que faço eu aqui se nem já me é concedido vêr-te feliz, pobre mulher?

A presença de Leonor parecia angustial-a mais. A menina retrahiu-se a um canto sombrio da alcôva para chorar escondida de sua mãe.

O progresso rapido da doença ao seu termo fatal não dava intermittentes á esperança.

Ao quinto dia já a febre maligna se manifestára

com os peores symptomas. Os intervallos de razão lucida eram curtos.

Em um d'estes, Sára declarou que queria morrer na religião christã, porque sabia que seu padrinho Luiz Pereira de Barros morrera como um justo, e seu marido se confiára á Divina Providencia, em vida, e pedira no dia final os recursos de um padre catholico. Recebeu Sára os sacramentos com fervor de catecumena. Lourença Coutinho, israelita de consciencia, assistiu com desgosto á fraqueza intellectual da sua velha amiga, como ella dizia ao marido. João Mendes da Silva, que então contava setenta e nove annos, quando sua mulher escondia o rosto amargurado para não vêr as ceremonias da extrema-uncção, disse-lhe:

— Deus sabe onde está a verdade, Lourença!... N'esta religião de Jesus de Nazareth vejo que ha exemplos de vidas e mortes exemplares. Os christãos morrem com uma certeza de castigo e recompensa... e nós...

— Tambem — concluiu Lourença.

Um acêno de Sára, que parecia tranquilla depois de sacramentada, fez aproximar Lourença e Antonio José.

A moribunda pegou da mão de Leonor, e disse-lhe:

— Filha, attende á supplica de tua mãe. Pelas

agonias d'esta hora te peço que sejas esposa d'este infeliz moço.

Leonor beijou-lhe a mão, e murmurou:

—Sim, minha mãe... serei...

—Bem hajas do divino recompensador, filha do meu coração... Eu vos abençôo; sêde bons; amai-vos... Antonio, deixo-te a filha de Jorge de Barros...

Antonio José da Silva ajoelhou ao lado de Leonor. Começou o arrancar da vida. Poucas mais palavras proferiu; foram curtos e quasi serenos os paroxismos. Quando cuidavam que Sára abria olhos e labios para vêr e consolar quem a chorava, então foi ella que inclinou a cabeça para o hombro da filha, e expirou.

CAPITULO XIII

Leonor manteve a promessa feita á mãe expirante. Pediu que a deixassem despir o luto de orphã para vestir depois as galas de noiva. Era um anno de impaciente esperar; mas deliciosa impaciencia para o hebreu. Já elle se não temia da quebra do juramento. E, para cumulo de felicidade, Leonor dissera-lhe que seria sua, tanto porque promettera, quanto, ou mais ainda, porque o desejava ser.

Morrêra, como se esperava, José de Oliveira, pae de Francisco Xavier. O conde de Tarouca, ministro plenipotenciario em Vienna d'Austria, elegeu Francisco Xavier d'Oliveira para seu secretario. Era esta a mais inquieta ambição do inimigo dos frades: sahir de Portugal, ir para onde podesse desabafar contra os hypocritas, escolher uma religião, ou menosprezal-as todas, sem receio de ser incommodado.

Despediu-se de Antonio José da Silva vaticinando-lhe que nunca mais se veriam, salvo se o judeu procurasse terra, onde sua phantasia podesse florir ao sol de Deus, aquecer-se ao calor das idéas novas, e não estar sempre a recear-se do calor das fogueiras da fé christã.

Antonio José da Silva, cego d'amor, não teve olhos que vissem lagrimosos a ida do seu primeiro amigo. Sem temor de offender-lhe a memoria, abalanço-me a conjecturar que o judeu folgou de vêr sahir de Lisboa o homem, cujo nome ainda alvoroçava o peito de Leonor.

Sahiu de Portugal Francisco Xavier d'Oliveira em 19 d'Abril de 1734. Mais tarde, iremos no encalço d'este homem que vai indo sob o influxo de funesta estrella.

O contentamento espertou as glorias adormecidas de Antonio José da Silva, as glorias do theatro. A opera, que elle tinha concluida para ser posta em scena, era a *Vida do grande D. Quichote de la Mancha e do gordo Sancho Pança.* A companhia, que então representava no theatro do Bairro Alto, era boa e amestrada pelas lições e exemplo do famoso comico hespanhol Antonio Rodrigues, que em Lisboa vivia lauta vida em galardão de sua eminente habilidade [1].

[1] No *Amusement périodique*, pag. 41 do 1.º vol., Francisco Xavier d'Oliveira, respeito d'aquelle actor, escreve: « Antonio Rodrigues,

Foi *D. Quichote* para ensaios, que o author dirigiu, por espaço de dous mezes com incalculaveis afflicções! O leitor entendido mais ou menos em arte dramatica, digne-se imaginar que mortificações alancearam o pobre author, para metter em ordem os seguintes personagens da peça:

Dom Quichote.
Sancho Pança.
A sobrinha de D. Quichote.
A ama do mesmo.
Thereza Pança, mulher de Sancho.
Uma filha do mesmo.
Um tabellião vestido d'almocreve.
Uma saloia em um burro.
Sansão Carrasco.
Seu criado.
Um diabo que vem no carro.
Outro diabo com muitos cascaveis.
Um homem que vem com o leão.
Belerma.
Montesinos.
Um que está na cova.
Caliope que vem na nuvem.
Apollo e as musas.
Dous homens que são do moinho.
Dous homens do barco.
Um fidalgo.
Uma fidalga.
Um meirinho.
Um escrivão.
Dous homens que tocam rabecas.
Um homem que toca rabecão.
Um medico.
Um cirurgião.
Um taverneiro.
Uma mulher moça com manto.
Uma mulher velha em corpo.
Um escudeiro.
A condessa das barbas.
Dous rebuçados.
Dous homens para a audiencia.

Ora, todos estes personagens deviam obedecer mais ou menos ao ensino do poeta, incluindo o burro

hespanhol, sustentou-se com felicidade muitos annos no theatro de Lisboa. Era bonissimo poeta, philosopho, historiador, e palaciano. Era tão homem de bem quanto actor de merecimento. Do seu proceder honrado resultou-lhe uma pensão annual de cento e vinte moedas d'ouro que lhe dava o rei. Querido das mulheres, estimado da nobreza, e relacionado com muitos prelados do reino, até do povo se fez idolatrar... »

da saloia, e o leão do homem; porém, as zangas e desalentos de Antonio José da Silva eram incomparavelmente maiores no modo de fazer funccionar a tempo o chamado «apparato do theatro» peças de magnifico espectaculo, de que acintemente dou noticia para encovar o orgulho dos maquinistas modernos. Vejam:

Um carro com varias figuras dentro.
Uma capoeira sobre um carro, em que irá um leão, que sahe fóra a seu tempo.
Um carro em que vem Dulcinéa e varias figuras.
Dous cavallos, um de D. Quichote, e outro de Sansão Carrasco.
Dous burros, um para Sancho Pança, e outro para uma saloia.
O monte Parnaso com as musas, Apollo, e o cavallo Pegaso.
Um barco.
Um cavallo que vem pelo ar, e se lhe põe fogo.
Uma nuvem.
Um porco.

Este ultimo personagem não voltou á scena — digamol-o de passagem — desde Antonio José da Silva. Suppunha-se que o snr. Mendes Leal rehabilitasse o porco, aqui ha annos, quando povoou de camêlos o theatro normal. A occasião era aquella. Como passóu, é de presumir que o porco se não logre de pisar outra vez o palco.

Vontade de ferro e coadjuvação dos primeiros talentos de Lisboa em tramoias theatraes, vingaram que a opera se mostrasse ao publico ancioso na noite de 14 de Outubro de 1733.

A ordem dos camarotes nobres estava adornada com as senhoras de primeira plana, que mal se viam por causa das gelosias. *O camarote dos frades,* assim denominado por excellencia, estava recheado de bons e devotissimos theologos, cujos narizes rubidos a custo podiam entrever-se atravez das rotulas [1]. Na platéa, a pressão era suffocante. Pagavam-se as entradas a moeda d'ouro; e, quando se annunciou que entrava em scena um porco e um cavallo que voava, os bilhetes subiriam a peça, se apparecessem vendedores.

As gargalhadas atroavam compactas desde a primeira scena. Riam os frades em contorsões de jubilo, espirravam as damas sympathicos frouxos de riso, ría toda a gente, menos os poetas de Lisboa, que se tinham enfileirado, de antemão compromettidos a não acharem graça á comedia do hebreu. Parece que presagiavam a trovoada eminente, e o raio fulminante da irrisão geral!

Chegou a scena VIII do 1.º acto. Ouvem-se musicas melodiosas.

« Não ouves, Sancho, uma suave harmonia? — pergunta D. Quichote.

[1] ... *Cette loge s'appelle en portugais le* camarote dos frades. *Elle est placée au-dessous de celles qui ne sont jamais occupées que par les dames de la prémière qualité. Celle-là de même que les autres est fermée par des jalousies, c'est à dire, par une espèce de grélles de bois, qu'on appelle* Rotas, Rotulas, *ou* Zelosias *en portugais. Amusement périodique*, pag. 31, 2.º vol.

Sancho

É verdade! espere vm.ce, que lá vem voando o quer que é! *Desce a musa Caliope em uma nuvem, e D. Quichote e Sancho ajoelham.*

O cavalleiro da triste figura e o gordo pagem reverenceiam a musa, que se abre n'estes rogos ao donoso soccorredor de afflictos:

« Valente D. Quichote de la Mancha, cavalleiro dos leões, eu sou a musa Caliope, a primeira e principal das nove, que assistem no monte Parnaso. Aqui venho a teus pés enviada por meu amo, o snr. Apollo, o qual, como sabe que tens professado a estreita religião da cavallaria andante, e tens de obrigação o desfazer aggravos, soccorrer afflictos e restaurar honras perdidas, por essa causa te manda pedir encarecidamente queiras ir ao Parnaso, aonde se elle acha, cercado de uns poetas maledicos, que o querem despojar do throno; e juntamente para reformares a poesia, que se acha quasi arruinada; para o que eu, da minha parte, como tão interessada n'este desempenho, te supplíco com o suave de minhas vozes, pois é certo que a musica tem virtude para attrahir os corações mais duros.

Sancho (á parte)

« Aqui nos encaixa uma aria á queima roupa! Caliope, de feito, cantou, em quanto o bravo

cogita no modo de galgar ao Parnaso. Põe suas duvidas á deusa, que lh'as corta, arrebatando-o e mais o escudeiro n'uma nuvem.

Aqui estamos já no Parnaso. Principiam a contorcer-se os poetas da platéa. Já muita gente os tem d'olho, e engatilha a risada para lh'a desfechar na cara.

Apollo (aos poetas)

« Esperai, bastardos filhos, que cedo virá quem me vingue de vossas injurias!

Poetas

« Já não te reconhecemos, ó Apollo, por deus da poesia; pois qualquer de nós é Apollo, e cada idéa nossa uma musa. »

Apollo

« Assim vos atreveis a profanar o decóro que se deve aos meus apollineos raios?! *Apparecem D. Quichote, Sancho, e Caliope.*

Poetas

« Toca a investir ao Parnaso!

Apollo

« Em boa hora venhas, valente D. Quichote, que só a tua espada me póde segurar o throno e o laurel! Vem, vem a vingar-me d'estes poetasinhos, que

sem mais armas que a sua presumpção, querem não só competir com o meu plectro, mas ainda intentam despojar-me do Parnaso; e, como as armas e as letras são tão fieis companheiras, quero-me valer das tuas armas para a restauração de minha sciencia; e, como esta violencia, que se me faz, não desmerece os empregos da tua cavallaria, peço-te que me soccorras.

D. Quichote

« Snr. Apollo, eu tomo sobre mim o seu desaggravo; e já, desde agora, se póde assentar bem n'esse throno que d'elle ninguem o hade arrancar.

Sancho

« Senhor meu amo, eu cuido que estou sonhando! Que vm.ce entre no Parnaso, não é muito, porque é louco; porém, eu, que, sendo um ignorante, tambem cá esteja, é o que mais me admira! E d'aqui venho agora a concluir que não ha tolo que não entre hoje no Parnaso!

D. Quichote

« Diga-me, snr. Apollo, e como se chamam os poetas que tanto o perseguem?

Apollo

« Essa é a desgraça, D. Quichote; que os poetas

que me perseguem não são de nome; e, com tudo, cada um cuida que é mais do que eu mesmo.

D. Quichote

« Dizei-me, poetas d'agua dôce!... [1] Dizei-me, rãs que grasnaes no charco da caballina! Dizei-me cysnes contrafeitos, que vos banhaes no lodo da Hypocrene: com que motivo quereis competir com o deus da poesia?

Poetas

« Porque esse Apollo, como não inspira, não merece o nome d'Apollo; e assim queremos tomar-lhe o Parnaso e repartil-o entre nós.

Sancho

« Senhor! não se metta a brigar com os poetas que são peores que gigantes. Veja vm.^ce^ que elles trazem um exercito de dez mil romances, quatro mil sonetos, duzentas decimas, oitenta madrigaes, e um esquadrão de satyras volantes em silva que arranha. Veja bem no que se mette!

D. Quichote

Nada me assombra: porque eu só com esta es-

[1] O actor, que proferia a apostrophe, fitou os olhos na turba dos vates. A hilaridade mal deixava ouvir os brados retumbantes do esgrouviado cavalleiro.

pada heide vencer quantos poetas ha no mundo. Serra Hespanha! Viva Apollo! e morram os traidores! *Grande algazarra.*

Apollo

« A elles, meu D. Quixote, que a victoria é nossa!

Sancho

« Aqui d'el-rei, que estou passado de parte a parte com um soneto em agudos!

D. Quichote

« Já fugiram como mosquitos!

Sancho

« Avança! que com esta gente sou eu gente!...

....

Felizmente para os poetas, com pouco mais, baixou a cortina do primeiro acto. Alguns sahiram e não voltaram a expor-se ás brutaes risadas d'aquelle selvagem publico, de todo desapparelhado dos menores rudimentos de educação. Os mais briosos propunham-se chibatar o actor, e os mais covardes ameaçavam o judeu, em tom comedido que não podia chegar aos ouvidos de Antonio José da Silva.

Correu a comedia sempre victoriada, tirante os lances em que appareciam diabos em scena, porque

então os frades do camarorte resmuneavam entre si, dizendo-se :

— Como é que a censura deixou passar estas galhofas, que insultam a religião catholica?

— Bem se deixar vêr a cauda do judeu por entre as farçadas da sua tramoia!... Queira Deus que o author não tenha de ir ainda purgar-se d'estas fezes que lhe sujam o talento!... — observava um leitor de theologia do convento de S. Domingos.

Sem embargo, a reputação de Antonio José da Silva estava confirmada pelo delirio da multidão.

CAPITULO XIV

Os bens de fortuna do advogado João Mendes da Silva permittiam largas ao prazer com que o velho preparava casa com excellentes commodos para receber a esposa de seu filho.

Alugou um espaçoso predio no largo do Soccorro, trastejou-o com a mobilia dourada, que ainda hoje relembra a época de D. João v, alcatifou os pavimentos, pendurou lustres, vestiu de azulejos o pateo e paredes das escadas, limpou e areou os passeios do jardim, murou de vasos os alegretes, plantou trepadeiras para afestoar abobadas de folhagem; em tudo, com menineira alegria, cuidou afanosamente o ancião, pedindo conselhos a Lourença, no tocante aos objectos dos aposentos de Leonor.

A noiva visitou a sua futura casa, com suas pri-

mas, alguns dias antes do casamento; e, como visse o jubilo do veneravel João Mendes, de Lourença e do filho, mais feliz e menos expansivo que elles, disse entre si: « Razão tinha minha mãe!... Esta familia sente e goza as alegrias das virtudes antigas do povo escolhido. »

O dia da suprema felicidade da familia Silva foi o vinte de Abril de 1734. As festas do noivado foram muito gozar na casa de João Mendes, onde apenas se viam os Barros, unicos parentes de Jorge, que cruzavam o limiar d'um hebreu. Muitos outros tinham ido supplicantes ao escriptorio de João Mendes pedir-lhe a sua sciencia; e esses mesmos encostavam-se despejadamente ao telonio de qualquer judeu, quando a bolsa lhes pesava menos que a fidalga soberba e os christianissimos escrupulos. É verdade que estes, depois, lançavam lenha á fogueira dos credores, e assim saldavam contas, convictos de que Jesus Christo, no juizo final, sahiria em defeza d'elles, contra as objurgatorias do diabo, e depoimento dos judeus roubados. Santa gente, que não tem menos razão de ser canonisada que Pedro Arbues, do qual dizem que vai rezar o calendario.

Leonor estimava profundamente seu marido: a consciencia não a deixava doer-se da falta d'aquelle sentimento. A profunda estima d'ella valia mais que a superficial paixão de muitas. Antonio José da Silva não sentia necessidade de ser mais amado. Se

elle tivesse conhecido caricias d'outras, denguices usuaes e convencionaes, delirios de poesia, que desfecham em um insulso prosaismo ao terceiro mez de vida marital, póde ser que Leonor lhe parecesse fria, fleumatica e desamoravel; porém, como ella tinha sido a mulher unica da sua esperança, e perdida de sua alma a considerára, tudo que a outrem parecera tibieza de affecto, se lhe afigurava a elle amor, juizo, reflexão, e póde ser que um quebranto das amarguras da vida passada.

O hebreu, aporfiando em contribuir com metade das despezas necessarias á decencia de sua casa, trabalhava muito e de fervorosa vontade nos negocios forenses, sem, com tudo, levar mão das suas composições theatraes.

Poucos dias depois de casado, assistiu elle com Leonor á primeira representação da sua segunda comida, intitulada: *Esopaida ou vida de Esopo.* Nos dias d'este nosso seculo bem criado qualquer marido que escrevesse a *Esopaida* não levaria sua mulher a vêl-a em scena, e menos lh'a recitaria em familia. E, n'aquelle tempo, de tantos frades e virtudes, as cousas e phrases que se figuravam e diziam no palco eram taes que hoje a policia prende a gente desbocada que as diz na rua. Aquellas senhoras não tinham nem deviam ter mais melindroso ouvido que a virtuosa e pia côrte de D. João III, á qual medianamente incommodavam as facecias obscenas de

Gil Vicente, e o recitativo lubrico e sordido do *Pranto de Maria Parda.*

A segunda comedia corroborou o triumpho que o judeu alcançara na primeira. Andava-lhe o emprezario de mãos postas rogando que lhe não desamparasse o theatro e o publico para quem já nenhum outro author portuguez ousaria escrever, sem plausivel susto de ser assobiado.

Em Maio de 1735, novo drama de Antonio José acudiu á anciedade das turbas, que haviam desamparado o theatro. Chamava-se a opera : *Os encantos de Medéa.* Esqueceram as victorias das anteriores comedias, deslumbradas pela ultima. O author sahiu nos braços da melhor gente, que frequentava o theatro da Mouraria. O conde da Ericeira dignou-se visital-o no camarote, e chamar-lhe o Aristophanes portuguez.

Em Junho d'este anno, morreu João Mendes da Silva com oitenta e um annos de idade, abençoando esposa e filho, e a carinhosa Leonor que lhe colheu a ultima luz dos olhos embaciados, e se viu espelhada n'elles atravez das lagrimas do trespasse. Lourença Coutinho exorou muito a Deus que a levasse então ; o juiz incomprehensivel indeferiu o requerimento.

Em Maio do anno seguinte, apesar do augmento do trabalho de escriptorio, que a clientela levava ao filho, tão famigerado como o pae, representou-se

a quarta opera de Antonio José, denominada: *O Amphitrião.*

O hebreu tinha inimigos, não poderosos para o affrontarem barba por barba, mas de sobra infames para o indisporem no conceito dos piedosos. Azou-se-lhes ensejo na recita do *Amphitrião:* aqui se falla em carceres, em barbaros juizes, em patibulos, em polés. Antonio José não estudára a philosophia do anexim: « não fallar de corda em casa do carrasco. » A palavra polé ia vibrada ao *camarote dos frades,* que — digamol-o em honra da arte — estava sempre empilhado d'elles. No drama, um personagem entre ferros recitava os seguintes versos:

Sorte tyranna, estrella rigorosa,
Que maligna influes, com luz opaca,
Rigor tão fero contra um innocente!
Que delicto fiz eu para que sinta
O peso d'esta asperrima cadeia,
Nos horrores d'um carcere penoso,
Em cuja triste lobrega morada
Habita a confusão e o susto mora!

. . . .

Mas ó deuses, se sois deuses
Como assim tyrannamente
A este misero innocente
Chegaes hoje a castigar? [1]

[1] *Amphitrião* — Part 2.ª Sc. VI.

Os poetrastos, açoutados no *D. Quichote,* farejaram impiedade no quarteto; os frades viram clara allusão á injustiça do encarceramento no santo officio.

Estas interpretações chegaram ao conhecimento de Silva. Indignaram-no, e logo protestou não mais escrever para interpretes estupidos e malvados.

Protestos de dramaturgo! A paixão era despotica, e tanto que venceu luctando com os rogos de Leonor no sentido de manter inquebrantavel o protesto de mais se não expôr ás insidias de inimigos invejosos.

Tanto assim, que já no mez de Novembro de 1736, appareceu no theatro com o *Labyrintho de Creta.* Estava cheio o theatro e os inimigos a postos para notarem a lapis as phrases suspeitas. O author esmerára-se em não dar brecha á maledicencia. Não se vos depára phrase ambigua nem expressão bifronte no longo drama: os scelerados, porém, escavaram, escavaram até poderem mostrar intenção offensiva e attentatoria da religião christã. Sem embargo, porém, da parcialidade odienta, os applausos excederam as ovações passadas.

Já se não irritou Antonio José contra os biltres diffamadores. Prometteu vingar-se com a fecundidade do seu talento, e preparou duas operas para o anno seguinte. Apresentou a primeira no carnaval de 1737, conhecida pelo titulo de *Guerras do ale-*

crim e mangerona; e, depós esta, deu para ensaios as *Variedades de Proteu.*

—Não quero outra vingança!—dizia elle á esposa—heide afastar estes cães dos calcanhares com a nobilissima arma que elles não merecem. Provar-lhes-hei que fundo o theatro nacional, em quanto elles escavam com as garras a sepultura da sua inutilidade. O conde da Ericeira encarregou-se de dissuadir algum inimigo dos temiveis que tenho. Os outros, os invejosos, heide esmagal-os debaixo do peso da sua ignominiosa paixão.

CAPITULO XV

Deviamos ter feito uma solemne e festiva paragem no anno de 1735. N'este anno, aos cinco de Outubro, Leonor foi mãe. Era uma menina, que na pia baptismal recebeu nome de Lourença, por chamar-se assim sua avó e madrinha. Diogo de Barros, que já o tinha sido do casamento, foi padrinho da neta do seu sempre chorado Jorge de Barros.

Então se consummou a felicidade de Leonor. Sentiu ella, ao estreitar ao seio a filha, que lá do intimo se desentranhavam affectos novos, alegrias doudas, consolações inenarraveis. Parece que d'aquella superabundancia de amor, grande parte vertia ella no coração do marido. Agora, sim: amava-o, ternamente o amava, descobria o sacratissimo mysterio do amor de esposa nas delicias da maternidade.

O primeiro anniversario de Lourencinha foi festejado com pompa. Antonio José da Silva abriu as suas salas aos amigos que a sua reputação lhe creara. A sociedade dos dignos homens de letras, que frequentavam o palacio dos Ericeiras, gratamente se curvou a beijar no berço a filhinha do mais festejado e popular talento do paiz.

Agora, atemos o fio no ponto em que deixamos este ditoso pae planejando instrumentos para affronta e completa vingança dos baixos detrahidores.

N'este tempo, recebeu Antonio José da Silva, como em todos os paquetes, carta do seu amigo Francisco Xavier de Oliveira, respondendo na maxima parte ás queixas enviadas pelo hebreu das interpretações calumniosas que a gentalha litteraria dava ás suas operas, no intento de irritarem contra elle o santo officio.

Francisco Xavier dizia-lhe que sahisse de Portugal quanto antes; porque se o rastilho da polvora chegava á santa casa, não havia forças de contramina, e a conflagração seria inevitavel. Lembrava-lhe Hollanda, Italia, Inglaterra como paizes liberrimos, e alentadores d'altos corações e espiritos. Promettia-lhe, se elle a quizesse, posição honrosa na embaixada do ministro conde de Tarouca, homem de boa alma que o havia de estimar grandemente.

Depois, contava-lhe a realisação do seu casamento em Vienna com mademoiselle Eufrosina de Puech-

berg e Enzing, menina de virtudes condignas de seu distincto nascimento, bem que desprovida de dote. Relatava mui de espaço e desenfadadamente um episodio que lhe succedêra, quando foi ao consistorio prestar juramento de que sua primeira mulher tinha morrido. Trasladal-o-hei como elle o reconta no seu *Amusement périodique* do mez de Julho de 1751. Antes, porém, do extracto, releve-me o author que por pouco tempo o detenha para me ajudar n'uma averiguação importante, quando se trata da biographia, mas rapida que seja, de tão celebrado sujeito.

Dizem unanimemente os biographos de Francisco Xavier de Oliveira que elle sahira de Lisboa, na qualidade de secretario do conde de Tarouca, para Austria, em 1734. Uniformes asseveram que elle ia já viuvo de sua primeira mulher D. Anna Ignez d'Almeida. O snr. Innocencio Francisco da Silva, eminente esquadrinhador dos traços principaes da vida dos escriptores que biographa no seu valioso e prestantissimo diccionario, diz com referencia a Francisco Xavier de Oliveira, firmado no parecer unanime de seus antecessores, o seguinte:... « achava-se no estado de viuvo, quando por obito de seu pae foi nomeado para o substituir na qualidade de secretario do conde de Tarouca, então ministro plenipotenciario em Vienna d'Austria. Aos 19 d'Abril de 1734 sahiu a barra de Lisboa, deixando a patria, para mais não tornal-a a vêr. »

Ora, se Francisco Xavier sahiu viuvo de Lisboa em 1734, e passou a segundas nupcias em Austria, seria absurdeza irrisoria dizer-se que elle casou segunda vez em 1733, isto é, que passou a segundas nupcias antes de viuvo da primeira mulher. E, entretanto, o leitor tem de julgar entre o cavalheiro de Oliveira e os seus biographos, depois de lêr as textuaes palavras que vou copiar da narrativa propriamente d'elle: *L'an 1733, aïant résolu de contracter de secondes nôces à Vienne* [1], *je fus obligé de prêter en personne serment devant le consistoire de cette ville, que ma prémière femme etaite morte etc.*» E' elle pois quem assevera que deliberou matrimoniar-se ségunda vez em 1733, um anno antes da sua sahida de Portugal, consoante a data assignada pelos biographos melhormente informados. Poderá conjecturar-se que a realisação do casamento foi posterior alguns annos á deliberação de casar? Não: a hypothese é prejudicada pela affirmativa de que elle sahiu de Portugal para Vienna em 1734: fôra preciso que elle fixasse, ao menos, este anno, para poder vingar a hypothese da distancia temporaria entre o intento e a realisação. N'este caso, por qual das datas se decide o leitor? Inclina-se a crêr que todos os biographos se enganaram, por ser Francisco Xavier de Oliveira a authoridade mais verdadeira em cousas

[1] Avec Mademoiselle *Eufrosine de Puecbberg et Enzing.*

que lhe principalmente a elle tocam? Não concordamos. Eu abundo no que está dito e confirmado por biographos que deviam examinar competentemente o anno em que Francisco Xavier enviuvou, e o anno em que sahiu de Portugal. A meu juizo, a incongruencia d'estas datas procede d'um erro typographico na ultima letra numerica do anno designado no periodico do cavalheiro de Oliveira. A publicação era feita em Londres, e eu suspeito que o escriptor, n'aquelle anno de 1751, tivesse a vista muito debilitada pelo chorar, senão pela fome. Viu mal as provas, falta que muitas vezes nos offerecem estes dous volumes. Se tal suspeita se figura argumento pouquissimo ou nada solido, a favor dos errados biographos do cavalheiro de Oliveira, então vejamos se o cavalheiro de Oliveira se desmente.

A pag. 349 do 2.º vol., no periodico d'Agosto de 1751, elogia Francisco Xavier de Oliveira encomiasticamente a felicidade da vida matrimonial, e diz o seguinte, que vai traduzido para esclarecimento d'alguns poucos: « No 2.º volume das minhas *Cartas familiares, historicas,* etc. impresso na Haya em 1742, dei ao publico parte do que vou aqui referir-lhe. Mas, ácerca d'isto, convem que eu faça duas observações: 1.ª que eu era solidamente ligado á igreja romana, no tempo em que discutia com o conde de Claravino em 1735, e ainda em 1736. . . »

Que discussões eram estas do cavalheiro com o conde? Declaram-se adiante pag. 354.

Escreve Francisco Xavier: — « A suprema loucura, me dizia o conde de Claravino, é o casamento, e eu não sei qual seja a estação da vida apropriada a semelhante tolice! O casamento é o peor dos males: é uma escravidão, um inferno! — Estaes em erro, senhor — lhe repliquei — O casamento, no meu modo de vêr, é o mais bello, mais commodo, feliz e util estado da vida. Errado andaria eu tambem se dissesse que em todo casamento se associavam aquellas excellencias; mas que ha ahi casamentos em que ellas se conjunctam, isso acreditei-o sempre e acredito ainda. Devo pugnar por tal estado. Aquelle em que eu me vejo [1] é tão desgraçado que só a selvagens convem.... »

Esta pratica ou discussão com o conde de Claravino deu-se em 1735 e ainda em 1736. Não ha ahi, pois, mais evidente cousa que a impossibilidade de ter o cavalheiro casado segunda vez em 1733. Ahi está, por tanto, justificada a affirmativa dos biographos em quanto ao anno da ida do cavalheiro para a Austria. Parece-me agora de todo aceitavel a hypothese do erro typographico, porque é inadmissivel a leveza da contradicção em escriptor tão reflectido.

[1] Eu estava então viuvo por fallecimento de minha primeira mulher D. Anna Ignez d'Almeida. Nota do cavalheiro de Oliveira.

Está o leitor enfastiado já d'estas academicas esgaravatações. Indulte-as áquelle rancido achaque dos muitos annos que inclinam os velhos a esta cousa de peneirar a poeira dos seculos; d'onde resulta sahir-se a gente com os olhos cegos de pó, sem achar pedra que valha na joeira. De mais d'isso, a mim custava-me que, se alguem visse a errada data d'estes livros do cavalheiro, me arguisse de inventor de anachronismos inculcadamente historicos.

Vamos agora todos melhorar de sorte, assistindo a um lance, com o qual se hãode ensoberbar os actuaes cavalleiros da ordem de Christo, pelo que já d'aqui dou os parabens ao meu barbeiro.

Narrava, pois, Francisco Xavier então a sua ida ao consistorio allemão para dar juramento de sua viuvez, e continua agora:

« Á entrada do tribunal o porteiro pediu-me a espada. Recusei-me. Deu-se parte ao bispo-presidente da minha recusação. O prelado, que me conhecia, mandou-me dizer por um dos conselheiros, que eu devia submissão ás leis do paiz, e antigos usos do consistorio que não permittiam entrar alguem de espada. Redargui que o principal adorno da minha ordem consistia no uso da espada; e que um dos seus maiores privilegios era poder, e até dever trazel-a em todo tempo, sem excepção do acto religioso da communhão, a qual me era permittido receber de espada á cinta. Fez-me o bispo saber que o conde

de Sinzendorf, poucos dias antes, indo ao consistorio, não duvidára deixar a espada em poder do porteiro; que eu bem sabia que elle era cavalleiro do Tosão, e podia contentar-me com tal exemplo, e seguil-o. Retorqui ao conselheiro que a ordem do Tosão, com quanto illustre, não fruia os privilegios que os papas e outros principes haviam conferido ás ordens militares. E, que tendo eu a honra de professar uma d'estas, não cabia em meu arbitrio despojar-me d'ella, entregando a espada, da qual nem o rei propriamente podia privar-me, salvo sendo eu culpado de crime de lesa magestade. Em fim, disse eu gracejando, mais facilmente prescindo passar sem a mulher que sem a espada: uma posso renuncial-a, a outra não.

« O conselheiro irritado pelo gracejo, ou cançado de mensagens me disse de má sombra: Espanta-me que o senhor pretenda ser preferido ao conde de Sinzendorf, e não distinga entre pessoas! Respondi: « As distincções não está o senhor conselheiro no caso de as fazer: não é o cavalheiro de Oliveira que contende com o conde: é a ordem de Christo com a do Tosão. Faz-me muito favor se se dignar participar isto ao snr. bispo.

« O bispo, depois, mandou-me entrar n'um quarto, onde estive sosinho uma boa hora. Em seguida, mandou-me ir ao consistorio, e prestar juramento, com a espada á cinta. Desculpou-se do acontecido

dizendo que ignorava ou se tinha esquecido de que a ordem de Christo era militar...»

D'esta infatuada narrativa, passava Francisco Xavier a contar os escandalosos amores de D. Luiz da Cunha, ancião de oitenta annos, ministro de Portugal em Paris, o qual se apaixonára na Haya por uma snr.ª Salvador, judia, pertencente a uma familia hebraica estabelecida em Hollanda, e a trazia comsigo pelo mundo. Conta que estivera ceando com elle e ella, e pasmara do temperamento amoroso do decrepito ministro, quando lhe elle disse: «Sem amor não ha vida feliz; a paixão do amor é o mais agradavel negocio da vida, e todos os prazeres são enjoativos, se o amor os não aduba.» E, dito isto, tomára a mão da bella, e exclamára:

Est-il rien de plus beau que l'innocente flame,
Qu'un mérite éclatant allume dans une ame?
Et serait-ce un bonheur de respirer le jour,
Si d'entre les mortels on bannissait l'amour?
Non, non, tous les plaisirs se gôutent à le suivre,
Et vivre sans aimer n'est pas proprement vivre.

E, depois, a Salvador, por sua vez, tomou a mão do velhinho, e declamou:

Avoir un amant d'un merite achevé,
Et s'en voir chérement aimée;

C'est un bonheur si haut, si relevé,
Que sa grandeur ne peut être exprimée.

Francisco Xavier mostrava-se vivamente compadecido da senil miseria de D. Luiz da Cunha, aliás habilissimo ministro; porém, o que elle não podia perdoar-lhe era o escandalo de conferir a ordem de Christo á Salvador, lançando-lhe ao pescoço o cordão e a cruz que ella usava publicamente, denominando-se *cavalleira da ordem real de Portugal!*

« Como quer que seja, terminava Francisco Xavier escrevendo a Antonio José da Silva — sahe d'ahi, vem para este grande mundo, onde ha ridiculesas d'este tamanho; vem gozar a vida, repartindo-a entre a seriedade do estudo, e as brilhantes futilidades, de que a gente se póde rir impunemente. Enfardela a trouxa, e parte o mais breve que possas... »

— Que te parece? — perguntou Antonio José a Leonor.

— Vamos! — exclamou ella — mas o thesouro da Bemposta?!...

PARTE QUARTA

CAPITULO I

O expediente de vingança, que mais nobre se offerecera ao honrado animo de Antonio José da Silva, não dava os esperados effeitos. A guerra, primeiro surda, já rumorejava nas praças, nos conclaves pios, e peor que tudo nas cavernas do santo officio.

Duarte Cottinel Franco procurou, com magoado aspeito, o seu amigo de infancia para lhe recommendar precauções vigilantissimas, assegurando-lhe que de seu pae, qualificador do santo officio, soubera que uma pavorosa tempestade se estava formando sobre a cabeça do innocente author das operas; e, com immenso desgosto, era elle inefficaz a conjural-a com o raciocinio.

Disse Antonio José a Duarte Cottinel que se dis-

punha a sahir de Portugal, tão depressa liquidasse o valor dos poucos bens que herdára.

— E o thesouro da Bemposta fica? — perguntou Duarte.

— Se fica!... Sei eu, por ventura, se tal thesouro existe?!

— E o annel não chegaste a vêl-o?

— Não ha annel nenhum, homem!... — tornou Antonio — Em horrivel annel de ferro me querem cingir e afogar o pescoço estes cafres tonsurados a quem eu não fiz mal nenhum!

E, com palavras desviadas do assumpto do annel, o hebreu foi declinando a conversação para esquivar-se a perguntas, e respostas falsas com que se lhe mortificava a consciencia.

Duarte deixou-o a scismar no thesouro.

— Seria uma doudice, dizia Antonio José a Leonor, sahirmos de Portugal, sem ao menos levarmos a certeza de que já foi roubado o cofre de teu pae. A riqueza, se é tanta como diz o rol, dar-nos-hia em toda parte do mundo uma folgada vida. Porque não tinha tua mãe confiança n'este Duarte?

— Porque eu lhe disse que a não tivesse — respondeu Lourença Coutinho — E a ti, filho, conjuro-te que a não tenhas. Vai perguntar a Diogo de Barros que casta de gente é esta dos Cottineis.

— Mas — tornou Antonio — se eu fizesse as cousas de modo que não podesse ser logrado por Duar-

te? Se eu fosse pessoalmente desenterrar o thesouro, e o trouxesse commigo?

—Acho que elle seria capaz de te matar lá mesmo!

—Elle quem? Duarte?!

—Sim, Duarte.

—Ora, minha mãe! está formando um injusto e ultrajante conceito do homem! Que é dos crimes d'elle que a authorisam a conceituar assim um rapaz que nunca nos fez mal, e de toda a gente recebe provas de estima, e foi elevado por sua honra ao grande emprego que tem no paço dos infantes!

—Antonio, não te fies n'elle! Que interesse póde elle ter—replicou Lourença Coutinho—em que tu aches e possuas o thesouro! Se tantas vezes lhe temos dito que o thesouro é uma fabula, ou, se não é fabula, é cousa perdida, para que anda elle sempre a fallar-te no annel do contador-mór?

—É porque se mortifica, pensando que desconfiamos de sua lealdade... E então, Leonor, como entendes tu que procuremos desenganar-nos?

—Eu sei!... A dizer verdade, o tal Duarte não me merece confiança; mas póde ser que todos desacertem, menos tu, Antonio. Dizes que irias tu mesmo buscar o cofre, e trazel-o para tua casa. Se assim fôr, não sei realmente como Duarte possa roubar-t'o. Póde ser que a idéa d'elle seja receber uma porção dos objectos. Se fôr isso, dá-se-lhe alguma

cousa, que nos hade ainda ficar muito. Pois que outro intento hade ser o d'elle? Fugir com o thesouro? Isso não o fazia elle, porque era perder a honra e o bom officio que tem com esperanças de outro melhor. O que elle quer é que o remuneres, e tu lhe darás o que fôr da tua vontade, meu amigo. Com tudo, não te animo nem desanimo. Faz o que entenderes, sem desfazer nas apprehensões de nossa mãe.

Antonio José da Silva andou cogitativo muitos dias. Atormentava-o o thesouro! aquelle foco de peçonha que distillara lagrimas, desgraças e odios, no espaço de quasi cincoenta annos, desde o dia em que Luiz Pereira de Barros preferira Jorge entre seus irmãos com afagos promettedores da herança do segredo, até áquella hora, para além da qual Lourença agourava novos desastres.

E, ao mesmo tempo, o conde da Ericeira e outros amigos de igual tomo diziam-lhe que sahisse de Portugal por alguns annos e voltasse em melhor época. O conde lembrava-lhe que fosse a Paris estudar os grandes mestres da arte scenica, aquecer-se aos atomos luminosos d'aquelle ar todo sciencia, todo inspirações, e voltasse depois a continuar a sua primazia no theatro, de teor que podesse lustrosamente reformar, senão crear, a arte dramatica em Portugal.

Abraçava o hebreu alegremente estes conselhos, e retocava a sua opera chamada o *Precipicio de Phae-*

tonte para a fazer representar como triumphal adeus que elle dava a ingratos, a estupidos e a scelerados malsinadores de sua consciencia!

Precipicio de Phaetonte! que titulo tão presago!... que funestos agouros Leonor aventava d'aquelle titulo significativo de desastre!

Duarte Cottinel, depois da representação victoriada das *Variedades de Proteu,* em Maio d'aquelle anno de 1737, procurou-o para lhe mostrar os relanços e phrases da comedia, que, por ordem da censura, a requerimento do inquisidor geral, tinham sido riscadas.

Algumas phrases eram estas:

Amor nos homens é o mesmo que querer bem; nas bestas muares é o mormo, e nos outros animaes appetite.

—Então isto em que offende a religião ou os bons costumes?—perguntou o hebreu.

—Não sei.

—Provavelmente os censores não querem que o seu amor seja mormo!

—Hade ser isso...—obtemperou o risonho Duarte.

—Que mais riscaram?

—Isto: *isso é gloria do céo da bocca:* dizem que mettes a riso a gloria do céo.

—Menos a d'elles, que é a bemaventurança dos parvos. Que mais?

— Dizem que fazes galhofa do inferno, quando escreves isto: *na gloria do amor ha sombras do inferno.*

— Ora! não os mando para lá por não injuriar o diabo com taes hospedes. Tu dirás onde os heide mandar.

— Dizem mais que ultrajas as leis divinas do casamento.

— Aonde? em minha casa, ou na d'elles?

— Na comedia. Aqui está o escandalo: *E quem seria o magano que tal lei inventou?* (a lei do matrimonio) *Foi Apollo em despique do rigor de Daphne.*

— Basta! — exclamou Antonio José — Plenissima liberdade a esses burros de escoucearem a minha comedia! Sujem e risquem á vontade os sevandijas. Não quero vêr mais nada. Cafraria hedionda, terra empapada em sangue e lagrimas, não comerás meus ossos!

— Olha mais, Antonio.

— Não quero: faz-me nojo tudo isso, nojo e vergonha de ser portuguez! Vou mandar buscar ao theatro o *Precipicio de Phaetonte*... Vou queimal-o...

— Mas não digas nada, meu amigo... Lembra-te que em Portugal não se queimam só operas. Prudencia, prudencia, Antonio! Qualquer denuncia póde hoje perder-te.

Antonio José reflectiu, abraçou Duarte, e mur-

murou circumvagando os olhos, como se receasse ter sido escutado:

—Tens razão. Não direi nada... Cuidarei em fugir, já que me não querem... Meu amigo, ámanhã vou procurar-te, preciso fallar comtigo a sós. Ao meio dia.

Lourença Coutinho ouvira as ultimas palavras do filho, porque o espiava sempre que Duarte Cottinel estivesse com elle. Assim que o almoxarife sahiu, entrou ella, perguntando:

—Que vaes fazer ámanhã a casa de Duarte?

—Vou lá... preciso lá ir—respondeu de má catadura Antonio.

—Vaes descobrir-lhe o segredo?

—Não sei. Que assedio! que importunação!... Minha mãe quer voltar ás masmorras do santo officio? Quer vêr como os meus ossos estalam no *Campo da Lã?*

—Oh filho! que desatinos está dizendo!—exclamou a atribulada mãe.

—Preciso sahir de Portugal, entendeu, minha mãe? Quero salval-a, salvar-me, e minha mulher, e a minha querida filhinha... comprehende bem esta resolução feita, depois de cabalmente informado da sorte que me preparam os algozes, cujos apparelhos de tormento já eu experimentei n'estas mãos e n'estes braços?

—Pois, sim, meu filho, fujamos.

— Fujamos sim; mas sabe vm.ce a quem eu devo o aviso da minha futura sorte, se me aqui demorar? É a este excellente rapaz que minha mãe detesta! É a Duarte Cottinel que me falla com as lagrimas nos olhos e o coração nos labios! Sou-lhe grato, estimo-o, preso-o como a meu irmão. Os outros lisongeam-me, e perdem-me; elle, notando as minhas imprudencias, manda-me fugir.

— Pois sim... mas vaes dizer-lhe onde está o thesouro?

— E que vá? isso que monta?

— Nada... — balbuciou Lourença Coutinho, como assustada da exasperação do filho.

Leonor aproximou-se da sogra, e disse-lhe affavelmente:

— Deixe-o lá, mãe, deixe-o que elle já tem experiencia da vida, e deve conhecer Duarte melhor do que nós...

CAPITULO II

Duarte Cottinel esperava em alegre sobresalto o hebreu. Fallava em soliloquio, como quem precisa expandir-se, communicar o seu rejubilo aos seres inanimados. « A final — dizia elle á sua sombra, ao demonio exultante de sua consciencia — a final o meu presentimento não era um sonho. Posso ser rico ! »

Ás onze horas entrou Antonio José da Silva na casa do almoxarifado da Bemposta. Sahiu Duarte a recebel-o, e disse-lhe com melancolicos esgares :

— Virás tu despedir-te, meu querido amigo ?

— Ainda não. Porque m'o perguntas ? Queres dizer-me que devo sahir já ? Sabes alguma cousa ?

— Nada mais sei, Antonio — respondeu com indecisão Duarte — E tu soubeste mais do que eu te disse ?

— Não. O santo officio anda em cata de provas, que até hoje lhe não déste satisfactorias. Bem sabes que esta gente, quando se resolve a victimar algum assignalado pelo odio d'elles, sepulta-o nas masmorras, e depois inquire das provas. E estas tambem tu sabes que saltam da bocca dos torturados, quando ha mingua de testemunhas para levar o processo á Relação. Por isso, meu amigo, não descancemos sobre a tua innocencia. Fugir em quanto é tempo; todavia, persuado-me que não é apertada a urgencia de fugir já. Arranja os teus negocios, vende clandestinamente, se poder ser, os teus bens, que poucos e faceis de vender, creio que são. Pobre sahes de Portugal; mas em Amsterdam acharás hebreus que te soccorram; e, se te valeres de teus irmãos do Rio de Janeiro, que estão ricos, poderás obter casco e fundos para negociar e auferir o que as letras não podem dar a ninguem. Vaes pobre, meu caro Antonio! Teu pae, no trastejar a casa em que moras, gastou alguns punhados de ouro, segundo corre; e tu consomes mais do que lucras para manter tua senhora em fidalgas regalias. Não te culpo d'isso, que ella, além da nobreza de seu pae, tem a nobreza propria que a torna digna de estar em cadeiras d'ouro, e servir-se com princezas. A Providencia, dando-te aquella menina, indemnisou-te das amarguras que os homens te causam com tanta crueza, que é vergonhoso fallar a lingua d'estes barbaros, que dizem

fallar a linguagem dos apostolos... Meu amigo, sabes que eu espreito a borrasca inevitavel que te ameaça; por ora os ventos sopram de bom lado; assim que eu vir escurecer-se o céo com as sombras do inferno, aviso-te. Isto já frequentes vezes t'o disse, Antonio. Agora, se tens algumas ordens a dar-me, aqui estóu. Queres talvez que eu me encarregue disfarçadamente da venda das tuas cousas? É isso?

— Não é... Vou abrir-te a minha alma! — disse expansivamente Antonio José.

— Ainda agora? Ó ingrato! pois ainda agora me abres a tua alma?

— Foi forçoso; violentei-me... era necessario. Não queiras que eu te explique a razão d'uma reserva indigna de ti e de mim.

— Vaes fallar-me...

— No thesouro escondido n'esta quinta.

Duarte compoz a custo o semblante que parecia abrazar-se e intumecer-se de alegria. Passados instantes, disse:

— Eu sabia que o thesouro não era fabula. Respeitei a tua reserva, confessando-te que me doía, porque era mais que affrontosa para mim... e tambem para ti, que me conhecias desde os onze annos.

— Não m'o recordes, Duarte. Perdôa-me, e escuta. Presumo que existe o cofre do antigo contador-

mór, bisavô de minha mulher. Esta casa e quinta foram revolvidas desde alicerces e raizes; mas o local do thesouro não foi bulido...

— Então era certo existir o annel? — atalhou Duarte.

— É certo existir o annel; Leonor é d'elle depositaria, porque eu nunca mostrei leve desejo de vêr as letras reveladoras do segredo, em quanto se não facilitasse o ensejo de exhumar o cofre. Dizem as letras...

— Eu não te fiz a pergunta — interrompeu Duarte com vehemencia — para que me traduzas o que dizem as letras. Não quero saber. Basta que o saiba no momento em que me tu disseres: «é aqui».

— E porque não hasde sabel-o já?!

— Porque não quero: são melindres que tu me hasde respeitar.

— Queres que eu assim me corra de não ter sido franco e sincero, quando me interrogavas sobre o thesouro?

— Não é isso, nem te sei ao certo explicar o que é. Vamos ao importante: queres tomar conta do thesouro, não é assim?

— É.

— Quando?... não póde deixar de ser de noite...

— Seja de noite á hora que determinares.

— Convem-te hoje?

—E a ti?

—A mim convinha-me mais ámanhã, porque hoje até noite alta não posso deixar de fechar as contas do trimestre que heide ámanhã apresentar aos infantes. Póde ser ámanhã ás onze horas da noite?

—Sim, meu amigo, quando menos incommodo te seja.

—Ora diz-me lá, calculas que os valores escondidos te abastem para viveres independente em Paris ou Londres?

—Presumo que sim.

—A quanto monta segundo o teu calculo?

—Cento e cincoenta mil cruzados, a julgar aproximadamente das verbas designadas n'uma pagina escripta pelo punho de Luiz Pereira de Barros.

—É muito dinheiro!—exclamou Duarte—Podes viver vida de principe onde quer que te sintas bem. Vai para Roma, que eu aposto que os cardeaes vão cear comtigo todas as noites, sem te perguntarem por Moisés nem por Christo!

—Não ambiciono apparatos ostentosos,—disse Antonio José—O que eu queria era socego e alegria. Tenho aquella filhinha que me está sendo um anjo recompensador, esmola e riqueza do céo. Desejo ser rico para ella. Leonor e eu, e a minha pobre mãe, com pouco viveriamos, e talvez felizes, se o terror da perseguição religiosa nos não tivesse sempre sobresaltados.

— Fazes bem, fazes bem — tornou Duarte — Foge, assim que te eu disser que fujas. Debaixo de juramento te digo, e juramento te peço para que nunca reveles o que vou dizer-te...

E abaixando muito a voz, e espreitando o corredor contiguo á sala, disse:

— Tens um optimo espião por ti no santo officio... É meu pae! Vê tu a que extremos chegou a amizade que te tenho. Meu pae, quinze dias antes de se decretar a tua prisão, hade ser avisado, sem que ninguem o avise. Elle entende e lê nos reconditos designios d'aquella gente, que lhe é detestavel, porque meu pae, se finge tanta orthodoxia religiosa como elles, é porque os temeu e ainda teme. Comprehendes, Antonio, o sagrado d'esta revelação?

— Comprehendo, meu querido Duarte! — exclamou Antonio José da Silva abraçando-o com enthusiastico reconhecimento.

— E então já vês — insistiu o almoxarife — que escusas de fugir antes do meu aviso. Póde até ser que a tempestade se desfaça... Tem tu juizo, Antonio. Manda as comedias ao diabo. Não escrevas senão nos autos; e, se te parecer, manda os autos tambem de presente á alma do Papianno e do Bartholo e do João das Regras que devem de estar no inferno. Ámanhã és rico, riquissimo. Não careces de trabalhar... Sabes lá tu o que é ser rico! O que é ter um coche e mulas lustrosas! lacaios e mordo-

mos! poetas a cantarem-te os espirros como agouros d'algum grande successo que vai felicitar a patria! Nunca pensaste nas delicias de ser rico! Os homens, os frades, os grandes, a natureza, tudo ás tuas ordens! E as mulheres? Não quero fallar-te das mulheres, porque tens uma que vale por todas as que abrilhantam este mundo com a sua formosura; mas se tu precisares d'um serralho de anjos, cuidas que não ias buscal-o ao empyreo? Ó Antonio! quando estiveres senhor dos teus cento e cincoenta mil cruzados, verás o que é têl-os, vêl-os, contal-os, palpal-os, vigial-os, convertêl-os em primaveras infinitas, em deleites interminaveis!... Oh!...

Duarte, no febril afôgo do seu enthusiasmo, ora torpe, ora lyrico, poderia denunciar a voraz cobiça que lhe accendia entranhas e olhos, se ao lado de Antonio José estivesse um terceiro, observador de animo frio. O infame temeu-se da incontinencia da apologia da riqueza, e desandou n'uma risada, exclamando:

— Maganão! estavas a estudar em mim algum Cresso avarento de gozos que tencionas pôr no tablado para alegrar o povo com as suas exclamações!

— Não, meu amigo, estava a imaginar que tu se fosses rico, em vez de cobrires de ouro os caminhos da tua vida, farias com o teu ouro melhorada a sorte de muitos pobres, que se haviam de alegrar mais com a esmola, que tu com a posse das riquezas da casa de Bragança.

— Póde ser que te não enganasses — volveu gravemente Duarte — O gozo de ser rico deixa de o ser, quando o ouro não compra as alegrias puras da alma. Tu hasde saber repartir o que até aqui te foi desnecessario. Felizes aquelles que se aproximarem de ti!

Abraçaram-se. Antonio José da Silva despediu-se com os olhos vidrados de lagrimas, murmurando:

— Eu queria não mais separar-me da terra onde tu vivesses, Duarte! Igual a ti só tenho um amigo n'este mundo: é Francisco Xavier d'Oliveira. Quando eu lá fóra o vir, dir-lhe-hei que Duarte Cottinel Franco tem uma alma irmã da sua... São duas almas que Deus formou no mesmo molde.

Dito isto, sahiu commovido.

Duarte Cottinel sentou-se, como se a carga da infamia lhe dobrasse os joelhos; pôz as mãos na cabeça, e ouviu este grito da consciencia:

— Que atrocidade!...

Instantes depois, ergueu-se, estirou os braços, estalejou os dedos das mãos inclavinhadas, e resmuneou surdamente:

— Cento e cincoenta mil cruzados!...

CAPITULO III

— Sempre resolveste procurar o cofre, Antonio? — perguntou Leonor.

— Sim, minha querida, resolvi; mas não o digas á mãe. Custa-me a crêr que ella seja capaz de julgar tão aviltantemente o nosso amigo Duarte!... Os elogios respeitosos, que elle te faz, Leonor, provam a excellente indole d'aquelle homem...

— Mas — objectou Leonor — não te ouvi eu dizer que elle era bastante estragado de costumes?... Então sonhei...

— Disse-t'o; mas a desordem dos seus costumes não faz repugnancia ao que se chama probidade. Era a libertinagem propria dos vinte annos a que me eu referia. Desde, porém, que se occupou em mordomisar os rendimentos dos infantes, não sei que nin-

guem o exceda em morigerada regularidade de vida. Que nos faz a nós, para o nosso intento, que elle extravaganceasse lá na sua mocidade? Não goza creditos de honrado Francisco Xavier de Oliveira? E quem foi mais libertino que elle?! Ora queres tu saber? É tão escrupuloso Duarte em pontos de honra que não quiz saber onde está o thesouro, e disse que bastava sabêl-o no acto em que eu lhe mostrasse o sitio, e dissesse: « é aqui ». Ha, por ventura, sombra de suspeita que nos absolva de desconfiarmos d'elle?

— Creio que não — respondeu Leonor com indeciso ar meditativo — Mas...

— Mas quê?!

— Olha, Antonio... As suspeitas de tua mãe póde ser que procedam de antipathia particular que tem com o homem... Será isso, será... Entretanto, o meu coração tem presentimentos fataes... Eu, quando sahi de Amsterdam, adivinhava quantas desgraças sobrevieram; ainda antes de as esperar, a meio caminho de Portugal, estava na inquisição. Minha mãe, olhava para mim, e exclamava: « porque não escutei os teus presagios, minha filha! » Isto vem ao caso de eu, com bem pesar meu, te asseverar que a minha alma está inquieta, e vaticina algum passo horrivel por causa d'aquelle thesouro. Tem desgraça aquelle dinheiro! Dizia-o meu pae, quando eu era menina, olhando para o annel; dizia-o minha

mãe, e Simão de Sá. Meu tio Diogo, sempre que se falla no cofre da Bemposta, recorda-me as afflicções dos ultimos dias de meu bisavô; a crueldade ferina de minha avó; a perseguição que duas vezes minha mãe soffreu; o risco em que esteve a vida de meu pae. Mil infortunios!...

—E mil superstições, Leonor. Essa cadêa de desgraças tem a sua logica e natural explicação. Não é fado nem influição diabolica ligada ao thesouro. Foram odios motivados pela ambição; mas não se segue d'ahi que tu, legitima senhora d'elle, hajas de soffrer a continuação dos dissabores que soffreram teus paes.

—Será assim!...—tornou ella—vai... faz o que quizeres... Praza a Deus que a nossa filhinha não participe de alguma calamidade, se nós a temos sobre as nossas cabeças. Deus preserve a innocentinha!—continuou ella, soluçando com a filha estreitada ao coração.

Antonio José da Silva, bem que forte de espirito e isento de preconceitos, estremeceu quando viu as lagrimas da esposa a derivarem á face de Lourencinha.

—Pelo amor de Deus!—clamou elle—não me aterres! Tu que tens, Leonor? que te diz o coração? tu fazes-me fraco e crendeiro em agouros!... Diz... não queres que falle mais no dinheiro? não fallarei!... não...

Leonor atalhou-o:

—Isto não importa nada... Sou mãe. Não faças caso de lagrimas nem de agouros, Antonio. Faz o que quizeres; mas não me consultes.

Depois, fugiu com a filha para o seu quarto, e fechou-se para que o marido a não ouvisse desabafar em altos soluços.

Á meia noite d'este dia, 15 d'Agosto de 1737, Antonio José da Silva sahiu com Duarte Cottinel da casa do almoxarifado, por uma porta de armazem que abria para a quinta. Chegados á cancella d'um pomar, disse Duarte com mui recatado som de voz:

—Agora dirás para onde vamos. Dá-me alguma indicação.

—Leva-me a um tanque onde está uma estatua de Neptuno.

—É lá em baixo, no interior do bosque. O sitio é bom, que ninguem nos ouvirá cavar; mas sabes tu se já fariam obras no local?

—Creio... quasi tenho a certeza que o local do cofre está intacto.

Caminharam de manso desviando-se das áleas onde o tapete da folhagem accusava os passos.

—É aqui—disse Duarte—alli tens o tanque e o Neptuno.

—Está secco?—perguntou Antonio José.

—Está, ha muitissimos annos. Ouvi dizer que a

rainha de Inglaterra, quando fez estas obras, mandou levar d'aqui a agua para fontes publicas.

—Bem. Entremos ao tanque.

—Espera... vou accender a lanterna de furta-fogo, que as copas das arvores não deixam entrar raio de lua.

—Não accendas.

—Temos que levantar alguma pedra? Então vou ao jardim buscar um ferro de monte que lá puz ao anoitecer.

—Não é necessario—disse Antonio José—ajuda-me a descer o Neptuno do pedestal.

—Pois é aqui?!

—É.

—Então foi milagre o conservar-se! Quantas vezes os senhores infantes me tem dito que é melhor tirar esta cousa inutil d'aqui para fóra!... Ainda no anno passado!...

Duarte dizia isto com profunda magoa. O thesouro podia tel-o encontrado elle, e possuil-o, sem inquietação de consciencia.

Deram um sacão á estatua, que estremeceu; deram-lhe outro, e deslocaram-n'a. Desceram-n'a vagarosamente, e pousaram-n'a sobre o rebordo do tanque.

Ambos a um tempo introduziram as mãos no recipiente da agua, e tactearam um corpo liso cingido de braçadeiras de metal.

Ambos unisonamente exclamaram:

— Está!

Da vehemencia da exclamação dos dous, não poderia inferir-se qual fosse o dono do thesouro.

Havia espaço entre as paredes da caixa de pedra e as argolas do cofre. Introduziram as mãos, e tiraram fóra o pesado caixote.

Antonio José sentou-se. Carecia de ar. Duarte Cottinel não estava menos abafado e arquejante. Não era o cançaço; era n'um alegria legitima, n'outro uma infernal exultação.

— Vamos, Duarte? — disse Antonio e ajuntou: — estou a tremer, como se fizesse um roubo.

— Tambem eu; mas é de contentamento de te vêr rico. Vamos. Podes com o cofre?

— Posso.

— Então carrega com elle, que é obrigação tua — disse o almoxarife gracejando.

Sahiram do bosque; esperaram que se fechassem as janellas da recamara de um dos infantes, e acolheram-se a casa estugando o passo.

Era uma hora.

— Vou acompanhar-te a casa — disse Duarte.

— Estava para te pedir esse favor.

— Não era preciso. Deixa-me ir armar, que ha ladrões nas ruas de Lisboa como no pinhal da Azambuja.

Duarte voltou logo, entregou a Antonio José uma pistola de dous canos, e disse-lhe:

—Leva isto.

—Não preciso—disse o hebreu—vim armado.

Foram da Bemposta, sem encontro suspeito, até ao largo do Soccorro.

O almoxarife, á porta de Antonio José, quiz despedir-se.

—Não: hasde entrar: quero que assistas á abertura do cofre; quero que vejas se me enganei.

—Ámanhã m'o dirás, adeus.

—Não consinto: hasde sabel-o agora.

Lourença Coutinho e Leonor estavam ainda a pé. Lourença orava ao Deus de Jacob; Leonor orava ao Deus dos afflictos. Oravam ao mesmo Deus, segundo minha fé em divindades.

Quando ouviram bater, desceram ambas ao pateo. Viram Antonio com o caixão sobraçado. Lourença exclamou:

—São e salvo o meu filho!

—E porque não?—disse Duarte, que ella não tinha visto.

Antonio José córou até ás orelhas, e quasi odiou sua mãe.

Voltou-se a Duarte, e disse:

—Minha mãe receava que os ladrões me sahissem n'alguma esquina, por isso fui armado.

Leonor aproximou-se do caixão, que o marido

pousára sobre um escabello do pateo, para limpar o suor. Dobrou-se ella sobre o cofre, beijou-o, e disse:

—N'este caixão pôz as mãos o meu virtuoso bisavô!...

—Vamos—disse Antonio, retomando o cofre.

E subiram á primeira sala.

Duarte quiz ainda despedir-se, allegando que n'aquelles prazeres de familia um estranho era cousa impertinente.

—Não consinto!—repetiu Antonio com dissabor.

—Porque não hade tomar um quinhão do nosso contentamento, snr. Duarte?—perguntou Leonor, impedindo a sahida—Os amigos são sempre familia...

Pousaram o cofre sobre um bofete. Eram duas as fechaduras de espelhos dourados.

—É preciso arrombar — disse Antonio José —Dá-me um ferro qualquer, minha mãe?

Lourença Coutinho trouxe o ferro de frisar com que seu marido costumava encalamistrar a cabelleira nos dias de anniversario natalicio das pessoas reaes. Quebraram a presilha das fechaduras que prendiam na lingueta, e... levantaram a tampa!

Havia alli coração que se regorgitava como em caso de mortal congestão. A circulação parára no peito de Duarte, ao rangerem as perras e oxydadas dobradiças da tampa.

O primeiro objecto era uma caixa de prata de

lavores primorosos, baixa d'altura d'uma pollegada, e larga á medida do ambito do cofre. Abriram a caixa: eram os pentes d'ouro, cravejados de brilhantes, e quinze anneis, enfiados n'um agulheiro de ouro. D'estas joias dizia o apontamento de Luiz Pereira de Barros: *que foram de minha avó D. Leonor de Barreiros.*

— Que admiravel peça! — exclamou Duarte — e que digna possuidora aqui está! — continuou olhando delicadamente em D. Leonor.

— Agradecida, snr. Duarte. Os meus adornos mais queridos da cabeça são flôres.

A um canto d'aquella caixa estava inclusa outra de velludo carmezim, oblonga e convexa. Abriram-n'a: continha os vinte e quatro brilhantes dos quaes dizia a nota: *que foram de meu avô Pedro de Barros e Almeida.*

Levantaram a caixa, e descobriram a segunda camada. D'uma sacca de pellica tirou Antonio José os copos d'uma espada, recamados de pedras de diversas côres. D'esta riquissima preciosidade dizia o contador-mór: *copos da espada que meu avô materno D. Jorge de Barreiros trouxe do governo da Bahia.*

N'outra caixa de ouro encontraram uma miniatura, retrato formosissimo em marfim, com cercadura de diamantes. Era o retrato de D. Ignacia Telles de Menezes, mãe de Luiz Pereira de Barros.

Leonor lançou mão d'elle, e não se cançava de o contemplar.

A outra camada e ultima era dinheiro em rolos: *vinte e quatro contos de reis em variadas moedas de ouro,* conforme o dizer do apontamento.

— Que te parece Duarte? — perguntou Antonio José — erraria eu muito o calculo? Isto valerá os cento e cincoenta mil cruzados?

— Vejamos — disse o almoxarife — vinte e quatro contos, sessenta mil cruzados, ou mais, porque as moedas antigas são pagas como de mais valor. Os brilhantes, se não valem mais, valerão outro tanto, porque estão ahi duas duzias d'elles, como eu ainda não vi muitos; e, se quizeres vendel-os, acharás em Londres ou Amsterdam quem te dê vinte e quatro mil cruzados. Os pentes podem valer... que sei eu!... e os copos da espada!... e a cercadura do retrato!... Finalmente, não te enganarias muito no calculo! O que se segue é que estás riquissimo, e eu tambem participo da tua riqueza por poder dar a estas duas damas os mais cordiaes e jubilosos emboras, que podem alegrar o coração d'um amigo. Agora, deixo-os que está a romper o dia, e já hoje não me deito, porque ámanhã tenho jornada ao Riba-Tejo por causa de aforamentos. Minhas senhoras, adeus.

— Espera! — disse Antonio José, tomando seis

dos brilhantes de maior quilate e lume — Aceita esta memoria da noite de 15 d'Agosto de 1737.

— Memoria!... — disse Duarte Cottinel rejeitando delicadamente — a melhor memoria é a lembrança de que contribui um pouquinho para a felicidade d'uma familia. Não instes commigo, que perdes o tempo, e me desgostas.

Sahiu.

— E então? — perguntou Antonio José á mãe com gesto de censura — que lhe parece o homem? Arrepende-se dos seus preconceitos, minha mãe?

— Arrependo, filho: Duarte parece-me homem de bem.

— E os teus agouros, Leonor? — tornou Antonio.

— Ainda não se calaram... — respondeu ella.

CAPITULO IV

Antonio e sua mãe passaram o dia em analyse contemplativa das pedras e das moedas antigas; Leonor, no entanto, como estranha ao contentamento dos seus, não se despegava d'uma joia formosissima, santa, e de divinos quilates, que era a filhinha, aquelles vinte e dous mezes lindos de celestial meiguice.

Chamada a dar seu parecer sobre o destino que deviam tomar, respondia que estava por tudo que seu marido e sogra quizessem. O hebreu, a fallar verdade, já mal acertava com os seus projectos da vespera: aquelle resplandecer das pedras offuscava-lhe a memoria dos planos: era um embebecimento de creança, para não dizer à absorpção voracissima d'olhos de avarento cravejados no iman do ouro.

Ao outro dia, Duarte Cottinel, de volta da sua

jornada, procurou o hebreu, para lhe dizer que não havia nada no santo officio, para que elle devesse temer e apressar a sahida. Lamentou que o seu Antonio não podesse gozar em Portugal as riquezas, e viver perto do seu mais dedicado amigo, que vinha a ser elle. Aconselhou-o a que não vendesse pedra alguma em Portugal, nem revelasse os seus haveres, porque a inquisição não perdoava aos judeus opulentos; e, se alguma vez tinha sido piedosa, era com os indigentes, cuja alimentação corria por conta da santa casa.

Voltou no dia seguinte, muito rogado por Antonio José, e chegou em occasião de estar o judeu castigando uma escrava de sua mãe, por que fôra surprehendida a roubar das gavetas d'um contador algum dinheiro. O castigo era com disciplinas, segundo o direito dos senhores sobre os escravos, que sómente vinte annos depois foram libertos por lei do marquez de Pombal.

Duarte pediu o perdão da negra, e conseguiu-o; a escrava, porém, assim que uma entre-aberta se lhe ageitou, fugiu, receosa de que uma busca á sua arca lhe redobrasse o castigo.

Lourença Coutinho teve pena da preta, que comprara creança no Brazil, e trouxera comsigo, quando veio presa. Diligenciou encontral-a; mas não houve novas d'ella.

Duarte Cottinel sahiu a averiguar, e descobriu

que a preta passara o Tejo, e se assoldadara em Almada. Calou-se com o descobrimento, dando a suppor que a negra se lançaria ao Tejo, desesperada como outras muitas, que preferiam a morte á servidão [1].

— Mas a minha escrava não era tractada com rigor, para se matar! — dizia Lourença — Tenho immensa pena d'ella!... Alli está ainda a arca fechada como ella a deixou.

— Era bom vêr-se!... — disse o almoxarife com ares familiares de muito amigo.

— Dizes bem! — approvou Antonio José da Silva — Vejamos o que ella tem na caixa.

— Farrapos... que hade ella ter? — observou Leonor.

— Sempre é bom vêr, snr.ª D. Leonor — insistiu Duarte.

— Pois vejam... — condescendeu a contrariada senhora.

[1] N'aquelle tempo, o viver dos escravos em Lisboa era afflictivo, e os castigos crueis. A limpeza diaria das sentinas domesticas era feita por escravas, que levavam os grandes vasos ao Tejo, desembocando de cada rua em longas caravanas. Que deliciosa e perfumada Lisboa era aquella, á qual Jacome Ratton, com desenfeitado estylo, denomina por excellencia a *fedorenta cidade de Lisboa!* Como D. José declarou livres todos os escravos que entrassem no reino, as pretas eximiram-se do seu escravo mister de escoadouros. Depois é que Lisboa se tornou limpa... «Então, diz o citado coevo d'aquelles olorosos dias, então os moradores de Lisboa se viram obrigados a fazer os despejos das immundices nas ruas.» *Recordações*, pag. 297.

Arrombada a caixa da escrava, encontraram-se algumas miudezas, por cuja falta as senhoras não tinham dado, cousas de insignificante valor. Concluiu o hebreu que a negra furtava para as vender cousas de que ella não podia usar.

— Tal escrava não lhe convinha, snr.ª D. Lourença — disse Duarte — Deixe-a ir, que não se foi boa peça. O valor que ella tinha perdeu-se, é isso verdade; mas esta casa não fica hoje prejudicada com a fuga de uma preta. Antonio José da Silva póde comprar hoje toda a Africa e os sertões do Brazil.

Festejaram o dito, e divertiram a conversação para outro assumpto. Leonor lembrou que a sua Lourencinha fazia annos em 5 de Outubro.

— Faltam cincoenta dias — ajuntou ella — onde estaremos nós então?

— Talvez em Paris — disse Antonio.

— Se não poderem estar socegados em Lisboa — observou Duarte.

— Pois de certo. Se eu podesse aqui viver socegado, não trocava paiz nenhum por este, onde tu vives, meu bom Duarte.

— Eu, não sei porque, — tornou Leonor — desejava festejar o segundo anniversario da minha filha fóra de Portugal.

— Ó Duarte — exclamou de golpe o hebreu — queres tu vir passar comnosco um anno a Paris? És homem para nos dar esse grande prazer?

— Era homem para o sentir com mil vontades, se fosse livre. Sabes que não posso renunciar á posição que occupo, nem incumbir ninguem do trabalhoso encargo que promette a minha futura e descançada estabilidade. Depois, meu pae está velho, está rico, segundo penso, e tem mais filhos. Se eu arredar um passo contra vontade d'elle, vinga-se excluindo-me da herança. Que mais razões queres?

— Mas — tornou o generoso coração do hebreu — faz de conta que és meu irmão; gastas irmãmente commigo, e nunca sentirás precisão da herança de teu pae.

— És ainda muito creança, homem! — redarguiu o almoxarife — Estes poetas, minhas senhoras, tem absurdos que seriam lamentaveis, se não fossem engraçados! Como este louco imagina que um homem, applicado a ganhar a sua independencia com a fadiga e sacrificio dos melhores annos da mocidade, possa aceitar uma offerta que o inutilisaria aos seus proprios olhos!... Antoninho, não sejas sempre rapaz; não vás tu lá por fóra arranjar alguns irmãos que fraternalmente te devorem as peças, os brilhantes, e os copos da espada do tresavô de tua senhora e minha ama. Cuidado com os parasitas, ouviste? Olha que os portuguezes, lá por essas nações, gozam fama de valentes; mas tambem a gozam de estupidos que se deixam gosar. Sê caritativo; mas não sejas prodigo...

— Pareces um velho a aconselhar! — interrompeu Antonio — Nem que tu não tivesses trinta e dous annos como eu!

— E' verdade; mas, ha muito, que vivo cá em baixo terra a terra; e tu, desde que te conheço, encontro-te sempre nas regiões mythologicas com os Amphitriões e Alcmenas, e Proteus, e Apollos. As tuas comedias fazem crêr que tu tens muita imaginação; mas juizo não no inculcam; aliás, em vez de comedias, escreverias versos laudatorios aos reis, aos bispos, aos frades, a quantos magnatas por ahi ha incapazes de t'os perceberem. Já fizeste versos a algum d'estes estafermos?

— Não. Versos a reis, ou a filhos de reis, apenas tenho aquelle epicedio que fiz o anno passado á infanta D. Francisca.

— Depois de morta. Isso de que presta?... Bem me recordo: glosavas os versos do soneto de Camões:

Alma minha gentil que te partiste
Tão cedo d'esta vida... [1]

— E' verdade, — acudiu Antonio José com des-

[1] E' a mais regular e maviosa composição metrica de Antonio José da Silva. Merece o conceito em que a tem o author do *Ensaio Biographico:* «E' uma das melhores composições n'este genero.» Por extensa a não traslado. Está no 10.º vol. do citado *Ensaio.*

vanecimento — Glorio-me de ter levado a primazia entre todos os poemas que sahiram a chorar a princeza.

— Á chorar! chorava lá ninguem, homem. Quem é que chora pela snr.ª D. Francisca, que Deus haja muitos annos lá sem mim? Os meus patrões, e muito sentimentaes infantes, ao outro dia da morte d'ella, andaram na tapada da Bemposta a matar melros. Choraste-a apenas tu! Elle chorou, snr.ª D. Leonor?

— Não me recordo bem... mas parece-me que sim, quando m'a recitou.

— Poetas!... Ficaram no lugar das carpideiras que meu avô ainda na morte de meu bisavô mandou alugar para chorarem vinte e quatro horas...

— Olha que a mim não me deram nada! — interrompeu Antonio.

— Por isso estou eu. São capazes de te dar tanto, como áquelle Manoel Fernandes Villa Real [1] que defendeu com a penna e com a espada, estando em Paris, os direitos de D. João IV á corôa contra Filippe e contra os portuguezes acastelhanados; e, depois, como viesse a Portugal, os frades agarraram-no, deram-lhe garrote, e D. João IV não lhe acu-

[1] Manoel Fernandes Villa Real escreveu um importante livro dos direitos da casa de Bragança, chamado *Anti-Caramuel*, respondendo a Caramuel, que escrevia em pró de Castella. Foi enforcado e queimado como judaisante no auto da fé de 10 de Outubro de 1652.

diu. O Antonio Henriques Gomes [1] e o Manoel do Leão [2] que tambem escreveram mirificas cousas em favor de D. João IV e de D. Pedro II, se cahissem nas aboises que a inquisição lhes tinha cá armado, eram irremediavelmente assados. Não faças versos a principes mortos nem vivos, Antonio. Gasta o teu dinheiro como quem não tem espirito de que dispor em divertimento dos outros. Queima os livros. Auto da fé aos livros, e eu faço de barbeiro do novo D. Quichote de tramoias. Esquece-te de que tens lá nos escaninhos da cabeça um formigueiro de versos. Deixa ser o mundo bestial á sua vontade, e adeus até depois d'amanhã.

[1] Antonio Henriques Gomes escreveu sobre a *feliz acclamação de D. João* IV. Foi particular amigo do desgraçado Villa Real, e conselheiro e mordomo ordinario de Luiz XIII.

[2] De Manoel do Leão já se disse n'outra parte d'este livro.

CAPITULO V

Ao outro dia, Duarte Cottinel passou a Almada, e procurou em casa d'um fazendeiro a negra fugitiva. Foi-lhe apresentada a escrava, que tremia em quanto não reconheceu o homem caridoso a quem devia o escapar-se ás mãos de Antonio José.

Chamou-a Duarte a um lado, onde os não ouvissem, e deteve-se largo tempo. Começou por lhe incutir medo á perseguição que seus senhores iam fazer-lhe, persuadidos de que ella os tinha roubado, e vendido os furtos. Fez-lhe sentir que a compaixão o movera a vir alli avisal-a para que mudasse de terra e nome. E, quando a negra, tremente de susto, se debulhava em lagrimas, por não saber para onde fugisse, Duarte, resalvando habilmente qualquer intenção dupla, disse-lhe em tom de piedade que pas-

sasse a Lisboa ao fim da tarde, e fosse ter a casa d'elle á Bemposta, onde ficaria até se lhe arranjar amos e segurança longe de Lisboa.

Assim o fez alegremente a escrava. O almoxarife recebeu-a com boa sombra, mandou-lhe dar optima cêa e excellente cama. Ao outro dia, como a negra carecesse de mudar a roupa com que fugira, Duarte proveu-a do necessario, comprando-lhe umas roupinhas e mantéo escarlates, encantadores objectos que tinham sido o sonho d'ella, nunca realisado. Feliciana, com quanto orçasse por quarenta annos, começava a imaginar, á vista de tantas venturas, que o almoxarife não desgostava d'ella, e nutria intentos a seu respeito. Admirava-se, porém, a preta, ao fim de tres dias, das delongas não usadas, entre o desejo e a execução, com pessoas da sua laia.

Ao quinto dia de hospedagem, a escrava parecia a filha primogenita d'um sova! A carapinha brunida e oleosa encaracolava-se-lhe phantasticamente. O rubi dos beiços incendidos parecia a porta do amoroso inferno que lhe ia nas entranhas do peito. As fórmas, aliás redondas e anchas, como que, debaixo dos trajos escarlates, entremostravam graças que a natureza, desacompanhada da côr e feitio do jaqué, nunca tivera n'ella.

Quando Duarte a chamou, em occasião de estar sosinho, Feliciana entendeu que era chegada a hora de ouvir uma revelação d'amor, feita com a delica-

deza de que o seu novo amo e senhor a considerava dignissima.

Principiou o almoxarife perguntando-lhe se estava contente, se era bem tractada, se queria viver em companhia d'elle, ou sahir de Lisboa. A preta não tinha expressões com que bosquejar uns longes da sua felicidade, e confessava, no auge da sua modestia, que não merecia o bem que estava gozando.

— Visto que estás satisfeita, disse Duarte, ficarás commigo mais algum tempo; e depois, se eu desconfiar que te perseguem, passarás para uma quinta de meu pae em Torres-Novas; mas é necessario que te escondas, se alguma vez aqui vier o snr. Silva, ou criado de casa d'elle, porque eu não quero indispor-me com esta familia. Ora — continuou elle — diz-me cá, Feliciana... Promettes debaixo de juramento responder ás perguntas que eu te fizer?

— Prometto, senhor, assim Deus me salve.

— Teus amos Silvas fazem lá algumas rezas que não sejam á moda e costume dos christãos?

— Algumas rezas?!...

— Sim: eu vou perguntar-te de modo que tu possas responder a verdade a uma pessoa que te estima e promette fazer-te mais feliz ainda do que és. Ora diz-me: lá em casa era costume accender-se na sexta feira á tarde, uma hora antes de pôr do sol, uma lampada com quatro torcidas?

— A snr.ª Lourença fazia isso todas as sextas feiras.

— E a lampada ficava accesa todo o sabbado, não é verdade?

— E' sim, meu senhor.

— E que fazia a snr.ª Lourença no sabbado?

— Estava lá dentro do seu quarto a lêr, nem se penteava nem lavava, nem pegava em agulha, nem cortava ou raspava as unhas, nem bebia vinho, nem comia cousa gordurenta, nem escrevia [1].

— E sabes se a snr.ª Lourença rezava de manhã assim que se levantava?

— Não, meu senhor; sem se lavar muito lavada, e mais cousas, não pegava no livro [2].

— Lembras-te d'algumas palavras que ella dissesse?

— Uma cousa que ella dizia todos os dias era isto: *Bemdito sejas tu que déste ao gallo instincto para distinguir entre o dia e noite* [3].

1 Estas, e outras condições religiosas da observancia do sabbado judaico, vem referidas no 5.º vol. da *Histoire des juifs, depuis J. Christ jusqu'à present* — paginas 270 e seguintes.

2 Explicam-se assim *as mais cousas* de que a escrava urbanamente não dava um preciso entendimento: «*Un des premiers soins est de satisfaire aux besoins de la nature, parce que David a dit: Tout ce qui est au dedans de moi, louez le seigneur.* (Ps. 103). *Ce serait un crime que de prier Dieu, ou de parler de lui avant que* l'intérieur *eût été nettoié...*» Hist. des juifs. Tom. v pag. 306.

3 *Orden de las oraciones. Orden de Cotidiano* para uso dos judeus da synagoga de Amsterdam, pag. 11. Os hebreus portuguezes seguiam principalmente o ritual de Amsterdam d'onde lhes eram fornecidos os devocionarios para em suas casas poderem exercitar-se espiritualmente, pois que não tinham synagogas.

—Havia algum mez no anno em que tua ama não jejuava?

—Era no mez de Março [1].

—Mudava de cama ou de roupa na vespera dos dias em que jejuava?

—Sim, meu senhor; deitava-se n'um colchão duro com lençoes de estopa, e só comia ao outro dia á noite; e desde dezesete de Junho até dez de Julho não comia senão hortaliças, e punha cinza na cabeça [2].

—Outra cousa: teu amo doutor tambem fazia essas cousas?

—O snr. Antoninho?

—Sim.

—Nada; esse não rezava cousa nenhuma, nem jejuava.

—E a snr.ª D. Leonor?

—Tambem não.

—Então ella e o marido não praticavam acto nenhum de christãos?

—Que eu visse, não, meu senhor.

Depois de mais algumas perguntas, Duarte Cottinel tirou d'uma gaveta um fio de contas de vidro amarellas, e deu-o a Feliciana, dizendo:

[1] Decidiram os rabbinos que se não jejuasse no mez de Março, por que este tempo, como anniversario da sahida do povo hebreu do Egypto, deve ser consagrado ao reconhecimento e ao jubilo.

[2] Buxtorf. Synagoga judaica.

— Ahi tens para enfeitares o pescôço. Gosto de ti, e quero que estejas contente.

— Ora, se estou, snr. Duarte!...— balbuciou ella sinceramente commovida — Muito feliz sou na sua casa!

— E serás uma ingrata, se me deixares!...

— Isso só por morte! — clamou ella com enthusiasmo.

E, como visse que o senhor não tinha mais que lhe dizer, retirou-se.

CAPITULO VI

Volvidos poucos dias, Duarte, apenas entrado em sua casa, vestiu de colera o semblante, e disse á negra:

— Teu amo doutor lá te mandou procurar a Almada por dous esbirros. Se lá estivesses, a esta hora estavas em lençoes de vinagre! São crueis os taes judeus! Venho agora de lá, disse-lhes que eram duros comtigo, que te deixassem, porque sahiras quasi nua e sem real de casa d'elles. Provavelmente não torno lá. Gente com tão ruins entranhas não a quero para amiga. Ora vê tu, pobre mulher, que vontade elles tem de te esfolar!... Queira Deus que elles se não lembrem de suspeitar que estás aqui!...

— O meu senhor não me deixa prender... — exclamou ella, pondo as mãos.

— Não deixo, ainda que tenha de defender a casa com todos os criados dos senhores infantes. O judeu não se atreve a cá vir; podes estar socegada, Feliciana. Tens em mim um verdadeiro amigo e defensor.

— Nossa Senhora lh'o pague! Muito meu amigo é, snr. Duarte! Eu não sei porque é tão meu amigo!...

— E' porque tive muita pena de ti, e estou convencido de que tu eras incapaz de ser a ladra que elles dizem. Olha; eu confio tanto da tua limpeza de mãos, que te deixo abertas as gavetas, como se te conhecesse ha muitos annos. Quando quizeres comprar alguma cousa, compra, que eu gosto muito de te vêr asseada e satisfeita. Aquelles malvados!... E' assim que te pagam trinta annos de serviços; e não se lembram que tu, se fosses vingativa, os podias perder e desgraçar. Pois não podias, Feliciana?

— Como era?! — perguntou a escrava, como admirada da sua desconhecida generosidade.

— Pois se tu fosses denunciar ao santo officio que teus amos judaisavam, cuidas que elles não eram logo sepultados nas masmorras do Rocio?

— Ah! sim?... Pois então que me deixem... senão...

— Quem sabe? tornou Duarte — póde ser que a final, se te quizeres vêr livre da perseguição, não tenhas remedio senão... Nada... denuncial-os, não.

Hade naver muito quem os accuse. Veremos como elles se portam d'aqui em diante... Eu queria que tu sahisses, Feliciana. Custa-me vêr-te aqui fechada; mas tenho medo que te prendam lá por fóra, e que te castiguem ou entreguem á tua senhora, antes de eu poder valer-te! Já me lembrou de te resgatar, comprando-te; porém, o odio que elles mostram ter-te é tamanho, que, a meu vêr, antes querem matar-te que vender-te. Esperemos alguns dias mais; e, se elles não estiverem quietos, pensaremos no que se hade fazer. Estas barbaridades irritam-me. Os escravos são nossos irmãos e filhos do mesmo Deus. Tomei á minha conta defender-te, e heide salvar-te das furias d'aquella maldita casta de gente, que está sempre a vêr como hade abrir as veias do proximo! Que admira se elles mataram Nosso Senhor Jesus Christo!

—E' verdade! —murmurou compungidamente a negra —Eu já tenho ouvido dizer isso; e, lá no Brazil, quando prenderam a minha senhora, uns homens que a viram passar, ficaram dizendo: «esta é das que mataram Nosso Senhor!» Eu, depois, contei isto á snr.ª Lourença, e ella...

—Que respondeu ella? — acudiu pressurosamente Duarte.

—Disse que os taes homens eram umas bestas.

—E mais nada?

—Mais nada que me lembre.

— Pois olha: vai recordando todas essas cousas que viste e ouviste, porque póde ser que ainda precises de as dizer, para te livrares de cahir nas unhas dos taes matadores de Jesus Christo.

A sessão terminou, para se continuar no dia seguinte, e nos outros. O almoxarife trazia sempre de fóra alguma historia urdida para aterrar e enfurecer a negra. A tanto lhe apurou a raiva que já a final era ella quem pedia licença para ir denunciar os amos ao santo officio.

N'um d'aquelles dias, Antonio José da Silva bateu ao portão da casa de Duarte Cottinel. A negra precavida, assim que o viu por uma gelosia, correu alvoroçada a prevenir o novo amo. Duarte foi escondêl-a muito longe da sala em que devia receber a visita do amigo.

Antonio José vinha triste, a dar-lhe parte da sua definitiva resolução de retirar-se, porque o conde da Ericeira muito á puridade o avisara da necessidade de sahir de Portugal, porque no santo officio se lhe estavam forjando desgraças.

— O conde da Ericeira — atalhou Duarte — não póde saber mais do que meu pae. Os rumores, que lá se passam, muito ha te disse eu que se passavam; todavia, por em quanto, não tem symptomas assustadores. Não obstante, se queres ir, vai; se tens lá fóra mais tranquillidade, não te demores, que o meu

maior prazer é vêr-te em segurança. Quando tencionas ir?

— Não é já, porque o conde tambem me disse que eu poderia sem receio estar uns dias em Lisboa. No dia cinco de Outubro, faz minha filha dous annos, e eu tinha muita vontade de os festejar em companhia de ti e dos Barros.

— Estamos hoje a vinte e quatro de Setembro... Faltam onze dias... Posso asseverar-te que não corre o minimo sobresalto a tua liberdade n'estes onze dias. E a mobilia da tua casa que lhe fazes?

— Vinha offerecer-t'a.

— Não aceito, Antonio, porque não sei que lhe faça. Como vês, esta casa está decentemente mobilada por conta dos infantes, e eu não tenho outra residencia. Vende a mobilia a quem ella seja necessaria; e, se não queres figurar n'isso, eu me encarrego.

— Não posso dar trabalho a quem me não recebe o mais leve favor — disse Antonio José — Encarregarei a venda a algum parente de minha mulher. Diz-me cá: nunca podeste descobrir que fim levou a desgraçada escrava?

— Não.

— Tenho feito diligencias incançaveis! Ninguem me dá noticia alguma. Minha pobre mãe chora por ella, e queixa-se de mim, como causa da sua Feliciana fugir. Se se matou, fica-me este remorso a trespassar-me o coração!

— Ora adeus!... remorsos de castigar escravos!... Fizeste menos do que fazem os outros senhores d'elles que lhes despem o couro. Deixa lá a negra, que está por ahi a servir, e não pensa em se matar. Assim que sahires de Lisboa, apparece ella.

— Oxalá que assim seja. Heide deixar-te uma boa esmola para lhe entregares, se a vires.

Sahiu Antonio José da Silva.

Duarte foi buscar a negra ao escondrijo, e disse-lhe:

— Teu amo asseverou-me que tinha a certeza de te haver ás mãos antes de oito dias.

— Então fujo de Lisboa? — perguntou ella anciada.

— Não. Socega. Eu vou sahir, e volto d'aqui a duas horas.

— Não me deixe prender, snr. Duarte! — exclamou a escrava de mãos postas.

— Estás prompta a fazer tudo que seja necessario para te salvar?

— Estou, meu senhor!

— Bem. Logo fallaremos.

Duarte Cottinel sahiu; entrou em casa do promotor da inquisição, e deteve-se meia hora. D'alli foi em direitura ao convento de S. Domingos, e demorou-se com dous conselheiros do santo officio. Era de prompto recebido como familiar. A' sahida do convento, viu Antonio José da Silva que desembo-

cava das portas de Santo Antão. Escondeu-se. Não lhe sobejou infamia para se defrontar com o homem que elle andava apunhalando. Era um remorso inutil, um remorso dos scelerados aquelle. Lampejava-lhe uma luz nas trevas d'alma; porém, luz do inferno, chamma da consciencia infernada.

Antonio José da Silva não o vira. Ia abstrahido, pensando no modo de brindar o amigo Duarte com um gracioso e ao mesmo tempo rico presente no dia d'annos de Lourencinha.

Chegou o almoxarife a casa, esteve-se momentos em recolhimento acerbo, e chegou a pedir sacrilegamente ao diabo que lhe afastasse o calix da tentação. O diabo conduziu-lhe a negra, que lhe vinha perguntar o que ella devia fazer.

— Eu te chamarei... — disse elle mal encarado.

Feliciana fez pé atraz, espantada da mudança. E o diabo, assim que a preta voltou costas, foi buscar o cofre de Antonio José, e mostrou-lhe peça por peça a caixa dos pentes de ouro cravejados de brilhantes, e o retrato cercado de diamantes, e as vinte e quatro pedras de extraordinario lume e quilate, e os copos da espada recamados de joias, e os vinte e quatro contos em moedas de ouro. Repoz tudo no cofre o expositor infernal, e disse, batendo-lhe com a mão de ferro calcinado no coração:

— Cento e cincoenta mil cruzados!

Levantou-se de salto Duarte, e foi dentro cha-

mar a negra. Compoz o gesto, abemolou o tom da voz afogada da rapida respiração, e disse:

— E' necessario, se te queres salvar, que vás á inquisição denunciar teus amos; se não, estás perdida, que eu não posso combater a perseguição que te fazem.

— Pois eu vou... e que heide dizer?... — perguntou ella, tremendo.

— Tudo que sabes, tudo que viste. Não queres?

— Vou onde vossa mercê me mandar. Pois não heide ir?

— Porque se não vaes és presa, e além d'isso estás excommungada.

— Excommungada!

— Sim. És obrigada a denunciar dentro de trinta dias teus amos, sob pena de excommunhão [1]. Amanhã, ás dez horas, irás á mesa do santo officio á casa santa. Diz ao alcaide [2] que queres fallar ao snr. inquisidor; lá te farão as perguntas, e tu responderás; mas olha, Feliciana, se te perguntarem o

[1] Era doutrina escripta nos cathecismos christãos, e corrente nas christandades portuguezas d'aquem e d'além mar. Veja *Inquisição de Goa.*

[2] O snr. A. Herculano, traduzindo do latim da Memoria dos christãos-novos as palavras indicativas d'um official de inquisição *profectum carceris*, diz *alcaide*, e observa: *traduzimos por conjectura.* De feito, o director dos carcereiros, segundo inferimos da relação de um preso, no citado livro *A inquisição de Goa*, frequentemente é empregado o termo *alcaide*, no sentido que o eminente historiador do estabelecimento da inquisição lhe deu a pag. 132 do 3.º vol.

que fazia teu amo doutor, responde que fazia o mesmo que sua mãe; senão, fazes prender a mãe, e elle fica livre para te acabar a vida nos ferros do limoeiro ou nas galés.

A negra foi fazer exame de consciencia como quem se prepara para salvar-se das galés.

A furto, lhe cahia ás vezes n'alma uma gota dolorosa como de chumbo candente. A negra dava upas no catre, onde não provou cinco minutos de repouso. Um raio de penetrantissima angustia lhe atravessava, a espaços, a cabeça, e ao fogo, que lhe accendia, mostrava-lhe os beneficios, afagos e cuidados com que Lourença Coutinho a tractava nas suas molestias. Quando as lagrimas, ferventes d'aquelle queimar, lhe ressumavam aos olhos cravados nas trevas, chamava ella em seu auxilio a lembrança das vergastadas que soffrêra, d'outras que a esperavam, e, depois, as gramalheiras da galé.

Luctou assim até ao dia.

E, ao mesmo tempo, a noite de Duarte não foi mais repousada. Calculava elle as consequencias d'aquelle acto, que elle já, ainda que quizesse, não podia aniquilar. Se a negra, golpeada de remorsos, revelaria nos interrogatorios futuros que fôra elle o motor da denuncia? Que pensaria o mundo da riqueza inesperada? que julgaria da perfidia do homem que perdêra uma familia? Occorreu-lhe a idéa valedora de todos os que não receberam ainda nome condigno

e significante na perversão moral, que entesta com as raias do inverosimil. Lembrou-se de matar a veneno a escrava á hora em que fosse necessario sepultal-a com o segredo.

A negra não podia ser pallida diante do inquisidor que a interrogava, e do secretario que escrevia o depoimento; mas o tremor da voz dizia o que a escuridão da pelle, oleosa de afflicto suor, não podia delatar. A desgraçada estava já sentindo em corpo e alma as labaredas que se iam accendendo, a cada palavra d'ella, em volta da familia com quem se creara desde creancinha.

Juramentada, confessada, e intimada para apparecer quando novamente a chamassem, sahiu. Apertou o pé caminho da Bemposta, e limpou muitas vezes as lagrimas para vêr o caminho.

Anciosamente a esperava Duarte.

Feliciana lançou-se-lhe de joelhos, exclamando:

— Eu fiz que vão matar a minha senhora, e a snr.ª D. Leonor que nunca me fez mal nenhum! Não os deixe morrer, se não eu vou atirar-me á cisterna!

— Não morre nenhum, tôla! — disse Duarte — No primeiro auto da fé sahem todos livres; e entretanto eu tractarei de te arranjar fóra de Lisboa um modo de vida em que tu enriqueças. Heide dar-te um bom dote para casares com um official de officio. Ergue-te, Feliciana. Então respondeste?

— Sim, meu senhor; mas elles, ás vezes, faziam-me dizer o mesmo de muitas maneiras, e eu estava a tremer de medo d'aquelle senhor da capa e barrete de borla, que tinha cara de metter medo...

— Está bom. Vai jantar, e come bem, que os teus amos não soffrem senão a prisão d'algum tempo. Já te não lembram aquellas vergastadas?...

CAPITULO VII

As pessoas não lidas nas mais repulsivas paginas que temos da historia da humanidade; as que não viram ainda nem coraram de vêr os irrefutaveis e immorredouros livros de Alexandre Herculano ácerca da inquisição em Portugal, desculpavelmente malsinam de inverosimil o caracter de Duarte Cottinel. Faz-lhes honrosa repugnancia tão extremada infamia, quando o intento e fito d'ella é aferrar d'um cofre recheado de riquezas por cima da torrente de lagrimas e sangue d'uma familia, por cima d'uma fogueira que derrete as carnes e pulverisa os ossos do possuidor do thesouro. Espantam-se, e refutam de boa fé, como desnaturaes e insondaveis os abysmos de infamia d'onde lhes sahe o homem que não póde allegar como causa da morte horrendissima d'uma fa-

milia, senão a necessidade de a roubar, e a descoragem para matal-a a ferro quando ella o recebe em seu gremio confiadamente.

Espantam-se; mas não era mais para assombros Duarte da Paz aquelle hebreu, que recebia dos da sua raça, ouro a torrentes para os salvar em Roma, e os vendia aos algozes sagrados de D. João III? Não era mais incrivel a denuncia do parente, que esperava sonegar ao confisco do santo officio os thesouros do irmão, e ás vezes do pae, que expirava amaldiçoando a cega Providencia, por não saber quem o chumbára ás lages que o sol não aqueceu nunca?

O melhor e mais alto louvor que póde entoar-se a este seculo é não haver ahi quem já aceite como praticaveis os atrozes lances d'um passado, que dista de nós apenas seculo e meio. Que dias aquelles e que dias os nossos! Como a vida e alma humana eram então desgraçadas! Que deploraveis gerações de infelizes e de scelerados rolaram á voragem em correntes de lama ensanguentada! Como o sol de Deus passaria triste no céo, e o que iria no grande Espirito Creador, lá em cima, cortinas a dentro d'estes milhões de estrellas!

É preciso levar o pensamento ao amago, ao turbilhão d'aquelles dous seculos nefastos que marcam o nosso opprobrio desde D. João III até ao marquez de Pombal, aurora do melhor dia, aurora manchada ainda de laivos de sangue, mas em fim o alvorecer,

o redemir-se o homem, esquecido de Christo, principiou então, n'este recanto de heroes piratas, e de apostolos sanguinarios! E a Providencia não contava como seus, como obra sua, como filhos da sua eternidade aquelles dous seculos?

A Providencia deixava escabujar o hebreu nas correntes da sua masmorra, e deixava aquecêr-se o frade ás chammas crepitantes dos seus cruentos holocaustos a Jesus.

Mas um dia, a ultima fogueira devia apagar-se devorando o mais fanatico dos tonsurados, o padre que em si compendiava o ascetismo fraudulento, as illustrações ficticias do alto, os dons fallazes de inspirado, as raivas theocraticas, quantos herpes tinham roido e empeçonhado os liames que suavemente enlaçavam a humanidade com a cruz do seu mais divino redemptor.

Um dia accendeu-se uma fogueira; e essa fogueira, que foi a ultima em Portugal, ao apagar-se deixára um sedimento lodoso em que a Providencia mandou procurar as carnes, os ossos, e me quer parecer que a alma do padre Gabriel Malagrida.

Aqui está a Providencia.

Mas quem deu conta dos milhares de familias, cujas cinzas levaram os quatro ventos do céo?

A Providencia não as pediu — acrescenta uma blasphema philosophia.

Pediu. D'estes atascadeiros do mundo não pode-

mos desferir o vôo lá para onde essas contas se pedem; crêmos, porém, com a mais pia racionalidade que os filhos de S. Domingos e filhos dos santos pontifices foram chamados a contas, e as deram como criminosos d'um periodo do mundo em que a legislação civil não era mais misericordiosa que a ecclesiastica.

Eu creio que ninguem tirou uma vida que não respondesse por ella quando o nome do assassinado fosse lido na lista do seu Creador.

E por isso pergunto aos oraculos dos nossos dias se os caprichos dos reis não tem que dizer de sua justiça, quando lhes perguntarem porque alvejam ainda as ossadas nos descampados em que passaram os reis, á frente das suas rezes.

Não sei qual razão haja ahi que legitime o morrer dos que pelejam; contra uma bandeira; e se deplore sobre a pagina tarjada dos que cahiram nas lutas religiosas, mais ou menos covardemente assassinados.

De cadaver a cadaver não ha distincção.

É tudo o mesmo açougue.

CAPITULO VIII

Chegou o dia 5 de Outubro, segundo anniversario de Lourencinha.

Diogo de Barros, com todos seus filhos e netos, e alguns poucos mais parentes de Jorge, á hora do meio dia estavam em casa do advogado Antonio José da Silva, depois de previamente remetterem os seus presentes em bandejas de prata cobertas com alvissimas toalhas á cabeça d'escravas, as quaes iam acompanhadas por lacaios das casas respectivas.

Á uma hora estava o jantar na mesa. Abancaram todos alegremente, exceptuado o pae da festejada creancinha, porque meia hora antes recebera um bilhete de Duarte Cottinel Franco, lastimando-se por não poder comparecer na festa, e mais ainda por motivo de não poder desamparar um posto, d'onde es-

tava observando a tecedura d'uma intriga inquisitorial contra o seu amigo, intriga que requeria urgentissimo remedio.

Antonio José da Silva, terrivelmente surprehendido, escondeu de todos, e até da esposa, o conteúdo do bilhete, para não perturbar a satisfação dos convidados. Julgou elle que a intriga ou seria logo desfiada por esforços do amigo, ou viria a vingar mais tarde: como quer que fosse, absteve-se de sobresaltar a familia e os hospedes, simplesmente annunciando que Duarte Cottinel faltava ao jantar por desculpaveis motivos.

Lourencinha, durante o jantar, andou pelos braços de todos, e o mais do tempo esteve nos do padrinho, Diogo de Barros. O ancião, já sabedor da breve sahida de Leonor, fitava olhos humidos na afilhada, e dizia-lhe:

—Não chegas a conhecer o teu decrepito amigo. Quando tiveres sete annos, tua mãe te fallará de mim, e te dirá quanto quiz a teus avós, a teus paes e a ti, anjinho do céo.

—Essas lagrimas, meu tio, vem amargurar a festa da nossa Lourença—disse Leonor—quem sabe ainda se nós iremos para fóra? Parece-me que vamos já esquecendo. . .

—Não esquecemos, não. . .—acudiu Antonio José, reconcentrado e triste.

— Pois que ha, Antonio? — perguntou Lourença.

— Nada, minha mãe!...

E, tomando da mesa uma alva caneca indiana, exclamou:

— Bebamos á saude de Duarte Cottinel Franco, amigo honrado, amigo dos que a divina Providencia dá aos infelizes que a não denegam nem offendem! Bebamos á saude do generoso defensor que faltou n'esta festa de familia, porque não podia ao mesmo tempo estar aqui e defendel-a das armadilhas dos nossos inimigos! Bebamos á saude de Duarte!

Bradaram todos, tirante Leonor e Lourença:

— Á saude de Duarte!

— Tu não bebes? — perguntou Antonio á esposa.

— Estava distrahida... — respondeu ella; e, pegando da sua taça, disse ella:

— Á saude dos sinceros amigos!

Lourença Coutinho bebeu tambem.

Antonio José olhou-as com severidade, e murmurou:

— Sois ingratas!...

— Então, snr. Silva? — exclamou Diogo de Barros — são isso palavras que se digam?

— Pois que quer v. s.ª? — redarguiu o hebreu — ainda não pude provar a estas creaturas que Duarte é um homem de bem!...

— Nem a mim — atalhou Diogo.

— Pois que?!... — volveu Antonio José com muito espanto — nem a v. s.ª!

— Não; mas não debatamos hoje essa questão, snr. doutor. Fallemos linguagem amorosa, que a nossa creancinha entenda. Chegai-me cá essa bandeja de confeitos para a beira da minha afilhada...

Fez-se um forte estrondo na porta da escada e calaram-se todos. Antes que entrasse criado a dar aviso, appareceu Duarte Cottinel, com a vista esgazeada e descomposto semblante.

— Que é? — perguntaram muitas vozes.

—Vem cá, Antonio!... depressa... depressa...

Todos se levantaram, e só o judeu passou com elle á proxima sala.

— Vaes ser preso — disse offegante o almoxarife.

— Preso? já?...

— Já os familiares e meirinhos estavam á bocca da rua. Sei que a ordem tambem se entende com tua mãe e mulher. Meu pae já não pôde salvar-te; mas arrancar-te-ha brevemente da prisão... Não percas agora a cabeça, Antonio! Vem cá!...

O judeu corria d'um lado a outro apertando vertiginosamente as fontes.

—Vem cá... escuta-me...

— Que é? — disse Antonio com spasmo de idiota.

— É preciso salvar o teu thesouro das garras da

inquisição. Bem sabes que os hebreus ricos, se podem salvar-se do fogo, sahem mendigando do carcere.

—Sei... e então!

—De quem confias as tuas riquezas?

—De quem?... de ti, de ti... Duarte!...

—E já! então deve ser já, antes que os familiares arrestem o que estiver de portas a dentro. Leva-me onde está o thesouro, que eu desço com elle para os baixos do pateo, e fujo depois que os familiares entrarem.

Antonio correu á sua camara: abriu o gavetão d'um contador, e entregou-lhe o cofre, e mal articulou estas vozes:

—Não nos desampares, não nos desampares...

Duarte desceu pressurosamente ao pateo, e escondeu-se no quarto dos criados.

Instantes depois, entraram dous familiares do santo officio e dous meirinhos.

Quando chegaram ao topo da escada, ouviram grande alarido de gritos. Bateram.

Sahiu-lhes Diogo de Barros, que devia conhecer os familiares: eram duas pessoas nobilissimas, nascidas em duas das mais distinctas casas da monarchia [1].

Diogo de Barros, com as faces cobertas de lagri-

[1] Os primeiros fidalgos de Portugal honravam-se grandemente com apresilharem no hombro a insignia de quadrilheiros da inquisição. Era uma medalha de ouro com as armas do santo officio gravadas.

mas, proferiu palavras supplicantes, compungentes, e todavia inuteis.

Um dos familiares disse:

— V. s.ª sabe quaes são as minhas obrigações, porque, na qualidade de familiar do santo officio, sabe cabalmente quaes são as suas.

— Uma das presas tem uma filhinha de dous annos... — disse Diogo — como hade ser isto?

— Como é costume — respondeu o enviado da inquisição — as creanças ficam no poder de quem as quer aceitar.

Os brados redobravam interiormente, porque Leonor tinha ouvido dizer ao familiar: *As creanças ficam.*

Foi dentro Diogo, e os quadrilheiros seguiram-n'o.

Leonor girava em volta dos hospedes, como para fugir-lhes, temerosa de que lhe arrancassem a filha. Antonio José, a um canto da sala, encarava, n'um lethargo de brutificação dolorosa, os movimentos freneticos da mulher. Ninguem sabia nem podia alli consolar: choravam todos.

Os familiares, com os braços cruzados, esperavam o quebrar d'aquella tormenta, e mediam d'alto abaixo dous filhos de Diogo de Barros que, n'um instante de indiscreta ira, tinham posto as mãos nas guardas dos fains.

Antonio José da Silva sahiu do seu estupor, e ca-

minhou com presença d'alma a encontrar a mulher n'uma das suas irrequietas arremettidas.

— Leonor! — disse elle — isto é irremediavel. Entrega a nossa filha ao snr. Diogo de Barros.

As damas rodearam Leonor, e ampararam-n'a. A creança expedia altos gritos. A mãe largou-a, ou por cuidar que a estava estrangulando no apertar dos braços, ou porque os sentidos lhe faltaram. Uma das senhoras passou a outra sala com a menina.

Diogo de Barros pediu aos seus collegas do santo officio a graça de concederem que Leonor e sua mãe fossem transportadas de liteira á santa casa.

Responderam:

— Não temos alçada.

Pediu-lhes que o esperassem em quanto elle ia fallar ao cardeal inquisidor. Responderam que não podiam esperar mais tempo.

Leonor e Lourença cobriram as mantilhas, e desceram encostadas ás espaduas de Antonio José.

Um dos meirinhos fechou as portas, depois de ordenar da parte do santo officio que sahissem todos os escravos e criados.

Assim terminou o dia 5 de Outubro de 1737, segundo anniversario natalicio da filhinha de Antonio José da Silva.

CAPITULO IX

A inquisição tinha diariamente dous conselhos, chamados ordinarios. Um das oito ás onze horas; outro do meio dia ás quatro.

Quando os presos chegaram á santa casa, já os inquisidores e secretario tinham sahido da mesa do santo officio.

O alcaide conduziu-os a um vasto salão, já alumiado com lampadarios pendentes do tecto esfumado, e mandou-os esperar, recommendando a Leonor, que soluçava, completo silencio.

Um guarda, ou chaveiro ficou encostado ao batente da alterosa porta.

Antonio José sentou-se n'um tamborete de pau entre sua esposa e mãe. Apertou nas suas as mãos de ambas, e murmurou:

— Não desanimem, que Duarte asseverou-me a nossa proxima sahida.

Lourença soltou um gemido, e apenas balbuciou:

— Duarte!... Creio que estamos perdidas!...

— Não estão... não estão... Tens coragem, Leonor?

— Tenho... que sou mãe... — exclamou ella, levantando a voz.

O guarda pronunciou um longo *sio*.

Ás cinco horas voltou o alcaide, e disse ás presas que o seguissem.

— Adeus! — disse Leonor ao marido, inclinando-lhe ao peito a face.

Lourença Coutinho beijou o rosto do filho, e disse-lhe ao ouvido:

— Até Deus, meu amado filho!

Antonio José abraçou-as a um tempo, e cahiu sobre os joelhos com ellas.

— Venham, mulheres! — disse o alcaide carregando o aspeito.

Levantaram-se: Deus viu-os levantar-se, e separarem-se. Viu-os, porque Deus está em tudo e vê tudo.

Em quanto o alcaide não voltou, o hebreu esteve de joelhos, com o rosto sobre o tamborete. Ouviu os sonoros passos do chefe dos carcereiros; levantou-se, e perguntou-lhe:

— Póde por piedade dizer-me se minha mulher e minha mãe ficarão juntas?

— Ficarão juntas até ámanhã. Siga-me.

Antonio foi levado ao cubiculo quadrado de dez palmos em que estivera onze annos antes: era o carcere numero seis do *corredor meio novo.* O alcaide deteve-se alguns segundos para lhe mostrar a enxerga e a manta, o pote da agua e o pucaro; depois sahiu com a lampada, rodou a chave, e fez as trevas profundas d'aquelle ergastulo, por ordem dos levitas d'um Senhor, que tinha feito a luz universa, n'um dia de boa feição, antes de fazer os levitas n'um dia de rancor ás suas creaturas. Não sei se o hebreu ficou scismando n'isto: o blasphemar, n'aquella situação, seria não vulgar virtude.

Domingos de Gusmão, se está em alguma parte, e conserva a memoria dos favores que fez ao genero humano, deve saber contar como foi aquella noite de Antonio José da Silva, de Leonor e de Lourença Coutinho, e d'aquella creancinha sem vêr sorriso ou lagrimas de pessoa conhecida.

Ás seis horas e meia abriu-se a porta do carcere numero seis: o guarda depoz ao lado da enxerga do hebreu um prato de arroz com uma posta de peixe, e sahiu [1].

[1] A alimentação dos encarcerados, com alguma differença, nas horas de lh'a ministrarem, era a mesma em todas as prisões inquisitoriaes do territorio portuguez. O author da *Inquisição de Goa*, o qual, como se disse, foi longo tempo ludibrio d'ella, no tocante aos alimentos, diz o seguinte: «Os presos são bem tractados; comem tres vezes ao dia; almoço ás seis horas da manhã, jantar ás dez, e ceia ás quatro horas da tarde.

Antonio José deteve-se a olhar na chamma da lanterna, que o chaveiro pozera ao lado do prato. Voltou o guarda, e disse-lhe que comesse.

—Não posso—respondeu o preso.

O guarda sahiu com a luz, e correu os ferrolhos da porta.

Ao romper da manhã, Antonio José tinha os olhos cravados na alta fresta, por onde entrava o dia atravez de grades. Assim que o cubiculo se aclarou, olhou em redor de si: reconheceu aquellas paredes. Viu um objecto novo: era uma cruz, feita com sangue, á cabeceira da enxerga. Algum desgraçado alli deixára aquelle testemunho de sua religião, traçado com o sangue furtado ao constrictor das torturas. Ás seis horas, levaram-lhe o almoço. Antonio José, como tivesse orado, cobrou alento. Orar a quem? Não se sabe; mas as testemunhas juradas contra elle disseram que, atravez das escutas da prisão, o viram algumas vezes orar de joelhos. Orava a Deus.

Aos pretos dão-lhes canja de arroz: chama-lhe o francez *cange*, ao almoço; ao jantar e ceia dão-lhe peixe e arroz. Os brancos passam melhor: de manhã dão-lhe um pão fresco de tres onças, e peixe frito, fructa, e uma linguiça, se é domingo ou quinta feira; e n'estes dias, ao jantar, dão-lhes carne, um pão como o do almoço, e um prato d'arroz e algum guizado com farto molho, para adubar o arroz, que é cozido simplesmente com sal; nos de mais dias o jantar é sempre de peixe; e á noite dão peixe frito, pão, arroz, e guizado; carne é que nunca lá se come á noite.» Presume o desconhecido author que a abstinencia da carne leva em vista evitar indigestões. Aquelles hygienicos sujeitos poupavam os corpos salutarmente, no intento de lhes purificar as almas no fogo. Em Lisboa prevalecia a mesma piedade. Veja o liv. cit. pag. 81 e 82.

O certo é que se lhe fez luz de esperança. Aceitou o almoço, e comeu porque esperava resgatar-se, depois d'alguma flagellação. Deram-lhe uma vassoura para a limpeza do calabouço, um pote para determinado fim, e uma celha, que servia de cobertura ao pote, e de receptaculo de lixo. Depois, cortaram-lhe o cabello, vestiram-n'o com o traje da casa, e despojaram-n'o de tudo que levava vestido.

O hebreu, onze annos antes, tinha deixado alli um alcaide que o tractava com menos crueza, bem que nunca lhe concedesse um livro [1]. O novo official, que substituira o outro, denotava a ferocidade ordinaria d'aquelles funccionarios da santa casa, e póde ser que extraordinaria ferocidade com elle.

Leonor e Lourença tinham passado a noite juntas. Não nos arrojamos a bosquejar muito em sombra as presumiveis angustias das duas mulheres. A penna mais affeita a escrevel-as, ainda entre os dedos de Llorente e de Alexandre Herculano, cahe desanimada. Esta inefficacia e incapacidade para descripções de agonias inenarraveis, faz honra ao coração do homem.

Ao outro dia, por volta de onze horas, um guarda separou as presas. Abraçaram-se. Lourença disse á esposa do filho:

—Se vivermos... até ao auto da fé.

[1] Nos carceres da inquisição nem aos sacerdotes presos era concedido o seu breviario.

Leonor, quando se viu sósinha, ajoelhou, e disse:

— Meu Deus, graças te dou, porque me levaste minha mãe e meu pae! Deus de misericordia, leva-me a minha filhinha, se eu não heide mais vêl-a. . . leva-m'a, ó Senhor, para eu poder acabar resignada!

Ao mesmo tempo, um official do santo officio entrava á prisão do hebreu exhortando-o a que declarasse exactamente os seus haveres, acrescentando:

— Da parte de Jesus Christo vos digo que, se estiverdes innocente, vos será entregado tudo que vosso fôr; e, se alguma cousa sonegardes, qualquer que seja vossa innocencia depois reconhecida, tudo perdereis.

Antonio José respondeu que tudo que possuira deixára em sua casa no largo do Soccorro; ajuntou que pouco herdára de seu pae, e a pequena herança a empregára em adornos de sua casa.

Á uma hora da tarde, o alcaide e um guarda conduziram-n'o á mesa do santo officio, occupada por tres inquisidores e um secretario. Mandaram-n'o sentar em tamborete raso, unico objecto desprezivel em meio de ricas poltronas, tapetes, e gualdamecins que exornavam o espaçoso rècinto. Os inquisidores occupavam parte das poltronas lateraes á mesa. O secretario sentava-se rente ao topo da banca, voltando as costas a um grande Christo que se alevantava até á abobada. Começou o interrogatorio, depois que elle foi ajuramentado com um missal. Perguntaram-lhe

se sabia porque fôra preso. Respondeu que não. Pediram-lhe *pelas entranhas misericordiosas de Nosso Senhor Jesus Christo* [1], que confessasse para mais depressa experimentar a bondade e misericordia d'aquelle tribunal com os sinceramente arrependidos.

Disse o hebreu que se julgava victima de odientos intriguistas, que tinham querido vêr em suas comedias alguns rebuçados insultos á religião catholica. Instaram os inquisidores pela continuação das suas conjecturas. Antonio José respondeu que não tinha outras.

Leram-lhe o que elle tinha dito, e mandaram-no assignar. Ao toque de campainha, entrou o alcaide, o secretario fez um gesto de cabeça, e o hebreu sahiu.

Antonio José quiz lêr no semblante dos inquisidores uma boa nova. Figuraram-se-lhe affaveis no tracto e commovidos nos termos do interrogatorio. Lembrava-se da aspereza dos outros que, da primeira vez, e logo ás primeiras perguntas, o ameaçaram com a tortura. Sahiu animado: enviou aos corações da esposa, da mãe e da filhinha um sorriso de esperança.

[1] Eram os termos sacramentaes com que pediam tudo.

CAPITULO X

N'este dia, Duarte Cottinel, a horas descostumadas, estava ainda fechado em seu quarto. A noite passou-a na vigilia d'um supplicio atroz, com intermittentes de infernal alegria. Tinha alli o thesouro de Antonio José da Silva. Abrira-o, remexera-o, contara as joias, contara os brilhantes: estava tudo, e mais um annel, que elle nunca vira, o annel do contador-mór, a prenda que D. João de Bragança dera ao seu déstro caçador na tapada de Villa-Viçosa. Mas assim que elle despregava os olhos das flammejantes pedras, assim que descia a tampa do cofre, resaltavam outras chammas de dentro d'elle, e alumiavam-lhe tres pessoas em contorcimentos horrentes, amarradas a tres postes, e as labaredas a subirem, e a serpejarem por ellas, e a fumarada negra

a subir em columna d'entre as camadas de lenha e as faiscas a lampejarem pela cerração do fumo, e os gritos estridulos a retinirem por sobre o crepitar da fogueira.

Assim que o almoxarife se afez áquella visão, e achou que o segredo magico de a desvanecer estava no abrir do cofre e na deleitação de tirar e repor as preciosas camadas, conseguiu conciliar o somno: Ora, a placidez, com que elle dormia ás onze horas da manhã, era tal, que ninguem poderia estremal-a da placidez com que dorme um justo.

Ás onze horas, porém, foi espertado por estrondoso empuxar á porta. Saltou do leito, e abriu as janellas para convencer-se de que havia sol, ar e luz para elle, como para qualquer justo, que se ergue do seu catre duro de penitente para louvar a luz, o ar e o sol de Deus.

Ouviu o gritar convulso de Feliciana; vestiu-se á pressa, e abriu.

A negra ia dar-lhe parte de que estava no pateo um familiar e um meirinho do santo officio, em procura d'ella.

— Olhe se me esconde, pelas cinco chagas! — exclamava ella.

— Se te escondo?! para que? — disse elle socegadamente — pois tu cuidas que vaes presa?

— Pois então?

— Não vaes presa, bruta; vaes ser outra vez

perguntada a respeito do que já disseste; entendes, mulher?

—Perguntada outra vez? — tornou ella — Diante da minha senhora?

—Não: tornam a perguntar o que já disseste, e mandam-te embora, que é o costume. Pois tu cuidas que as testemunhas tambem são mettidas na prisão? Está ahi o familiar, porque é sempre assim; é elle que vai buscar as testemunhas.

A escrava, não obstante as explicações confortadoras de Duarte, pensou em fugir pela quinta; mas o familiar e meirinho anteciparam-se a intimar peremptoriamente o almoxarife, por maneira que faltou á negra tempo e occasião de fugir.

Depós ella sahiu Duarte, caminho do tribunal.

A preta foi conduzida á audiencia; o almoxarife da Bemposta entrou no aposento do alcaide, onde se demorou meia hora em pratica muito recondita.

Ao capellão dos infantes, pae de Duarte, devia o alcaide a sua envestidura n'aquelle exercicio bem remunerado. O almoxarife sabia que n'aquelle homem tinha um auxiliar poderoso e de confiança para qualquer intento, sem despender-se na compra da alma bastante abjecta para vender-se cara. A pratica entre os dous terminou depressa porque as occupações do alcaide eram muitas e pouco intervalladas de repouso, mormente n'aquelle mez de Outubro, em que regularmente se celebravam os autos

da fé — por cahir então a primeira dominga do advento — e serem mais frequentes os interrogatorios e torturas dos presos [1].

Assim mesmo no breve tempo que praticaram, os pontos essenciaes, respectivamente á negra, foram combinados, e as consequencias más previstas e remediadas.

Feliciana, depois de interrogada, ouviu o seu depoimento, e assignou de cruz. Mandaram-na sahir; e quando ella endireitava pelo caminho do pateo, um guarda mudou-lhe a direcção, dizendo-lhe:

— Por aqui.

Apavorou-se a negra, e perguntou em ancias:

— Eu fico presa?

— Não: ficas alli em baixo n'um quarto até vêr.

Fecharam-n'a. Começou logo ella a dar gritos e a revolver-se no pavimento.

Acudiram os guardas com vergastas e ameaçaram-n'a. Foi chamado o alcaide, para aquietal-a. Queria elle ficar a sós com a negra para acalmal-a com razões consoladoras, que assim convinha; mas, prohibindo os estatutos da inquisição que algum official do serviço dos carceres estivesse com o preso sem

[1] O santo officio preferia a primeira dominga do advento porque o evangelho d'este dia falla do *juizo final*, e os inquisidores, queimando em tal dia os peccadores, commemoravam de antemão a sentença do supremo julgador.

o testemunho d'outro empregado, o alcaide valeu-se do terror para aquietal-a.

Ao outro dia, o guarda avisou o alcaide de que a negra estava clamando que jurára falso, e queria ir desdizer-se á presença dos inquisidores, e contar o que se passára com a pessoa que a fizera jurar.

O alcaide avisou Duarte Cottinel, que sem mais demora que a necessaria para prover-se d'um frasco, foi á santa casa, e pouco se deteve com o confidente.

A negra não cessava de exclamar e pedir que a ouvissem. Pouco antes da hora do jantar, o alcaide com o pretexto de a castigar, entrou sosinho á prisão, e tão brandamente fallou á negra, tão breve lhe figurou a sua sahida do santo officio, que a desgraçada aplacou-se, e prometteu comer e socegar até ao outro dia na esperança de sahir então.

Feliciana jantou com algum appetite; não achou travor sensivel no môlho da caldeirada do peixe: comeu bem, com tenção de dormir melhor para aligeirar o tempo. Meia hora depois, quando pensava em adormecer, saltou da enxerga em gritos e ancias, bradando por soccorro. Acudiram os chaveiros. Feliciana queixava-se de ter dôres infernaes no ventre; rolava-se no soalho, e levantava-se de salto remettendo contra a porta para fugir. N'uma d'estas investidas que os guardas repelliam, a negra cahiu,

estrebuxou, estirou as pernas em convulsões, retorceu bocca e olhos horrendamente, e morreu.

José Maria da Costa e Silva, o menos imperfeito biographo de Antonio José, diz o seguinte ácerca d'esta escrava:

« Lourença Coutinho, mãe do poeta, tinha uma escrava preta, porque n'esse tempo havia ainda escravos n'este reino, e aquella escrava era deshonesta e dissoluta, como todas ellas, e como o são quasi todas as criadas.

« Antonio José da Silva a castigou, e é natural que com rigor aproximado ao que em taes casos se usa no Brasil: a negra era vingativa como quasi todos os negros, e ou por malignidade propria, ou por suggestões de pessoa ou pessoas a quem se queixou, apresentou contra elle no santo officio uma noticia de judaisante e relapso...

« Porém a justiça de Deus não quiz que esta perversa mulher continuasse a ajudar a ruina do seu senhor, nem gozasse de sua vingança tão traidoramente procurada; pois apenas a negra entrou no carcere possuiu-se de taes terrores que dentro em breves dias terminou sua existencia. »[1]

Eu inclino-me a crêr muito mais nos effeitos do veneno de Duarte Cottinel que nos pavores e remorsos da negra.

[1] Vol. x, pag. 332 e 333 do *Diccionario bibliographico.*

CAPITULO XI

Estavam em campo os poucos amigos e os muitos inimigos de Antonio José da Silva.

Inimigos eram os homens de letras, que se julgavam comprehendidos na allegoria d'aquelles que D. Quichote e Sancho Pança levaram a pontapés para fóra do Parnaso; eram os ouvintes piedosos de suas comedias que riam muito das facecias indecentes e censuravam a licença desbragada do judeu; eram os frades, que atravez da gelosia do seu camarote, se tinham doído das frechadas que o judeu nunca lhes apontara.

Amigos tinha dous dedicados e diligentes: eram Diogo de Barros e o conde da Ericeira; mas o amigo que elle em maior conta e prestimo tinha era Duarte Cottinel.

O conde, desde logo, anteviu o desastre, inferindo-o do sobrecenho com que o inquisidor geral, e parente seu, D. Nuno da Cunha o desattendia em rogos pertinentes ao judeu. Diogo de Barros, por sua parte, achava de bronze o peito dos membros do supremo conselho. Todos, á uma, professavam odio entranhado ao judeu que podéra salvar-se do justo castigo, para reincidir na mesma culpa; e de mais d'isso attentar contra os bons costumes expondo ao povo os quadros irreligiosos e deshonestos das suas operas, recheadas de gentilidades, heresias e chascos á piedade.

Diogo de Barros, confiando no olhar supplicante da menina que tinha em sua casa, ia com ella aos inquisidores, levava-a nos braços, e ensinava a creancinha a dizer *piedade* áquelles homens severos que lhe faziam medo.

Alguns, tocando na face da menina, diziam-lhe: «Deus te afaste dos paes que haviam de perder a tua alma».

Outros, voltavam-lhe as costas, e respondiam azedamente ao solicitador da liberdade de tres relapsos, que tão mal pagaram á misericordia das entranhas de nosso Senhor Jesus Christo.

No entanto, Antonio José espantava-se de não ser chamado a novo interrogatorio, decorridos vinte dias de prisão. O mez de Outubro tinha passado: para elle era já ponto decidido que ainda estaria pre-

so um anno, até ao primeiro auto da fé, a não dar-se algum extraordinario e rarissimas vezes succedido caso de sahir livre sem o ceremonial d'aquelle espectaculo de morte para uns e de perdão para outros —espectaculo de *justiça e misericordia* como dizia a tarja que circumdava o painel do fundador do santo officio, arvorado na procissão, aquelle S. Domingos que em uma das mãos empunhava um ramo de oliveira, e n'outra uma espada nua.

O processo estava, porém, instaurado, e o inquerito das testemunhas continuava. Quaes testemunhas?

Aqui é o ponto de colher os pannos á imaginação, e encostar-se o romancista ao pouco de que póde amparar-se para não escorregar no plano inclinado das hypotheses improprias do assumpto.

O processo de Antonio José da Silva está no archivo nacional da Torre do Tombo: para alli foi nos cartorios das inquisições em 1821. Alguns curiosos possuem cópia do processo; eu não a vi, nem estou ao alcance de poder ainda consultar as peças principaes, que mereciam a publicidade, usurpada por farragens inutilissimas que pejam as livrarias.

Costa e Silva viu o processo, ou o principal d'elle; todavia, um sujeito que se presava de ser futilmente prolixo em numerosas paginas a proposito de nada, foi mais que omisso na biographia importantissima de tão assignalado escriptor, e desasisado

n'algum dos esclarecimentos que levianamente dá. Outro bibliographo de maior tomo o snr. Innocencio Francisco da Silva, não obstante a breve e succinta noticia com que antecede a relação das operas do judeu, cuida em corrigir de passagem os graves erros de seus antecessores, e restaura lucidamente a verdade de alguns essencialissimos factos. Como quer que seja, pelo que respeita ao processo, é judicioso atermo-nos ao que estiver escripto por pessoa que o haja examinado. N'esta parte, irei trasladando o pouco de Costa e Silva. Diz elle: « Sepultado o supposto réo no carcere n.º 6, do chamado *corredor meio-novo,* deu-se obra ao seu processo, e como faltavam provas, e culpas articuladas, e definidas, pois todas se reduziam ás accusações vagas, taes quaes as podia dar uma negra boçal de Cabo Verde, quizeram os seus juizes, ou seus algozes sahir da difficuldade creando-as na mesma prisão.

« Do seu processo... consta que os guardas foram incumbidos de o espionar pelas *escutas* ou buracos, que existiam nos cantos dos tectos dos carceres d'aquelle terrivel tribunal, dispostos de maneira que se podesse vêr e ouvir quanto n'elles se passava, como eu notei visitando grande parte d'aquellas masmorras, quando se patentearam ao publico em 1821. Que os ditos guardas quasi todos depozeram que muitas vezes o viram ajoelhar, persignar-se, e recitar devotamente as orações christãs ; acres-

centando sómente alguns que elle alguns dias não tocava na comida, naturalmente (diziam elles) por satisfazer aos jejuns da lei de Moysés..........

« Consta igualmente do mesmo processo que o poeta protestou sempre pela sua innocencia; que produziu em sua defeza muitas testemunhas, e entre ellas religiosos graves de differentes ordens, até da dominicana, e que todos elles afiançaram o seu zelo religioso, a sua exacção no cumprimento dos preceitos da igreja... »

Quaes testemunhas, pois, depozeram contra Antonio José? Os guardas dos carceres, os officiaes subalternos e sujeitos ao alcaide, a quem incumbia a directoria interna das prisões. Contra o testemunho dos guardas e o depoimento da escrava assassinada baldaram-se os esforços mais ou menos conscienciosos dos frades das differentes ordens, com quem o hebreu industriosamente mantivera sempre boas relações, cuidando que assim preparava patronos para a crise que sempre se lhe antolhára. Duarte Cottinel levara aos antros da santa casa o valor do minimo d'aquelles brilhantes, e corrompêra as sete consciencias necessarias para fazerem prova de que o preso, algumas vezes, não comia, nem, nos interrogatorios subsequentes, confessava a razão que o fazia abster-se de alimentos.

Lourença Coutinho e Leonor, levadas á confissão na tortura, ignoramos quaes revelações fizes-

sem, arrancadas pela mortificação. É natural que Lourença, esperançada no perdão, se accusasse de judaisante, e que Leonor, compellida por igual esperança, mentisse aos verdugos para que em nome do Deus misericordioso lhes perdoassem a culpa.

Correram dezesete mezes. O processo dos presos fechou-se em onze de Março de 1739. A sentença de morte de Antonio José da Silva, a requerimento do promotor, foi lavrada n'aquelle dia, e logo relaxada ao braço secular. O accordão da condemnação não transpirou. Já aquella vida estava irremissivelmente condemnada ao fogo, e tanto o réo como grande numero de seus amigos esperavam a absolvição no auto da fé do proximo Outubro.

Decorreram ainda sete mezes.

N'este periodo, o mais concorrido espectaculo do theatro da Mouraria era a opera do judeu, o *Precipicio de Phaetonte*, que entrára em scena, quando o author já soffria o terceiro mez de carcere, em Janeiro de 1738. O publico victoriava o infeliz, sem ousar maldizer a justiça que matava lentamente o seu mais festivo e popular author.

Os frades lá estavam casquinando no seu camarote; as familias dos inquisidores concorriam á festa do talento do hebreu, que, áquellas horas, ajoelhava pedindo á Providencia um testemunho do seu poder.

Avisinhou-se o mez de Outubro. Antonio José,

como nos ultimos mezes o não chamassem a perguntas, duas conjecturas devia de fazer: uma a da sentença já relaxada de morte; outra a do perdão, mediante o abjurar no auto da fé. Não se demorou a scismar na mais pavorosa das hypotheses: fiava em sua innocencia, no valimento dos amigos, na fraternal amizade do seu Duarte, e, mais que tudo, na justiça de Deus.

Desde o primeiro dia do fatal mez de Outubro, o coração do hebreu pulava-lhe no peito de cada vez que se corriam os ferrolhos do seu quarto. Fitava o rosto do alcaide, que nunca se lhe voltou de frente, nas raras occasiões que entrava á prisão; pedia aos chaveiros que lhe dissessem alguma cousa do seu destino; pedia novas de sua mãe e de Leonor; rogava que ao menos lhe dissessem se ellas viviam. Não lhe respondiam, cumprindo rigorosamente as prescripções do santo officio, como conscios de que a morte era o castigo da infracção.

Ás tres horas da tarde do dia 16 de Outubro, ouviu Antonio José da Silva rumor de passos ao longo do corredor; collou o ouvido ao taboado, e sentiu que se visinhavam da sua prisão. Abriu-se a porta, e logo assomou o promotor da inquisição, e um meirinho da justiça secular.

O promotor, sem encarar no preso, leu a sentença pausadamente: *relaxado em carne, morto, queimado, como convicto, negativo e relapso.*

Lida a sentença, o meirinho lançou em volta das mãos do preso um baraço, como signal de que tomava posse do réo que a justiça ecclesiastica abandonára.

Antonio José da Silva morreu n'aquella hora. Estava em pé, tinha os olhos alumiados, respirava, ouvia, via, e entendia; mas estava morto.

Á beira d'elle, depois que o promotor e o meirinho sahiram, ficou um homem, chorando. Era um jesuita de S. Roque, o padre Francisco Lopes, a quem incumbiram conduzir o padecente ao oratorio.

O hebreu deixou-se levar. Entrou no santuario, com os olhos postos na imagem de Christo, que lhe antepunha o padre. Ajoelhou, cahiu, quando a seus pés se fez um vacuo, um subito aluir-se o pavimento por abysmos em que elle se despenhava com o peito congelado do frio das entranhas mortas.

Fechou-se a porta do oratorio.

N'um caso analogo de inexprimivel tormento, perguntava Féréal, historiador da inquisição de Hespanha: « Quem póde sondar os mysterios da agonia e da morte, d'aquella suprema luta entre a fórma terrestre e o homem immaterial? »

CAPITULO XII

Ao aclarar a manhã do dia 18 de Outubro de 1739, abriu-se a magestosa igreja de S. Domingos, já decorada para a celebração do auto da fé. Estava pomposa. Era o leão coberto de grinaldas e laçarias, enfeitado e vistoso, com as fauces abertas á espera do bôdo d'aquelle seu dia de festa, do seu almejado domingo do advento.

O altar-mór, bem que negrejasse de crepe, resplendia com os seus doze candelabros de prata, e doze alvissimos cirios em argentinas tocheiras. Dous thronos se erguiam lateraes ao altar: o da direita pertencia ao inquisidor geral e supremo conselho; o da esquerda á casa real.

Abaixo do arco da capella-mór, entre as naves, estava outro altar, sobre o qual se viam dez missaes

abertos com suas capas de couro, relevos dourados, e fechos de prata. D'aqui até á porta do templo, construiram uma galeria abalaustrada d'ambos os lados, com passagem pelo centro, e bancadas no interior: eram os lugares destinados aos presos e aos padrinhos. Pannos de sêda adamascada franjados de ouro e prata pendiam dos tectos e frontispicios das capellas, em que sobresahiam a meio relevo *figuras de boa massenaria e todas cozidas em ouro sem se vêr outra cousa,* como conta fr. Luiz de Sousa na luxuosa descripção d'esta igreja, a qual não é já a que o leitor conhece.

Ás oito horas já grande espaço da vasta igreja estava occupado por parte das mais lustrosas familias de Lisboa e fidalgos provincianos, que iam gozar-se d'aquelle espectaculo, superior em apparato ao das outras inquisições do reino.

Ás nove horas e meia subiu ao seu magnifico camarote o cardeal inquisidor-mór D. Nuno da Cunha, e os conselheiros. O palanquim real conservou corridas as cortinas durante aquelle primeiro acto do sanguinario drama ao divino.

Assim que o inquisidor-mór appareceu no adro do templo, dobraram os sinos, e logo a procissão do auto da fé sahiu da santa casa, e a breves passos assomou no limiar do templo o estandarte do santo officio com um longo sequito de dominicanos. O fundador da ordem, estampado n'um riquissimo panal,

com a lampejante espada em punho, era a insignia do estandarte, perante o qual o povo ajoelhava e batia nos peitos. Em seguida aos frades inquisidores, caminhavam tres mulheres sem habito; uma, com os olhos no chão, e braços pendidos, andava com firmeza: era Leonor; outra, que dous esbirros amparavam desfallecida, era Lourença Coutinho. Cada presa levava na mão direita um cirio amarello. Seguiam-se os condemnados a abjurarem com penitencia, ou a prisão indefinida ou galés.

Entre estes e outros mais desgraçados hasteava-se um grande crucifixo, com a face voltada para os que entraram primeiro no templo. Depós a cruz, iam tres estatuas de hebreus ausentes, condemnados ao fogo, dous caixotes de ossos d'outros que tinham morrido por effeito da tortura, e tres penitentes de carocha e samarra ou sambenito pintado de demonios e fogueiras com fogo revolto. Um d'estes era Antonio José da Silva: diziam que era, dizia-o a sentença escripta na orla da samarra; mas depois de dous annos e onze dias de lagrimas e trevas difficil seria individuar-lhe as feições antigas. O povo, o povo que se rejubilava nas operas d'aquelle martyr, contemplou-o, e não chorou uma lagrima!... Oh! o povo! a canalha de todos os tempos e costumes!

Antonio José da Silva não abrira os olhos, durante o transito da inquisição á igreja. Encostado ao hombro do padre Francisco Lopes, levemente lhe

acenava quando o pallido jesuita lhe perguntava algum artigo essencial para a sua salvação.

O banco da galeria em que Antonio José se assentou era dos ultimos. Lá estava entre elle e suas mãe e esposa a imagem do Christo, voltando-lhe as costas, como no dia do juizo final, consoante rezava o evangelho do advento.

Fez-se profundo silencio.

Um frade arrabido subiu ao pulpito, e prégou. N'um dos periodos mais levantados da sua oração, exclamava elle:

« É a santa inquisição como a arca de Noé; porém, amados irmãos, quão grande differença vai d'uma á outra! Os animaes que entraram na arca, abaixadas as aguas do diluvio, sahiram animaes da natureza que tinham; ao passo que a santa inquisição por tal maneira muda os entes que em si encerra, que é digno de vêr-se como sahem cordeiros os que tinham entrado cruelissimos lobos e ferocissimos leões. »

Terminou o sermão.

Subiram dous promotores ao pulpito para lerem as sentenças. Cada penitente ouvia lêr o seu processo e condemnação em pé, no meio da galeria, com a tocha em punho, e o alcaide á sua beira. Depois, levavam-n'o á banca dos missaes, ajoelhava, punha a mão sobre o sagrado livro, e esperava n'esta postura que os condemnados fossem tantos como os missaes.

Depois, acompanhavam o promotor recitando com elle um acto de fé.

Findas as ceremonias com os presos que não tinham sentença de morte, vieram os outros, os relaxados em carne. Eram tres homens e duas mulheres.

Antonio José foi transportado em braços. Já não ouviu o processo. Tinha perdido o alento, quando viu Leonor a debater-se soluçante nos braços de dous meirinhos, que lhe abafavam os gritos.

Lidas as sentenças, a inquisição, ao entregal-os á justiça secular, pedia encarecidamente ás leis e aos juizes que se houvessem com clemencia e piedade d'aquelles miseraveis, e se lhes impozessem pena capital, fosse, ao menos, sem effusão de sangue.

A historia das ferocidades religiosas não conta maior infamia!

Acabou este acto do drama.

Leonor e Lourença foram transferidas em braços para a santa casa.

Antonio José da Silva ainda esperou, depois que o levaram da Relação, sem consciencia de vida, a aurora do dia seguinte.

Quando chegou ao *campo da Lã* ardiam já as achas resinosas da fogueira.

O martyr não as viu. Devia ir quasi morto, porque escassamente o viram estrebuxar.

Seio do Altissimo! se te não abrisses áquella al-

ma, creada ao bafejo da tua, que serias tu, Deus? que serias tu, palavra?

N'aquelles dias publicou-se um impresso, que o snr. Innocencio Francisco da Silva traslada na biographia do Aristophanes portuguez.

Reza assim o extracto:

Lista das pessoas que sahiram condemnadas no auto publico da fé, que se celebrou na igreja do convento de S. Domingos de Lisboa no domingo 18 de Outubro de 1739, sendo inquisidor geral o cardeal Nuno da Cunha.

Pessoas relaxadas em carne:

N.º 7. Idade 34 annos. Antonio José da Silva, x. n. (christão novo), advogado, natural da cidade do Rio de Janeiro, e morador n'esta de Lisboa occidental, reconciliado que foi por culpas de judaismo, no auto publico da fé, que se celebrou na igreja do convento de S. Domingos d'esta mesma cidade em 13 de Outubro de 1726. Convicto, negativo e relapso.

Pessoas que não abjuram nem levam habito:

N.º 5. Annos de idade 27. Leonor Maria de Carvalho, x. n., casada com Antonio José da Silva, advogado, que vai na lista, natural da villa da Covilhã, bispado da Guarda, e moradora n'esta cidade de Lisboa occidental, reconciliada que foi por culpas de judaismo no auto publico da fé, que se

celebrou na igreja de S. Pedro da cidade de Valhadolid, reino de Castella, em 26 *de Janeiro de* 1727*: presa segunda vez por relapsia das mesmas culpas. Pena: carcere a arbitrio.*

N.º 6. *Annos de idade* 61. *Lourença Coutinho, x. n., viuva de João Mendes da Silva, que foi advogado, natural da cidade do Rio de Janeiro, e moradora n'esta de Lisboa occidental; reconciliada que foi por culpas de judaismo no auto publico da fé, que se celebrou no Rocio d'esta mesma cidade em* 9 *de Julho de* 1713*; presa terceira vez por relapsia das mesmas culpas. Pena: carcere a arbitrio* [1].

[1] Não posso conjecturar quando Lourença Coutinho fosse presa além da segunda vez nos carceres de Lisboa. Os biographos não o dão levemente a perceber; e a nota da lista, se ella terceira vez entrasse na inquisição, mencionaria o segundo auto da fé em que ella houvesse sahido reconciliada por culpas de judaismo. Quer-me parecer, se não ha descuido no traslado, que lhe seria contada como primeira a prisão nos carceres do Rio de Janeiro, d'onde foi remettida para Lisboa. Onde limpamente se póde esclarecer esta duvida é na leitura do processo, o qual faço tenção de brevemente examinar.

CAPITULO XIII

No dia seguinte ao do supplicio de Antonio José da Silva, um padre vestido com a roupêta da companhia de Jesus, bateu á porta de Duarte Cottinel Franco. Disseram-lhe que o almoxarife estava doente de cama. Instou o padre fazendo saber a Duarte que o procurava o indigno ministro do Senhor que assistira ao finado Antonio José da Silva nos tres dias do oratorio.

Duarte sentou-se no leito, e pediu ao pae que o deixasse a sós com o padre. O capellão espantou-se do resguardo do filho; todavia, retirou-se, no intento de escutar a mysteriosa pratica.

Entrou o padre Francisco Lopes, e disse:

— Snr. Duarte, comprehendo a sua enfermidade. A desgraça do nosso infeliz amigo pesou-lhe dolorosamente.

— Aniquilou-me, senhor!... — disse Duarte, reconhecendo no jesuita um dos muitos sabios e dos poucos virtuosos da companhia.

O padre proseguiu enxugando as lagrimas:

— Antonio José fez-me confidente d'um segredo que apenas era sabido de sua familia. Achou-me digno de confiança. Recommendou-me que lhe désse um abraço, e um adeus até ao reino do céo, onde eu piamente creio que entrou a alma purificada do nosso pobre amigo. Depois, me disse que em poder de vm.ce está um thesouro, que lhe elle entregara pouco antes de ser preso. É isto verdade? Não póde deixar de ser...

— É verdade... — balbuciou Duarte — Se eu não tomasse conta do thesouro, sabe vossa reverencia que a inquisição...

— Sei, sei que ficaria a mendigar aquella pobre familia, se Deus permittir que ainda se lhe abram as portas do carcere. Se os grandes haveres de Antonio José não poderem servir á esposa e á mãe, lá está a filhinha em poder de Diogo de Barros, varão de Deus que a Providencia escolheu como amparo da innocente. A incumbencia, que o desgraçado me fez, foi que viesse eu dizer a vm.ce que entregasse o cofre a Diogo de Barros, vendo elle que o encargo de guardar os objectos e dinheiro contidos n'elle, hade ser causa a mortificações do snr. Duarte.

— Promptamente... — tartamudeou Duarte Cot-

tinel — Se o cofre estivesse em meu poder, passal-o-hia já ás mãos do snr. padre Francisco Lopes. Careço de sahir a recebel-o de terceira pessoa a quem o confiei, não o querendo em meu poder, porque era tido em conta de amigo do judeu, e receava das pesquizas do santo officio...

— Foi prudencia!... — atalhou o sincero padre.

— Amanhã tracto d'isso, e amanhã mesmo, ou muito tardar depois, irei entregar o thesouro do meu chorado amigo ao snr. Diogo de Barros, com todo o segredo para que a filha não seja ainda privada do seu grandissimo dote.

— Cumpri a minha missão, snr. Duarte. Deus lhe fecunde os seus nobres sentimentos em alegrias puras e duradouras. Fique-se com Jesus Christo; e receba o abraço de Antonio José da Silva, cujas lagrimas ainda me queimam as faces.

Sahiu o padre, e entrou o pae de Duarte.

— Que thesouro é esse que tinhas em teu poder? — perguntou o capellão.

— Eram os haveres do Silva, que m'os confiou.

— E não me confiaste o segredo a mim?

— Porque fiz juramento de o não confiar a ninguem.

— E se eu delatasse ao santo officio a existencia d'esse dinheiro que virtualmente está confiscado?

— Fazia a desgraça d'uma familia, a troco de

quatrocentos mil reis que tanto valerá o que me foi confiado.

— Quatrocentos mil reis! — replicou o delegado do santo officio — mas tu fallaste ahi no *grande dote* da filha do judeu.

— Grande lhe chamei comparativamente á indigencia em que ella ficou.

O capellão ficou satisfeito com a resposta explicativa.

N'este mesmo dia, Duarte Cottinel, como o receio de perder o roubo, ganhado com tamanha perversidade, lhe botasse o gume dos remorsos que o anavalhavam, sahiu da cama, e remexeu todo o dia no interior do seu quarto, acondicionando em um vasto cinturão de couro os objectos contidos no cofre, que tirou d'um falso por elle aberto debaixo do catre.

Ao anoitecer sahiu da Bemposta, e recolheu-se n'uma estalagem contigua ao Terreiro do Paço, onde desvelou a noite esperando o repontar da manhã. Assim que os barqueiros sahiram ao caes a encavilhar os remos nos seus botes, Duarte saltou no mais proximo do embarcadouro, e mandou remar para o Barreiro; aqui alugou cavalgadura, e seguiu seu destino.

O capellão, affeito ás longas ausencias do filho, não se admirou da demora, ao fim de tres dias. No entanto, o padre Francisco Lopes, cuidadoso da re-

commendação do seu pobre padecente, procurou Diogo de Barros para saber se o thesouro estava em sua mão. O velho abriu um triste sorriso, e disse:

— Crê vossa reverencia que tal thesouro seja restituido?

— Creio, sim! Pois não ouvi eu a honrada e prompta confissão do possuidor?! Não me disse elle que antes de hontem, o mais tardar, viria restituil-o?!

— Mas não veio, snr. padre Francisco Lopes!...

— É que se lhe aggravou a enfermidade. Lá vou já d'aqui... Roubal-o elle? É impossivel! Um homem de quem Antonio José me disse tão excellentes cousas e com tantos louvores do seu desprendimento!...

— Snr. padre Francisco!... — disse Diogo, e susteve-se. Depois, feita uma pausa reflexiva, continuou: — Não direi por em quanto o que sinto, o que senti e previ sempre... Vá, vá, e volte por aqui vossa reverencia, se lhe não custar.

O jesuita perguntou por Duarte. Sahiu a fallar-lhe o capellão, dizendo que seu filho, no mesmo dia em que elle o procurara, sahira e não apparecêra mais em casa.

— Então!... — exclamou o padre vencendo a suffocante surpreza — então é certo...

— O que? — acudiu o deputado do santo officio.

— Que se fez um roubo...

— Um roubo?

— De valores de cento e cincoenta mil cruzados de que seu filho era depositario.

— Quatrocentos mil reis, me dizia elle!...— redarguiu o capellão.

— Cento e cincoenta mil cruzados lhe digo eu, senhor! — tornou o jesuita — Seja a quantia qual fôr, o ladrão fugiu. Que fuja!... os olhos de Deus hãode seguil-o... a justiça dos homens o alcançará!...

CAPITULO XIV

Lourença Coutinho, quando entrou no carcere, depois de ter visto o filho ajoelhado para ouvir a sentença, ia moribunda. Os medicos da santa casa aconselharam os soccorros espirituaes. Um frade dominico foi assentar-se ao lado da enxerga de Lourença. A mãe do condemnado que, áquella hora, sahia do oratorio para a fogueira, ouviu o gemer dos sinos, que pediam orações por alma dos suppliciados. Estrebuxou, e conseguiu encostar-se á parede do seu antro. Fitou em rosto o frade que a chamava á meditação das misericordias divinas. Estirou os braços, rangeu ferozmente os dentes, esbugalhou os olhos que espirravam o sangue da congestão cerebral, fez um arremesso contra o filho de S. Domingos, e n'este desesperado esforço, que o frade rebatia com exor-

cismos, arrancou da vida, batendo com a face no pavimento.

Fr. João do Souto, que assim era chamado o confessor dos presos moribundos, contou com pavorosos gestos em reunião capitular que vira uma legião de demonios, quando a judia morrera, tomar-lhe posse da alma, e que o fedor sulfureo era insupportavel no calabouço. Os bons e judiciosos chronistas da ordem dominicana já tinham passado. Se o facto acontecesse cem annos antes, o leitor havia de lêl-o com as galas de linguagem do padre Cacegas ou d'aquelle illustre e degenerado visionario, chamado Manoel de Sousa Couttinho, que os frades tolheram.

O padre Francisco Lopes e Diogo de Barros divulgaram o roubo praticado por Duarte Cottinel. O conselho supremo do santo officio gemeu, como se a inquisição fosse a roubada. Os amigos de Antonio José levaram á comprehensão do inquisidor geral a intriga tramada por Duarte no intento de roubar o homem que lhe confiara os seus haveres. Nuno da Cunha avocou a si o processo, examinou-o, e viu a crueza da sentença, e a probabilidade da urdidura. O alcaide, principal testemunha contra o hebreu, confessou na tortura que Duarte Cottinel se empenhava na perdição de Antonio José. O alcaide foi açoutado pelos algozes do santo officio, e expulso por grande misericordia e bons serviços que havia prestado á santa casa.

Este providencial successo abriu as portas da inquisição a Leonor, dous mezes depois do assassinio de seu marido. Diogo de Barros e Lourencinha foram esperal-a no pateo da santa casa. A menina já não tinha vaga lembrança de sua mãe. Chorou de medo d'aquella cadaverica mulher que lhe chamava filha. Leonor aqueceu as faces mortas nas da sua formosa creança, que tinha então quatro annos e dous mezes incompletos.

Cobradas forças em companhia dos Barros, a viuva de Antonio José, já sabedora do roubo d'aquella amaldiçoada riqueza, pediu ao tio de seu pae que lhe désse uma esmola para se passar com sua filha para Amsterdam. Diogo promptificou-lhe sobejos recursos para a viagem, e uma regular mesada para sua sustentação. Quiz elle ainda para lhe augmentar o peculio haver da inquisição o valor da rica mobilia confiscada e vendida em almoeda. O supremo conselho indeferiu o requerimento, sem embargo da injusta condemnação do possuidor dos haveres confiscados.

Embarcaram Leonor e Lourença.

Em Amsterdam era já notoria a morte de Antonio José. Da familia Sá ninguem esperava que a filha de Jorge de Barros volvesse á luz do sol. O apparecimento de uma senhora com uma menina ao collo em casa dos filhos de Simão de Sá fez estranheza. Quando ella disse quem era, ergueu-se um

grande chôro em volta das duas infelizes, chôro de compaixão de verem tão avelhada a peregrina Leonor, e de alegria por lhe poderem outra vez abrir o seio carinhoso. Leonor perguntou por Simão. Disseram-lhe que tinha morrido; mas que todos os seus lhe tinham herdado o coração.

Refloriram ainda algumas graças do bello rosto da filha de Sára. Tinha vinte e sete annos. As tristezas, por mais devoradoras que fossem, não podiam combater a força reanimadora dos afagos de Lourença. Onde ella assentava os seus labios reviçavam as fibras amortecidas e requeimadas de lagrimas.

Leonor aos trinta annos dava idéas da belleza dos dezoito. Poderia ser amada e esposa, se o quizesse ser, d'um rico hebreu tambem viuvo. Respondeu ella á proposta que não podia senão ser mãe e educadora de sua filha. Pediu que a deixassem enriquecel-a de virtudes e conhecimento antecipado das desgraças d'esta vida, para ter que lhe deixar, quando Deus a levasse.

Correram-lhe, senão felizes, tranquillos os annos.

A maior pena, que ainda lá a salteou, causou-lh'a um homem que passava, um dia de baixo das suas janellas, mal entrajado, com amargurado rosto.

Perguntou Leonor:

— Quem será este homem?! não sei quem me parece!...

— E' um portuguez — disse uma senhora —

já lhe ouvi o nome; mas esqueceu-me. Um dos manos conhece-o de vista, e foi quem me disse o nome d'elle.

Leonor foi ter com Levi de Sá, e perguntou-lhe quem era um portuguez muito encorpado com barbas grandes, e vestido ordinariamente.

— É um homem que abjurou a religião christã, e perdeu tudo o que tinha em Portugal.

— Como se chama?

— Francisco Xavier...

— D'Oliveira! — acudiu Leonor.

— Justamente, d'Oliveira. Ha tres annos que anda por Hollanda, e vive com alguns israelitas que o favorecem.

— Pois elle está assim necessitado?... Oh meu Deus! não poder eu soccorrer o primeiro amigo do meu infeliz Antonio!...

E Leonor recordou-se d'aquelle jovial e gentil mancebo que vira no adro da igreja de Valhadolid; recordou a paixão da sua mocidade, que lhe crestara flôres de coração que nunca mais enverdeceram. Chorava, como nos dias em que o amara, como n'aquella noite em que elle annunciara no salão de Diogo de Barros o seu casamento com D. Anna d'Almeida. Este chorar tinha em si o travor dôce das saudades. Era triste aquelle encontro! Vêr assim quebrantado e pobre o homem em volta de quem radiavam todos os prazeres d'este mundo, desde a

riqueza até ao culto das mulheres formosas e dos homens respeitaveis!...

Leonor pediu instantemente a Levi de Sá que fizesse saber a Francisco Xavier d'Oliveira o muito desejo que tinha de o vêr a viuva de Antonio José da Silva.

Sahiu Sá em demanda do portuguez, e só no outro dia pôde saber que elle tinha sahido para Londres.

Aqui vem de molde historiar-se o restante da vida, muito longa ainda, do cavalheiro d'Oliveira.

Em Novembro de 1739, chegou a Vienna d'Austria a nova do supplicio de Antonio José.

Francisco Xavier, ferido no coração de sincero amigo, rompeu em brados contra a infame barbaridade dos inquisidores, sem poupar a religião divina do Christo, que não tinha que vêr com a protervia dos seus sacrilegos sacerdotes. Raivou contra o pontifice, e não foi mais comedido nos insultos que vociferou contra o hypocrita e boçal rei D. João v. O ministro conde de Tarouca mandou-o calar-se, e respeitar o successor de S. Pedro, e o ungido do Senhor. Xavier retorquiu asperamente, aceitando satisfactoriamente a ameaça da demissão da secretaria.

Dias depois, sobreveio um caso que determinou o completo rompimento das ligações do secretario com o ministro.

Andava em Vienna um architecto milanez, chamado Ignacio Maure Valmagini, muito da privança do

embaixador portuguez. Dizia Valmagini que o rei de Portugal recompensava os biltres e vadios dos seus estados com o habito de Christo. O conde de Tarouca sabia-o, e dissimulava, não obstante ser um strenuo propugnador das honras d'aquella ordem. Francisco Xavier, como ouvisse as costumadas insolencias do architecto na presença do ministro propriamente, ameaçou-o de o atirar pela janella á rua. O conde sahiu em defeza do seu valido e Francisco Xavier separou-se do indigno embaixador e do serviço de Portugal [1].

Em Hollanda, escasso de recursos, deu-se á vida de escriptor. O seu primeiro livro, impresso em 1741, eram as *Memorias de suas viagens*. No mesmo anno, publicou um volume de *Cartas familiares* em Amsterdam, e o segundo das cartas em Haya. Sobre este livro, em que elle (na carta LVI) atacava o celibato dos padres, cahiu a fulminante censura do inquisidor fr. Manoel do Rosario, que taxou de he-

[1] Na biographia de Francisco Xavier d'Oliveira, o snr. Innocencio Francisco da Silva, diz: « Por motivos que ainda são para mim mysteriosos, apesar do que se tem dito, largou o cargo de secretario, e passou para Hollanda em 1740 ».

O proprio biographado satisfaz plenamente o snr. Silva, contando-lhe elle mesmo o successo descripto da desavença com o privado do embaixador, e ajuntando estas linhas terminantes: « *C'est ce milanois qui fut cause en partie du démêlé qui me brouilla avec le plénipotentiaire; démêlé qui m'obligea à me séparer d'avec lui, à quiter le service de Portugal, et à essuier une infinité de malheurs qui se sont suivis les uns les autres jusqu'à présent* ». *Amusement périodique.* T. 2.º, pag. 241.

retico o livro. Logo em Portugal foram queimados cs livros do cavalheiro d'Oliveira, e defeza a entrada dos que elle de futuro publicasse. « O roubo que elles me fizeram, *in nomine Domini*, e sem minimo escrupulo, causou-me grande perda [1] » — diz Francisco Xavier.

Fechadas as fronteiras de Portugal aos livros do herege, as condições vitaes do escriptor peoraram grandemente. Do seu paiz e até de seus parentes já nada tinha que haver nem esperar. O santo officio espiava as migalhas que algum temerario amigo tentasse enviar-lhe.

Por 1744, anno em que Leonor o vira pobremente vestido, apesar da publicação d'outros livros, sahiu com sua mulher para Londres no intento de revalidar com publico instrumento a sua já feita apostasia da religião catholica. De feito, abraçou o protestantismo; e para logo escreveu rijamente contra os papas, com o fervor congenial de todos os proselytos assim das boas que das más causas.

O affecto de infancia e de saudade que o prendera á vida e á memoria de Antonio José suggeria-lhe ainda energicos escriptos em favor da raça hebrea. Em 1740, imprimira elle na Haya uma carta ao israelita Isaac de Sousa Brito, com a relação dos

[1] Ajunta em uma nota: seis mil cruzados pouco mais ou menos, ou quinhentas libras sterlinas.

privilegios concedidos em Napoles e Sicilia á nação hebrea, traduzidos do original italiano.

Em Londres, estreou-se o cavalheiro com um livrinho recreativo intitulado *Viagem á ilha do amor, escripta a Philandro.*

Escrevia sempre; mas publicava pouquissimos dos seus escriptos, á mingua de subscriptores. Amparavam-n'o as esmolas dos seus correligionarios, entre os quaes o fidalgo portuguez curava de esconder a sua origem e as insignias nobilitantes. Ácerca do habito de Christo, dizia elle: « *Me trouvant aujourd'hui à Londres je n'y fais guères voir mon ordre. Cette marque rendroit ma pauvreté plus honteuse. Le peuple anglois aime l'argent, et préfère une riche roture à une noblesse indigente.*

A mesma pagina, vertida para portuguez, faz vêr quão grande era a tristeza da sua resignação: « Dizem que os grandes d'este paiz, consideram em muito as pessoas nobres e benemeritas em pobreza. Gozam tanto renome de ricos que de bemfeitores. Minha natural timidez me não deixa avisinhal-os: não tenho a honra de os conhecer bastantemente. Vivo restringido ao meu quarto: apenas vou fóra a visitar um diminutissimo numero de pessoas honradas que usam a generosidade de me estimarem e amarem. Dizem-n'o, e provam-n'o com os favores que me fazem. Assás sabem elles que a mim nada me faz nem lisongea ser fidalgo... »

Que vida tão arrastada! que paciencia tão vencedora de aviltamentos devia de ser a do soberbo, e todavia generoso coração de Francisco Xavier de Oliveira! Que demorados e sempre iguaes e amargurados annos até que os cabellos lhe branquearam!

Em 1751, já chegado aos cincoenta, creou o seu periodico mensal, tantas vezes citado n'estes livros. Durou apenas oito mezes. Não ha numero em que elle não advogue a causa, a liberdade dos hebreus. E, todavia, os perseguidos, que Francisco Xavier queria resgatar das presas do fanatismo estupido, não lhe liam o periodico. Faz lastima ouvil-o assim queixar-se: «Prova de que a ignorancia dos judeus reina em Inglaterra como em toda a parte, é que eu apenas tenho quatro subscriptores d'esta nação: o doutor Castro Sarmento, o snr. Rebello de Mendonça, o snr. Abrahão Vianna, e mr. Ratton. Attendendo aos esforços que eu n'estes escriptos tenho feito para acabar a injusta e cruel perseguição que se exercita em Portugal contra os judeus, não é bastante claro que elles não conhecem seus interesses, nem a candura e boa fé com que eu lhes advogo a causa? Ó tempos! ó usanças! Ha cincoenta annos que a minha obra não precisaria de mais alentos que o favor d'esta nação em que então abundavam homens assim illustrados que generosos!»

Mais deploravel ainda é este amargurado queixar-se, quando a vida já lhe pesa, e ainda os annos

não chegam aos cincoenta: « Minha vida póde e deve comparar-se a um rosario, cada conta do qual é uma desgraça... Idade avançada, saude achacosa, indigencia indigna do meu nascimento; mil dissabores urdidos pela calumnia, e indifferença d'uns que eu n'outro tempo considerei amigos: tudo isto reunido ao perdimento de patria e bens de fortuna, por isso que abracei a religião protestante [1], me desvaneceu toda a esperança de ainda vêr entreluzir-me alguma alternativa n'este mundo... »

N'outro lanço, diz o escriptor com profundo desalento:

« Naturalmente amo a vida, confesso. Deveria desejal-a mui duradoura; mas não, que o mesmo seria querer premeditadamente prolongar as magoas de meu espirito e mortificações do corpo. Ainda assim, desejos de morte e fraqueza de suicida, tenham-nos os loucos e os covardes desesperados: assás me contenta saber que sem desejar a morte, me não temo d'ella...

« ... Que queria eu hoje possuir? Uma saude robusta? Ai! a minha vigorosa saude foi uma das

[1] Os biographos do cavalheiro de Oliveira opinam desencontrados sobre o tempo em que elle apostatou da religião christã. Os que a fixam em 1746 como o snr. Rivara, e Michaud, podem ter acertado; porém, certo se enganaram os que lhe assignam a data de 1726, asseverada no *Repertoire de bibliographie spéciale de Peignot*, citado pelo snr. Innocencio. Do extracto vertido acima, e escripto em 1551, claro se evidenceia que já n'este anno Francisco Xavier de Oliveira tinha abraçado a religião protestante.

principaes causas dos desvarios da minha vida, e de certo modo a motora das desgraças presentes.....»

O desventurado conta com a bemquerença de cinco amigos; porém tão pouco dadivosos deviam elles ser, que Francisco Xavier inveja o carvão que inutilmente arde na deserta sala de um lord, carvão que lhe chegaria a elle para se aquecer um mez. «E está sempre a fumegar aquella chaminé, diz elle, para aquentar um cão, por louca vaidade do dono!»

Pobre cavalheiro d'Oliveira, já o destino dos cães inglezes te arranca invejas d'aquelle tão opulento e magnanimo peito!

Já, n'este tempo, a sua segunda esposa teria voado a melhor mundo, ou voltaria a pedir um quinhão de alimento na mesa da sua illustre familia em Vienna d'Austria? Não o diz elle nem os seus biographos.

Em 1755, escreveu Xavier d'Oliveira alguns folhetos incitando os portuguezes a conjurarem contra as doutrinas dos bonzos, contra os papas, contra as superstições sediças do catholicismo. A inquisição lançou a garra aos escriptos. Processou o author, condemnou-o como herege, revel convicto e relaxado á justiça secular. Queimaram-n'o em estatua, ao mesmo tempo que as carnes do padre Gabriel Malagrida se torravam na fogueira visinha, no auto da fé de 20 de Setembro de 1761.

O original da estatua devia de rir-se, lamentando que ao clima glacial de Londres, n'aquelle mez,

lhe não chegasse um pouquinho do calor da estatua açamarrada e encarochada com fogo revolto e danças macabras de demonios cornigeros e caudatos!

Então, mui de assento e com o riso nos labios, escreveu elle: *O cavalheiro d'Oliveira queimado em estatua por herege; como e porque? Anecdotas e reflexões sobre este assumpto, dadas ao publico por elle proprio.*

Desde que o queimaram até ao dia em que morreu interpozeram-se ainda vinte e dous annos.

Escreveu n'esse largo espaço muitos livros, uns que ficaram impressos, outros manuscriptos, e muitos perdidos.

Quando aquelle homem chegou aos oitenta e um annos como olharia elle para as primaveras sobre as quaes gearam trinta invernos asperrimos de infortunios?

Que reminiscencias lhe iriam ao coração congestionado de lagrimas da mulher que a inquisição lhe estrangulou; da Antonia Clara que o parocho dos Anjos lhe queria negociar; e da Joanna Victorina, aquella fatal cigana, de quem elle escrevia como da mulher que elle mais amára, sem excepção das duas virtuosas esposas?

Deus lhe perdoaria tantas levezas da alma em desconto das muitissimas dôres de corpo com que o purificou na decrepidez mais desamparada e cortada de penurias!

CONCLUSÃO

Em meado do anno de 1753 desembarcou em Lisboa d'um navio das Antilhas hespanholas um sujeito que dizia chamar-se D. Pablo de Burgos, commerciante que tinha sido em Porto-Rico.

Figurava cincoenta annos com o vigor dos trinta. As longas barbas, raiadas de branco, desciam-lhe a meio peito. O olhar ensombrado por densas e longas pestanas afusilava de sob a convexidade das palpebras, como o fitar obliquo e espavorido do scelerado que receia ser conhecido apesar dos annos corridos e da boa compostura do disfarce.

O consul hespanhol em Lisboa recebeu da mão d'este forasteiro carta do governador das Antilhas, apresentando-lhe D. Pablo de Burgos, que elle encontrára ricamente estabelecido em Porto-Rico, des-

de 1741, e agora, volvidos doze annos, se resolvera a voltar á Europa, e residir em Portugal, com preferencia ás provincias Vascongadas d'onde era filho.

O consul francez acolheu-o attenciosamente, hospedou-o em sua casa, e fêl-o conhecido dos ricos negociantes francezes que demoravam na capital, os quaes lhe andaram mostrando as cousas notaveis de Lisboa, incluindo n'estas o palacio da Bemposta, onde o hespanhol empregou mais reparos que na capella de S. Roque e no aqueducto das aguas-livres.

D. Pablo mostrou-se muito agradado da situação e clima de Lisboa. Achou admiravel a rua do Alecrim para alli edificar uma casa torreada com vistas sobre o Tejo. Animaram-no á empreza os amigos, e o mesmo foi negociar-se a compra do terreno, e apenar os melhores alveneis, sob a direcção do architecto João Pedro Ludovici, para, no mais breve tempo, levantarem edificio tão magestoso e aformoseado, quanto setenta a oitenta mil cruzados permittissem.

Divulgou-se a nova em Lisboa, e já D. Pablo de Burgos não passava despercebido pelos coches dos magnatas, que fitavam com certa veneração as barbas do hespanhol e aquella gentil compostura de velho que indiciava origem illustre, por qualquer mysterioso motivo occultada.

D. Pablo sahiu um dia de passeio na sua liteira, e mandou guiar para os sitios da Bemposta. Alli apeou e pediu licença para dar umas voltas no ma-

gnifico arvoredo da quinta. Sahiu a recebel-o o almoxarife, com extremada cortezia; e, posto que o visitante o dispensasse, quiz o serviçal individuo acompanhal-o.

Residia então na Bemposta o infante D. Pedro que depois foi rei. Os filhos de Pedro II tinham morrido alguns annos antes. Disse o almoxarife que tinha entrado na mordomia d'aquella casa em 1740; e então lhe sahiu de feição contar que o seu antecessor, chamado Duarte Cottinel Franco fugira com um enorme roubo feito á familia do celebre auctor de comedias, Antonio José da Silva, que a santa inquisição condemnara ao fogo em 1739.

— Vm.ce hade conhecer de nome este grande auctor portuguez.

— Não me lembro — respondeu serenamente D. Pablo.

O almoxarife continuou:

— Fugiu o tal ladrão assim que o padre confessor do condemnado se lhe apresentou a pedir-lhe que passasse o grande caixote de riquezas ao poder d'um fidalgo, que morreu, ha annos, em companhia do qual estava uma filhinha do judeu...

— Agora me recordo — atalhou o ricaço hespanhol — de ter ouvido fallar n'isso... Esse tal judeu não tinha mulher, ou mãe, ou não sei quem tambem presas na inquisição?...

— Sim, senhor: tinha mulher e mãe. A mãe mor-

reu na prisão pouco depois que elle foi queimado, e a mulher conseguiu livrar-se, porque a justiça soube que a cobiça do tal ladrão fôra a causa da morte injustissima do grande poeta. Depois de livre, foi-se embora, e não sei que feito é d'ella.

— E que fim teve esse Duarte? — perguntou a indignada curiosidade do visitante.

— Sabe-o Deus! Nunca mais se houveram noticias d'elle. Eu ainda vi morrer aqui n'esta casa o pae d'elle, que não era boa rez, e chegára a ser capellão-mór dos senhores infantes, e deputado do santo officio. Pois, apesar d'elle ser de má casta, a ladroeira do filho buliu tanto com elle que o homem nunca mais sahiu de casa com vergonha de apparecer ao publico. Ainda elle era vivo quando eu entrei; más pouco viveu. Ha bons doze annos que o come a terra. Cousa singular, meu senhor! Aqui, ha seis annos, andando eu a fazer obras n'um quarto, que tinha sido do tal ladrão, fui topar com um falso, onde achei um caixote de pau santo com laçadeiras de bronze, e duas fechaduras de prata, cousa riquissima! A meu vêr aquelle caixote foi o cofre d'onde o Cottinel levou o roubo. Se vm.ce o quizer vêr, tenho muito gosto n'isso. . .

— Não, se me dispensa, que tenho algumas voltas que dar — respondeu D. Pablo no mais correcto castelhano. E despediu-se muito agradecido.

A fabrica do edificio da rua do Alecrim progre-

dia espantosamente. A generosa paga duplicava os braços dos obreiros.

Ludovici aprimorava-se voluptuosamente nas graças da sua obra. Afestoava as columnas e pilares e grinaldas; florões e laçarias cahiam das cornijas formando em descendentes ramagens os adornos lateraes das janellas. A menor peça fazia consonancia á magestade do portal e espaçoso pateo, circumdado de arcarias assentes em columnelos de primoroso lavor. As janellas eram frestas ogivaes que a tempo deviam ser vestidas de vidros variegados. O telhado queria-o D. Pablo lageado á volta, com cercadura de vasos e estatuas do melhor marmore e alabastro. O architecto incansavelmente expedia ordens a mandar vir da Italia peças que os seus alveneis e esculptores não sabiam dignamente emmoldurar e arrancar das pedreiras de Mafra. Era alli n'aquelle local um continuado pasmar das turbas, posto que D. João v as habituasse ás obras magnificas. A cada palmo que o edificio se alevantava, Ludovici, o architecto ou continuador dos Arcos-das-aguas-livres, esmerava-se em exceder as maravilhas com que enfeitara a fachada do seu palacete defronte da torre de S. Roque [1].

[1] Jacome Ratton presume que *em razão d'esta obra se construiu a muralha de S. Pedro d'Alcantara, com o pretexto de se fazer alli um passeio o qual se não chegou a realisar; mas que seria bem util pelo ponto de vista que offerece*. Ratton escrevia em 1812, e referia-se a 1764. *Recordações*, pag. 302.

E em quanto a prodigiosa casa se andava construindo, D. Pablo de Burgos ora viajava por França e Italia, ora se ia a Cintra e ás quintas suburbanas de Lisboa, onde seus donos o recebiam como a sujeito que o conde de Oeiras se não dedignava de convidar para grandes emprezas industriaes, visto que elle adoptava Portugal como patria e n'ella mandava fabricar tão grandiosa vivenda.

Em Agosto de 1755 estava concluido o palacio. As alfaias tinham já vindo do estrangeiro. Vestiu-se o interno do palacete com magnificencia condigna da riqueza exterior. Franquearam-se as portas á admiração publica. As primeiras damas honraram as alcatifas chinezas de D. Pablo, e miraram-se nos alterosos espelhos de Veneza, cosidos a ouro, que pendiam dos tectos sobre tremós cujo feitio deslumbrava o aureo esplendor, que vestia os torneados. Vasos etruscos, imitados nos alabastros napolitanos, dos angulos das salas captivavam a attenção logo captiva de mais ricos adornos. Para que mais encomios se todo o encarecimento vem curto? Aquillo era um encanto d'olhos e um quebrar corações de invejas.

D. Pablo aceitava os agradecimentos de seus hospedes com uns ares de modestia, ultima demão que faltava ao esplendor de tantas maravilhas. Oh! as damas até as apostolicas barbas lhe achavam encantadoras. Concertavam-se todas as probabilidades em favor dos que presagiavam o breve matrimoniamen-

to do hespanhol com alguma das mui fidalgas e esbeltas meninas, cujos paes se honravam de hospedar o maduro ricaço.

Deliberou D. Pablo offerecer um banquete de principe aos seus amigos, que já eram numerosissimos, em todas as jerarchias, e marcou o dia primeiro de Novembro nos convites antecipados quinze dias. Contractou os mais famigerados cozinheiros, vestiu de lemiste os criados que deviam servir á mesa, tirou das prateleiras riquissima baixella de prata em competencia de valor com as mais preciosas louças do Japão, compradas aos netos empobrecidos dos antigos viso-reis da Italia.

Desde o romper d'alva do dia primeiro de Novembro, uma chusma de criados, uns encarregados do adorno da longa mesa, outros auxiliares dos inventivos cozinheiros, não tinham mãos a medir. Era um redemoinhar de gente afanosa como em casa dos immortaes glutões da Roma imperatoria, predecessores benemeritos da Roma cardinalicia.

Ás nove horas e meia da manhã, D. Pablo de Burgos acabava de sahir do leito e apresilhar um farto gibão de sêda, no intento de deitar uma vista de olhos aos preparativos confiados aos servos e escravos. No momento em que transpunha o limiar da ante-camara, sentiu vibrar-lhe a casa debaixo dos pés, e logo um soturno estrondo, o tremer convulso dos moveis, o baquear das estatuas e jarrões de-

postos sobre os bofetes, o alto clamor dos criados, o estridor de louças partidas, o tropel dos servos que fugiam, e o estampido longo de um como ruir de paredes. Era o primeiro empuxão do assolador terramoto d'aquelle dia.

D. Pablo correu desnorteado primeiro contra a escada para ganhar a rua; depois, voltou sobre si, impellido por um demonio que lhe disse: «Olha que deixas na tua recamara riquezas que vão ser soterradas, ou roubadas». Entrou na recamara, e não póde ter-se em pé, resistindo ao impulso de um alteroso guarda-roupa de pau preto que ao voltar-se lhe roçou n'um hombro. Levantou-se. Abriu muitas gavetas d'um contador, e amontoou n'uma toalha promiscuamente saccos de ouro e mãos cheias de brilhantes.

Ao sahir do quarto, ouviu o gritar afflicto da visinhança. Chegou a uma janella, e viu, atravez de cerrada nuvem de poeira, o interior das casas visinhas, aluidas as fronteiras, e os moradores em desesperadas evoluções, com os braços estendidos ao céo sereno e limpido, como em manhã d'Agosto. Fez pé atraz espavorido, e foi á escada no intento de a descer. Olha ao fundo do primeiro mainel e vê um lanço de parede fendida, e os tijolos a despegarem-se. A um terceiro tremor mais rijo, foge subindo para o terraço construido á roda do zimborio. Apenas relancêa os olhos em volta por sobre o cen-

tro da sumptuosa Lisboa, a custo e escassamente lhe deixa a densa poeira dos edificios aluidos, descobrir um acervo de ruinas, e aqui e além multidões de fugitivos, uns que serpenteam por entre o entulho buscando a margem do Tejo, outros que retrocedem espavoridos, porque o mar subia levantado em furioso vagalhão alagando a cidade baixa.

D. Pablo, n'aquelle conflicto, raciocinou. Era homem para discutir com a morte até ao fim, se necessario fosse. De si comsigo disse elle que a sua casa, construida sobre rijos e fundos alicerces, devia resistir aos solavancos do terramoto mais que as outras meio derrubadas e enfraquecidas pela velhice. Alentado pela hypothese judiciosa, desceu do terraço, e com prudente vagar espreitou o estado das paredes. As fendas não eram assustadoras. Foi descendo e chamando os criados: ninguem lhe respondeu. Abriu uma janella do primeiro andar, olhou, e viu alguns acervos de cadaveres meios enterrados nas ruinas, e algumas afflictas mães, que procuravam os filhos, em quanto os maridos as empuxavam pelos cabellos, no proposito de salval-as.

Os abalos, posto que menores, continuavam com breves intervallos. D. Pablo attentava a orelha: já não ouvia o estrupido do desmoronamento. A grande destruição fez-se em sete minutos. O que ressoava formidavelmente era o estridente alarido de milhares de pessoas ás portas dos templos, cujas abo-

badas abateram sobre milhares de devotos, que os enchiam, ouvindo missas, n'aquelle solemne dia funeral de *Todos os Santos.*

D. Pablo raciocinava ainda. Bem que o solido edificio estivesse de pé sobre os profundos cimentos, podia acontecer que ulteriores abalos o derribassem. Determinou sahir com algumas preciosidades, e seguir as turbas, que fugiam na direcção de S. Roque para o alto chamado então as *obras do conde de Tarouca,* e, depois da *Cotovia,* e mais tarde a *Patriarchal.* Quiz guardar em si a pedraria e ouro amoedado que ensaccava; mas o peso privava-o do movimento. Não tinha criado ou escravo que o ajudasse. Repoz os saccos do ouro nas gavetas do toucador, e metteu ás algibeiras as bocetas avelludadas das pedras preciosas, como prevenção para o caso de algum desastre no edificio, em quanto elle ia providenciar a mudança da baixella.

Fechou o portão e sahiu, caminho de Santo Amaro, onde morava o seu particular amigo o embaixador francez. Encontrou-o passado do terror, e cuidando em fugir com as suas bagagens para o Lumiar.

O hespanhol dispunha-se a acompanhal-o, quando correu brado de estar em chammas a cidade baixa. Outra nova igualmente aterradora sobreveio áquella. Dizia-se que ferozes joldas de ladrões assaltavam e roubavam as casas desertas, e matavam os inquilinos que, no apuro de suas angustias, ainda tinham

de defender as reliquias dos seus haveres. O hespanhol, sem consultar o amigo, correu á rua do Alecrim, e presenciou logo á entrada a luta a punhal dos ladrões entre si ou contra os mais aferrados defensores das suas ruinas. Este quadro horrifico era um escabujar de demonios entre labaredas e fumarada negra: o inferno devia de ser, na phantasia de seus imaginadores, uma pallida imitação d'aquella atroz realidade. As poucas janellas dos primeiros andares que, para assim dizer, tinham engulido os sobrados superiores, dardejavam linguas de fogo, que se cruzavam com as das janellas fronteiras. A estreita rua, atravancada de entulho, de madeiras incendiadas e cadaveres, difficultava o transito. O hespanhol saltou por sobre brasas e entre chammas. Ao avisinhar-se do seu palacete, viu rolos de fumo negro a romperem das janellas cujos vidros tinham estalado. Atirou-se afflicto contra o portão, e viu-o aberto a machado.

— Estou roubado! — exclamou elle.

Galgou ao terceiro andar. Quando subiu ao primeiro mainel, viu de relance alguns marinheiros que se disputavam o espolio das opulentas salas. No segundo andar, outra horda de marujos e homens andrajosos sobraçavam as taças, bandejas, castiçaes, faqueiros e mais baixella que os criados, tres horas antes, começavam a dispor na mesa do banquete. Subiu ao terceiro andaime, por onde lavrava inten-

so o incendio, e foi, cegado pelo fumo, até á recamara onde tinha os contadores. Arrancou dos saccos aceleradamente, e correu para uma sala, onde as labaredas não tinham ainda chegado. Aqui foram cruelissimas as ancias do homem, cruelissimo o dilemma: Se sahia ás escadas, os ladrões lançariam mão d'elle, e nem vida nem ouro lhe deixariam; se ficava na sala, esperando que os salteadores desalojassem, o incendio já se fazia ouvir com o seu horrifico estalejar de madeiras e desabar de vigamentos. Esta segunda ponta do dilemma traspassava-lhe mais o peito que a outra.

Abriu uma janella e gritou por soccorro.

Quem havia de ouvil-o, se todos gritavam, e os mais dignos de compaixão, se houvesse alli compadecidos, seriam os que gritavam entalados nas soleiras das portas, e esmagados pelas traves fumegantes?

A resolução era urgentissima, que já a sala estava escura de fumo. Lançou-se ás escadas, desceu até ao segundo mainel, por entre os ladrões que se esfaqueavam na disputada posse d'um jarro de ouro. A meio da escada do primeiro andar, sentiu-se agarrado por tres homens que o seguiam a saltos de tigre.

— Deixa vêr o que levas! — disse um, apontando-lhe a navalha á garganta — larga, ou reparte comnosco, patife!

— Este é o ricaço! — bradou outro — cá leva o fardel! Larga, se não morres, castelhano! cão damnado!

D. Pablo reconheceu um dos tres sicarios, pelo semblante e pela voz; lançou-lhe o braço livre á volta do pescoço com brando geito, e disse-lhe ao ouvido o quer que fosse.

— Tu! — exclamou o ladrão, com os olhos esbugalhados — pois és tu!... és tu aquelle...

O hespanhol sentiu cahir-lhe o coração, quando viu tão contrario o effeito que elle esperava do segredo posto no ouvido d'aquelle homem.

E o salteador proseguiu:

— Ó diabo! tu não sabes que eu por tua causa fui vergalhado na santa casa, que ainda tenho as costuras nos lombos! Não sabes que me prometteste mundos e fundos se eu jurasse contra o Antonio José da Silva, que tu roubaste, alma de Satanaz, e não repartiste nada commigo! Não sabes, cão, que eu ando ha dezeseis annos sem ter quem me dê uma sêde d'agua, porque ninguem me quer dar que fazer, e todos sabem que eu jurei falso contra o Antonio José, e fiz jurar os guardas que todos andam a pedir ou a roubar?

— Pois eu reparto comvosco, e deixai-me fugir... Ahi tendes tudo... ficai com tudo... e não me mateis!

Duarte Cottinel Franco arremessou aos pés dos

salteadores a toalha em que levava os saccos do ouro, por saber que os brilhantes escondidos nas algibeiras excediam o valor dos saccos. Feito o arremesso, ia fugir; mas o antigo alcaide da inquisição da altura de tres degraus cahiu-lhe sobre as costas com uma faca apontada e com tanta força e impeto que mais não pôde arrancar-lh'a d'entre as costellas retorcidas.

Duarte Cottinel gargarejou um arranco debaixo dos punhaes que lhe cortaram o segundo na garganta.

Á volta d'aquelle cadaver travou-se uma briga de peito a peito, um cortar de ferros e resaltar de sangue que espirrava á face do morto: eram os tres assassinos a defenderem o espolio das presas d'uns que subiam, e d'outros que desciam acossados pelas chammas. Depois, seguiu-se o estampido do travejamento dos tectos e abobadas que se despenhava por entre os solidos e alterosos muros. Uns ladrões premiram-se contra o portão, escoando-se pela brecha que os machados abriram; outros, como descobrissem o cinturão cingindo o cadaver, curavam de arrancar-lh'o e espedaçal-o a golpes de navalha, quando as lages do firmamento do pateo lhes esmagaram os craneos contra os degraus marmoreos da escada. Um d'estes craneos era o do antigo alcaide do santo officio.

Nas excavações feitas nas ruinas do palacete de D. Pablo de Burgos, quatro cadaveres se encontraram tão proximos que pareciam familia muito entre-

amada que n'um abraçado grupo arrancára da vida. Esta hypothese desvaneceu-a a boa critica; porque os mortos, debruçados sobre o cadaver vestido de lemiste, tresandavam o bafio dos seus andrajos. A putrefacção permittia ainda examinar as chagas do pescoço de D. Pablo, que debaixo d'este nome o lastimavam amigos e a boa sociedade de Lisboa. O conde de Oeiras sentia dolorosamente não ter mandádo arvorar forcas nas ruas, como duas horas depois mandou para pendurar ladrões onde quer que a justiça os encontrasse. Já se não podia valer á perda de um homem que tanto promettia ás emprezas industriosas de Portugal! Em compensação, responsariam-lhe a alma com magnificos funeraes, pagos com pouquissimo do muito e rico espolio que os cavadores desentranharam do entulho. Para a entrega da valiosa herança, pediram-se informações para Hespanha e Antilhas. Ninguem sahiu aos reclames como herdeiro de D. Pablo de Burgos. Todavia, se, por um eventual acaso, se descobrisse que o assassinado era um Duarte Cottinel Franco, scelerado ladrão, cujo nome era em Lisboa ainda o proverbio da suprema perversidade humana, a mim me quer parecer que os herdeiros se haviam de acotovellar em volta d'aquelle cadaver, provando a primazia no grau do parentesco.

EPILOGO

Volvidos vinte annos, o leão de S. Domingos já recebia resignadamente as ferroadas dos insectos. As fogueiras do santo officio, como se disse, tinham sido apagadas, desde 1761, com o sangue do padre Malagrida. A estatua de Francisco Xavier de Oliveira foi o ultimo personagem de gesso e papelão que figurou irrisoriamente de par com as agonias d'um homem queimado em vida.

Alguns hebreus voltaram á patria de seus paes, não a pedirem os bens confiscados, mas a beijarem a terra que era a cinza de seus avós.

Em 1775, algumas familias, refugiadas na Hollanda, aportavam a Portugal. Entre estas, a mais numerosa era a dos Sás, repartida n'outras, que se restabeleceram em diversos pontos do paiz.

Um neto de Simão de Sá, com uma senhora sexagenaria, que era sua sogra, e outra senhora de quarenta annos, que era sua esposa, e uma roda de mancebos e meninas que eram seus filhos, foram procurar os descendentes de Diogo de Barros á rua da Magdalena. Encontraram uma casa de cinco andares no local onde a mais velha d'aquellas senhoras, D. Leonor Maria de Carvalho, asseverava que tinha existido um palacete de quinze janellas n'um andar unico. Pediram informações explicativas ás pessoas antigas do local. Breves e tristes lhe foram da-

das. A maior parte da familia Barros tinha morrido nas ruinas da sua casa por occasião do terramoto de 1755. Dous netos de Diogo de Barros que, no dia da grande desgraça, andavam caçando no Alemtejo com o duque d'Aveiro, tinham desapparecido em 1757, e era publica voz que o marquez de Pombal os fizera morrer nas masmorras da Junqueira.

D. Leonor, lavada em lagrimas, disse á filha:

— Vês, Lourença?... morreu tudo... tudo, meu Deus!... Porque me conserva n'este mundo a Divina vontade?

— Para fazer a felicidade de sua filha...

— E dos seus netos...— ajuntaram duas meninas, que se abraçaram na viuva de Antonio José da Silva.

A divina vontade não a quiz muitos mais annos conceder ao amor de filha e netos.

Leonor morreu aos sessenta e seis annos, na terra onde nascera, na Covilhã, local unico em que o terramoto lhe deixou algumas vivas memorias da sua infancia.

Lourença ainda vivia no principio d'este seculo. Os netos de Antonio José da Silva abrem hoje, por ventura os livros denominados OPERAS DO JUDEU, e não sabem que são de seu avô, o mais desventurado e talentoso homem que a religião de S. Domingos matou em Portugal.

FIM